



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA**

Fábio Ronaldo da Silva

**AS POROSIDADES DO TEMPO: velhos e velhices nas publicações
homoeróticas brasileiras (1978-2013)**

**RECIFE
2017**

FÁBIO RONALDO DA SILVA

**AS POROSIDADES DO TEMPO: velhos e velhices nas publicações
homoeróticas brasileiras (1978-2013)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

**RECIFE
2017**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586p Silva, Fábio Ronaldo da.
As porosidades do tempo : velhos e velhices nas publicações
homoeróticas brasileiras (1978-2013) / Fábio Ronaldo da Silva. – 2017.
230 f. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.
Inclui Referências e apêndices.

1. História. 2. Velhice na literatura. 3. Homossexualidade e literatura. 5.
Idosos – Comportamento sexual. 6. Corpo humano – Aspectos eróticos. I.
Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (Orientador). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-181)

FÁBIO RONALDO DA SILVA

**AS POROSIDADES DO TEMPO: Velhos e velhices nas publicações
homoeróticas brasileiras (1978 – 2013)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: 13 / 06 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dr^a. Regina Beatriz Guimarães Neto (1^o Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Joedna Reis de Meneses (1^o Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

Prof^o. Dr. Martinho Tota Filho Rocha, de Araújo (2^o Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará

Prof^o. Alarcon Agra do Ó (3^o Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico a minha mãe, Irene Eunice da Silva, que não vivenciou a velhice e ao meu pai, José Ronaldo da Silva, pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

A toda a minha família, pelo suporte e apoio, por tentarem compreender as minhas ausências, sobretudo a mãe Irene Eunice da Silva (*in memoriam*) e o meu pai, José Ronaldo da Silva, minhas irmãs, Marta Rejane e Ana Fabrícia, o meu irmão, Marcus Vinicius e os meus sobrinhos, Matheus Felipe, Renato da Silva, Lucas da Silva e Davy da Silva que cansaram de ouvir: “faremos isso quando concluir a tese”, a Apolo e todos os demais.

Aos amigos e as amigas que, muito antes da seleção de doutorado, me apoiaram e aqueles e aquelas que foram surgindo ao longo dessa jornada e que me deram força, abrigo, indicações de leituras, sugestões de filmes e suportaram as minhas divagações sobre o tema desta pesquisa: Ada Guedes, Adriano Barros, Ailson Ramalho, Alexandre César, Ângela Cordeiro, Ângela Barros, Auricélio Fernandes, Barthô Nigro, Benjamim Montenegro, Carla Teíde, Cláudia Cavalcante, Daniela Mendes, Emmanuela Lins, Fran Medeiros, Glauco Machado, Helen Gonçalves, Iris Medeiros, João Carlos Montenegro, José Valmi, Kátia Assis, Lígia Coeli, Maria Nunes, Maria Zita, Matthew Berigan, Odimar Bonfim, Paulo Souto Maior, Rafael Porto, Raquel Guedes, Rômulo Azevedo, Rosilene Montenegro, Sérgio Ricardo, Silvia Tavares, Stéllio Mendes, Vera Barbosa, Verônica Viana, Vinícius Nunes e Zélio Sales.

Ao meu orientador, professor Durval Muniz, pela experiência enriquecedora e norteadora para a produção desse trabalho. Tê-lo como orientador foi um privilégio bastante edificante não apenas por sua sabedoria e produção intelectual, mas também pela sensibilidade, cobranças e pela paciência com a minha “temporalidade”. Foi um aprendizado que levarei tanto para minha vida de pesquisador quanto de professor.

Aos professores do PPGH, em especial, Regina Beatriz e Antônio Paulo, pelas encantadoras aulas nas disciplinas ministradas que ressignificaram o meu modo de pensar a história, a literatura e as sensibilidades.

Aos professores Martinho Tota, Joedna de Meneses, Alarcon Agra por terem aceito participar desta banca. Aproveito o ensejo para agradecer a Martinho Tota pela paciência em ouvir minhas angústias e dúvidas sobre o tema e pelo incentivo sempre dado, mostrando a relevância e urgência de pesquisas como esta. Agradeço ainda ao

professor Iranilson Buriti pelas contribuições e sugestões feitas no momento da qualificação deste trabalho.

À CAPES pelo financiamento desses anos de estudo e pesquisa.

Às secretárias do PPGH, Sandra Regina e Patrícia, pela atenção, eficiência e e-mails divertidos que nos alertavam sobre assuntos sérios e burocráticos.

E por fim, e isso não os atribui menos importância, a todos e todas que compreenderem minhas ausências, minhas digressões sobre velhices, gênero, gays velhos, preconceitos..., e me auxiliarem, na medida do possível, nos meus momentos de estresse, melancolia e de medos.

“A velhice não é apenas uma fase cronológica da vida: é uma forma ética que se caracteriza ao mesmo tempo pela independência relativamente a tudo que não depende de nós, e pela plenitude de uma relação consigo em que a soberania não se exerce como combate, mas como gozo.”

Michel Foucault (2004)

RESUMO

Nesta tese são problematizadas as dizibilidades e visibilidades em textos sobre homossexuais velhos em três das principais publicações voltadas para o público gay no Brasil (*Lampião da Esquina*, *Sui Generis* e *G Magazine*) durante o período de 1978 e 2013; sendo também analisados os conceitos de velhice apresentados nesses periódicos. A velhice no país é um tema que despertou o interesse da população apenas durante o século XX. Desde então, a ideia de envelhecer vem sofrendo mudanças em sua concepção teórica, técnica e interpretativa, isso porque a cultura do corpo visava apenas a juventude em sua inteira magnitude e beleza. Associa-se que o tempo de glória de vida dos mais velhos já tenha encerrado e, por isso, as práticas cotidianas operacionalizadas por tais pessoas, aos olhos da sociedade, causa estranhamento. Da mesma forma, pensar na homossexualidade durante a velhice é algo que quase sempre existe um silenciamento, principalmente entre os historiadores. Com uma pesquisa bibliográfica e quantitativa, foi realizada uma análise de conteúdo através da arque-genealogia, sendo possível perceber que as experiências de envelhecimento desse grupo, em específico, quase sempre diverge dos saberes médicos instituídos.

Palavras-chave: Velhices. Homossexualidades. Corpo. Experiência.

ABSTRACT

In this thesis are discussed the readability and visibilities in texts about old homosexuals in three of the main publications aimed at the gay public in Brazil (Lampião da Esquina, Sui Generis and G Magazine) during the period of 1978 and 2013; being also analyzed the concepts of old age presented in these periodicals. Old age in the country is a theme that has aroused the interest of the population only during the twentieth century. Since then, the idea of aging has undergone changes in its theoretical, technical and interpretative conception, because the culture of the body aimed only the youth in its entire magnitude and beauty. It is associated with the fact that the time of the glory of life of the elders has already closed, and therefore, the daily practices operated by such people, in the eyes of society, cause estrangement. Likewise, thinking about homosexuality during old age is something that almost always exists with a silencing, especially among historians. With a bibliographical and quantitative research, a content analysis was performed through archeology, and it is possible to perceive that the aging experiences of this group, in specific, almost always diverge from the instituted medical knowledge.

Keywords: Old age. Homosexuality. Body. Experience.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse sont analysés les proverbes et la visibilité dans les textes sur les homosexuels âgés dans trois publications majeures visant la communauté gay au Brésil (Lampião da Esquina, Sui Generis et G Magazine) au cours de la période entre 1978 et 2013. Sont également analysés les concepts de vieillesse présentés dans ces journaux. La vieillesse dans le pays est un sujet qui a suscité l'intérêt de la population seulement au cours du XXe siècle. Depuis lors, l'idée de vieillir est en train de subir des changements dans sa conception théorique, technique et d'interprétation. En effet, la culture du corps ne vise que les jeunes dans leur ampleur et la notion de beauté. On considère que le moment de gloire dans la vie des personnes âgées a déjà pris fin. Pour cela, les pratiques quotidiennes réalisées par ces personnes dans les yeux de la société, sont vues comme bizarres. De même, penser à l'homosexualité dans la vieillesse est quelque chose qui est presque toujours mis en sourdine, en particulier chez les historiens. Avec une recherche bibliographique et quantitative, on a réalisé une analyse de contenu par l'arche-généalogie. Il est ainsi possible de vérifier que l'expérience du vieillissement de ce groupe, en particulier, diverge presque toujours de la connaissance médicale établie.

Mots clés: Vieillesse. Homosexualité. Corps. Expérience.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	VELHICE E SEXUALIDADE: OS GAYS VELHOS NOS IMPRESSOS DE UM BRASIL DITATORIAL.....	30
2.1	Para o início da prosa.....	30
2.2	E a vida começa todos os dias: velhos e as sociabilidades	32
2.3	“O amor que não ousa dizer o nome” vai às ruas	38
2.4	Velhices, os discursos e o <i>Lampião</i>	57
2.5	“Gueis” velhos em cena.....	62
2.6	Existindo nos espaços públicos	65
2.7	O amor custa caro...e a vida.....	70
2.8	Velhice: lugar de memória e lutos (?)	74
2.9	As diferentes formas de vivenciar o amor...na velhice	77
2.10	Eu existo e te desejo!	79
3	A VELHICE DEPOIS DOS ANOS DE CHUMBO	86
3.1	Outras formas de falar sobre a Aids e a construção de novas subjetividades.....	91
3.2	<i>Sui Generis</i> : entre corpos jovens, os velhos.....	108
3.3	Velhice e intelectualidade	112
3.4	Velhos [gays] produtores das artes	130
3.5	Sexualidade na velhice: o desejo de desejar.....	150
4	A REINVENÇÃO DA VELHICE	158
4.1	Velhice: um tema para debate	158
4.2	<i>G Magazine</i> e a construção de corpos e prazeres.....	162
4.3	A velhice segundo <i>G Magazine</i>	172
4.4	Corpo, envelhecimento e as felicidades possíveis	179
4.5	João Silvério Trevisan e as narrativas sobre a velhice	187
4.6	“Eu não sou velho, não me sinto assim”	198
4.7	Bonito, gostoso e...velho?!	205
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
	REFERÊNCIAS	221

APÊNDICE A - LISTA DE PERIÓDICOS.....	228
---------------------------------------	-----

1 INTRODUÇÃO

“(...) Morro de medo de ficar velho, tem certas coisas que quando fazemos enquanto jovens são engraçadas. Depois de certa idade, são patéticas. Subir no queijo da balada, tirar a camisa perto dos 50.... Tenho medo de brochar com uma certa frequência. Já tenho atitudes pensando nesse futuro. Não como gordura, pedalo, nado, tomo mil tipos de chá, não estou tomando mais refrigerante. Tento desintoxicar o meu corpo a cada segundo. Essa desintoxicação reflete no sexo, totalmente. Acho que fico 100% mais disposto, é como uma blindagem pra mim. O pau fica mais duro, o tesão dura mais tempo, aguento umas três com esses meus rituais (...). Eu acho que meu tesão vai continuar na mesma intensidade até os 40 sim. Depois disso terei outras preocupações além de sexo, acho que vou prezar mais por companheirismo, fazer menos sexo...

Um cara de 40 não tem como competir com um de 20. O de 20 é jovem, a pele brilha e o mundo dá cada vez mais valor a tudo isso. Vou ser bem menos paquerado aos 40 anos. Isso é fato! E não vou sair caçando como um de 20. Pensar que vou ser menos paquerado me incomoda, vou ter que ser interessante por outros meios. Não faço a menor ideia de quais meios, por isso me desespero só de pensar. Com 60 anos, eu vou estar bem rico, tomando VeuveClicquot com os meus amigos num rancho, relembando o tempo em que éramos jovens. Não pisarei mais em balada. Se não estiver casado, não sei se pagaria um garoto de programa; se sim, ele teria que ter 35 anos. Pois sentiria inveja de um de 18. (...)”.

O longo depoimento acima pertence a Hugo Neco, 26 anos, feito para o dossiê “Sexo dos 20 aos 50 e poucos anos” da revista *Júnior* edição 29, publicada em junho, de 2011. Foi essa matéria mais um dos ensejos que me suscitaram a pensar em um projeto de pesquisa que tivesse como objeto a questão do envelhecimento. Sendo mais específico, o medo que muitos homossexuais têm de ficar velho e, mesmo com uma boa condição financeira, caberá a eles se contentar em passar o fim de semana com os amigos e lembrar dos bons momentos do passado, quando jovem, com corpo bonito e que despertava desejo nos outros.

Quem, aos 20 ou 30 anos, por exemplo, ao ver um fio de cabelo branco ou algum “pé de galinha” não se preocupou e buscou o auxílio de cosméticos “milagrosos” que prometem rejuvenescer ou apagar as marcas do tempo sobre o

corpo em algumas semanas? Quem não fica feliz ou melhora a autoestima quando escuta os famosos comentários “nossa, nem parece que você tem essa idade toda” ou “tem 50 anos, mas com cara e corpinho de 35”? O “apagar” as marcas do envelhecimento no corpo é também uma forma de tentar esquecer que o corpo está, sim, perdendo a vitalidade e que a morte, cedo ou tarde, chegará. Manter-se visualmente jovem nas últimas décadas, torna-se o imperativo do cotidiano, pois à jovialidade também está atrelada o “estar sendo desejado(a)” e será isso que movimentará a medicina gerontológica e as indústrias de cosméticos e de cirurgias plásticas.

A propaganda e a publicidade, os manuais de autoajuda, bem como as receitas dos especialistas em saúde estão, cada vez mais, empenhados em mostrar que as “imperfeições” do corpo não são naturais, elas são mutáveis, desde que exista um esforço e dedicação para trabalhar o corpo, deixá-lo disciplinado, desejável, sem rugas ou flacidez, um corpo potente. Para tanto, torna-se necessária a ajuda dos cosméticos, de vitaminas, ginástica, etc. Na sociedade contemporânea, a juventude torna-se um valor e não mais um estágio de vida. É um valor que pode ser conquistado em qualquer idade, adotando-se os hábitos e formas de vida indicados para consumo, no intuito de se manter desejado, como podemos perceber no depoimento retirado da revista *Júnior*. Essa publicação não será aqui analisada, todavia contribuiu para pensar e problematizar como suas antecessoras trataram a questão da velhice e apresentaram os *gays* velhos em suas páginas.

Se prazer sexual, de acordo com Neco, só será possível se for pago, um namoro ou casamento, para *gays* velhos é algo que tem pífias possibilidades de ocorrer, afinal de contas, como se percebe no relato, diversão, baladas, amores e sexo só ocorrem quando se é jovem. Quando velho, cabem apenas as memórias, a solidão amorosa e os amigos. Essa é apenas uma das imagens e visões que são difundidas pela mídia, dirigida para o público homossexual. Será sobre os *gays* velhos e a ideia de envelhecer mostrados em periódico e revistas que esse trabalho versará.

Partindo dessa premissa, a problemática trazida aqui consiste em investigar e questionar como é construída a imagem dos homossexuais idosos¹ pelas principais publicações voltadas para o público gay no Brasil (*Lampião da Esquina, Sui Generis,*

¹ No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, uma pessoa é considerada idosa quando tem idade igual ou superior a 60 anos. Todavia, não se sabe quando se inicia essa fase da vida, se aos 30, 40, 50 ou 60 anos de idade.

G Magazine) durante o período entre 1978 e 2013²; visando problematizar os conceitos de velhice apresentados nessas publicações, visto que, mesmo com propostas editoriais diferentes, elas são voltadas para um público *gay* que aprecia, acima de tudo, homens jovens, viris, musculosos, bonitos, e trazem, em menor número, matérias sobre as *bichas velhas*³.

O antropólogo Carlos Henning (2014) faz um mapeamento de outros adjetivos, quase sempre depreciativos, que servirão para nomear e posicionar socialmente os gays velhos. É importante perceber que esses termos inventados entre os gays, para dizer aqueles que estão velhos, não se detêm apenas à idade cronológica, dizem também a velhice simbólica, que estará marcada no corpo, no rosto, nos cabelos que se mostrarão grisalhos, ralos ou quase inexistentes. Assim, além de *bicha velha*, serão utilizados termos como *tiozinho*, *tia*, *maricona*, *cacura*, *daddy* e, cada um, corresponde à forma como o indivíduo trabalhou no corpo tal estágio de vida. Situações de solidão ou abandono, amargura, feminilização e desvalorização social são atribuídas às *tias*, às *mariconas*, às *bichas velhas* e às *cacuras* que não são eroticamente desejáveis por serem consideradas desleixadas com o corpo e com as vestimentas, enquanto que os termos *coroa*, *daddy*, *paizão* e *tiozão* simbolizarão homossexuais dotados de boa forma, valorização sexual, pessoas másculas, viris e que as marcas do tempo não estão explicitamente visíveis no corpo. De acordo com as publicações aqui analisadas, mais especificamente, na *Sui Generis* e na *G Magazine*, será esse tipo de velhice o modelo ideal que deve ser seguido e desejado pelos outros *gays*.

Mesmo tendo como público-alvo, consumidores jovens e trazendo em suas páginas um grande volume de matérias e reportagens direcionadas para esse público, é possível perceber que, por mais que se busque “apagar” o corpo velho e seus respectivos donos, eles estarão aparecendo em algumas edições dessas publicações, através de entrevistas, em matérias sobre saúde e solidão, por exemplo. Então, além de perceber esse tema, por mais que esses periódicos deem pouco espaço em suas páginas para tal assunto, é importante perceber ainda onde este estará, isto é, em que páginas estarão às notícias, as reportagens ou as entrevistas sobre/com homossexuais idosos. Tal assunto estará ligado a quais outros?

² O recorte temporal está relacionado ao período do lançamento da primeira edição do *Lampião da Esquina* até a última edição da *G Magazine*, lançada em junho de 2013.

³ Um dos termos utilizados entre homossexuais para diferenciar o “grau” de velhice e insinuar que, além de velho, o sujeito pode ser efeminado ou sexualmente passivo, por isso a utilização do artigo feminino antes da palavra *bicha*.

Todo documento, independente do período em que foi produzido, responderá a questionamentos feitos no tempo presente, e sugere algumas questões importantes ao se trabalhar com fontes históricas. Dentre as indicações, destaca-se a descrição e o contexto da produção da fonte, assim como o contexto a que esta fonte remete. Estamos cientes, todavia, que a mídia, independentemente de ser eletrônica, radiofônica ou impressa, não deve ser vista como um “espelho da realidade” que apresenta um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano. Pelo contrário, ela vai contribuir na construção social da realidade onde as matérias e imagens trazidas carregam interesses da linha editorial da empresa e dos próprios jornalistas, constituindo-se uma fonte de pesquisa para o historiador se interrogar sobre o político, social, econômico e cultural de um determinado período e perceber os agentes sociais participantes desses processos. E será dessa forma que perceberemos e analisaremos o jornal e as revistas que serão utilizados para a história que resolvemos contar e problematizar.

É importante mencionar aqui que, a *priori*, tem-se como fonte de pesquisa e análise essas publicações produzidas pela mídia impressa que, há bem pouco tempo era pouco valorizada pelos historiadores. De acordo com Luca (2005), o uso de periódicos, seja como fonte ou como objeto de estudos históricos, em princípio, não foi ou não recebeu grande atenção dos historiadores no começo do século XX, especificamente até a década de 1930.

A mídia impressa passa a ser percebida pelos *Annales* e, posteriormente, pela Nova História, como fonte e objeto de estudo, possibilitando variados objetos, problemas e abordagens. E, através desses, vários caminhos que possibilitam a construção essencial desse tipo de História puderam ser percebidos.

Todavia, Luca (2005) alerta que, ao se utilizarem jornais ou revistas como objeto de investigação histórica, cabe ao pesquisador perceber que a imprensa é fonte de veiculação de interesses e de intervenção na vida social, uma vez que esses veículos de comunicação falam por um grupo e para um outro grupo, logo, possuem uma posição ideológica dentro da realidade política e social na qual estão inseridos. A autora ainda alerta sobre a necessidade de se verificar não apenas o que esses documentos dizem, mas sim, como dizem, sendo importante e necessário serem feitas críticas internas e externas desses documentos, isto é, cabe ao pesquisador analisar para quem se escreve, por que se escreve, localizar o público alvo daquele

jornal ou revista, constatar a organização estética do periódico, os editores e proprietários e como se relacionam com o poder e suas instituições. Na crítica externa, é importante analisar como está o contexto histórico em que o documento está inserido, analisando o político, o econômico, o social e cultural relacionando o documento com o momento em que se escreve para com isso, entender as motivações daqueles que os produzem e por que produzem. O conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história, sendo isso, possivelmente, o passo essencial das pesquisas com fontes periódicas.

Desta feita, é imprescindível pensar, por exemplo, o significado que o jornal *O Lampion da Esquina* (1978) e as revistas *Sui Generis* (1995), *G Magazine* (1997) tiveram e perceber a recepção que esses periódicos trouxeram quando lançados. É necessário inferir, também, qual a ideia, ou os discursos de corpo e velhice durante o recorte temporal escolhido para trabalhar o tema.

Foi de suma importância, apropriar-se do que é relatado por Foucault (1996) sobre como os diversos discursos encontrados em uma dada sociedade, ou em um grupo social específico, exercem funções de controle, limitação e validação das regras de poder dessa mesma sociedade. O autor indica a necessidade de pensar sempre sobre os procedimentos que visam o controle do que é produzido, por quem é produzido, e de como se distribuem os discursos, algo totalmente necessário para o pesquisador, que estará utilizando periódicos voltados para o mesmo público, nesse caso, o público homossexual masculino, embora produzidos em épocas diferentes e em situação social, política e cultural que possuem características semelhantes, mas também com algumas singularidades.

Por exemplo, o *Lampion da Esquina* surgiu no período da Ditadura Militar no Brasil que, mesmo com todo cerceamento existente naquela época no tocante à publicação, exibição e divulgação de determinados assuntos, os que pensaram essa publicação conseguiram produzi-la e fazer com que fosse vendida em boa parte do país⁴. Concomitantemente, os temas e a forma como determinados assuntos eram tratados no periódico diferiam dos temas trazidos na *Sui Generis* ou na *G Magazine*, periódicos que foram lançados nos últimos anos do século XX, em que a situação social, política e econômica no país era diferente da vivida na década de 1970, bem

⁴ Um dos criadores do jornal relata o quanto foi difícil fazer com que o jornal tivesse uma circulação nacional: “*Muitas bancas não queriam vender, nós não conseguimos uma distribuidora nacional, eles se recusavam*. Então, em cada região havia uma distribuidora” (TREVISAN apud PÉRET, 2012, p.51).

como as formas de se dizer e vivenciar a velhice. Pensando nas condições de possibilidade de emergência para cada revista e estando atento ao momento em que cada revista irá surgir, as urgências, questões e desafios, a princípio, pode ser dito que o *Lampião*, dentre várias outras questões, buscava dar visibilidade às *bichas* e denunciar agressões sofridas por elas, dentre outros assuntos. A *Sui Generis* teve como política editorial um cunho mais jornalístico do que erótico, trazendo para debate questões ligadas ao comportamento, cultural e moda, com textos de cunho militante, mas não impositivo. Todavia, sabe-se que, mesmo com essas diferenças, é possível encontrar em alguns temas, resquícios de discursos construídos no passado referente a questão da velhice.

Qualquer discurso, bem como o seu dispositivo institucional e social, só se mantém enquanto a conjuntura histórica não o substitui por outro discurso. Isso é o que será chamado de *a priori* histórico e é passível de mudança. “Mas ele é inconsciente: os contemporâneos sempre ignoram onde estavam seus próprios limites e nós mesmos não podemos avistar os nossos” (VEYNE, 2011, p.50).

Ainda sobre essa reflexão trazida por Foucault e mencionada por Veyne (2011), ao se analisar o conteúdo dos periódicos escolhidos, é importante atentar-se aos discursos trazidos nas matérias, reportagens e entrevistas, pois eles são as lentes pelas quais, em cada época, a questão da velhice dos homossexuais era percebida, pensada e vivenciada. Pode-se citar, por exemplo, um fragmento de uma matéria trazida pelo *Lampião* no qual fica notório que, aos homossexuais velhos caberia a solidão ou, quando muito, viveriam uma relação afetiva pautada no bom comportamento e na sublimação do desejo que só deveria ser vivenciado quando jovem, mesmo assim, de forma discreta e “escondida”. Isso fica perceptível nesse fragmento da resposta de um leitor sobre a seguinte enquete trazida na matéria “O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem?”

No meu tempo beijo na boca só se fosse escondido, tinha um sabor mais gostoso, de pecado. Hoje em dia não, essa garotada vive se beijando na rua, um horror. Eu sou casado há 16 anos com Arnaldo, e quando a gente se beija na boca é como se fosse beijo de irmão (Fernando Maciel, oficial da Marinha Marcante, 50 anos)⁵.

Mesmo não respondendo à pergunta, é possível perceber como se pensava a questão do prazer para as “*bichas* idosas” naquele momento e também nos remete a

⁵*Lampião da Esquina*, 1981. Ed. 37, p. 03

Veyne (2011, p. 52) quando o mesmo afirma que “longe de serem ideologias mentirosas, os discursos cartografam o que as pessoas fazem e pensam, sem o saber”. É importante lembrar que, entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, a velhice é assumida, pelo discurso gerontológico, como um estado do sujeito, que passará por perdas nas habilidades físicas, cognitivas e sociais e esse discurso estará presente não apenas no interior das poucas clínicas existentes no Brasil que cuidavam de idosos, mas também no discurso da mídia e da própria sociedade, independente da orientação sexual.

A história da homossexualidade é entrecortada por inúmeras manifestações de violência, perseguição e oposições. Nas últimas décadas do século XX e bem mais no século XXI, os homossexuais assumiram o espaço público no intuito de buscar diminuir o silêncio que imperava, empunhando bandeiras e exigindo o direito à orientação homoafetiva ou uma busca pela “estética da existência”. Espaços como as praças e as ruas são também como lugares de transgressão, políticos e simbólicos em que discursos são forjados e novas estratégias são tomadas para busca e construção de direitos para as minorias. As lutas empreendidas por estes sujeitos⁶ têm levado a sociedade a repensar seus valores e suas instituições. Isto não significa, porém, que o preconceito e a violência deixaram de existir ou que diminuíram. Estudos sobre homossexualidades têm sido difundidos em muitas universidades de vários países. No Brasil, há tempos pode ser encontrada uma produção significativa sobre as interfaces que envolvem o tema. No último quartel do século XX, temos as pesquisas pioneiras de Peter Fry (1982), Carmem Dora Guimarães (2004), Nestor Perlongher (1987) e Edward MacRae (1990) que produziram investigações importantes sobre as transformações e configurações das homossexualidades no Brasil. Todavia, é ainda relativamente escassa a quantidade de estudos no campo da História sobre a homossexualidade na velhice.

Minois (1999), ao buscar escrever a história da velhice no Ocidente, já se perguntava sobre esse silenciamento junto aos historiadores acerca desse assunto.

Mas acontece que os historiadores uma vez mais estão atrasados e certas explicações já foram fornecidas para a sua falta de entusiasmo sobre uma história de velhice. Estabelecendo um paralelo com a sua

⁶ Sujeito, em Foucault, pode ser entendido de duas maneiras: sujeito a alguém pelo controle e dependência, bem como preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento, (DREYFUS & RABINOW, 1995).

história de infância, Phillipe Ariès pensava que a degradação sofrida no século XX pela imagem do velho, podia dar conta do desinteresse das ciências humanas a esse respeito, uma vez que a criança, domínio hoje bem preciso, é um tema mais popular. E o mais importante talvez é o facto de os velhos outrora nunca terem construído uma categoria homogénea e isolada do resto da sociedade (MINOIS, 1999, p. 15).

No Brasil, a população de idosos passou a ser motivo de interesse mais constante nas diversas áreas a partir do século XX, impulsionado pelo crescimento do número de pessoas nessa faixa etária. Entretanto, há poucos estudos sobre homossexuais e envelhecimento⁷, como apontam Simões (2004), Pocahy (2004), Motta (2009) e Weeks (1983). Este último, ao refletir sobre o assunto, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o processo de envelhecer. Ainda para esse autor, o envelhecimento, enquanto experiência, deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhecer que,

ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O carácter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice (WEEKS, 1983, p. 238).

Se ainda são poucos os estudos sobre homossexuais idosos no Brasil, mais raros são os estudos sobre esse grupo na mídia voltada para os gays velhos que, essa mídia que cada vez mais vem se segmentando – hoje é possível encontrar publicações voltadas para vários grupos e tipos de *gays* no país⁸ – mas é perceptível a ausência de publicações impressas voltadas para os homossexuais idosos. Há

⁷ De acordo com Paiva (2013), os trabalhos pioneiros, a nível mundial, sobre curso de vida e envelhecimento homossexual datam da década de 1970. Os trabalhos de J. Gagnon e W. Simon (1973); Douglas Kimmel (1978, 1979) e K. Plummer (1975) versam sobre o modelo de ciclo de vida específico, marcado por fases e estágios da construção da identidade homossexual.

⁸ Podemos citar como exemplo a revista *Bear* (voltada para gays gordos ou para quem se interessa por tal perfil), além das revistas *A capa* e *Lado A* (para aqueles que cuidam do corpo e se interessam por assuntos ligados a televisão e cultura), dentre outras.

alguns sites informativos que têm como público-alvo os *gays* velhos, a exemplo do *Grisalhos*⁹ criado em 2009 do qual faz parte a revista digital *Homens Maduros*.

Pesquisadores das ciências humanas e sociais no Brasil, em específico e, em especial, os historiadores, mesmo que timidamente, vêm buscando escrever, refletir, debater sobre a história da velhice em vários âmbitos. Como afirma Ramos (2009), “quando defendemos o direito à vez e à voz por parte das pessoas idosas na atualidade, estamos possibilitando o reconhecimento material, simbólico e afetivo do nosso futuro corpo” (p.172). Entretanto, ainda há uma lacuna em História referente aos *gays* velhos.

Essa pesquisa, com base na historiografia, busca conhecer e problematizar como as publicações voltadas ao público homossexual no Brasil, mostraram esses idosos e como eles são representados. Constatou-se em algumas matérias publicadas, por exemplo, em *O Lâmpião da Esquina*, que às *bichas* velhas não cabe o prazer e o desejo sexual, isso é algo que se esvai com o tempo; já na revista *G Magazine*, a representação feita é que, por serem velhos, estão sofrendo uma degeneração da aparência física e, para que se sintam desejados, precisam buscar o retardamento do envelhecimento utilizando produtos de beleza. Há uma imposição de se estar jovem e “na moda”. O corpo deve ser magro, malhado e sem marcas do tempo, para que se esteja desejoso e seja desejado como afirmam Del Priori e Amantino (2011).

Sexualidade e envelhecimento são temas que geralmente remetem à confluência e ao confronto entre cultura e corpo. Assunto que nos leva, invariavelmente, a considerar as tensões entre a construção social do corpo bem como sua degeneração. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que acabam se excluindo. O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contraposição, a avaliação positiva que se faz da juventude.

De acordo com Agra do Ó (2010), foi da passagem do século XIX para o século XX que começou a difundir-se a ideia de que a vida pode ser dividida em fases, em etapas, sendo a última fase a que estaria ligada à decadência. O que fosse velho e

⁹ <http://grisalhos.wordpress.com>

decadente deveria sempre dar lugar ao novo e à renovação. “A velhice e a juventude passavam por ser, no momento em que se abandonava o século XIX, mais do que uma maneira de catalogar pessoas e se tornava uma espécie de metáfora explicadora do mundo [...]”, (AGRA DO Ó, *ibid*, p. 36).

Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar o corpo em degeneração continuam sendo um dos principais desafios na contemporaneidade, basta observarmos a obsessão que as pessoas, pelo menos no Ocidente, têm com as formas corporais e a apresentação juvenil que atravessa todo o complexo da moda, das academias de ginástica, dos anabolizantes, dos cosméticos, da cirurgia plástica e das demais tecnologias de manutenção corporal.

O corpo, seja este do homem ou da mulher, ao longo da história, como nos mostra Sant’Anna (2000) passou por diversos processos de descobertas e ressignificações, principalmente no século XX onde foi sendo idealizado teoricamente, ou seja, foi ligado ao inconsciente (psicanálise), amarrado ao sujeito (existencialismo) e inserido nas formas sociais da cultura; e aos poucos, deixou de ser visto como lugar “sacro”, passando a ser aceito e tido como “eu-pele”, o qual, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, passou a ser redescoberto na arte, na política, na ciência e, principalmente pela mídia. As quebras dos tabus relacionados ao corpo eram pleiteadas bem como a liberdade sexual. As ditas minorias passaram a afirmar: “nosso corpo nos pertence” jargão repetido ainda hoje, no século XXI, por mulheres que desejam realizar aborto sem ter que pedir autorização ao Estado e/ou por pessoas que desejam passar por intervenção cirúrgica para a mudança do sexo biológico.

Será ainda entre as décadas de 60 e 70 que haverá uma grande produção de trabalhos referentes à questão da sexualidade produzidas por Foucault (1999), Laquer (2001) e, mais tarde Scott (1995), por exemplo, que não apenas tinham a “vontade de saber” sobre o sexo, mas também buscavam compreender a diferença sexual. Agora, não apenas os antropólogos, sociólogos, e os psicólogos produziam conhecimento sobre o corpo e a sexualidade, os historiadores também poderiam produzir pesquisas sobre tal assunto. Sobre essa “nova” área de discussão que passava a ganhar espaço na História, Foucault (1993, p. 230), ironiza dizendo que

Há anos os historiadores ficaram muito orgulhosos quando descobriram que podiam fazer não somente a história das batalhas, dos reis e das instituições, mas também a história da economia. Ei-los todos estupefatos por terem os mais maliciosos dentre eles mostrado

que também se podia fazer a história dos sentimentos, dos comportamentos, dos corpos.

A história da sexualidade passou a ser vista como efeito produzido nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais por um dispositivo complexo, (FOUCAULT, *ibid*). Na década de 1980, o corpo, cuja história sexual passou a ser construída, passava por uma nova “redescoberta”, ou seja, passou a ser cobrada a necessidade do estímulo do físico em ambientes de lazer e a prática de esportes. Era preciso apresentar o “estar saudável” em um corpo malhado, bonito e “delicioso”.

Essa ideia de corpo malhado, logo, saudável, não começou a ser gestada em curto prazo. Segundo Vigarello (2007, p. 199), desde o começo do século XX isso já vem sendo criado.

As enciclopédias domésticas, os livros para o lar, os dicionários da vida prática se enriquecem de súbito, na virada do século XX com inúmeros exemplos de práticas físicas. Seus métodos se fragmentam como nunca, prometendo “um corpo mais harmonioso, mais belo”.

Para o autor, o ato de malhar, de seguir programas, regras para (re)construir o corpo com movimentos sistematizados, mecânicos e precisos é, na verdade, uma forma de deixar esse corpo educado “de acordo com um código analítico de progressão, músculo por músculo, parte após parte” (VIGARELLO, 2007, p.199). O “culto ao corpo” é um mecanismo altamente eficiente de individualização, ao responsabilizar cada indivíduo por sua aparência, instaura-se uma nova moralidade, a da “boa forma”, referida à juventude, beleza e saúde e, conseqüentemente, acentuando particularismos ao fazer de cada indivíduo uma espécie de escrutinador de cada detalhe de seu corpo e aparência. Mas não deixa de existir, ao lado desses movimentos que promovem ou acirram uma espécie de individualização, alguns outros imperativos, igualmente eficazes, porém opostos e contraditórios.

Assim como Sant’Anna (2002), Courtine (2005) nos mostra que nas últimas décadas do século XX começou a ser gestada, a princípio nos Estados Unidos e depois em outros países, o que se denomina de “indústria do músculo”, que trouxe para o nosso dia a dia um mercado relativo ao ferro, às vitaminas e ao suor. Essa indústria oferece, além dos aparelhos de musculação, suplementos nutricionais e revistas especializadas no tocante à boa forma e à saúde, além de indicações mais estéticas, como dicas de regimes, para o desenvolvimento corporal, etc.

Houve uma mudança nas máquinas usadas para malhação. Elas se tornaram mais “confiáveis”, mais amigas, fazendo com que a “tecnologia do suor”, aos poucos, fosse se deslocando das academias para dentro da casa daqueles que sentiam e ainda sentem, a necessidade de trabalhar o corpo, “estar bem” e melhorar o “estilo de vida” e, aos os poucos, o músculo passou a ser um modo de vida.

A representação, enfatizada todos os dias pelos diversos tipos de mídia, tornou-se uma verdade. O corpo agora é uma mercadoria. Ele é vendido. O discurso que outrora controlava o corpo e a sexualidade com o intuito de conter os excessos improdutivos do sexo ainda continua a controlá-lo, só que agora utilizando as próprias armas do “inimigo”. Como salienta Foucault (1999), o controle-repressão dos vitorianos foi substituído pelo controle-estimulação capitalista. Os corpos e os sujeitos não escapam do controle velado que é estimulado pelos micropoderes presentes no autocontrole e no controle dos “outros”. Desta feita, cabe aos gays, ainda mais quando as marcas da velhice começam a ser mais visíveis, fazer com que ela silencie, não se faça mostrar, tendo ao seu dispor uma infinidade de cosméticos, exercícios físicos e os recursos médicos para estar sempre jovem, liso e não enrugado. Podemos pensar o corpo jovem como o espaço liso e o corpo velho como o espaço estriado, onde este último deve estar sempre passando por processos de um aparente alisamento das superfícies, fazendo com que não se perceba as memórias e as rugas do corpo, (DELEUZE & GUATTARI, 2007).

Em geral, a História se reporta aos velhos como repositórios de memória¹⁰. Mas não é esse o ponto de partida deste trabalho. O aumento da proporção de idosos entre a população é um fenômeno mundial bastante significativo que muitos a percebem como uma “revolução demográfica”. Nos últimos cinquenta anos do século XX, a expectativa de vida aumentou em cerca de vinte anos. E foi também no mesmo século que os temas velhice e envelhecimento populacional ganharam mais atenção. A ideia de envelhecimento vem mudando ao longo do tempo, impulsionada não apenas pelos avanços nos vários campos do conhecimento que proporcionam o aumento do tempo de vida, mas também pelos recursos da medicina e da área de saúde em geral.

Pelo que foi possível constatar, em grande parte do material utilizado para a composição deste trabalho, os corpos dos homossexuais velhos quase nunca são

¹⁰ Cito aqui um dos trabalhos mais conhecidos no Brasil: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

mostrados, pois nada mais é do que uma “mercadoria” obsoleta. O que será utilizado é apenas o discurso, muitas vezes advindo de pessoas famosas a exemplo do cantor Ney Matogrosso ou do escritor Aguinaldo Ribeiro, mostrados sempre como vencedores, experientes e sabedores, com um saber-fazer secular (MINOIS, 1999), e que servem como exemplo para os gays mais jovens. Há também matérias que “ensinam” como evitar a velhice para manter-se jovem e desejável. Ou seja, o “ser gay” está ligado ao “ser jovem”, logo, a ideia do “ser jovem” não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo que deve ser “sexy”, “gostoso”, “malhado”, “sarado”, “atlético” e “saudável”. Estar jovem e “na moda” será a “lei”.

Talvez caiba questionar a reprodução nas publicações voltadas ao público homossexual dos padrões de beleza (relacionando juventude e moda) que se apresentam como universais, mas que são produzidos para os heterossexuais. É importante destacar que quase todas as matérias negam o erotismo dessas pessoas mais velhas, bem como sua capacidade de sonhar. Bosi (1994) observa a velhice como uma categoria social que tem um estatuto ocasional, uma vez que cada sociedade tem sua própria forma de vivenciar o “declínio biológico do homem”. Desta feita, ser criança, jovem ou velho é estar inserido em um sistema social cheio de vantagens e desvantagens que poderão ser vivenciadas ao longo do tempo.

Já Bourdieu (1980), afirma que “velhice” é apenas uma palavra. O que de fato existe, na divisão lógica entre juventude e velhice, é disputa pelo poder, é manipulação; configurando-se no estabelecimento de uma ordem na qual cada um deve manter-se em seu lugar, com estabelecimento de limites que, quando não respeitados ou não bem estabelecidos, fazem surgir os conflitos entre as gerações.

Falar de relações intergeracionais, é buscar respostas nas dimensões socioculturais da vida social. O indivíduo deve ser compreendido como ser social inserido em determinado grupo com o qual comunga valores, modos de pensar e agir na sociedade. Trata-se, portanto, da interpretação dos símbolos e dos significados construídos pelas sociedades e expressos nas formas de pensar e agir sobre as diferentes fases da vida e das relações intergeracionais.

Aos mais velhos, só restariam pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada, como acredita Hugo Neco, com seu depoimento a revista *Júnior*. Essa concepção ou “verdade” social e histórica imbricada ao ser homossexual idoso nos remete à interseção saber/poder de Foucault (2003, p.12) ao afirmar que “a verdade

é deste mundo; ela é produzida nele, graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”; a mídia acaba se constituindo em um ótimo espaço para reproduzir e reafirmar essas “verdades”.

Buscando-se redefinir uma imagem positiva do envelhecimento, a palavra “velho” é tida como agregador de preconceitos. Então outras terminologias passaram a ser inventadas: idosos, terceira idade, melhor idade. Cada uma possuindo uma grande variedade de significados e representações. Mesmo assim, prevalece o paradigma de que ser velho é sinônimo de inatividade, inutilidade, impotência, fragilidade, solidão. Não possuidor da vitalidade física, o corpo perde a virilidade, torna-se opaco, sem vida. No mundo moderno, estar velho e, conseqüentemente, vivenciar a velhice é aproximar-se da morte (ALBUQUERQUE JR, 2010).

É perceptível que, a contemporaneidade, maturidade não garante um estilo de vida pacata e linear, fato revelador de uma nova organização do sentido da experiência no curso da vida. Não obstante, o envelhecimento ser pouco estudado na perspectiva dos homossexuais masculinos¹¹ nos cursos de História do país, isso não significa haver uma “aposentadoria sexual”.

Mesmo sabendo que a ideia de velhice passa, geralmente, por processos de reformulações, algo recorrente é que a um idoso gay caberá sempre a solidão e a melancolia e que o mesmo só se envolve sexualmente a partir de trocas de favores ou dinheiro; isso quando se admite que uma pessoa idosa possua desejos sexuais. Essas representações estereotipadas colocam a velhice como demérito e impõe certo ideal de “ser gay” apoiado no padrão corporal de juventude, consumo e masculinidade, reproduzindo valores enraizados pela ideologia patriarcal.

O trabalho, aqui apresentado, estará disposto em três capítulos nos quais, para cada capítulo, examinaremos os periódicos publicados em décadas distintas, problematizando as matérias e imagens referentes à questão dos gays velhos bem como a concepção de velhice que estava sendo difundida naquele momento. A escolha dessa disposição dos capítulos também se atribui pela questão de que, os discursos sobre velhice vão sendo reformulados ao longo das décadas. Então ser velho na década de 1970 é diferente de ser velho no final do século XX ou início do

¹¹ É importante aqui informar que, em pesquisa feita no banco de teses da CAPES, durante a escrita deste trabalho, vamos encontrar várias dissertações e teses sobre homossexualidade e velhice, mas nenhum dos trabalhos encontrados foram produzidos na área de História, a maioria são das áreas de Gerontologia, Psicologia, Antropologia, Sociologia e as propostas apresentadas diferem bastante da que apresentamos aqui.

século XXI. Sendo assim, será debatido, como se pensava e de que forma se vivenciava a velhice em um Brasil ditatorial e pós-ditadura, o que, e de que forma se dizia a velhice. Foi na década de 1970, por exemplo, que ocorreu em Brasília o “I Seminário Nacional do Idoso” com a finalidade de se pensar as linhas básicas para a promoção de uma política de assistência básica para o idoso. Foi nessa década, que surgiu a primeira publicação gay de circulação nacional, o periódico *Lampião da Esquina*, que esteve em circulação até o início da década de 1980. Além de analisar as matérias que tratam do tema deste trabalho, será feita a contextualização do momento no qual surge essa mídia, voltada para o público “entendido¹²”, os locais de sociabilidade que foram se constituindo, assim como o surgimento de um “movimento gay” politizado.

No segundo capítulo, será debatido o impacto que o vírus da AIDS teve sobre os homossexuais e como isso contribuiu para uma reelaboração da imagem do próprio gay tanto na questão do que se dizia, quanto na própria questão do corpo. Pós fim do *Lampião da Esquina*, ocorrido em 1981, há uma grande lacuna referente às publicações voltadas para o público gay no Brasil. O mercado editorial para o público gay masculino só passa a ser mais expressivo na década de 1990 e começo do século XXI, com o surgimento, no primeiro momento, das revistas *Sui Generis*¹³ (1995) e *G Magazine*¹⁴ (1997).

Nesse capítulo, todavia, será trabalhado apenas a *Sui Generis* que foi uma revista desvinculada dos grupos organizados, apesar de contar com colaboradores que fizeram parte da história do movimento gay, na década de 1970, enfrentando, a exemplo de publicações anteriores, problemas como falta de anunciantes e censura extraoficial. Essa revista surgiu como produto da segmentação do mercado editorial que propunha discutir, com gays e heterossexuais, questões relativas à homossexualidade. A magazine investiu numa possibilidade de afirmação do “ser gay” através de temas como cultura, comportamento, moda e entrevistas com grandes nomes do meio artístico/político nacional e o grande diferencial eram as matérias trazidas pelas publicações voltadas para homossexuais masculinos na década de 60 e 70.

¹² Termo utilizado até metade da década de 1970 para dizer que alguém era gay assumido.

¹³ Lançada pela editora SG Press.

¹⁴ Para evitar um capítulo bastante volumoso, e também pela quantidade de matérias, a *G Magazine* será debatida no terceiro capítulo.

No último capítulo, dedicado à *G Magazine*, discorreremos sobre como a revista, com especialidade em nu masculino, destacou-se das demais já existentes e com a mesma proposta, pelo fato de trazer em suas capas personalidades famosas, como jogadores, atores e cantores, além de expor o nu frontal e o pênis ereto. Buscando unir erotismo com militância, a revista contou com a participação de importantes representantes do movimento *gay* brasileiro, como por exemplo, João Silvério Trevisan, Glauco Matoso, Luiz Mott e Vange Leonel. Com o passar do tempo, a revista torna-se mais erótica do que militante. Os corpos dos homens que posaram para a *G*, especificamente, vão obedecer a um modelo que está no imaginário dos homens em geral, sejam esses héteros ou homossexuais.

Quase todos os que posaram para a revista apresentavam jovialidade. Como existem exceções, será possível encontrar nesse magazine algumas edições que, possivelmente, causaram um estranhamento nos leitores da *G*. Uma foi a edição que desnudou o ator David Cardoso (1999) e a outra foi a que trouxe o ex-apresentador de TV, Clodovil Hernandez (2005). Este último, todavia, foi apenas entrevistado. A grande novidade foi o ensaio com o ator da pornochanchada¹⁵, David Cardoso, na época com 63 anos, e não se encaixava no perfil dos homens que comumente aparecem nos ensaios da revista, que geralmente são pessoas jovens. Cardoso, que participou de um filme no qual o seu personagem faz sexo com outro homem, como diz a gíria recente, é um “tiozinho” ou “tiozão¹⁶”, ou seja, não é jovem. O que faz uma revista conhecida por exibir famosos jovens e nus estampar em suas páginas um sexagenário que, a maioria do público consumidor, desta revista, possivelmente, desconhecia? E o envelhecer, como estava sendo pensado no Brasil dos caras-pintadas dos anos 90, década na qual as formas de dizer a velhice vão ter mais ênfase e o velho não será mais chamado de velho, mas pertencente a “terceira idade” ou que tem “a melhor idade”?

¹⁵ No final da década de 50, surge no Brasil, uma das mais expressivas formas de “pornografia à brasileira”, as pornochanchadas. Inspiradas em filmes italianos, que produziam um tipo de comédia pornográfica, essa foi forma mais expressiva da representação do modelo de filme pornô no Brasil e que se fez presente nos cinemas até os últimos anos da década de 1980. E, mesmo não existindo filmes voltados especificamente para gays, os mesmos eram representados nesse gênero fílmico. Todavia, estudiosos da homossexualidade no Brasil afirmam que os filmes das pornochanchadas eram um espaço que salientava o estigma e a discriminação sofrida pelos homens que tentavam de alguma forma viver os seus desejos homossexuais.

¹⁶ Termos que indicam que o indivíduo mantém e apresenta um corpo com certa jovialidade, é bem-sucedido financeira e socialmente, além de possuir maturidade e virilidade. Esses são os que melhor se encaixam no modelo da denominada “terceira idade” pois, além da aparência jovial, são disciplinados quanto aos “cuidados de si”.

As imagens dos *gays* velhos trazidas por essas publicações sofreram mudanças ou a estereotipia continuou sendo reforçada? É importante lembrar que, é em 2003 o lançamento do Estatuto do Idoso, para que os direitos a eles constituídos sejam cumpridos e para que sejam respeitados muitas vezes por aqueles que os detestam.

A pesquisa apresentada possui um caráter interdisciplinar e envolve os conhecimentos da História, da Sociologia e da Gerontologia. Como metodologia, será feita uma análise de conteúdo através de uma arque-genealogia, na qual a arqueologia, método voltado para as práticas discursivas e não-discursivas, nos ajudará a perceber os modos de se pensar e dizer o envelhecer buscando evidenciar sua regularidade em série de descontinuidade na história, permitindo com que algo apareça como verdade. Enquanto a genealogia, que se preocupa com o aspecto político do discurso, nos fará identificar e problematizar nas matérias analisadas a tática do discurso manifestando e produzindo poder, vinculado sempre a um saber que emerge.

Por fim, torna-se válido afirmar aqui que não existe uma “velhice universal” ou modelo de “velho universal”, enquanto sujeito da gerontologia; que a velhice é uma condição ontológica, pois como afirma Butler (2002), “o domínio é um território regulamentado: o que se produz dentro dele, o que é dele excluído para que o domínio se constitua como tal, é um efeito de poder” (p.161). Desta feita, se afirmássemos aqui que há uma “velhice universal” estaríamos correndo o risco de trazer explicações generalizantes, trazendo, por consequência, exclusões, por isso torna-se importante, ao se discutir a velhice, levar em consideração questões como gênero e classe social (COHEN, 1998). O nosso interesse neste trabalho é perceber como determinados discursos produzem “efeitos” ontológicos, constituindo sujeitos (BUTLER, 2002), e como, a partir das subjetivações são produzidas realidades, bem como territórios existências, performatividades e escritas de si.

2 VELHICE E SEXUALIDADE: OS GAYS VELHOS NOS IMPRESSOS DE UM BRASIL DITATORIAL

2.1 Para o início da prosa

São Paulo. Final de semana. Quase meia-noite. Para muitos, ótima oportunidade para descansar de uma semana cheia de trabalhos e conflitos; para outros, bom momento para curtir o fim de semana a dois, ou mais, entre quatro paredes; há ainda aqueles que preferem curtir o fervor das pistas nas baladas. Há festas para todos os gostos e tribos. Mas uma, em especial, chama atenção por ter como público alvo: os “tiozinhos”, isto é, os *gays* com mais de 40, 50 anos também chamados entre os mais jovens de *cacura*, *bicha velha*, *xanã* e que se reúnem para bailar na boate ABC Bailão situada na rua Marquês de Itu, no centro de São Paulo e que, há quase vinte anos, é um espaço de sociabilidade para aos homens (e mulheres) *gays* com mais de 40 anos, bem como aos que se sentem atraídos por pessoas com mais idade.

Na discoteca, também chamada por preconceituosos de “fila do INSS” ou “local de desmanche” é “proibido tirar a camisa, bater foto ou fazer filmagens” atitudes bastante corriqueiras em boates para o público mais jovem, mas que o dono do Bailão, Amarildo Donizete Batista não aceita no ambiente, alegando que ali, nada mais é do que um ambiente familiar onde os amigos se encontram para bailar e paquerar. No Bailão, os mais velhos recebem descontos para entrar, as mulheres pagam o dobro do valor da entrada e é expressamente proibido o uso de drogas ilícitas. Lá, os *top hits* do momento não são a preferência dos *disckjokeys* nem do público presente, mas os sucessos de anos passados que vão da música sertaneja a *dance music*, como do Bee Gees, Roberta Flack, Cher, Whitney Houston, mas também Roberta Miranda, Reginaldo Rossi, dentre outros, sendo uma oportunidade para homens *gays*, coroas¹⁷ - que durante muito tempo tiveram que esconder, negar ou sublimar o desejo sexual

¹⁷ Simões (2004) nos chama atenção sobre dois tipos de representações sobre a velhice entre os homossexuais: a primeira, de aspecto totalmente negativo, associa aos homossexuais velhos a solidão, a melancolia, a depressão, a desvalorização sexual e a decrepitude; o segundo tipo de representação atenta para cenários mais positivos, destacando habilidades e competências construídas ao longo dos anos e que poderão ser aproveitadas de uma melhor forma na velhice. A categoria “coroa” se encaixa no segundo modelo de representação, pois são pessoas sem idade definida, mas que apresentam sinais do tempo no corpo, como cabelos brancos, rugas, movimentos lentos, entretanto, além da virilidade, possui saúde, boa aparência e disposição financeira e social para frequentar baladas, beber com os amigos e se manter no mercado da paquera.

tido por muitos como pecaminoso e que levaria à “danação” – dançarem agarradinhos, com rosto colado e sem a preocupação de ouvir comentários preconceituosos como “vai para casa, tia” ou “o que essa velha quer aqui?”. Apesar de tudo, há lugares na história para *gays* mais velhos e, ao contrário do que se pensa, ele não é só de opressão e negação; há esplendor e vida. Foi pensando nesse público, nesses corpos que por mais que se tente, não são apagados, que esses e outros lugares foram forjados, para mostrar que pessoas velhas sentem desejo, se divertem e amam. Porém, mesmo que na contemporaneidade, a ideia de velhice não esteja mais ligada à perda ou ausência de vitalidade, mas como uma fase de se viver de forma mais prazerosa e satisfatória (DEBERT, 2012), ainda há dificuldades e preconceito para com quem é velho e *gay*.

Os apelidos galhofeiros mencionados no início deste capítulo, de como o Bailão e outros lugares voltados para *gays* mais velhos são chamados, reafirmam o que parte da sociedade pensa, ou seja, ao chegar a velhice, a saída da vida pública é a melhor opção. Afinal de contas, acredita-se muito que velhice é o estágio final para a morte, cabendo ao idoso, independente da orientação sexual, uma vida pacata onde, o divertimento é o aniversário dos filhos ou netos, o almoço de domingo ou, no máximo, um passeio recreativo com outros velhinhos em um parque ou museu.

O *gay* velho também é tido, por muitos, por conta da idade, como alguém que não desperta desejo. É um ser não desejado e não desejante. São sujeitos pouco elásticos, com uma identidade não fluída, que possuem um corpo frágil e que não detém mais virilidade. Para se ficar com ele, só se for pagando por algumas horas de prazer, como diz a música *Bicha Velha*¹⁸ do Bonde do Rolê.

Bicha velha tá cansada de pagar pelos michê / Tá querendo uma paixão para levar pro seu apê/ Acorda, olha no espelho depressão bateu de jeito/ Tava careca barrigudo e com os dentes com defeito/ Tá solteiro deprimido desempregado e falido/ A sua única alegria é punhetinha de domingo/Bicha velha ta solteira e ficando pra titia/ Passa o domingo de pantufa e pijama de bolinha/ Vai cata os garotos da estação de trem/ Fica louco com os michê é de bundinha de neném.

Uma pessoa com independência financeira, mas esteticamente feia, solitária, é mais provável que tenha na prática onanista a única forma de prazer possível. Apesar

¹⁸ A música faz parte do álbum *With blasers!*, O cd foi lançado 2007 na Inglaterra pela gravadora Domino Records e relançado em 2012 com o título *With blasers! B-side*.

da visibilidade e imagem positiva que o “movimento homossexual” brasileiro vem construindo nas últimas décadas, essa ainda é uma ideia e imagem que muitos ainda têm acerca de homossexuais idosos. É sobre como o tema velhice vem sendo pensado a partir da década de 70, no Brasil e como os velhos gays serão ditos e mostrados em o *Lampião da Esquina*, que nos deteremos neste capítulo. Antes, todavia, buscaremos fazer uma contextualização sobre os locais de sociabilidade que vão surgir nesse período para os homens gays, bem como sobre os periódicos produzidos para tal grupo, sendo o *Lampião*, primeira publicação de circulação em nível nacional, o jornal no qual nos deteremos para problematizar o dizer e o mostrar os homossexuais velhos.

2.2 E a vida começa todos os dias: velhos e as sociabilidades

Simone de Beauvoir, em *A velhice: realidade incômoda*, publicado no Brasil na década de 1970, provoca o leitor a perceber que a velhice não é apenas um acontecimento biológico, mas também cultural. A sociedade, principalmente através do discurso médico, é quem constrói a impotência da velhice e a torna uma condição abjeta – lembremos que os discursos, de todas as formas possíveis, serão responsáveis na construção das identidades e dos sujeitos. A sociedade capitalista investe naquelas pessoas que são tidas como produtivas e aos idosos só resta o sofrimento; quando muito a aposentadoria, visto que são tidos como pessoas improdutivas e sem futuro, sendo excluídos por não possuírem mais um papel ativo. São descartados, uns refugos, fragmentos de sucata, de quem não se aproveita para mais nada. Sobre isso, Beauvoir faz um alerta em relação ao que ela denominou de “conspiração do silêncio”, quanto à velhice e os velhos que rejeitam os lugares forjados para eles e continuam a vivenciar os prazeres, amores e dissabores que a vida oferece, mesmo muitos não-idosos não querendo perceber ou aceitar esse fato. Ou, quando se percebe, quase sempre, é visto como forma de ridicularização ou como se o velho ou a velha desejante fosse uma pessoa saliente e tarada.

Os velhos provocam escândalos quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens. O amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Têm obrigação de dar exemplo e todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: desinteresse pelo infortúnio. A imagem sublimada que de si mesmos lhe é proposta

apresenta-os como sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis, pairando muito acima da condição humana (...). Seja como for, quer por virtude, quer por sua abjeção, eles se situam fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem o menor escrúpulo, negar-lhes o mínimo considerado necessário a uma vida de homem (BEAUVOIR, 1970, p.8).

A autora, na década de 70, já falava sobre o quanto incomoda a determinadas pessoas quando veem velhos desejando, amando e/ou se permitindo os prazeres da carne. Para muitos, eles deveriam ser como anjos em termos de pureza e de desejos.

Aos poucos, entretanto, o idoso deixa de ser ausente nas pesquisas e nos diferentes discursos produzidos sejam estes ligados a saúde, consumo, lazer, etc. Não é feita, todavia, uma reflexão sobre homossexualidade e velhice. Beauvoir (1990) nos mostrava que a velhice, tampouco a forma de vivenciá-la, seria algo homogêneo. Envelhecer no Brasil é diferente de envelhecer em países da Europa ou nos Estados Unidos, por exemplo. Mas, mesmo assim, envelhecer em estados do sul do Brasil é diferente de envelhecer no Nordeste, pois no envelhecer estarão várias questões imbricadas, dentre as quais, a forma de vivenciar a idade adulta, as possibilidades oferecidas pela cidade onde se vive, questões relativas à saúde e à alimentação, dentre outras, assim como os espaços recreativos e de lazer.

Sobre os locais de sociabilidade para os mais velhos vão surgir porque há uma considerável demanda de público – não será incluído aqui o asilo ou casas de repouso, instituição atual, mas, ao mesmo tempo, centenária, pois sabemos ser esse um espaço de “institualização total” (GOFFMAN, 1991). Então, na maioria das vezes, os locais de sociabilidade para os idosos serão as praças próximas à casa em que moram, onde podem encontrar os amigos para conversar, a própria vizinhança, os calçadões no centro da cidade, bem como a igreja, que geralmente desenvolve atividades que possam incluir tal grupo. Para os idosos *gays*, os locais de sociabilidade também podem ser as saunas, cinemas que exibem filmes pornográficos, assim como boates.

Tais locais de sociabilidade externos à casa surgem com o aumento da proporção de idosos entre a população, tidos por muitos como um fenômeno mundial bastante significativo também considerado uma "revolução demográfica".

Como lembra Foucault (2008a), o liberalismo constitui uma das práticas possíveis de governabilidade dos estados modernos, mediante uma rede intrincada de relações que se materializam nas instituições fundadas com o objetivo de

regulamentar as populações. A racionalidade governamental liberal faz entrar a vida e os seus mecanismos no domínio dos cálculos explícitos. O ser humano passa a ser apreendido como corpo-espécie, fazendo com que os fenômenos da “vida natural” (os nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde) sejam inclusos nos mecanismos de gestão do Estado. O próprio filósofo francês interroga-se a respeito das bases dessa transformação.

Genericamente, pode-se dizer que ela se relaciona com a preservação e conservação da ‘força de trabalho’. Mas, indubitavelmente, o problema é mais amplo. Ele indiscutivelmente se refere aos efeitos político-econômicos da acumulação de homens. O grande crescimento demográfico do século XVIII na Europa Ocidental, a necessidade de coordenação e de integração ao aparato de produção e a urgência de controlá-lo, com mecanismos de poder mais sofisticados e adequados, possibilitaram que a emergência da ‘população’ (com suas variedades numéricas de espaço e cronologia, longevidade e saúde) emergisse não só como problema, mas como um objeto de observação, análise, intervenção, modificação, etc. Um projeto de tecnologia da população começa a ser desenhado: estimativas demográficas, o cálculo de pirâmides etárias, diferentes expectativas de vida e níveis de mortalidade, estudos das recíprocas relações entre crescimento da população e crescimento da riqueza, medidas de incentivo ao casamento e procriação, desenvolvimento de formas de educação e treinamento profissional (FOUCAULT, 2008a, p. 171).

Nos últimos cinquenta anos do século XX, a expectativa de vida aumentou em cerca de vinte anos. No Brasil, a expectativa de vida vem crescendo podendo se tornar, em breve, um dos países em desenvolvimento que possui população composta em sua maioria por velhos. De acordo com o último censo, a população idosa potencialmente ativa sofreu um aumento considerável de 14,9% em 2002, para 19,6% (2012), havendo uma grande probabilidade desse número triplicar nos próximos cinquenta anos. A pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que em 2030, o número de idosos de 60 anos no país será maior que crianças de 14 anos e que em 2055 esse número aumentará comparado aos grupos de crianças e jovens com até 29 anos¹⁹.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas²⁰. Nesse

¹⁹ Ver Síntese de indicadores sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira 2013: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>

²⁰ <http://www2.ufscar.br/servicos/noticias.php?idNot=5033>

sentido, uma das preocupações, não apenas no caso brasileiro, mas de países que passam por essa situação, é a criação de políticas públicas e condições sociais para atender as necessidades dessa parcela da população. O que fazer com tantos idosos? Como cuidar de um país que está envelhecendo, apesar de ainda ser na sua grande maioria composto por jovens? Não serão essas as perguntas que se busca responder ao longo deste trabalho, porém torna-se necessário levantá-las para gerar uma reflexão.

No Brasil, o índice de natalidade vem se estagnando e o de mortalidade diminuiu consideravelmente. A população está envelhecendo e essa dúvida do que fazer com tantos idosos levanta debates entre entidades e governantes sobre a criação de políticas públicas para que essa população tenha uma melhor qualidade de vida e bem-estar.

Falando em bem-estar, os locais de sociabilidade para os velhos *gays* fogem as regras normativas e passam a ser locais de diversão. Em São Paulo, não existe apenas o ABC Bailão, que mencionamos no início desse capítulo, para que os *gays* mais velhos possam se divertir, mas também os bares Caneca de Prata e o Soda Pop, que tem como público alvo homossexuais com mais de trinta anos. É válido destacar que não serão apenas as boates os espaços de sociabilidade, há ainda bares, cinemas, saunas que servirão, não apenas como local para “pegação”, mas também como espaço para conhecer pessoas e, na maioria das vezes, driblar a solidão. Esses locais de sociabilidade, na maioria das vezes ligados ao lazer e aos prazeres contribuem para forjar sentidos de pertencimento a determinado grupo, mas também operam com signos de diferenciação e estratificação dentro do próprio universo *gay*. No Brasil, São Paulo é uma das cidades que se destaca no país por oferecer uma gama de espaços de sociabilidade para esses “homens infames” que mesmo sendo relegados à exclusão e ao silenciamento foram construindo suas histórias (FOUCAULT,1999).

Entretanto, a chamada “noite *gay*” nem sempre foi composta de “neon e purpurina”. Há muita história para ser contada para que se possa entender a existência desses locais de sociabilidade para tal público e, principalmente, a necessidade de se ter bares ou boates para os mais velhos. Torna-se importante também discutir sobre o surgimento da chamada “imprensa *gay*” que surge no país a partir da década de 1960 voltada para o público homossexual. É importante mencionar que, por muito

tempo, o que era produzido sobre o assunto não era feito por eles, “foram raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho sobre a sua condição, pelo menos até os anos 1960” (GREEN, 2006, p.17).

Antes de 60, o que se podia ler sobre homossexualidade estaria em relatórios médicos, boletins ou páginas policiais e em matérias jornalísticas sobre o Carnaval. Fora a literatura brasileira que já trazia, timidamente, homossexuais masculinos que se interessavam sexualmente por outros homens, o primeiro registro de um personagem que sentia desejo por alguém do mesmo gênero na imprensa é atribuído ao periódico *Rio Nu*²¹ que, provavelmente, trouxe em 1914 um suplemento chamado *Contos rápidos* e que era vendido separadamente, sendo a primeira publicação jornalística brasileira que trouxe um texto falando sobre a prática sexual entre dois homens. O texto chama-se “O menino Gouveia” e narra a experiência sexual do “grumete” Bembem que tinha entre 13 e 14 anos, e sentia o desejo de ser penetrado pelo tio. Como isso não ocorre, o jovem sai de casa e encontra um “Gouveia²²” no Largo do Rocio, como também é chamada a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro e com ele tem uma experiência sexual. O conto reforça alguns estereótipos onde o homem mais velho, o “velhote”, o “fanchono” é o ativo e o mais jovem é o frágil e passivo.

É válido destacar a sinopse que o jornal fazia para quem tivesse interesse em comprar *Contos Rápidos* com a história do jovem que cai nas mãos de um homem mais velho, como poderemos ver na edição 01581: “O Menino Gouveia - n. 6 dos *Contos rápidos*. Narração minuciosa da vida de um pequeno que caiu nas unhas do Gouveia” (RIO NU, p. 06, 1914). As *bichas* e os *bofes* mais velhos aparecerão nas revistas assim, sempre de forma “eventual”, pois no Brasil, não há nenhum jornal ou revista voltada para o público gay mais velho.

O máximo que se pode encontrar são matérias em uma ou outra edição dessas publicações falando de alguma forma sobre a velhice²³, seja como evitá-la, retardá-la

²¹A revista *Rio Nu* foi uma publicação erótica que foi publicada no Brasil de 1898 a 1916 e trazia a cada nova edição mulheres seminuas contos eróticos e colunas de fofocas.

²²Gíria que na época indicava gays mais velhos que tinha atração por pessoas mais jovens.

²³ Sant’Anna (2014) nos mostra que desde os anos 1920 as revistas brasileiras falavam mais sobre velhice do que sobre envelhecimento, mas, a partir da década de 1930, a velhice se tornou tema recorrente nas revistas femininas onde era acentuada a negatividade dos sinais de envelhecimento no corpo feminino. Para os homens, muitas vezes a velhice era algo digno de ser mostrado em anúncios promotores da saúde e boa aparência. Entretanto, quando eles chegavam aos 40 anos já era hora de “despistar” os sinais da velhice.

ou ainda como vivenciá-la da melhor forma. Mas, por mais que se deseje apagar esses corpos, eles resistem e acabam virando notícia nas páginas das publicações voltadas para tal público. O corpo do homossexual velho será “apagado”, induzido de volta ao armário, pois não é um corpo liso, que se deseja e que provoca desejo. O desejado e o que é vendido é a juventude, o corpo jovem e uma infinidade de cosméticos milagrosos que prometem retardar a velhice.

A história é feita de descontinuidades e rupturas. São as fissuras do tempo que movem e dão lugar ao historiador e serão nessas fissuras que se busca problematizar como os gays velhos passaram a ser retratados pela imprensa nanica ou alternativa²⁴ desde o final da década de 1970, tomando como ponto inicial o periódico *Lampião da Esquina*, primeiro jornal voltado para os *entendidos*²⁵ que teve distribuição em todo o Brasil. São com as publicações produzidas pelos próprios gays que estes começarão a criar, construir, inventar uma imagem bastante diferente daquela produzida pela mídia oficial na qual só apareciam em matérias sobre carnaval (diversão) ou em matérias policiais (criminosos).

Foram necessárias algumas transgressões para que uma publicação direcionada a pessoas que, na década de 70, em específico, eram consideradas “invertidas”, dentre outros sinônimos pejorativos, pudesse ser publicada, ainda mais num momento no qual o país vivenciava o período ditatorial, em que determinados temas ou assuntos eram tabus e, quando a imprensa, em específico, fazia isso geralmente o material divulgado (revista ou jornal) era apreendido. O surgimento da mídia voltada para o público homossexual não está desarticulado do aparecimento dos locais de sociabilidade bem como da própria tentativa de criação de um “movimento gay” brasileiro.

²⁴Segmentação jornalística de forte caráter político e ideológico que transgredia a concepção mercadológica habitual dos grandes veículos de comunicação. De acordo com Kucinsky (1991), a imprensa alternativa surge do desejo das esquerdas de protagonizar as mudanças institucionais que propunham e a busca, de jornalistas e intelectuais, por espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.

²⁵Termo utilizado entre as décadas de 1960 e 70 que definia um tipo de homossexual da classe média tradicional e que se mantinha “enrustido”, ou seja, não havia assumido a identidade sexual de forma pública, como mencionado por Green e Trindade (2005), MacRae (1990) e Fry (1982). Para Simões (2004), na contemporaneidade, os coroaos são os entendidos das décadas de 1960/70.

2.3 “O amor que não ousa dizer o nome” vai às ruas

Green (2000) esboça uma trajetória da homossexualidade masculina no nosso país, refutando a ideia de que haveria no Brasil uma tolerância quanto à ambiguidade sexual, que se disseminaria através de imagens carnavalescas de travestis e da famosa máxima, a cada dia mais sem sentido, de que “não existe pecado ao sul do Equador.” Os “homens de hábitos duvidosos” começaram a se concentrar em lugares públicos a exemplo de praças, teatros e cinemas, apesar dos mecanismos legais que puniam a exposição do comportamento homossexual. Aos poucos, eles passaram a “demarcar” seu território, fazendo com que tais áreas, com o passar do tempo, fossem vistas como lugar para tal público ou de “pegação”²⁶. É interessante ainda perceber que, na maioria das vezes os locais mais comuns que os *entendidos* usaram para se concentrar serão aqueles voltados ao lazer e locais de paquera²⁷.

Naquele momento já existia a premissa de que, para se tolerar que um homem se desviasse de sua condição de *masculino*, precisaria assumir uma posição de estereótipo da mulher, o que nos remete aos comportamentos sexuais ou de gênero²⁸; sendo assim, a questão de gênero sobrepõe-se à questão sexual.

De 1920 a 1945, algumas áreas públicas do Rio de Janeiro e São Paulo começaram a servir de cenário para encontros sexuais entre homens. É nesse período que surge uma discussão crescente sobre a identidade nacional. Para Green (2000), os acontecimentos que tiveram lugar nesse período e as construções ideológicas e sociais controvertidas sobre nação, raça, identidade, cultura e gênero iriam moldar tanto uma subcultura homossexual urbana nascente, quanto um discurso médico-legal, como veremos mais adiante.

²⁶ Pegação é um termo frequentemente associado à prática sexual anônima com consentimento de ambas as partes. Geralmente essa prática é feita em lugares públicos.

²⁷ Mais sobre o assunto ver: Araújo, Martinho Tota Filho Rocha de. *Identidades fragmentadas: cultura e sociabilidades homoeróticas em Campina Grande*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFCG em 2006 e Perlongher, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

²⁸ Gênero é uma construção social, onde estão explícitos os papéis que o homem e a mulher devem desenvolver de acordo com o sexo biológico. Scott (1985) compreende gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. Existindo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder sendo uma das primeiras formas de dar sentido a estas relações. Ou seja, para a historiadora, gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentre de uma maneira de pensar dual e engessada. Para a filósofa Butler (2010) que historiciza o corpo e o sexo, problematizando a dicotomia sexo versus gênero, nos diz que gênero é um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças fora do campo social.

Entretanto, indiferentes às questões teóricas formuladas a seu respeito, as *bichas* e os *bofes* começaram a ocupar cada vez mais espaços nas grandes cidades e, aos poucos, passaram a ser mais visíveis. Isso se deve às grandes mudanças por que passou o país, no final do século XX, no tocante ao desenvolvimento urbano, econômico e industrial, em específico.

Na década de 1950 e 1960 ocorreu no interior do Brasil, um amplo processo de migração para as metrópoles, geralmente, à procura de melhores condições de vida. O processo de modernização e a expansão industrial pela qual estavam passando cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza e Recife passou a ser uma boa oportunidade para os *enrustidos* das cidades do interior que buscavam o anonimato e, conseqüentemente, mais liberdade dessem vazão aos desejos. Esse público, mais tarde, ajudaria a criar algumas das subculturas homoeróticas urbanas. É importante mencionar ainda que, muitos que migraram para as grandes metrópoles do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, muitas vezes por não conseguirem um emprego que desse suporte para viver e vivenciar a vida nessas grandes metrópoles, por questão de sobrevivência, tornaram-se michês²⁹, (PERLONGHER, 1987).

Esse processo de migração, fez com que surgissem grupos que davam maior visibilidade às questões referentes à homossexualidade, incluindo a formação da primeira publicação assumidamente voltada para as “bonecas” no Brasil: *O Snob*, que surgiu no Rio de Janeiro dos anos 60. É importante mencionar que, além do conto publicado na revista *Rio Nu* ou matérias publicadas em revistas como *O Malho* (1911) ou *Manchete* (1957), na maioria das vezes, ligadas ao carnaval, os homossexuais já eram representados no cinema brasileiro. No final da década de 50, surge no Brasil, uma das mais expressivas formas de “pornografia à brasileira”, as pornochanchadas. Inspiradas em filmes italianos, que produziam um tipo de comédia pornográfica, essa foi a forma mais expressiva da representação do modelo de filme que se aproximava do gênero pornô no Brasil sob censura e que se fez presente nos cinemas até os últimos anos da década de 80. Quando apareciam nesses filmes, os personagens homossexuais geralmente surgiam como travestis e/ou de forma estereotipada ou pejorativa como pode ser visto em filmes como *O Donzelo* (Stefan Wohl, 1970), *Os machões* (Reginaldo Faria, 1972) ou *O roubo das calcinhas* (Braz Chediak, 1975).

²⁹ Michês são homens que trocam sexo por dinheiro, que são profissionais do sexo.

O surgimento do mercado de revistas eróticas e pornográficas no Brasil ganha corpo com a segmentação que ocorre no mercado desse tipo de mídia impressa, a partir da década de 1960, no qual o processo de produção deixa de ser algo massificado para ser de públicos específicos. Assim, no país que publicava revistas para um público não específico, como a *Cruzeiro*, *Realidade*, *Manchete* e *Veja* – periódicos que estavam mais preocupados em mostrar o Brasil que os brasileiros não conheciam -, passa a produzir magazines para o público feminino, a exemplo da *Cláudia* (1961) e *Nova* (1973), e para o público masculino, *Quatro Rodas*³⁰ (1960).

No final da década de 60, mesmo não sendo a pioneira no assunto³¹, a *Playboy*³² passava a ser publicada no Brasil pela Editora Abril. Com a lenta, mas gradual diminuição de situações opressivas que ocorriam durante a Ditadura Militar na década de 80, existiam, aproximadamente, 200 títulos de revistas eróticas ou pornográficas circulando pelo país, quase todas voltadas para o público heterossexual masculino. Mesmo com o surgimento de alguns periódicos voltados para o público gay entre as décadas de 60 e 70, poucos tiveram circulação nacional e quase nenhum deles tinha como foco o erotismo e/ou pornografia.

Não são apenas os chamados “espaços de sociabilidades”, a exemplo de saunas, bares e boates que “lucram” com o público gay. Ao longo das últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI muitos serviços exclusivamente voltados para esse segmento são oferecidos e isso ocorreu tanto pela questão das mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que vêm ocorrendo³³ quanto pela visibilidade que os homossexuais passaram a ter no final do século passado, principalmente com o processo de urbanização que o Brasil vivenciou a partir da década de 1950. Nesse período, de acordo com Green (2000), várias cidades do país já possuíam espaços de interação sociossexual, a exemplo de Salvador, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e São Paulo. Na “cidade maravilhosa”, por exemplo, no bairro de Copacabana, já existiam

³⁰Primeira revista de automóveis do mercado editorial brasileiro. A revista chegou para inovar o jornalismo, com o principal propósito de atingir o público masculino, falando sobre carros e turismo.

³¹Na época já circulavam no país as revistas *Status* e *Ele e Ela*.

³²Lançada originalmente nos Estados Unidos em 1953.

³³No tocante a questão da sexualidade, é importante lembrar do Movimento Feminista que, desde o final do século XIX vem buscando a garantia de direitos políticos – votar e ser eleita; direitos sociais e econômicos – trabalho remunerado, estudo, além do direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. O Movimento Feminista ganha maior visibilidade na década de 1960 e é neste momento que o movimento gay americano passa a dialogar com as feministas e com o movimento negro por terem como meta as mesmas propostas de contribuir para o fim do autoritarismo, a violência e as desigualdades.

alguns estabelecimentos de encontro para as *bonecas* e os *bofes*. A forma de transformar as ausências e os excessos em possibilidades nos remete a Certeau (2000), que nos faz perceber que o “homem ordinário” inventa o cotidiano com diferentes formas de “caça não autorizada” esquivando-se, de forma soturna do amoldamento, da conformação. Essa invenção do cotidiano acontece por conta das “artes de fazer”, das “astúcias sutis” e das “táticas de resistência” que vão transformando os objetos e os códigos, e constituindo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

Muitos homossexuais mais favorecidos economicamente moravam ou flanavam pelo bairro de Copacabana, excelente espaço para encontros sexuais e outros tipos de interações como o Café Alcazar, onde, durante o carnaval, os homens, trajando roupas femininas, desfilavam com fantasias e os banheiros acabavam servindo de local para o “sexo rápido”. Outros locais bastante frequentados eram a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, o Edifício Central, as praias de Botafogo e de Copacabana, além do Cinema Iris, local conhecido não apenas por ser um casarão de arquitetura do início do século XX que exibia filmes de arte marciais ou de caubóis e sim, por ser um dos locais de “pegação” mais famosos do Rio de Janeiro. Possivelmente, muitos estavam interessados mais no que ocorria nos banheiros do que com o que era exibido na tela. O público dos cinemas, saunas, bares não apenas consomem o lugar ao frequentá-lo, mas também *no* lugar ao assistir filmes, degustar bebidas ou cigarros, ao provar os corpos que se permitem consumir, seja através de uma simples conversa, “amassos”, toques, ou até mesmo para a prática sexual que pode acontecer ali mesmo.

Outros buscavam companhia bem como saciar os desejos carnavais vagando pela Cinelândia, onde podiam ser encontrados marinheiros, soldados e operários que, sempre visitavam algum dos abundantes cinemas da área, a exemplo do Cinema Passatempo para, além de saciar o desejo dos cinéfilos com noticiários cinematográficos, desenhos animados e curtas-metragens, também serviam de espaço para abrigar relacionamentos sexuais. Mas, não seriam apenas os espaços físicos que serviriam para a sociabilidade dos *entendidos* naquele momento. Os periódicos que surgem, também contribuiriam para criar laços, formar grupos e famílias alternativas em um período no qual esses homossexuais ainda escondiam a vida pessoal dos parentes, chegando até a morar em outras cidades no intuito de

“fugir” do controle da família. Esses veículos de comunicação que surgem em anos subsequentes, serão ainda, uma forma de contemplar a dinâmica social que o país passava, além de possibilitar a visibilidade aos gays.

Essas publicações, no período da ditadura militar brasileira, seriam vistas pela Divisão de Segurança e Informações (DSI) como uma forma orquestrada pelos comunistas para destruir as instituições políticas e sociais do Ocidente pois, para eles, a homossexualidade era uma patologia que ameaçava a segurança nacional e esses jornais “encorajavam” a homossexualidade fazendo com que aqueles que não tinham saído armário, derrubassem as portas e tornassem pública a identidade sexual.

É importante destacar que o movimento feminista tem grande importância no que se refere à promoção da visibilidade das minorias, porque a crítica das feministas desestabiliza as instituições que dependem da reprodução da desigualdade e da injustiça, além de censurar práticas que infligem violência contra as mulheres e as minorias de gênero e todas as minorias sujeitas ao poder coercitivo por se mostrar e falar como são, (BUTLER, 2014).

As primeiras publicações voltadas para os *entendidos* “saem do armário” e vão para as ruas no ano de 1963 com a criação do jornal *Snob* que tinha como slogan “um jornal informativo para gente entendida. Um jornal para gente do bem. Um jornal para você que é de bom gosto” e era editado pelo pernambucano Agildo Bezerra Guimarães³⁴. As edições do jornal eram datilografadas ou mimeografadas em papel ofício, publicava notícias sobre festas e concursos de *miss*, fofocas, propostas de protestos contra a repressão aos homossexuais que eram presos no centro da cidade do Rio de Janeiro por fazerem “baderna”, além de informações sobre locais para encontro sexuais, sendo distribuído gratuitamente, conforme relembra Agildo Guimarães,

Nós distribuíamos nos pontos, que eram a Bolsa de Valores em Copacabana, na cidade tinha o edifício Avenida Central que as bichas se reuniam ali. Onde havia reunião se distribuía e a algumas pessoas a gente cobrava para poder continuar. Outros como a gente queria divulgar, a gente dava porque havia necessidade disso. (FIGARI, 2007, p.381).

³⁴Participou do coletivo Turma OK, o primeiro grupo de militância gay do Brasil

Criado como forma de protesto pela escolha de um júri de *bofes* para avaliar as roupas das *bonecas* que representaram cada região do país, Agildo Guimarães cria esse periódico que circulou no Rio e, mesmo em uma época de intensas manifestações políticas, foi publicado no período de julho de 1963 a junho de 1969. Considerado o primeiro periódico voltado para tal grupo, o *Snob* contribuiu para que outros jornais fossem criados em diferentes cidades do país³⁵.

O tom cômico e o sarcasmo eram características dos textos publicados pelos produtores do jornal e na edição de número 12, o periódico trazia “Os dez mandamentos da Bicha” que, para este trabalho, nos chama atenção o nono mandamento. Vejamos os preceitos:

- 1 – Amar todos os homens.
- 2 – Nunca ficar com um só.
- 3 – Beijar todos os bofes.
- 4 – Evitar falar no futuro.
- 5 – Quanto mais intimidade na cama melhor.
- 6 – Fingir sempre que ama um só.
- 7 – Nunca esquecer os bofes casados.
- 8 – Evitar falar em dinheiro.
- 9 – Não querer as mariconas.
- 10 – Casar só por uma hora.

Neste “catecismo” sarcástico veiculado pelo periódico, percebemos certo *modus operandi* para os homossexuais que questionava as normas de uma sociedade conservadora e monogâmica, além de vivenciar o máximo hedonismo, sem muita preocupação com o futuro, tampouco com a fidelidade. Era ‘pecado’ sair, desejar, ter umas transas com as “mariconas” - os homossexuais mais velhos. Ali, já se percebia o preconceito, dentro do próprio meio homossexual, com aqueles mais velhos. O nono mandamento não nega a existência dos *entendidos* velhos, mas instrui a não se relacionar com eles. Enquanto o *Snob* tentava ensinar os mandamentos às *bichas*, existiam reportagens em revistas informativas e de circulação nacional como *Realidade*, *Veja*, e *Istoé*, falando sobre a prática homossexual. Em 1968, por exemplo, a revista *Realidade*³⁶, edição 26, trouxe uma reportagem produzida por José Hamilton Ribeiro, intitulada “Homossexualismo” que narrava a experiência do jornalista no “mundo sombrio, triste e desumano dos homens que negam a condição de homem”.

³⁵Ver GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.

³⁶Revista da Editora Abril e que esteve em circulação no Brasil entre os anos de 1966 a 1968.

Com o peculiar jornalismo literário característico da revista, Hamilton relata as impressões de um bar frequentado por *entendidos* e, além de falar sobre o colorido do bar, tenta classificar os “estranhos” usuários daquele estabelecimento. “Os frequentadores vêm em ondas, leves ao andar, espalhafatosos no vestir, dos pés à cabeça e, normalmente, o cabelo é bem grande. Esta gente são os homossexuais e êstes é um de seus pontos de encontro” (p.113). Neste local “estranho”, cheio de gente “esquisita” dos pés à cabeça, Ribeiro diz existir também os michês, também conhecidos como “gato prêto”, e que estão ali apenas para conseguir clientes que pagam pelos serviços com dinheiro ou roupas ou um par de sapatos. Além desses dois tipos, classificados pelo jornalista, há ainda aqueles que chegam naquele ambiente no final da tarde e causam asco.

Nesta hora, de tardezinha, a maioria dos poucos frequentadores que estão aqui no bar são jovens mal vestidos que parecem mais velhos do que realmente são, e alguns ‘velhos’. Êstes – um outro tipo de gente que circula nesses ambientes – são maníacos sexuais que gostam de garotos. E pagam na mesma moeda que os ‘profissionais’ se vendem: com dinheiro ou com presentes. (p. 113)

Ribeiro demonstra na reportagem, após apresentar alguns depoimentos de homossexuais sobre a homossexualidade a qual eles não veem como uma doença, que aqueles possuem uma “personalidade psicopática”, sendo uma doença possível de cura através de tratamento psicológico. Mas o que causa mais inquietação ao jornalista é ver homossexuais mais velhos sentindo desejos e desejando “garotos”, como algo que não fosse mais possível por conta da idade. Esse assunto será retomado mais adiante, quando será analisado como se pensava a velhice na década de 1960.

Como mostra Fry (1983), ao mesmo tempo em que os movimentos gays surgiram com o objetivo de repensar a “identidade homossexual” e ajudar no combate ao preconceito social, a homossexualidade se tornou mais visível.

O surgimento de *O Snob* foi bastante importante para o nascimento de uma mídia voltada para público homossexual, pois foi a partir dele que outros jornais, durante os anos 60 e 70, passaram a ser produzidos não apenas no Rio de Janeiro, mas em várias regiões do país, dentre eles *O centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Lê Sophistique* e *Entender* (GREEN, 2006, p. 156). A grande maioria composta por “jornaizinhos” artesanais, alguns feitos a mão e com tiragem de uma única edição,

eram distribuídos de mão em mão e os autores geralmente se escondiam sob pseudônimos. A existência de publicações desse tipo possibilitou, em 1967, a fundação, no Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Imprensa Gay, que teve como diretores Agildo Guimarães e Anuar Farah. Todavia, esta Associação durou até 1968 e encerrou as atividades devido à atmosfera política do governo Médici.

A publicação informal *O Snob* os seus imitadores pararam de circular porque seus editores temiam ser confundidos com grupos clandestinos de esquerda que estavam sendo brutalmente reprimidos naquele momento. A censura moralista do governo militar limitava referências à homossexualidade na imprensa (GREEN, 2000, p. 281).

A publicação que surgiu como uma forma de protesto por brincadeira teve 99 edições e uma edição retrospectiva. O jornal tinha entre trinta a quarenta páginas e trazia ilustrações, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com travestis famosos na época. O *Snob* era distribuído em Copacabana e na Cinelândia na maioria das vezes, de forma gratuita. Por conta da repressão, cada vez mais forte, no período da ditadura, os produtores do jornal passaram a ter medo de entregá-lo e serem confundidos com as organizações revolucionárias clandestinas que haviam adotado a tática da luta armada contra o sistema. Esse medo contribuiu para que o projeto do *Snob* fosse abortado deixando aqueles que tinham “bom gosto” órfãos por um tempo. Mas esse medo não atingiria a todos.

A efervescência política e cultural dos anos 60 e 70 foi o cenário que fez surgir, em 1978 em São Paulo, o Núcleo de Ação pelos direitos Homossexuais que, após algumas discussões internas entre os participantes do próprio grupo, passou a se chamar SOMOS³⁷ – Grupo de Afirmação Homossexual que iria, segundo Fry e MacRae (1983), impulsionar a criação de grupos similares no Brasil³⁸, a exemplo do Eros, Libertos e o Grupo Gay da Bahia. No ano seguinte, mais precisamente no dia 06 de fevereiro, alguns integrantes do SOMOS participaram de um debate sobre

³⁷O nome escolhido foi uma homenagem ao jornal argentino Somos, que circulou em Buenos Aires entre 1971 a 1976 e encerrou as atividades por conta da ditadura militar. Foi o primeiro coletivo organizado no país, criado em 1978 em São Paulo, que buscava inserção dos homossexuais na sociedade e em defesa dos direitos da comunidade LGBT. O grupo SOMOS encerrou as atividades no ano de 1983.

³⁸Dos quatro grupos criados, atualmente, o Grupo Gay da Bahia, coordenado pelo antropólogo Luiz Mott é o mais antigo do Brasil. Dentre as conquistas do GGB está o reconhecimento jurídico do grupo e, através de campanha, conseguiu, em 1985, que o Conselho Nacional de Saúde retirasse a homossexualidade da categoria de doenças tratáveis.

minorias promovido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Para Fry e MacRae (ibid, p. 12) o debate “marcou mais uma vez a crescente importância do movimento homossexual como interlocutor legítimo na discussão de grandes assuntos nacionais”.

Além da questão da visibilidade da homossexualidade, o grupo também se preocupava com a dizibilidade, sendo uma das propostas o esvaziamento dos sentidos pejorativos das palavras “bicha” e “lésbica”. Outra proposta trazida pelos mesmos era desvincular a imagem de casais de homens ou de mulheres da imagem dos casais heterossexuais, no qual o homem representa o ativo e que a mulher aja sexualmente passiva na relação e, conseqüentemente, estava sendo questionado aqui os estereótipos da *bicha* (efeminado) e do *bofe* (masculinizado).

Enquanto isso, mais precisamente no início da década de 70, saunas e boates surgiram como polos de concentração e de encontros homoeróticos, permanecendo relativamente livres da atenção do regime militar que, por sua vez, estava demasiadamente ocupado em controlar as produções artísticas e os meios de comunicação, para se preocupar com saunas e as pistas de dança.

Um dos grupos teatrais que sofreu com a censura imposta pela ditadura foi o Dzi Croquetes, formado por Lennie Dale, Wagner Ribeiro, Roberto de Rodrigues, Cláudio Gaya, Reginaldo e Rogério di Poly, Bayard Tonelli, Paulo Bacellar, Ciro Barcelos, Cláudio Tovar, Benedicto Lacerda, Carlinhos Machado e Eloy Simões. Eram rapazes entre 18 e 40 anos que, nos palcos, vestidos com roupas femininas e com um visual bastante transgressor, personificavam uma família bastante excêntrica que traziam a público situações do cotidiano de amores e frustrações. Criado em 1972, no Rio de Janeiro, tendo com influência os americanos “The Cocketts” e o movimento *gay* que atuava na off-Broadway, questionava a homogeneidade masculina padrão e a prática sexual apenas para a reprodução. Com o seu espetáculo “Gente computada igual a você”, o Dzi Croquettes ajudava a flexibilizar os corpos dóceis tão vigiados e punidos pelo sistema ditatorial.

O efeito do espetáculo para o público tiete era provocador, pois o grupo era transgressor, não só por usar uma forte maquiagem, cílios longos e postiços, e roupas femininas em corpos masculinos e peludos, mas por estar questionando as identidades, “fundindo a cuca” de quem assistia à peça, pois os personagens diziam

que não eram homens nem mulheres, eram gente. Desta feita, a dicotomia homem/mulher era totalmente contestada.

No ano de 1973, o Dzi Croquettes é censurado, sendo liberado trinta dias depois por ausência de argumentos que pudessem cancelar o espetáculo, mas uma ressalva fora feita, para continuar sendo exibido, os atores teriam que encobrir o corpo. Algum tempo depois, os Croquetes decidiram ir embora do Brasil, foram para a Europa e, após uma sessão especial feita para a cantora e atriz Liza Minelli, o grupo ganha reconhecimento internacional, se apresentando, inclusive, no teatro Bobino, em Paris.

O grupo Dzi Croquettes encerra as atividades em 1976, mesmo ano em que antigos colaboradores de *O Snob* fundaram o *Gente Gay*, considerado “a primeira de uma onda de novas publicações que marcaram o início de um movimento politizado de gays e lésbicas no país” (MACRAE, 2000, p. 314), além de fofocas e notícias internas, trazia informações sobre o movimento gay internacional. Com apenas duas edições, cada uma com mil exemplares, os produtores do jornal não conseguiram pagar as despesas adquiridas na produção do periódico, tendo que encerrar o projeto. Ainda em 1976, Celso Cury inaugurava no jornal *Última Hora* a *Coluna do Meio*, primeira coluna jornalística para tratar de temas ligados à homossexualidade, que foi publicada pelo periódico até novembro de 1977. A coluna causou grande alvoroço entre os jornalistas e o meio social, sendo Cury processado por atentado aos bons costumes. O superintendente do Departamento Regional de São Paulo da Polícia Federal acusava a coluna de promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente³⁹. Dentre as publicações que caracterizaram a chamada imprensa alternativa, da qual o jornal carioca *Pasquim* criado em 1969, foi o representante pioneiro, surgiu, em 1978, o *Lampião da Esquina*, produzido por jornalistas, artistas e intelectuais, que se lançou como questionador da moral vigente. Neste mesmo ano, no dia 18 de junho, o *Jornal do Brasil* publicava um caderno especial com dez páginas reunindo os 270 despachos que os jornais receberam durante o período da censura. Em uma reportagem especial intitulada *Os documentos da censura* na qual, o então editor de política do periódico, Élio Gaspari, refletia sobre assuntos que haviam chamado a atenção dos censores, principalmente as atividades dos denominados

³⁹ *Lampião da Esquina*. Nº 0, p. 06, 1978.

grupos subversivos, no qual estavam incluídos os estudantes, sindicatos e os comunistas que exaltavam a imoralidade do homossexualismo.

No Brasil, de acordo com Gaspari (1978), a ação da censura à imprensa divide-se em quatro momentos, sendo o primeiro de 31 de dezembro de 1968, quando é editado o Ato Institucional 5, a 12 de setembro de 1972 e as redações recebem a primeira ordem escrita. Durante esse período, vigorava de forma tácita algumas restrições possibilitadas pela instalação, nas redações jornalísticas, de equipes de censores que liam os textos publicados pelos jornais; o segundo período vai até 18 de junho de 1973 quando uma pequena nota libera o jornal da cobertura da sucessão presidencial assumindo o poder Ernesto Geisel. O penúltimo período começa quando é empossado o novo presidente, em 15 de março de 1974, e dura até 8 de outubro de 1975, quando as redações dos jornais recebem uma nota proibindo que sejam publicadas notícias referentes ao movimento estudantil e as manifestações promovidas por eles. O último período da ação da censura sob a imprensa ocorre em 8 de junho de 1978, quando o coronel Rubem Ludwing informa que os censores haviam abandonado as três últimas redações dos jornais pondo fim, em tese, as restrições à liberdade de imprensa. Mesmo com todas as distinções, esses três momentos terão como semelhança a base ideológica que estava ligada às informações, cuja verdade era apenas a daqueles que estavam no poder.

Na ação direta da censura para com a imprensa, dentre outras proibições do que deveria ser publicado, estava a que proibia

notícias sensacionalistas, que prejudiquem a imagem do Brasil, e tendentes a desnaturar as vitórias conquistadas pelo Brasil. [...] um país com um regime do qual não se desgosta, onde não há dissidentes, onde vige uma política habitacional equânime e um mercado de capitais onde as fortunas se multiplicam, sem homossexuais, sem comunistas e com algumas pequenas questões que só são exaltadas por aqueles que agem contra a ordem⁴⁰. (p.01)

Segundo Green (2014), as autoridades políticas da Ditadura Militar no Brasil percebiam a homossexualidade como uma manifestação de subversão. Logo, os homossexuais se tornam inimigos do Estado, ameaça para a sociedade e para a segurança nacional, além do mais estavam associados aos movimentos feministas e

⁴⁰memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=2623&Pesq=homossexualidade

dos negros, sendo uma espécie de triunfo da subversão comunista. Entretanto, não se pode afirmar que a ditadura militar perseguia a homossexualidade, nem por causa dela o indivíduo seria preso, torturado ou morto. É importante chamar atenção para como as forças da repressão viam na homossexualidade um componente de complô bem mais amplo, tendo como inspiração o Comunismo. Foi durante esse período que os “subversivos” foram gozando e criando meios para falar aos iguais, que sentiam e desejavam da mesma forma que eles. Era preciso iluminar, dar visibilidade às *bichas* e aos *bofes*, fazê-los perceber que não precisavam viver escondidos, só e somente no escuro dos cinemas ou nos banheiros fazendo pegação. Ser “guei” era mais do que isso e era necessário quebrar as portas do armário e usar um *Lampião* para iluminar esses que “atentavam contra a família e a moral⁴¹”. Então um grupo de intelectuais assumidamente gays, inconformados diante de tanta repressão e conservadorismo existente no país pensaram um jornal para discorrer não apenas sobre sexualidade, mas também lutar contra o preconceito e a repressão recrudescidos durante o regime militar.

O projeto do *Lampião* começa a ser pensado após a visita do editor da publicação americana de São Francisco *Gay Sunshine*, Winston Leyland, que esteve no Brasil em busca de escritores homossexuais para uma antologia de literatura gay latino-americano. A visita do editor foi coordenada pelo advogado João Antônio Mascarenhas e que ficou responsável por marcar entrevistas com a imprensa e encontro com escritores. A vinda de Leyland ao Brasil foi noticiada por revistas como *Veja* e *Istoé*, e pelos jornais *Pasquim*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, dentre outros. A vinda do editor do jornal americano resultou na publicação dos livros *Now the Volcano* e *My deep dark pain is love* (HOWES, 2003).

Depois da estada de Leyland no Brasil, os jornalistas Aguinaldo Silva⁴², Adão Costa, Antônio Chysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata⁴³, João Antônio Mascarenhas, o cineasta Jean-Claude Bernadet, o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt, o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry se

⁴¹ No ano de 1977 o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Aloísio Lorscheider faz uma crítica ao que ele denominou de processo gradual de permissividade no Brasil que, de acordo com ele, teria tido início “com o divórcio, agora foi a vez da pílula, amanhã será o aborto e, depois, o homossexualismo. Aí, será o fim.” “INPS também fará controle familiar” - Estado de São Paulo, 29 de julho de 1977, p.14. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770729-31399-nac-0014-999-14-not>

⁴² Lança em 1975 o livro *Primeira carta aos andróginos*.

⁴³ Em 1976 edita *Histórias do amor maldito*.

reuniram na casa do pintor Darcy Penteado para pensar a ideia do periódico, sendo estes os que formaram o conselho editorial da publicação.

O *Lampião* é idealizado em 1977 e “aceso” no ano seguinte, no período da abertura política e do enfraquecimento do regime militar instalado no Brasil em 1964. Em abril de 1978, ano em que saiu o número zero do jornal, os movimentos estudantis e operários, base das Diretas Já, ocorridas no ano de 1983, estavam começando a se organizar. Foi também o período no qual a vistoria prévia ocorrida nos grandes jornais começava a ser suspensa. Entretanto, isso não significava o fim do controle e da perseguição política, como veremos mais adiante.

Periódico de circulação mensal e nacional⁴⁴, o *Lampião* tinha o formato tabloide, contendo 20 páginas ilustradas com desenhos, caricaturas e fotografias. Com tiragem inicial de 10 mil exemplares em pouco tempo, passou a ter 15 mil exemplares vendidos. Começou a ser vendido por Cr\$ 15,00⁴⁵ cruzeiros e depois por Cr\$ 25,00⁴⁶ cruzeiros; possuía editorias fixas a exemplo do “Cartas na Mesa” que publicava e respondia as missivas dos leitores, seção de artigos e notas variadas chamadas “Esquina”; as matérias de capa eram publicadas em “Reportagem”, “Literatura”, “Ensaio”. Nelas, um convidado opinava sobre um tema relacionado à linha editorial do jornal; a seção “Troca troca” trazia cartas de leitores que buscavam relacionamentos afetivos e/ou sexuais e, a partir da quinta edição, surge a seção “Bixórdia⁴⁷” que trazia, de forma bastante irônica, fofocas do cotidiano de leitores do *Lampião*. Havia ainda “Opinião” espécie de editorial e “Tendência” que era uma seção cultural que se dividia em “Livro”, “Exposições” e “Peça”.

Na sua primeira fase, o jornal buscava dar visibilidade ao homossexual, tirá-lo da clandestinidade, do gueto e reelaborar a imagem construída destes. Então, em um período onde a violência física e moral para com os homossexuais aumentava a cada dia, e muitos casos serão noticiados pelo próprio *Lampião da Esquina*, era um grande

⁴⁴ Ao observamos a seção de cartas, por exemplo, podemos perceber que o jornal circulava pelos grandes centros urbanos e cidades do interior do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, além de Ceará Mirim (Rio Grande do Norte), Teresina (Piauí), Campina Grande (Paraíba), dentre outras cidades.

⁴⁵ Convertendo o valor para a atual moeda corrente no país, equivale a R\$ 0,55 centavos.

⁴⁶ Equivalente a R\$ 0,91 centavos.

⁴⁷Bixórdia, s.f. em machês, palavra originária de bicha, s.i (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. (LAMPPIÃO, Ed. 05, 1978, p.12).

desafio se assumir, ser aceito e buscar a garantia dos direitos sociais conforme é garantido pela Constituição Federal.

Os primeiros leitores que tiveram acesso à edição zero receberam o jornal em casa via mala direta que foi organizada pelos editores do periódico e por uma rede de amigos. O *Lampião* vinha dentro de um envelope pardo, para não comprometer quem estava recebendo. Ao abrir o envelope o leitor se deparava com o jornal que trazia na capa duas grandes chamadas “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?” e “Homo eroticus – um ensaio de Darcy Ribeiro”. Mesmo existindo certa dificuldade na forma de distribuição, a publicação se beneficiava de algumas estratégias, como o famoso “boca a boca”, em que um leitor o indicava para outro; a circulação do periódico também acontecia nos “guetos” gays como saunas e boates. Mas a existência desse e de outros periódicos só fora possível, como nos lembram Albuquerque e Ceballos (2002, p. 308),

além das mudanças de que fala a grande imprensa, esse ano é marcado, também, pelo surgimento da chamada imprensa “nanica” ou alternativa, ainda muito ligada aos grupos de esquerda, que estavam saindo da clandestinidade a que o regime os havia submetido. É um momento, portanto, em que no campo da mídia, notadamente da mídia impressa, novas temáticas estão emergindo, novos sujeitos sociais começam a ser construídos, em que o que antes parecia inexistir ganha visibilidade.

Simões e Facchini (2009) corroboram com o que foi apresentado acima pois para eles, nesse momento singular da segunda metade dos anos 70, se assiste uma “explosão discursiva” sobre a homossexualidade. Esse momento do “desbunde” que há no país propiciou um maior abrandamento sócio moral acerca das relações de gênero e sexual o que culminará com a disseminação da noção moderna de homossexual (FRY, 1982).

No primeiro editorial, já era possível perceber a ênfase no propósito de criação de um jornal voltado para homossexuais como forma de negar o gueto, de dar voz a uma minoria discriminada e de derrubar estereótipos associados à homossexualidade.

Saindo do gueto

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia; uma investigação das alternativas

propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando - ao "assumir" - a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa proposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema - do qual se tornam apenas "bobos da corte" -, declaram-se por ledor engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (LAMPIÃO, 1978, p. 02).

Tanto quanto narrar a situação social e política de um grupo em determinada época, um jornal ou revista, por exemplo, voltados para determinado público, seleciona os temas e assuntos que orientam e de certa forma fundamentam a constituição e o fortalecimento de identidades dos grupos aos quais se destinam.

Os editores do periódico utilizaram várias denominações para designar o comportamento homossexual e mudam a grafia da palavra *gay* para *guei* objetivando a abrigar um termo que passara a ser utilizado nos EUA para denominar homossexuais masculinos e femininos. A proposta era contribuir na formação desse grupo em nível nacional. Os jornais que o precederam eram produzidos por e para um grupo de amigos e o *Lampião* contribuiu para que uma parcela da sociedade pudesse expressar seus modos de ser, seus pensamentos. Ele inaugura um espaço de discussão e não mais de conformismo.

João Silvério Trevisan, um dos criadores do jornal relata o quanto foi difícil fazer com que o periódico tivesse uma circulação nacional: “muitas bancas não queriam vender, nós não conseguimos uma distribuidora nacional, eles se recusavam. Então, em cada região havia uma distribuidora” (TREVISAN apud PÉRET, 2012, p. 51). Embora trouxesse em suas páginas o discurso para que os *gueis* saíssem do armário e assumissem a identidade homossexual para que pudessem conseguir um lugar no panorama político brasileiro, os editores do jornal não levavam em consideração que, o próprio ato de ir a uma banca ou livraria comprar o *Lampião da Esquina* já era uma forma de se assumir.

Muitos dos idealizadores do jornal eram os mesmos que participariam do SOMOS, o que permitiu que se estabelecesse uma forte identificação entre *Lampião da Esquina* e esse grupo. Apesar de servir como forma de comunicação entre os grupos, o tabloide se dizia autônomo, em relação ao movimento e seus encarregados objetivavam atingir não só os homossexuais, mas todas as pessoas interessadas em discutir a sexualidade. Além disso, pretendia discutir questões referentes a outros grupos minoritários discriminados, como as mulheres, os negros e os índios, como é possível observar na editoria “Nossas gaiolas comuns” publicado na edição 01 de 1978.

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – tem nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também os sujeitos variam ao longo desse processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto, sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um reconhecimento tentando afirmar-se como sujeitos de sua própria história” (LAMPIÃO, 1978, p. 02).

É interessante perceber neste fragmento do editorial, publicado em *Lampião*, o quanto era urgente se dizer, pensar, narrar outras formas sobre as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais e o quanto a mesma linguagem que era utilizada, ou não, pelos outros para diferenciar, denegrir, coisificar essas pessoas pode ser utilizada para construir ou buscar reelaborar esses personagens.

Foucault já nos alertava da impossibilidade de se pensar qualquer coisa em qualquer época e nas fronteiras do discurso do momento. Entretanto, qualquer discurso, bem como o seu dispositivo institucional e social, só se mantém enquanto a conjuntura histórica não o substituem por um outro discurso. Não podemos, todavia, perceber o discurso como uma ideologia ou uma infraestrutura. Tendo como base o pensamento foucaultiano, os discursos são as lentes pelas quais, em cada época, percebemos as coisas, pensamos e agimos. “Longe de serem ideologias mentirosas, os discursos cartografam o que as pessoas fazem e pensam, sem o saber” (VEYNE, 2011, p. 51). O discurso não é uma instância distinta que vai determinar a evolução histórica, o que devemos é pensar cada fato histórico como algo singular e o discurso como a forma que possui essa singularidade, pois todo discurso é poder, independente de qual instância esteja vindo.

A imprensa, por exemplo, é um espaço bastante evidente de produção, circulação e recepção de discursos sejam estes visuais ou verbais. Mais ainda, a imprensa especializada, voltada para um público específico, é um modo de circulação por meio do qual certo grupo se constitui e se reconhece como uma comunidade discursiva. Não só no Brasil, mas em todo o mundo temos revistas voltadas para negros, homossexuais, mulheres, roqueiros, pesquisadores, etc.; ao definir diversas práticas discursivas, a imprensa proclama e dita normas de ser, de dizer e, portanto, de se apresentar no mundo e de pertencer a uma comunidade que partilha de interesses comuns, muitas vezes indo de encontro a um sistema que tenta calar tais grupos.

Mesmo havendo valores socioculturais contrários à homossexualidade, havia certa “tolerância” de alguns setores com relação às práticas homossexuais, desde que estas ocorressem nos espaços sociais demarcados, tais quais em locais fechados como bares e danceterias, no carnaval e em algumas profissões “delicadas” ou “criativas”, como por exemplo, costureiro, cabeleireiro e cozinheiro.

Não apenas o Estado percebia os homossexuais como seres perigosos e desvirtuadores dos bons costumes sociais, mas muitos cidadãos que enviavam cartas ao Ministério da Justiça – Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) – denunciando programas de televisão, novelas, músicas, apresentadores, filmes, jornais e revistas que, de acordo com os missivistas, estavam vilipendiando e destruindo a dignidade da família brasileira.

Em 06 de julho de 1976, a cidadã Thelma Lúcia Vasconcelos Moraes envia uma missiva ao Chefe do Serviço de Diversões Públicas, Wilson de Queiroz Garcia denunciando as revistas *Status*, *Ele & Ela*, e outras por estarem à mostra, nas bancas de revistas e por exibir imagens de mulheres nuas

não havendo necessidade suas exposições (...). A cada uma que sai as fotografias aumentam, e as poses, não sei até que ponto chegarão. Apelo a V.Sa, que se interesse pelo assunto abordado, que pode parecer sem grande importância, porém é muito desagradável, deprimente e abominável⁴⁸.

No dia 21 do mesmo mês, o diretor da DCDP, Rogério Nunes, responde a carta informando que medidas serão tomadas para coibir os abusos cometidos pelos responsáveis por tais publicações.

Filmes como *Dona Flor e seus dois maridos* e *A dama do loteação*, novelas como *Despedida de casado*, e os apresentadores Clodovil Hernandez e Flávio Cavalcanti, por exemplo, apenas para não criar uma lista imensa, foram alvos de denúncias feitas pelos que prezavam pela “boa moral”.

No final da década de 1970, foi instaurado um inquérito policial contra o jornal *Lampião* e os editores foram acusados de infringir a Lei de Imprensa, contrariando os bons costumes e a moral dos cidadãos. Devemos lembrar que nesse período ainda estava em vigor o Ato Institucional Nº 5, considerado um dos mais castradores no tocante à liberdade de expressão, fosse essa de qual tipo fosse.

De acordo com Green (2000), em 1978 vários intelectuais, pessoas conhecidas do meio artístico e cultural, o Sindicato dos Jornalistas e a Associação Brasileira de Imprensa denunciaram a investida do governo por querer investigar o *Lampião* por ofensa à “moralidade pública”. Integrantes do SOMOS formaram uma comissão em defesa do periódico e fizeram circular uma petição contra a ação do governo. Essas ações contribuíram para que os militares retirassem as acusações contra os editores do jornal que encerraria as atividades em 1981, com a edição de número 37.

O *Lampião* se apaga não por “infringir a Lei de Imprensa” e provocar a tradicional família brasileira, mas por conflito de ideias dos que faziam o periódico, além de questões administrativas – no que se refere à questão da publicidade e

⁴⁸ Fundo “Divisão de Censura de Diversões Públicas”, Arquivo Nacional, Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal, série “Correspondência Oficial”, subsérie “Manifestações da Sociedade Civil”, Caixa 2.

distribuição do jornal - e à tentativa de fazer um jornal de cunho mais pornográfico e menos informativo, como estava sendo até então. Buscando ser mais “liberal” ou talvez mais comercial, o jornal passa a publicar ensaios fotográficos de homens jovens e nus. Na sétima e nona edições, publicadas, respectivamente, em dezembro de 1978 e fevereiro de 1979 encontramos várias fotos de homens na praia, onde aparecem jovens de corpos torneados e algumas fotos dão ênfase às nádegas dos rapazes.

Ensaio de nu masculino também são encontrados na seção *Bofarada*⁴⁹ como poderá ser visto na edição 22, na qual quatro “meninos do *Lampião*” aparecem pelados, mas sem mostrar a genitália. O nu frontal apareceria na edição 27, também na *Bofarada* que apresenta o nu frontal dos atores Antônio Machio e Danton Jardim e do cantor Ney Matogrosso, ocorrendo o mesmo no número 36, do jornal, que traz oito imagens de homens nus, alguns mostrando a genitália e na última edição do periódico que apresenta um jovem rapaz chamado Edson, nu e com o falo à mostra na seção *Colírio*; a linguagem das matérias se torna mais apelativa e há anúncios, quase implorando, por novos leitores: “*Não fique ai sentado esperando a Revolução. Tenha um orgasmo agora!!! Leia e assine o Lampião.*” Tudo isso era um reflexo do fim da sintonia entre os produtores do jornal, mais especificamente entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan. Antônio Carlo Moreira, jornalista que também produzia matérias para o *Lampião*, em entrevista a Rodrigues (2005), fala um pouco sobre o clima que passou a existir dentro do periódico. “Ele [Aguinaldo] acabava dando o tom do jornal. No início tinha Foucault, tinha Guy Hocquenghen, tinha um monte de gente, mas até um determinado momento do jornal. Depois isto desaparece, some”.

Buscando preservar o diálogo criado com os leitores, o periódico trabalhava com o imaginário dos que tinham acesso à publicação, mas com as mudanças que acabavam ocorrendo na linha editorial do jornal, os leitores também mudavam, alguns deixam de consumir e outros passam a comprar o *Lampião*. A proposta de trazer ensaios de nu masculino foi uma tentativa de chamar a atenção e atrair os leitores para que comprassem não só o jornal, mas também os livros publicados pela editora, pois apenas a venda dos jornais em banca não estava dando para pagar as contas⁵⁰, “o jornal está triste” afirmava Aguinaldo. Provavelmente o conselho editorial do periódico não percebeu que o leitor do surgimento do jornal, possivelmente, não era

⁴⁹ Alusão a palavra bofe que, ao contrário de ser uma carne de má qualidade, na gíria gay se refere a um homem homossexual que chama atenção por ser bonito.

⁵⁰ *Lampião da Esquina*, nº 25, p. 10

mais o mesmo daqueles últimos momentos e, de forma repentina, uma leve brisa acabava de minar o resto do gás que havia no *Lampião* e ele se apaga. Na reunião de pauta para a 38ª edição, Aguinaldo Silva diz que não vão mais fazer o jornal. Ele estava encerrado. Em julho de 1981 era publicada então, a última edição do periódico que, apesar de todas as dificuldades, teve importância na construção das identidades gays e iluminou os caminhos para que outras publicações voltadas para o público gay pudessem existir.

Aguinaldo Silva, editor-chefe do periódico, em matéria publicada na revista que analisaremos no próximo capítulo, a *Sui Generis*, afirmou que, o *Lampião* só deu prejuízo. “Ele só chegou ao número 38 porque eu, já na Rede Globo, e o Darcy Penteado, de vez em quando, pagávamos as suas dívidas. O *Lampião* fez história, sim... mas apenas entre os seus donos e os poucos leitores” (SUI GENERIS, 1999, p.51)

Apresentando figuras que antes eram mostradas como personagens cômicas do carnaval ou “aberrações”, seres “anormais” e “doentes” como eram entendidos os homossexuais, o *Lampião* dá nova visibilidade e, por que não, dizibilidade à homossexualidade que, para alguns editores deste periódico, deveria ser assumida e vivenciada sem vergonha. Essa outra forma de mostrar e dizer a homossexualidade pode ser vista em matérias, cartas dos próprios leitores do jornal, entrevistas e artigos. Para homossexuais o melhor lugar era fora do armário e não nos guetos. Mas como essa publicação dizia e mostrava a velhice?

2.4 Velhices, os discursos e o *Lampião*

A construção da velhice como etapa da vida marcada pela decadência física e pela perda de lugares sociais é forjada no final do século XIX com a proposta de ordenar, classificar e separar as populações, como nos mostra Foucault (1995). O processo de periodização da vida implica em um investimento simbólico em um processo biológico universal.

As classificações do mundo social nos remetem à perspectiva antropológica, isto é, aos estigmas físicos e às propriedades biológicas – gênero e idade – servem de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social e, quase sempre, a elaboração desses critérios está associada à emergência de instituições e de agentes especializados que, com seus saberes, encontram nessas definições o fundamento

de suas atividades. Essas classificações não são de origem “natural”, mas elaboradas por um trabalho social de produção de populações em que operam diferentes instituições, segundo critérios juridicamente constituídos, sendo os sistemas escolares, médicos e os de proteção social os meios comuns e os mais estudados. Todo esse processo será nominado por Foucault (1999) como o surgimento da biopolítica que tem como lógica principal a promoção da vida das pessoas. Dessa forma, busca-se garantir a eficiência do capitalismo criando várias disciplinas para o adestramento dos corpos dos indivíduos e multiplicando os mecanismos de incitação para uma vida sempre produtiva.

Assim, para Foucault (ibid), a biopolítica terá uma grande importância para o capitalismo pois, se de um lado possibilita uma organização de diversos tipos de investigações que puderam fazer perceber que a dinâmica social poderia ser compreendida mediante as práticas do saber/poder que sobreviviam pelo corpo por outro, a biopolítica vai possibilitar a construção da politização do pensamento, sendo um investimento sobre o corpo e a vida a dinâmica do capitalismo.

Assim, a noção de idade que será expressa em números e anos é, também, uma prática social determinada que põe em conflito as diferentes gerações. A construção das classes etárias, de acordo com Katz (1996) está relacionada com o “curso de vida moderno”. A ideia de “curso de vida” se refere à forma como a sociedade vai dar significados sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, admitindo a constituição social de personalidades e trajetórias de vida, tendo como base uma sequência de transições demarcadas socialmente e diferenciadas pela idade.

O predicado “idade cronológica” no decorrer da história vai ganhando a mesma, e às vezes, mais importância que outros atributos, até então, considerados tradicionais, a exemplo de parentesco, posição social ou lugar de origem. Podemos localizar a institucionalização da idade ao longo do curso de vida através dos rituais, da idade de iniciar a vida escolar, ingressar no serviço militar, começar a trabalhar, casar, sendo a aposentadoria o final dessa jornada. A institucionalização do curso de vida nos acompanhará do nascimento até à morte, envolvendo desde o mundo familiar até a organização das políticas públicas (DEBERT, 1998), sendo esta uma maneira de ordenação social da existência individual. Mesmo essas idades variando de

sociedade para sociedade, de época para época, é a referência que serve como orientação para pautar a vida individual.

Ao discorrer sobre velhice e envelhecimento, não podemos apenas levar em consideração a idade cronológica – visto que velhice bem como a infância, são construções históricas e sociais. Torna-se importante atentarmos ainda para as questões sociais, econômicas, e históricas no intuito de compreender como essa categoria se diferencia⁵¹ de outras e ganha contornos próprios em um dado momento histórico, tornando-se um “problema social” causado não pelo mau funcionamento da sociedade e nem pelo aumento do número de pessoas idosas, como nos faz sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” usado para justificar o interesse social pela questão, mas pela construção da velhice como objeto de um discurso científico – o gerontológico – que passou a gerenciar os assuntos relativos ao envelhecimento e à velhice. Podemos afirmar aqui que, o campo científico formado por médicos, psicólogos e cientistas sociais são responsáveis pelo uso das maquinarias discursivas que contribuíram na e para as representações que a sociedade possui sobre a velhice visto que eles se apoiam na Gerontologia⁵², como disciplina científica, para dizer a velhice. Agora, os cuidados de si e para si não eram mais suficientes àquelas pessoas que estavam se tornando velhos, era necessário agora, um poder legitimado para disciplinar os corpos daqueles velhos e ensinar aos jovens, como fazer para prolongar a juventude e não sofrer os “malefícios” trazidos pelo envelhecimento.

Novamente retomam-se as discussões trazidas por Foucault (1999) ao afirmar que o poder social estabeleceu e ainda estabelece os limites entre o normal e o patológico, o racional e o irracional, assim como do sano e o insano. Seria um poder normalizador, que exclui o que não se enquadra dentro dos parâmetros formais de normalidade. Por muito tempo, acreditava-se que a velhice não era algo “normal”, mas uma doença e que poderia ser evitada. Esse poder social/normalizador teria suas bases no complexo saber/poder; ou seja, um vínculo direto entre o saber e o poder, em uma relação que potencializa o saber na sua busca da normalidade sendo essa normalidade uma ferramenta de dominação. Ainda segundo o autor, devido a esse

⁵¹ Podemos citar aqui três práticas da diferenciação que vais distinguir a velhice das outras idades cronológicas: o saber médico (geriátrico e gerontológico), a institucionalização da aposentadoria e pensão como um direito social e o aparecimento dos asilos para velhos.

⁵² Termo criado no início do século XX por Elie Metchnikoff que significa o estudo do homem velho. Alguns anos depois, em 1909 o médico americano Ignatz Leo Nascher introduzia o termo geriatria na comunidade médica através de um artigo publicado no *New York Medical Journal*. O título do artigo era Geriatrics (Geriatra) (LOPES, 2000).

poder normalizador, podemos observar através do tempo como as pessoas foram e continuam sendo julgadas, classificadas, condenadas, obrigadas a viver de um certo modo e até a morrer por não desistir de suas convicções.

Quando a velhice é instituída no Brasil, no começo do século XX⁵³, o aparecimento de mecanismos burocráticos, disciplinares e institucionais, representava uma reviravolta bastante significativa nos rumos da velhice até então, pois esses mecanismos passavam a mostrar como a velhice se tornava alvo de variadas pesquisas institucionais e como foram sendo moldadas por essas práticas.

A mudança do envelhecimento em objeto do saber científico põe em jogo uma variada gama de dimensões, tais quais a questão do desgaste fisiológico, prolongamento da vida ao desequilíbrio demográfico e custo financeiro das políticas sociais. O grande número de especialistas e de abordagens que abarca a Gerontologia não impossibilita a constituição de um saber delimitado, onde a pluralidade de disciplinas, cada uma a sua maneira, vai contribuir para definir a chamada última fase da vida, como uma fase autônoma, de características específicas e que necessita de tratamentos/ acompanhamentos especializados oferecidos tanto por médicos, que ficarão responsáveis pela saúde do idoso, quanto por psicólogos, que vão trabalhar com a questão da solidão/depressão e também pelos estudiosos das ciências humanas, os sociólogos, que buscarão explicar a mudança de identidades sociais, a idade cronológica, além dos demógrafos, geógrafos e dos economistas, para orientar a resolver os problemas financeiros.

Muitos estudiosos dessa fase da vida passaram a desenvolver pesquisas com pessoas gays e lésbicas por acreditarem na insuficiência das investigações sobre o denominado “envelhecimento heterossexual”. A pesquisa considerada como marco fundador com esse grupo foi realizada na década de 1960 pelo sociólogo americano Martin S. Weinberg que já destacava a existência de uma invisibilidade dos gays idosos dentro da comunidade homossexual americana. Apesar da existência de estudos sobre o envelhecimento dos gays, lésbicas, transgêneros e transexuais, muitos serão considerados mais como “sensibilidades gerontológicas” do que propriamente como uma linha de pesquisa da Gerontologia (HENNING, 2014).

⁵³ Nos anos 1920, a velhice era vista de três formas: prematura (ocasionada por erros e negligências cometidas diariamente pelos mais jovens); repentina (gerada por alguma doença) e, por fim, a normal (que era considerada como natural pois só ocorria quando se alcançava o apogeu físico e mental). (SANT'ANNA, 2014).

A Gerontologia, enquanto campo de investigação científica, estará focada nos processos fisiológicos do envelhecimento e no prolongamento da vida através de tratamentos e intervenções médicas. Assim, no Brasil, em 1961, é criada no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), uma das primeiras entidades no país a se dedicar exclusivamente aos temas velhice e envelhecimento. No seu início, a SBGG possuía duas preocupações: a primeira era com o saber no tocante à institucionalização, profissionalização e divulgação das práticas oferecidas à sociedade e em segundo lugar, a busca por políticas públicas direcionadas ao bem-estar dos idosos.

Sabe-se que apenas em 1994 foi implantada no Brasil uma política nacional para as pessoas idosas. Entretanto, esse grupo populacional já tinha, de forma bastante tímida, uma “proteção” em alguns artigos dos Códigos Civil (1916), Penal (1940) e Eleitoral (1965) e em vários decretos, leis e portarias que, por não ser objetivo do trabalho, não discorreremos aqui.

Na década de 1970,⁵⁴ ocorreram significativos direcionamentos com relação à velhice. Em 1975 surgiu, por iniciativa do INPS (Instituto Nacional de Previdência Sociais), o PAI (Programa de Assistência ao Idoso) que consistia na organização e implementação de grupos de convivência para idosos previdenciários nos postos de atendimento do INPS. No ano de 1976, foram realizados em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, seminários regionais para se debater a questão da velhice e “apresentar as linhas básicas de uma política de assistência e promoção social do idoso”, culminando no Seminário Nacional que ocorreu em Brasília. Esses seminários foram realizados com o apoio do Ministro da Previdência e Assistência Social, Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva (RODRIGUES 2001⁵⁵). Após a reforma da Previdência, ocorrida em 1977, foi criado o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS) sendo a Fundação Legião Brasileira de Assistência a responsável pelo atendimento ao idoso em todo o país.

Esses programas, leis, decretos e portarias tinham como meta atingir todos os idosos, independente de orientação sexual, gênero ou etnia. Mas se nos centrarmos em um veículo de comunicação voltado para os homossexuais, em específico, como

⁵⁴ Será nesta década que o tema velhice passa a ser bastante estudado no meio acadêmico. A Universidade de Campinas (UNICAMP), por exemplo e de acordo com Goldstein (2001) no período de 1975 a 1999 podem ser encontradas cerca de 300 dissertações falando sobre esse assunto.

⁵⁵ <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4676/2593>

esses velhos serão mostrados e percebidos? Como essa mídia vai se apropriar desse saber e de que forma aparecerá nos textos publicados?

Das 38 edições do *Lampião*, poucas fizeram menção as “mariconas” ou a velhice. Não existe nenhuma matéria especificamente que vá discorrer sobre o assunto, tal tema aparece de soslaio. Seja através de cartas (na seção *Troca-troca*), seja em enquetes, ou comentários sobre filmes, em que há uma personagem gay idoso, seja nas enquetes, ou matérias onde tal assunto é mencionado. Foram no total 15 matérias em diferentes edições do periódico que o assunto velhice ou os velhos foram mencionados: 12 missivas de rapazes mais jovens que buscavam um homem mais velho para “chamar de seu”, duas cartas nas quais leitores mais velhos se posicionavam sobre um determinado tema ou sobre a ausência de publicidade voltadas para o público com mais idade. Com objetivo de manter a coesão do tipo de texto analisado, será feita inicialmente a análise das matérias que mencionam a velhice ou os velhos e, em seguida, analisaremos as cartas enviadas pelos leitores.

2.5 “Gueis” velhos em cena

Em meio a matérias e artigos que mostravam a necessidade de um jornal para dar visibilidade as minorias ou sobre o caso do jornalista Celso Curi, que foi demitido do jornal *A última hora*, sob a alegação de “contenção de despesas” – ele era o responsável pela *Coluna do Meio* – e que foi incurso no artigo 17 da Lei da Imprensa por “ofender a moral e os bons costumes” ao falar sobre a homossexualidade na coluna que escrevia, correndo o risco de ser preso por um ano, na primeira edição de *Lampião*, que não era ainda *da Esquina*, temos uma matéria assinada por Adão Costa na seção *Tendências* intitulada “Ritual da amizade na TV”, refletindo sobre a dificuldade de falar de forma séria sobre a homossexualidade na TV, sendo na sétima arte⁵⁶ um dos locais onde o tema vai ser abordado com certa regularidade e menciona a exibição do filme *Ritual de amizade* que foi exibido na TV Guanabara e houve pouca divulgação, gerando baixa audiência para a emissora. O jornalista cita o nome de alguns filmes como *Os pecados de todos nós* (1967) também conhecido como

⁵⁶ O documentário *O celuloide secreto* (The Celluloid closet, 1995) dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman apontam os filmes, *Os delicados* (The staircase, 1969) e *Os rapazes da banda* (The boys in the band, 1970) como as primeiras produções hollywoodianas a abordarem a homossexualidade.

Reflexos de um olho dourado, *Mulheres Apaixonadas* (1969) e *Morte em Veneza* (1971), sendo este último aquele sobre o qual nos deteremos.

A película de Luchino Visconti é mencionada por Costa por trazer a homossexualidade sem transformá-la em chacota ou ridicularizar os homossexuais. Em poucas linhas, é dito que o filme, adaptação da obra de Thomas Mann, retrata a história de um velho escritor, viúvo, vivenciado pelo ator Dick Bogarde que se apaixona pelo ninfeto Tazio (Björn Andrésen). A ênfase dada nas poucas linhas que menciona o filme é sobre aquele assunto que, para muitos, assusta tanto quanto a morte: a solidão. Ao mencionar a paixão do personagem Gustav von Aschenban pelo jovem Tazio o jornalista poderia ter falado da possibilidade de se vivenciar um amor quando na velhice ou o quanto em um corpo velho pulsa desejo, seja por pessoas mais jovens ou não, mas, para Adão Costa, velhice estava associada à solidão. O amor, que mais tarde se tornará uma obsessão, por Tazio faz Gustav, que estava sem inspiração para escrever e melancólico, passar a ver o mundo e a vida com o olhar de pessoa apaixonada.

Apesar de estudos mostrarem que a gestão da velhice começa a mudar no Brasil a partir da década de 1970 quando, no período do regime militar é instituído por meio de decreto-lei a renda mensal vitalícia (pensão) para aqueles a partir de setenta anos em condição de pobreza e que fossem contribuintes da Previdência Social por, no mínimo 12 meses. É também nessa década, que o Ministério da Previdência e Assistência Social definiu uma “política social do idoso” objetivando a implementação de um programa médico-social para eles. Os discursos que diziam a velhice na imprensa, por exemplo, percebiam-na como um momento de afastamento da vida produtiva, cabendo aos velhos não o desejo, o prazer ou o amor, mas a reclusão ao espaço privado e esse discurso será recorrente no *Lampião da Esquina* quando vai falar sobre os velhos.

Outro filme com personagens homossexuais velhos será mencionado na edição 03 do jornal na reportagem “A difícil arte de ser guei” que relata sobre alguns atores que, cansados de estarem vivenciando sempre personagens parecidos, buscam novos desafios para a carreira. Um dos atores é Marcelo Mastroianni que fala sobre o filme *Um dia muito especial* (1977) no qual vive um personagem gay que está envelhecendo e que tem medo de perder a beleza. Na matéria há ainda o relato de

Paul Newman que procura um produtor para um filme onde ele vive um personagem *gay*.

Na matéria, Mastroianni diz como pensou na elaboração do personagem que, para ele não foi muito difícil, “pensei comigo mesmo: sou um homossexual, estou envelhecendo e, portanto, tenho medo de perder a minha juventude e beleza” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 03). Estando ciente que se apropria de determinados estereótipos, o ator fala ainda que pensou um personagem que era não efeminado, mas sensível. No filme, que se passa dias antes do início da Segunda Guerra Mundial, Gabriele (Mastroianni) é um jornalista solitário que foi demitido da rádio por ser homossexual, mesmo sendo *gay* acaba se envolvendo com a vizinha Antonietta (Sophia Loren). É interessante perceber no discurso do ator o quanto, ao ser *gay*, é importante estar jovem e belo para ser desejado. Estar velho ou apresentar um corpo estriado é um “direito negado”, é algo obsceno e que envergonha. O corpo velho não deve ser exibido. Além de ser um bom ator, Mastroianni, que na época do lançamento do filme estava com 53 anos, não era velho, mas “maduro” por isso ainda estava em cena e vai vivenciar Gabriele que estava preocupado com a questão do envelhecimento, o ator era “bem conservado”, não aparentando ser tão velho e não apresentava as “impurezas” que a velhice costuma trazer ao corpo humano, como as rugas, uma afronta à pele lisa e bela.

Muitas vezes usa-se o adjetivo “feio” para mostrar que algo não é bem aceito socialmente. Quem nunca ouviu a mãe ou o pai falar para o filho ou a filha: “não faça isso, porque é feio”? Crescemos, então, acreditando que temos que fazer bonito e ser bonito para ser bem aceito socialmente. Os padrões de beleza são construídos culturalmente e sofrem mudanças ao longo do tempo. Enquanto nas primeiras décadas do século XX a feiura era considerada uma doença, um defeito que poderia ser sanado com o uso de remédios recomendado por médicos, a partir da década de 1950, a feiura passou a ser algo tratável com o uso de cosméticos, sugeridos pelas publicidades e conselhos de beleza publicados em revistas como *Querida*, *Capricho*, etc. Desta feita, “só era feia quem queria”, pois com o uso correto de cosméticos qualquer pessoa poderia ser tão bonita, quanto os artistas dos filmes hollywoodianos.

A preocupação em embelezar-se e manter um corpo liso e hidratado, aos poucos, deixou de ser um hábito extraordinário se tornando um conforto habitual. Sant’Anna (2014) nos mostra que desde a década de 1960 já se realizavam na

Europa, congressos sobre o envelhecimento cutâneo, contribuindo para modificar no imaginário a importância de se cuidar da pele e evitar as rugas. Nos anos 60 e 70, bonitos eram aqueles que não apenas tinham a pele e o cabelo lisos, mas também a barriga pouco “saliente”. Como afirma a historiadora, “os mais velhos, para não serem considerados ‘quadrados’ ou ‘coroas’, passariam a ser assiduamente estimulados a aderir à moda adolescente” (p. 128). E assim, aos poucos começa a surgir no mercado brasileiro, cremes antienvelhecimento que prometiam, além da hidratação, combate ao estresse epidérmico, reposição de colágeno, eliminação das rugas, etc. O medo de envelhecer e perder a beleza, que o personagem vivenciado por Marcelo Mastroianni no filme *Um dia muito especial* não era algo do cinema, fora da ficção muitas mulheres e homens, independente da orientação sexual, também estavam vivenciando de diferentes formas e em diferentes situações.

2.6 Existindo nos espaços públicos

Na terceira edição do periódico, dentre outras matérias, podemos encontrar uma reportagem falando sobre evento na Universidade de São Paulo (USP) sobre as minorias⁵⁷ (mulheres, negros e homossexuais), mas o que nos interessa está na matéria sobre a famosa galeria Alaska também conhecida como Galeria do Amor, local que serviu de título para uma música do cantor Agnaldo Timóteo que diz “(...) *na Galeria do Amor é assim, um lugar de emoções diferentes, onde a gente que é gente se entende, onde pode se amar livremente*”. E esse espaço, que ficava em Copacabana, tornou-se conhecido internacionalmente como um *point gay* onde as pessoas iam não apenas para ver filmes ou paquerar, mas também para ver shows.

Na coluna *Esquina* podemos encontrar a matéria de Aristides Nunes Coelho Neto intitulada “Estrelas mil na Galeria Alaska” que fala sobre as mudanças que ocorreram na “gay paradise de Copacabana”, na estrutura física, no público e no comportamento do público, que passou a ser interesseiro, buscando apenas o prazer sexual. Estava sendo inaugurado naquele ano o Teatro Alaska e a estrela principal era o cantor Ney Matogrosso com o show “Feitiço”. Mas, de acordo com Coelho Neto, a atração acabou não sendo Ney que, com jeans desbotado, cabelos amarrados para trás com um rabo de cavalo e uma bolsinha bem discreta, se retirou do ambiente após

⁵⁷ Os índios foram representados pelos antropólogos.

a apresentação. A atração estava sendo os *gueis* que foram ver o show e queriam ser mais estrelas que a atração principal, exibindo os “músculos insuspeitados mal cobertos por suas T-shirts” da moda (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 05). Provavelmente não eram os músculos à mostra que incomodava mais o colaborador do *Lampião da Esquina* mas os “michês e as bichas de 457” que ficam pulando de mesa em mesa. Ou seja, não agradava ao jornalista a presença dos rapazes que vendiam o corpo por algumas horas para proporcionar prazer aos pagantes e, ser velho, de forma bem irônica, para Neto, é ser uma múmia, servir apenas para se observar e, quando muito, estudar, nada mais do que isso. O que vale é ser magro, bronzeado, bonito e jovem, principalmente no fim da década de 1960 e ganhando mais evidência nas décadas seguintes, quando a juventude passou a ser um valor indiscutível, universal e a aparência *teen* passa a ser sinônimo da boa forma e da beleza. A velhice vai perdendo as honras e glórias que eram enaltecidas por valores como experiência, maturidade e sabedoria. “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando experiências”? Provocava Benjamin (1994, p. 117), já na década de 1930.

Algo que será visto em várias edições do jornal são os roteiros com indicações, em várias cidades do país, de bares, restaurantes, saunas, cinemas e boates que servem de locais para paquera e pegação para os gueis e lésbicas. Esses “guetos” se caracterizam por espaços públicos ou privados que passam a ser utilizados por um determinado nicho como local de encontro, paqueras, sendo um espaço onde as emoções e desejos podem ser colocados para fora sem haver uma grande preocupação com determinados tipos de opressão.

Em novembro de 1979, na edição 18, também na coluna *Esquina*, vemos a matéria “Escolha o seu roteiro”, com indicações de locais para diversão das *bichas* que estavam de passagem por cidades como Fortaleza – a praia de Iracema, o trecho que vai do Náutico Cearense até o Hotel Beira Mar, a praça do Ferreira e o parque Cidade da Criança, dentre outros locais onde a “rapaziada” e a “moçada guei” se reúnem para azarar e se divertir-, Campo Grande – urbe com poucos locais atrativos mas é a melhor indicação para aqueles que curtem “a linha bebê Johnson” onde tem que se ensinar tudo aos “guris” - e Londrina. De acordo com o roteiro sugerido por Pepê Azavedo, apenas em Londrina, “cidade e-nor-me e movimentadérrima” há vários locais para conhecer a exemplo do calçadão da Avenida Paraná, os bares Calabar,

Le Monde e Chaplin. Dentre os locais citados, apenas na avenida Paraná e no Calabar gueis velhos são percebidos.

No calçadão, de acordo com a matéria, é um local ótimo e bem frequentado, podendo ser encontrado “uma verdadeira miscelânea, “ali se tem taxy-boys, michês muito bem trajados, entendidos discretos, bichas louquíssimas-mulheríssimas, senhores muito discretos, senhoritas idem (...) (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 04). E também no Le Monde, que oferecia música ao vivo para frequentadores “sapatões, bichas pintosas, gente fina e grossas, travestis, cocotos⁵⁸ e cocotas, senhores e senhoras, todos se misturando, principalmente às sextas e sábados, sem maiores grilos” (Ibid, idem, p. 04).

Esses senhores e senhoras frequentavam esses ambientes e, ao contrário das bichas chamativas e pintosas, eram discretos, não queriam chamar a atenção e se divertiam. Essa é a única matéria de *O Lampião da Esquina* que não vai questionar a existência das *bichas velhas* naquele espaço de diversão, tampouco eles serão chamados, implícita e ironicamente, de jurássicos. Esses senhores e senhoras continuavam vivenciando os papéis sociais, independente do que os cocotos e cocotas estavam pensando. Provavelmente vivenciaram o estranhamento por possuir um corpo enrugado ou cabelos embranquecidos, mas, acima de tudo, eles possuíam corpo com história e que ainda poderia fazer histórias. Por mais que fossem lugares percebidos apenas para encontrar com amigos, diversão ou paqueras, ali aconteciam uma (re)afirmação de identidade daquele grupo que diariamente ou semanalmente frequentavam esses espaços. Possivelmente, para muitos e principalmente para os mais velhos, era naquele espaço que poderiam ser realmente quem negavam ser durante a semana, na rua, no trabalho ou na própria casa. Ali, naquela praça, naquele calçadão ou galeria, poderia se desejar e ser desejado e não ter vergonha por estar fazendo aquilo.

Essas imagens trazidas pelo periódico iam de encontro as produzidas pela grande mídia e propagandas, onde os idosos eram mostrados, inicialmente, apenas como pessoas doentes, que estavam perdendo as habilidades físicas e motoras e a capacidade da memória estava falha. Com todas essas características desfavoráveis não serviam mais para o mercado de trabalho, em um segundo momento, esses idosos passaram a ser retratados como aqueles que cuidam dos netos e da saúde.

⁵⁸ Cocoto era uma expressão para identificar pessoas jovens e bem vestidas.

Momentos de lazer eram impensáveis. Mesmo questionando ou ironizando a presença deles nos espaços de sociabilidade o *Lampião da Esquina* trazia, mesmo de forma discreta e suscita que quase sempre não passavam de quatro ou cinco linhas da matéria, a imagem de gueis idosos que estavam na rua, curtindo a noite, as festas, a vida ou o que dela restava.

Na edição 21, publicada em fevereiro de 1980 na coluna *Esquina* vamos encontrar as matérias “Bichas: já pra cozinha” e “Um candidato ao emprego se explica” assinadas por Leila Micolis. Os textos são sobre um anúncio de emprego para *gays* publicado no jornal *O Fluminense*, onde poderia ser lido: Homossexuais: precisa-se para serviços domésticos, desde a preparação de pratos até a limpeza, em troca de um salário de quatro mil cruzeiros”. A vaga era para trabalhar na pensão de uma senhora chamada D. Stella Eggy, em Niterói. Um jornalista se passou por candidato e foi saber o motivo de um anúncio de emprego deste tipo e, de acordo com a senhora, tal exigência se deve pelo fato de já ter um funcionário que era gay e trabalhou na pensão por oito anos, mas esse funcionário que atendia pelo nome de “Mudinho” voltou para o Nordeste e, desde então ela não obteve sucesso com as empregadas que tentavam ficar com a vaga. Ao conversar com um candidato à vaga, o mesmo fala que se o *gay* for efeminado torna-se mais difícil conseguir o emprego. Um amigo dele não foi aceito em um ofício por ser efeminado, mas no dia seguinte viram o “chefe” “pegando um mais bicha do que ele. O chefe, apesar de dizer ter 35 anos, já era um “coroa”. Não é terrível?”.

Por mais estranho que possa ser, aos *gays* mais efeminados, a sociedade, na maioria das vezes, acaba encontrando um lugar para que aquele sujeito “estranho” possa servir para algo. Na maioria das vezes se tornavam costureiros ou cabeleireiros, empregados domésticos, doceiros, etc. Observamos, assim, a questão dos gêneros se sobrepondo à questão sexual, ou seja, para se aceitar, tolerar que um homem se desviasse da norma heteronormativa, era preciso que ele abdicasse de sua condição de masculino, assumindo assim, o estereótipo de mulher, não ameaçando o limite ideológico de supremacia do homem da sociedade patriarcal (FERREIRA JÚNIOR, 2006).

O jovem que se candidata à vaga de serviços domésticos possui 19 anos e acha terrível não apenas o chefe do amigo pegando um *entendido*, mas por ser um “coroa”, ainda praticando atividades sexuais. Como se ao idoso, que já tem o próprio

direito em ser idoso negado, devendo sempre aparentar ser jovem e gostoso, desejar sexualmente outra pessoa seja asqueroso, assustador. Se era terrível ver um “coroa” desejar outra pessoa, imagina o que é possível ocorrer numa festa de carnaval?

Na edição 22, publicada em março do mesmo ano, a matéria de capa intitulada “Carnaval das bichas: o maior do mundo” publicada na coluna *Festim* e assinada por João Carlos Rodrigues traz duas fotos nas quais aparecem homens fantasiados e desfilando. Não há identificação de quem são os personagens que aparecem nas fotos. Na matéria, Rodrigues faz um relato do quanto estava decepcionado com as fantasias das escolas de samba cariocas daquele ano. A Unidos de São Carlos, única escola de samba elogiável pelo autor da matéria ficou, para a tristeza dele, com o último lugar. Era a escola que trazia bichas, putas, delinquentes e moradores do Morro do Estácio que, possivelmente, seriam presos pela polícia no final do desfile. Foi nessa linda escola que “uma bicha de uns 800 anos, vestida de bispo da igreja Bizantina ou coisa e tal, caiu de cara no chão, ficou imóvel por uns 4 minutos, e depois, como se não tivesse acontecido nada, levantou-se e continuou com o seu desfile.” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, p.04). Tal qual ocorreu na décima edição do jornal, gueis velhos participando de eventos sociais, sejam estes de qual tipo for, será sempre algo para ser ridicularizado em quase todas as matérias. Estar nas ruas ou em outros espaços se divertindo causava um estranhamento aos *lampiônicos*. Ao invés de se expor ao ridículo, ou melhor, para não ter consciência que a existência dessas pessoas era ridícula, o melhor seria voltar para dentro do armário ou permanecer trancadas dentro da própria casa. Os bares, os cinemas, o sambódromo, as praças eram lugares para pessoas jovens e não para “cacuras”.

Entretanto, mesmo sendo esses lugares espaços de sociabilidade e diversão para os homossexuais, simbolicamente, funcionavam como espaços políticos, de performatividade e também de resistência tanto para os corpos dos “gueis” novos como também e principalmente, para os mais velhos, pois o estar naqueles lugares, mostrava que existiam e, mesmo de forma inconsciente, faziam daquele espaço e naquele momento, uma ação política pois, como reforça Butler (2014, p. 2), “la demanda de acabar con la precariedad es escenificada publicamente por quienes exponen su vulnerabilidade ante unas condiciones infraestructurales que se están deteriorando.” Desta feita, existia uma resistência corporal plural e também performativa sendo operada no intuito de se fazer perceber que mesmo os poderes,

em suas mais variadas instâncias, buscando reprimir, apagar, dizimar as condições de subsistência desse e de outros grupos nada mais fazem do que “reacender” esses corpos.

2.7 O amor custa caro...e a vida

Ao longo de sua história, o *Lampião da Esquina* noticiou vários assassinatos de homossexuais acometidos, muitas vezes, por serem homossexuais. Um dos casos envolveu duas pessoas Luiz Luzardo Corrêa, 58 anos, e o irmão que possuía problemas mentais, Luidoro Luzardo Corrêa, 60 anos. O caso foi publicado na edição 25, de março de 1980, e teve como título “A morte de Luísa Felpuda”. Já na capa, onde era possível ler a manchete “A volta do esquadrão mata bicha – três crimes abalam a comunidade guei” o leitor já poderia ter noção dos crimes de ódio para com os homossexuais.

A matéria “A morte de Luísa Felpuda” foi produzida a pedido do leitor Márcio André Peterson, de Porto Alegre, que solicitou aos produtores do periódico que fizessem uma matéria sobre o brutal assassinato dos Luzardo, ambos homossexuais, que teve uma cobertura duvidosa pela imprensa gaúcha. Os irmãos foram mortos em 30 de abril pelo michê e ex-soldado do Exército Jairo Teixeira Rodrigues, de 19 anos. A matéria ocupa três páginas do jornal, sendo as duas primeiras relatando o ocorrido com os irmãos Luzardo e traz duas imagens fotográficas, a primeira, no início da reportagem é de Luiz Luzardo Corrêa, que aparece em um ambiente que lembra uma sala, sentado em um sofá, vestido com terno, o que já nos faz perceber que ele era um homem de bom poder aquisitivo e, ao lado dos pés dele, há um cachorro cuja raça não dá para identificar. Abaixo da foto, há a seguinte legenda: Luiz Luzardo Corrêa, a Luísa Felpuda. A outra foto é de Jairo Texeira, a legenda da foto diz: Jairo, michê e assassino confesso.

Ao ler a matéria, ficamos sabendo que Luiz é dono de um “rendez-vous de bichas” e que Luísa Felpuda era o nome artístico de Luiz que vivia na casa com o irmão e cinco cachorros. Jairo era frequentador da casa de recursos, não como cliente, mas como profissional do sexo e confessou o crime. De acordo com o depoimento, ele não queria matar, mas “apenas” roubar. Como foi apanhado em flagrante, por Luiz, matou ele e o irmão a golpes de enxada, em seguida os castrou e provocou um incêndio na casa para não deixar rastros. Em depoimento, o assassino também

informou que era homem e macho, ou seja, não era uma *bicha* por ser sempre o ativo, e que “comia” os clientes, mas tinha um grande nojo “quando transava com viado” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, p.04), embora o ambiente de trabalho na “mansão da Tia velha” fosse bom.

É válido trazer aqui a discussão de Fry (1982), na qual ele faz uma análise das representações sobre a sexualidade masculina e as retóricas sexuais que vão estabelecer as relações hierárquicas ou igualitárias entre homens no Brasil.

Segundo o autor, existiam três sistemas de representação de identidades sexuais masculinas: o primeiro, é baseado na relação homem (masculino e ativo) e *bicha* (feminino e passivo), implicando que o homem poderia ter uma vida sexual com outro homem desde que ele exercesse o papel ativo em todas as relações sexuais; desta feita, o papel de gênero era que delimitava a hierarquia, igualando o lugar do homem ativo à ideia de masculinidade; o segundo sistema de representação foi encontrado pelo autor, nas classes médias das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e se baseava na igualdade sexual postulada pelo movimento feminista no fim da década de 1960, na qual se recusaria a hierarquia homem/ativo bicha/passivo para se estabelecer uma relação igualitária entre homens (heterossexuais) e homens (entendidos), por essa forma de classificação, se o homem mantivesse relações sexuais como ativo com outro homem, ele deixaria de ser “homem mesmo” para se tornar “entendido”; o terceiro e último esquema de representação era formulado pelas ciências médicas do século XIX, que dividia o sistema de identidades sexuais entre três modelos: o homem heterossexual, o homem passivo invertido (efeminado) e o pseudo-heterossexual que na verdade era um homossexual ativo perverso (masculino), ou como se diz hoje em dia, homossexual que não saiu do “armário”. Nesse sistema de representação, a grande divisão está delimitada entre homens heterossexuais e homens homossexuais, estabelecendo uma hierarquia que delimita o papel da masculinidade. E será nesse sistema que o homicida Jairo estará inserido, mesmo não aceitando, no tempo presente, o comportamento dele seria chamado de homofobia e, por odiar tanto o desejo que sentia, ele acabou matando pessoas no intuito de exterminar o desejo que o consumia.

Outro caso trazido na reportagem é sobre o crime ocorrido em Recife no dia 06 de maio daquele mesmo ano, no qual o pianista que tocava no Grande Hotel e no Miramar, Evar Lemoine Silva, também conhecido como “Bamba” foi morto em seu

apartamento no edifício Holliday. O corpo foi encontrado cravado de facas, garfos e chaves de fenda, havendo grande probabilidade de o assassino ser o namorado João Batista da Silva Neto ou “um desconhecido de 1m80 cm de altura, que habitualmente usava roupa branca e uma touca preta” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 05); a dúvida existia, pois, após ser preso, João Batista informou que havia essa outra pessoa com a qual Evar estava se relacionando e que ele pensava em terminar o namoro com João. Ficamos sabendo na matéria que “Bamba”, ao assumir a homossexualidade foi abandonado pela família, tendo contato apenas com um sobrinho. Sua nova família acabou sendo três moradoras do prédio onde morava, Maria Barbosa, Sidnei Pires e Katia de Lima.

Ainda falando sobre crimes, a edição 28, publicada em setembro de 1980 - época na qual o jornal, já passava por uma crise editorial, como já falado neste trabalho anteriormente, trazia como título “Nós ainda estamos aqui” – traz em suas páginas outro assassinato causado por um michê que se relacionava com sua vítima. Na reportagem “Mais uma bicha executada” produzida por João Carneiro é relatado mais um crime ocorrido no edifício Holliday que já estava sendo chamado de “edifício da morte”. Dessa vez a vítima foi o médico ginecologista Marcos José de Moura, 40 anos, conhecido também como Marquinhos, e foi assassinado no dia 04 de agosto por Fernando Ferreira da Silva, 16 anos.

Marquinhos, há oito meses, havia alugado um apartamento no edifício Holliday e, nos finais de semana, levava o seu amigo para curtirem juntos. De acordo com relatos de vizinhos, na noite anterior ao crime, o casal havia bebido muito e teriam brigado. No dia fatídico, Fernando teria saído do apartamento duas horas depois do crime levando o carro da vítima para passear pelos bares da praia de Boa Viagem. O algoz só seria preso alguns dias depois, na cidade de Canguaretama, Rio Grande do Norte e confessou ter matado Marquinhos com várias pancadas de porrete na cabeça e, logo após o crime, lavou as mãos, apanhou o dinheiro, talões de cheque e o carro da vítima e foi passear com amigos por Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Os michês também aparecerão na trigésima edição do periódico, dessa vez, não como autores de crimes, mas como sujeitos de uma atividade que possibilita aos pagantes, algumas horas de prazer. Publicada em novembro de 1980, nesta edição do *Lampião* podemos encontrar um dossiê, que é anunciado na capa do jornal, sobre a prostituição masculina. Contendo sete páginas, o dossiê surge por causa de

matérias publicadas pelo jornal *Repórter* e pela revista *Nova*, matérias que os “lamiônicos” Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Aristides Nunes, Luiz Carlos Lacerda, Aristóteles Rodrigues, Alexandre Ribondi, Francisco Bittencourt, Darcy Penteado e Antônio Carlos Moreira acharam preconceituosas, decidindo então, produzirem várias matérias sobre o assunto.

Na primeira reportagem intitulada “Estes michês (nem tão) maravilhosos e suas incríveis máquinas de fazer sexo”, Aguinaldo Silva narra como foi o processo de ligar para um michê e marcar uma entrevista para que ele falasse sobre a prática de michetagem. A grande reportagem relata experiências de michês em cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro e os locais onde são possíveis contratar os serviços de um michê, além de entrevistas com alguns deles. Mas o que chamará atenção é a entrevista publicada na página 09 que tem como título “Um michê pede a palavra”. Ficamos conhecendo Rodrigo, que desde adolescente faz michê. Ao longo da reportagem o entrevistado fala que cobra pelo serviço algo em torno de Cr\$ 250,00 cruzeiros⁵⁹. Mas já recebeu Cr\$ 500,00 cruzeiros⁶⁰ para transar com um cantor famoso. Ao falar sobre os tipos de clientes que ele geralmente atendia – ele disse preferir transar com travesti - sair pouco com mulheres, saindo mais com homens. “Pinta mulher de carro em Copacabana, mas não dá pra ir: geralmente elas estão naquela faixa dos cinquenta anos...”. O entrevistado questiona o fato de o *garoto de programa* não aceitar clientes, mulheres coroas e, enfaticamente, responde que é “porque ela não vai pagar direito. Olha, um cara de 50 anos, eu posso sair com ele hoje, dia 20 e pedir 300 cruzeiros, porque eu sei que o pagamento ainda não saiu. Ai pelo dia 2,3 eu posso sair com ele e pedir 500, 600 cruzeiros” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 09).

Além de relatar crimes causados por homofobia⁶¹, e o caso de uma pessoa, por preconceito, perder o contato com a família ao se assumir como *gay*, as matérias trazem uma ocorrência bastante corriqueira e que tem sucedido no decorrer da história que é o fato de contratar os serviços de uma pessoa para ter algumas horas de prazer. Nesse caso, em específico, foi o de um senhor que estava contratando os

⁵⁹ Valor que, convertido para real, fica em torno de R\$ 9,10 centavos.

⁶⁰ O equivalente a R\$ 18,18 centavos.

⁶¹ De acordo com Borrillo (2010) o termo surge pela primeira vez nos Estados Unidos em 1971 em um artigo de K.T Smith que buscava analisar traços da personalidade homofóbica, sendo apenas em 1972 que G. Weinberg definiria a homofobia como “receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo.” (p.21).

serviços de um michê. Essa ideia de que são *bichas* velhas e solitárias que pagam, mais caro, pelos serviços de michês porque não tem mais capacidade de ter um relacionamento amoroso, acabou fazendo parte do imaginário de muitos *gays*; basta lembrar, por exemplo, do depoimento que utilizamos na introdução desse trabalho. Não se pode negar que isso aconteça, mas não é somente isso. A capacidade de amar não possui um tempo cronológico. Esse limite estará no psicológico, no preconceito e na intolerância social. Existem sim homossexuais velhos que vivenciam amores e romances sem necessariamente ter que pagar, bem como há pessoas mais jovens que sentem desejo e buscam pessoas mais velhas para namorar. Veremos alguns casos em breve quando formos analisar as missivas da seção *Troca-troca*. Voltemos então a análise das matérias.

2.8 Velhice: lugar de memória e lutos (?)

Na terceira edição do jornal, encontraremos, na coluna *Reportagem*, matéria produzida por Alceste Pinheiro, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt sobre Djalma Santos, 47 anos, “artista plástico, travesti, showperson, ex-ovelha negra da família, A.A, filho de Xangô, com a cabeça feita por Mãe Sara de Iansã (de Porto Alegre) e atual feliz residente da Vila Kennedy (Rio)” (ibid, idem, p. 8) e que está escrevendo um livro contando sobre alguns acontecimentos que vivenciou e as superações que conseguiu.

A matéria traz uma imagem de Djalma, que aparece sisudo, de brincos e com um olhar enviesado. Apresenta também um pouco do currículo do artista, que diz não gostar de ramerrão, isto é, trabalhos repetitivos, seguido de relatos de como foi o processo de conseguir vencer as dificuldades e desafios trazidos pela vida, mesmo tentando fugir dela após oito tentativas de suicídio. O artista plástico, que diz na matéria estar escrevendo uma autobiografia é mostrado como um vencedor não apenas por continuar vivo, mas também por ter alcançado o que conseguiu “movido a álcool”. As poucas vezes que as *tias* deixarão de ser apenas algumas linhas de um texto para serem o assunto principal da matéria será, como foi feito com o Djalma e também com o escritor Roger Peyereffite na edição 29, para mostrá-los como vencedores, experientes e sabedores que poderão servir como exemplo para os homossexuais mais jovens.

O escritor Roger Peyrefitte, aos 73 anos, é um dos entrevistados do quase apagado *Lampião da Esquina*. A entrevista foi publicada na edição 29, publicada em outubro de 1980 e, assim como ocorreu na edição 10, onde há a matéria com Djalma dos Santos, o autor também é mostrado como um experiente e obstinado escritor que conseguiu vencer o preconceito daqueles que o desprezavam por ser *gay*, se tornando um dos escritores de maior sucesso do velho continente, já tendo publicado mais de 20 livros com tiragem média de 300 mil exemplares por obra. No texto, que possui duas páginas, aparecem duas imagens fotográficas do escritor. Na primeira ele está sentado e sorridente, vestido com um terno. Na segunda imagem, ele aparece em pé, ao lado de estátuas gregas. Após a entrevista, o leitor pode conhecer um pouco do trabalho do escritor francês, pois há um trecho da obra *Les Amitiés Particullères* (Amizades particulares) que conta a história de dois rapazes que se apaixonam num colégio interno católico e as peripécias de um padre pedófilo para destruir a relação amorosa dos rapazes.

Na entrevista feita pelo correspondente do periódico em Frankfurt, Anton Leids, que tem como título “Peyrefitte fala (mal) do Vaticano, da Dietrich, de Sartre, de Pompidou...”, no preâmbulo que antecede a entrevista o leitor fica sabendo que o autor renunciou à carreira diplomática devido a “incidentes homossexuais” e a sua participação na criação da L’Arcadie centro de organização homossexual, dentre outros fatos ocorridos ao longo da carreira. O foco da entrevista são os processos e desentendimentos que o autor teve com artistas, como Marlene Dietrich, que o processou por usar algumas falas dela em uma obra; com escritores, Peyrefitte que diz adorar escândalos, questiona os filósofos Jean Paul Sartre e Albert Camus por eles serem quem são e, mesmo assim, estarem atuando em jornais; e com o Papa Paulo VI que “manteve uma relação com um jovem ator de quem eu sei o nome. Sei também que a “aristocracia negra”, isto é, a aristocracia do Vaticano, frequenta casas de encontros com rapazes” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 13), mas, mesmo assim o Papa manda publicar em 1976 um documento condenando a homossexualidade, a masturbação e as relações sexuais antes do casamento. A entrevista se encerra com o francês falando sobre o, na época, livro mais recente *L’enfant de coeur* que é a continuação de *Notre amour* onde é contada o romance que teve com um rapaz que, quando o conheceu estava com 12 anos de idade. A entrevista contribui para ratificar o que foi mencionado anteriormente que, quando se

torna personagem principal em uma matéria, só cabe aos velhos lembrarem de fatos do passado que os tornaram “vencedores”, essas são as únicas experiências que se aproveitam, porque o corpo já encontra-se enrugado e a única coisa que se aproveita são as brisas da memória, as lembranças. Não importa mais como Peyrefitte vive, mas o que foi vivido, pois eles são apenas depositários de memórias.

E será sobre lembranças que um dos idealizadores do *Lampião da Esquina*, Aguinaldo Silva, fala na edição 31, publicada em março de 1981, na coluna *Reportagem*. Na matéria “Memórias de Guerra” ele relembra quando, em 1968, pediu demissão e largou a coluna que assinava no jornal *Última Hora*. Estava cansado do *modus operandi* existente no jornal, pegou sua máquina de datilografar e foi em busca de liberdade. Meses depois, estava passando fome na birosca em que resolveu morar na Lapa. Silva fala do quarto onde morava e que tinha uma cama coberta por “lençóis que cheiravam a baratas que tinham morrido há pelo menos uns dez anos” (Idem, 1981, p.07); de Hernandez, o porteiro espanhol que todo os dias cobrava o pagamento da diária e dos moradores que dormiam naquela “birosca”, dentre eles um homem que não falava com ninguém, mas que todos sabiam que ele era corno; de Adolfo, o gaúcho, que algumas noites se deitara com Silva, os bandidos e a “bicha velha” que uma vez por semana recebia visitas de um garoto. Certa noite, a *bicha velha*

tomou um pileque e foi bater à porta do meu quarto, em prantos: me pedia, desesperada, que não olhasse daquele jeito para o seu garoto, que ele era a única coisa que tinha, que ele não a amava, está certo, mas que ela, mesmo assim, não podia viver sem ele” (ibid, idem. p. 07).

Após apresentar os personagens, Aguinaldo fala sobre o envolvimento que teve com Adolfo, das vezes que, juntos, fizeram “trabalhos noturnos” e da forma que aquela hospedaria foi fechada pela polícia. Das lembranças, nos fica a situação de solidão vivenciada pela *bicha velha* que, em uma sociedade que colocava os velhos como pessoas fragilizadas sem serventia para o mercado, nem para o mundo social, o lugar que cabe a ele é o esquecimento, principalmente se não possuir uma boa condição financeira. Na velhice, o que aparece com os lutos não é a chance de avançar para uma nova etapa, mas as perdas. Permanecer recebendo a visita do jovem rapaz era, talvez, uma forma ou a única forma de se sentir vivo, de expressar o desejo, de ter prazer, de amar, mesmo tendo consciência de que o desejo, o prazer e o amor

acabariam naquele mesmo dia. Mas existia a esperança de na próxima semana tais sensações e sentimentos voltarem a existir, daquela *bicha velha* continuar existindo, independente da proximidade real da morte.

2.9 As diferentes formas de vivenciar o amor...na velhice

Na terceira edição do *Lampião*, encontraremos, na coluna *Esquina*, o artigo “Novas histórias de amor (II)” do colaborador Alexandre Ribondi. O texto é o desdobramento de uma matéria com o mesmo título, produzida por Antônio Chrysóstomo, na segunda edição do jornal e o que motiva Ribondi a trazer novamente a discussão à tona é a questão da monogamia nas relações homossexuais mencionada no texto de Chrysóstomo. Como será um hábito do jornal, os velhos aparecem sempre de soslaio nas matérias ou artigos. Mesmo mencionando um casal de amigos “já de meia idade” donos de um restaurante e que moram em Hamburgo, Alemanha, no início do texto, outros “de meia idade” não são encontrados no artigo. Mas o que faz que com esses “diferentes” sejam mencionados? O que chamou a atenção do autor foi o fato de eles reproduzirem o estereótipo do guei mais feminino – que neste caso seria o rapaz que foi bailarino e abandonou a carreira para viver com o namorado. O rapaz, segundo Ribondi, gostava de atender os clientes com roupas de tom “exótico” e delineador para realçar os olhos – e o mais masculino – o companheiro do ex-bailarino, descrito como “relaxado e gordote” (ibid, p. 04). Esses personagens somem do texto quando é mencionado o inverno europeu, momento no qual eles fecham o restaurante e viajam para países mais quentes e surgem novos personagens. Esses são mais jovens, um com 25 e outro com 27 anos, vivem juntos e moram em Brasília. Mesmo buscando trazer uma reflexão sobre a monogamia na relação homo, aos poucos, o tema é deixado de lado e aparecem outros assuntos, mencionados na entrevista dos “jovens rapazes”, a exemplo do “sair do armário”, aceitação e família. Apesar desses temas serem importantes para reflexão, nos deteremos aqui apenas a questão da velhice.

O casal “de meia idade” que não tem nome, nem iniciais, como ocorre com o outro casal, é apenas citado no texto; eles não têm voz, enquanto o casal de jovens que mora em Brasília tem voz e falam sobre vários assuntos. Não estou dizendo aqui que deveria ter sido dado mais espaço para o casal de velhos, mas que eles, assim como os mais jovens, deveriam não apenas existir, mas também falar. Apesar da

velhice não ser o foco dos que faziam esse periódico, mas a questão do assumir-se para poder ir à luta em defesa de alguns direitos, dentre eles ser tratado como uma pessoa comum e não como um “invertido” ou anormal, existe, de certa forma em *Lampião da Esquina*, uma certa negação da existência desses velhos. Podemos dizer que há uma liberdade negativada, eles são tolerados, desde que invisíveis, como se quando se falasse sobre *bichas velhas* fosse necessário apenas para situações de fato e não para produzir sentido, tanto que só veremos essas *bichas* nas páginas do jornal apenas na décima edição publicada em março de 1979.

Os velhos também estarão presentes na 37^o e última edição do *Lampião da Esquina*, publicada em julho de 1981. Estes vão aparecer expressando a opinião na coluna *Enquete* que trouxe a seguinte pergunta: “O que o senhor faria se visse o seu marido beijando outro homem?” Mesmo trazendo uma foto com imagem sem legendas do filme *Parceiros da noite* (1980), antes das respostas dos entrevistados aparecerem é dito que a mesma pergunta aparece no final do trailer do filme *Beijo no Asfalto* de Bruno Barreto, causando muitas gargalhadas nas *lampiônicas* e isso motivou os repórteres do jornal a saber dos homossexuais, o que eles pensavam sobre o assunto.

Há a resposta de dez pessoas, sendo apenas um de 50 anos, outro com 43 anos e de outros depoentes com idades entre 19 a 36 anos. Enquanto o estudante Jonas de Souza de 19 anos diz que entre ele e o companheiro não existe a possessão, sendo eles pessoas modernas, o vitrinista José de Arimatéia (43 anos) diz estar se sentindo muito infeliz e mal-amada (sic) pois há seis anos o marido deixou de beijá-lo. Mas, se caso visse o marido beijando outro homem “acho que me suicidava, ou matava os dois” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1981, p. 03) e Fernando Maciel, 50 anos e oficial da marinha, diz que “no meu tempo, beijo na boca só se fosse muito escondido, tinha um sabor mais gostoso, de pecado. Hoje em dia não, essa garotada vive se beijando na rua, um horror” e continua dizendo ser casado com Arnaldo há 16 anos e “quando a gente se beija na boca é como se fosse um beijo de irmão” (ibid, idem, p. 03).

Três pessoas de diferentes idades e vivências percebem o fato de formas bem distintas. Enquanto o jovem rapaz e o companheiro estão mais abertos a vivenciar outros corpos e bocas por serem “modernos”, Arimatéia não suportaria a cena da possível “traição” e Fernando, que vivenciou outras épocas na qual a

homossexualidade deveria, bem mais do que na década de 1980, estar trancada no armário e ser vivenciada de forma escondida, pois, além de ser algo “errado,” era “pecado”. Achava horrível expressar o desejo em locais públicos e a forma que vivenciava o desejo com o companheiro era mais fraternal do que carnal. Mesmo assim, ele não nega a capacidade de amar, ela é reinventada, sendo vivenciada de outras formas. Além da mudança física e estética, há também uma mudança de expressão de vivenciar o objeto amoroso, não sendo negados, todavia, o interesse ou a capacidade de seduzir e amar. O direito à vida sexual quando se chega a velhice nos faz pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, isto é, diferentes formas de amor que passam pelo acalanto, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo com o olhar, com o toque, com a voz. Não se nega aqui que, muitos ao chegarem na velhice, sofrem uma perda de hormônios que altera o mecanismo e a frequência de ereções, o que dificulta o ato sexual. Mas a penetração não é a única forma de se ter prazer. As ausências ou dificuldades funcionais não incapacitam a pessoa idosa, tornando-a assexuada. O que vai interferir na vida sexual de um velho, independente da orientação sexual, estará ligado a questões psicológicas e sociais.

Por ser velho Fernando não se sente uma múmia de 857 anos e nem renuncia o amor, apenas vivencia-o de outras formas. E será sobre os jovens que procuram o amor de pessoas mais velhas e homossexuais velhos em busca de parceiros que falaremos agora ao analisar as cartas publicadas na seção *Troca-troca*.

2.10 Eu existo e te desejo!

É bastante comum encontrarmos em jornais e revistas espaços nos quais leitores daquela publicação expressam opinião sobre o que vem sendo publicado, sugerem temas para que sejam abordados em edições futuras. Outras publicações oferecem espaço para que os leitores que estão em busca de novos parceiros para relacionamentos se apresentem. Em *Lampião da Esquina*, esse espaço será chamado *Cartas na Mesa*, onde não só serão publicadas as críticas e elogios dos leitores sobre o jornal, como também é possível encontrar muitas missivas falando sobre um mundo, até então, subterrâneo da homossexualidade, de espaços de vivências que homossexuais, através de astúcias, usavam em determinadas cidades e que os leitores do próprio periódico passaram a revelar através das cartas que forneciam

roteiro de locais de encontro para *gueis* em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Teresina, Recife, São Luís, dentre outras.

Uma das cartas que chama atenção nessa coluna foi divulgada na edição 22 publicada em março de 1980, intitulada “Querido vovô” em que temos acesso ao desabafo de uma pessoa que prefere não se identificar, mas diz ter 65 anos. Os produtores resolvem abrir uma exceção e publicar a carta não assinada, possivelmente por ela revelar um pouco da emoção do autor e também por este dizer que, por já ter tal idade, estava se despedindo da vida. Na carta, o anônimo que chamaremos aqui de Vovô diz estar decepcionado com a Igreja Católica com o posicionamento frente aos homossexuais. “A Igreja, de vez em quando, sangra o coração do homem para não se ferir com a instituição. Triste! Mas pura verdade” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 18) e comenta sobre a primeira encíclica do Papa João Paulo I que condena a homossexualidade e o próprio casamento entre homossexuais, lamentando o quanto o Papa, se colocando ao lado do preconceito, injustiça cada vez mais os *gueis*. Vovô, muito desesperançoso com a vida, encerra a missiva afirmando que

para mim, nada vai mudar. Com amargor encerro a vida (65 anos). Num meio adverso, interiorano, sempre vegetei enigmático, mimetizando sempre para sobreviver. Meu consolo agora é a consciência de que fui herói, e a minha Fé cresce cada vez mais em meu coração uma esperança de que a Justiça incriada que é de Deus há de reinar soberana sobre o caos das complicações humanas, e que melhores dias já se assomam no horizonte para os meus irmãos. Adeus, amigos! O abraço mais sincero e fraterno do mais carinhoso vovô do mundo. (Idem, ibidem, p.18)

Os produtores do jornal pedem para que ele não se despeça da vida por ter 65 anos, lembrando que “bicha nunca morre, mas vira purpurina”, ou seja, se transforma em cores que darão brilho a vida, dos que ficam.

Além de um desabafo de um cristão sobre a forma como a Igreja Católica vai dizer para normatizar, controlar o prazer e o corpo, estabelecendo “verdades” a respeito da prática sexual naquele momento, usando trechos da Bíblia para condenar a uma ação que afastaria o fiel de Deus, vemos a tristeza e decepção de uma pessoa que, aos 65 anos, sente-se excluído pela religião na qual acreditava, contudo nem por isso perdia a fé. Esta independia da religião, porém Vovô também se sentia excluído pela própria sociedade, tendo muitas vezes que agir como um camaleão para não ser percebido como homossexual. Apesar da existência do *Lampião* que pedia para que

os homossexuais saíssem do armário, muitos, como é o caso de Vovô, para continuar a viver, preferiam seguir escondidos, para sobreviverem até quando fosse possível em uma sociedade que os detestava. Mas também existiam aqueles que não tinham medo e buscavam amar, dentro ou fora do armário.

Posteriormente surge, a partir da décima oitava edição do jornal uma seção chamada *Troca-troca*, nome que fazia alusão à prática sexual em que o ativo se deixa penetrar pelo suposto passivo e vice-versa (onde não há passivo e ativo). Na abertura da seção, havia o aviso que o espaço era gratuito, o anúncio seria publicado, desde que fosse pequeno. Nas cartas, os leitores se revelavam e apresentavam desejos por homens de diferentes tipos, etnias e idades. A coluna era em si um bom cardápio para aqueles que estavam à caça de corpos para degustar e também para leitores e leitoras que estavam em busca de fazer novas amizades.

Apenas na vigésima segunda edição, aqueles que sentiam desejo por pessoas mais velhas passaram a se revelar. Vamos encontrar nas edições, além da vigésima, até a 33ª, em meio a anúncios de jovens de 18 e 20 e poucos anos que procuravam pessoas de “cuca fresca”, discretos, que “transavam teatro” para manter amizade ou relacionamento, cartas de jovens e velhos que procuravam uma pessoa para manter amizade ou chamar de seu.

Temos, por exemplo, na vigésima edição, o anúncio de Sérgio, garçom com 22 anos de idade, morador de Matão, São Paulo, que “gostaria de conhecer senhor acima de 50 anos que seja guei ou não, mas que tenha esperanças e ainda acredite no amor para começar tudo de novo” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, p.10). Vimos anteriormente algumas matérias produzidas por jornalistas e colaboradores nas quais as *bichas velhas* são tidas como múmias, uma vez que, essas pessoas decrépitas deveriam sair de cena, pois estavam na antecâmara da morte, pois a imagem trazida é da velhice como uma etapa da vida onde o sujeito, se ainda tiver alguma serventia, será apenas para a família. No espaço público, ela não teria mais nenhuma energia. Discurso que se coaduna com teorias da Gerontologia que estavam em evidência desde o final da década de 1960. A teoria da atividade dizia que o idoso estaria mais feliz e teria uma melhor velhice se estivesse engajado em atividades compensatórias se mantendo ativo, enquanto a teoria do desengajamento indicava o desengajamento voluntário das atividades para que o velho pudesse ter um envelhecimento bem-sucedido. Ambas indicavam a perda de atividades sociais para o idoso.

Entretanto, ao vermos os anúncios publicados no *Troca-troca* perceberemos que os desejos e discursos dos leitores que escreviam para o *Lampião* não se coadunavam com o que era dito sobre esses velhos. Havia pessoas que os desejavam como é possível ver no anúncio do Sérgio que buscava um senhor que estivesse disposto a vivenciar uma relação amorosa, mesmo que não tendo mais esperanças de que isso poderia acontecer.

Nas edições 23 e 24, publicadas em abril e maio de 1980, respectivamente, vamos encontrar não jovens em busca de pessoas mais velhas para relacionamento, mas *coroas* com 40 anos de idade à procura de relacionamento. O interessante é que, na edição 23, encontramos dois anúncios de quarentões que estavam interessados em encontrar alguém para se relacionar, sendo esse alguém jovem, de aparência máscula e bem-dotado. Um vai se apresentar como “Senhor, 40 anos” e o segundo como “Rapaz de 40 anos”, o que nos mostra que o “se perceber como velho” depende de pessoa para pessoa. Como reflete Minois (1999), geralmente é o olhar dos outros que nos classifica como velho, isso vai acontecer através do discurso dos outros com frases do tipo “nossa como você está velho” ou ainda “esses cabelos brancos te deixam mais velho. Por que você não pinta?”. Sabemos que o termo “velhice” é impreciso, é uma palavra cujo sentido continua a ser vago, cabendo nos perguntar: quando é que nos tornamos velhos? “Teremos a idade das artérias, do coração, do cérebro, do espírito ou do próprio estado civil?” (MINOIS, *ibid*, p. 11). Se existe essa variação do “ser velho” e “ser bonito” de pessoa para pessoa, como é que se percebe o que vem a ser belo ou feio?.

A preocupação com a estética também se fará presente entre os que queriam encontrar um novo amigo ou um novo amor, além de falar características de pessoas, como: tamanho, peso, cor da pele, ou as próprias características, vamos encontrar em dois anúncios pessoas que não se achavam feias ou bonitas e um que se achava feio, como pode ser visto nas edições 25, na qual Paulinho Amarante, 50 anos, morador da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, diz dentre outras coisas, ser relativamente feio e manco de uma perna estando à procura de um “companheiro do mesmo nível de fealdade, inclusive de cor esverdeada (que na carteira de identidade chama-se parda) como ele” (p.9), ou na edição 29, publicada em outubro de 1980 onde, entre os anúncios, podemos encontrar o de Paulo “ATIVO. Tenho 40 anos, não sou feio nem bonito, desejo corresponder-me com rapazes mais jovens, sem pinta,

para algo além de uma boa amizade”. Com seu anúncio, Paulo mostra que ser velho não é se tornar uma pessoa assexuada, como na maioria das vezes se pensa e, independente de beleza, esses senhores mostravam que mais do que nunca estavam vivos, sentiam desejo e embora boa parte da sociedade percebesse a velhice como o fim, a decadência, eles queriam amar, mesmo muitas vezes não sendo vistos pela mídia e será sobre a invisibilidade que trata a última carta que analisaremos neste capítulo.

Em julho de 1980, a vigésima sexta edição do *Lampião da Esquina* chegava às bancas e livrarias de várias cidades do país com a seguinte indagação feita por Carlos, 49 anos, e publicada na coluna *Cartas na Mesa* “(...) é verídica a sensação que eu tenho que entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação da idade. Serão os coroas discriminados entre os discriminados? (p.17). O leitor diz acompanhar, além do *Lampião* outras publicações voltadas para o público guei e percebe uma ausência de publicidade voltada para o público mais velhos nesses periódicos. Os produtores do jornal não confirmam nem negam a pouca publicidade voltada para tal grupo, mas confirma que, entre os héteros e homossexuais, existia sim, preconceito em relação às pessoas com mais de 35 anos que já são consideradas “passadas”, coroas”, “*fanéés*”.

Se formos pensar no que é “ideal” e, de certa forma aceitável, entre os homossexuais, em específico, pode-se dizer que o sujeito pode ser homossexual desde que não seja afeminado, uma “caricata e louca desvairada”, ser velho também será um demérito, a verdadeira aproximação da morte. Esse “ideal” não dá espaço para a invenção da homossexualidade a partir de um ativismo constante e questionador como falava Foucault. A forma idealizada pelos homossexuais – jovem, bonito e másculo - e reproduzida pela mídia impressa voltada para esse público, exclui terminantemente outras possibilidades de “modelos” de *gays*, existindo dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por uma parte da sociedade heteronormativa subgrupos que sofrem preconceitos por ser afeminados, gordos e velhos.

Mesmo existindo esse preconceito, e ainda dialogando com a carta de Carlos, ele lembra que,

(...) os gueis coroas também amam demais; precisam de amor guei; gostariam de participar da luta; muitos (como eu) só com certa idade tentam se assumir publicamente e não podem fazê-lo para não ver arruinar-se tudo o que construíram com lágrimas, renúncias, carências profundas e aflitivas, amando e transando forçados a se esconder

(portanto, só com o meio prazer) obrigados a esconder e abafar seus sentimentos e seus desejos tão veemente. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 17).

Apesar de uma proposta de atingir o máximo de minorias possíveis, contribuindo e incentivando para que os homossexuais pudessem expressar a sexualidade sem vergonha, se aceitando da forma que eram, pois, desejar e se relacionar com uma pessoa do mesmo gênero não era doença, havia um público, que não se via no *Lampião*. Ao contrário de publicações futuras que irão dizer velhice como uma “doença” que poderá ser evitada com o cuidado de si através do uso de cosméticos, exercícios físicos e uma vida mais saudável, os *lampiônicos* dirão a velhice e os velhos gays como algo assustador, que deveria ser escondido, questionando a presença das *bichas velhas* em locais de sociabilidades frequentados por homossexuais, apesar disso os leitores que enviavam cartas para o *Troca-troca* se mostravam vivos, a procura de vivenciar amor e amores e que a sexualidade não se esgota com o passar dos anos.

Com um tom bem irônico o antropólogo Edward MacRae (1992, p. 192), nos mostra que mesmo propondo unir os gays no país, “o *Lampião* acabou servindo para tornar ainda mais evidente a sua heterogeneidade não só devido às diferenças culturais, regionais, classistas e etárias, mas também entre os próprios homossexuais organizados”.

As poucas matérias e reportagens cujos “coroas de meia idade” aparecem nos ajudam a perceber, naquela época, uma sociedade na qual idade ainda é um elemento-chave para a participação dos indivíduos na vida social. Ao mesmo tempo, essa sociedade produziu uma forte impressão de sobreposição das fronteiras etárias e uma ambiguidade na maneira como a idade pode ser usada ora para desqualificar, ora para promover. São pessoas pouco desejadas, como afirma o michê (edição 30) que preferia transar com uma travesti a uma “maricona de meia-idade” e quando isso tem que acontecer, ele cobra mais caro para fazer sexo com uma “bicha velha”. Apesar de tudo isso, os velhos não aposentaram o desejo de viver, de desejar, de amar.

Mesmo a velhice sendo algo inevitável, ela é apreendida mais fácil no outro, possivelmente como um espelho que reflete algo que se quer evitar, ou um trecho da história que vai ser indefinidamente adiado.

Com o fim do *Lampião*, ocorrido em 1981, por quatorze anos o público homossexual contava apenas com as revistas eróticas⁶² e/ou pornográficas, a maioria delas estrangeiras, centradas na publicação de fotos de nu e cenas de sexo, e com as publicações internas dos grupos, de alcance bem mais restrito entre os não-militantes.

Possivelmente, a grande lacuna, no tocante a publicações com propostas próximas ou parecidas com a do *Lampião*, tenha ocorrido por questões como a ditadura militar, que mesmo sem a força das décadas de 60 e 70, no começo da década de 1980 os militares ainda se mantinham no poder; a chegada da AIDS no Brasil e a associação feita por boa parte da sociedade que “se é gay é aidético”; a fragilidade econômica que o país passou nos anos oitenta e o desmantelamento que vai existir no chamado movimento gay brasileiro que começou a se formar na década de 70; isso tudo contribuiu para que, apenas nos últimos anos da década de 90, surgisse uma revista que não tinha o sexo, as correspondências amorosas e os contos eróticos como principal pauta, mas o assumir-se gay sem vergonha e sem culpa.

A *Sui Generis* foi uma publicação que não se dizia militante, mas um espaço de “discernimentos sérios e futilidades chiques dirigidas para homens e mulheres gays” (SUI GENERIS, ed 01, p. 60). Segundo o jornalista Nelson Feitosa, idealizador da revista e diretor de redação, a proposta era fugir do “gueto” das publicações eróticas restritas a um mercado erótico que sofria preconceito da sociedade, então o projeto inaugurava no país um mercado voltado para um público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) e as matérias que poderiam ser noticiadas em qualquer outro tipo de revista buscavam abordar os assuntos a partir da ótica de um leitor gay, utilizando a linguagem que se aproximasse de tal público e será sobre essa revista que discorreremos no próximo capítulo.

⁶² Segundo Abreu (1996) sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade” estética, e de pornográfico as de caráter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos.

3 A VELHICE DEPOIS DOS ANOS DE CHUMBO

1993. Já passam das quatro horas da manhã. Os raios de sol já começam a acordar a cidade para um novo domingo, mas no ABC Bailão, após uma noite de paquera, alguns casais ainda aproveitam os últimos momentos da danceteria. Abraçados, eram embalados por um dos grandes sucessos do ano, a balada “The last song⁶³” do cantor e compositor Elton John. Possivelmente, muitos a percebiam como mais uma canção de amor, mas os primeiros versos da música “yesterday you came to lift me up. As light as straw and brittle as a bird. Today I weigh less than a shadow on the wall⁶⁴” mostravam que era sobre a Aids que ele cantava. No Brasil, como veremos ao longo deste capítulo, os homossexuais serão apresentados como os grandes vilões e culpados pela existência da doença. Muitos, inclusive, passaram a ter uma vida celibatária devido a alguns medos do que era dito pela mídia tradicional sobre a doença; de se tornar HIV positivo⁶⁵ sendo mais um nas estatísticas do Governo Federal ou apenas uma lembrança para familiares e amigos.

Como vimos até aqui, a mídia voltada para o público *gay* no Brasil vai às ruas timidamente, em 1963, com o jornal *Snob*, e sai totalmente do armário em 1978, quando o *Lampião da Esquina* começa a ser vendido em bancas de revistas de diversas cidades do país. Ambos os jornais tiveram uma existência relativamente curta, todavia, conseguiram deixar as portas abertas para que outras publicações com o mesmo *target*, continuassem a dar visibilidade para tal público. Entretanto, a grande mídia e sua ampla maquinaria passaram a construir a ideia, nas duas últimas décadas do século XX, de que *gay* é sinônimo de Aids e vice-versa, sendo essa imagem uma forma de violência simbólica, pois como nos chama atenção Farge (2011), a violência traz a desordem para determinado grupo ou comunidade, mas, ao mesmo tempo, torna-os resistentes e unifica-os pela e para a luta, cabendo ao historiador, analisar as racionalidades advindas da violência e se não há razão para que ela exista. De acordo com a autora, essas racionalidades estão nos discursos, nas falas singulares

⁶³ A música faz parte do álbum *The one* lançado em 1992 pelas gravadoras Rocket Records e MCA Records.

⁶⁴ “Ontem você veio para me levantar, tão leve quanto a palha e frágil como um pássaro. Hoje eu peso menos que uma sombra na parede”

⁶⁵ Ver. MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso de vida*. Rio de Janeiro, Mobile, 2014.

e nas práticas sociais. Percebendo os jogos e relações de poder, tendo Foucault como base, Farge (*idem*) indica que a violência, além de ser uma consequência social pode também ser o principal objeto de uma política. Vemos a própria construção e associação midiática entre ser gay, logo, soropositivo, como uma grande e forte violência simbólica que afetará muitos homossexuais, portadores do vírus ou não.

Haverá um silenciamento entre os próprios homossexuais no tocante à produção de publicações feitas por e para eles. Uma das causas possíveis foi a dificuldade em se conseguir patrocínio. O *Lampião* tinha como principais patrocinadores os próprios produtores do jornal e alguns amigos, sendo as assinaturas dos leitores de grande importância para que uma nova edição do periódico fosse publicada. Entretanto, mesmo recebendo centenas de cartas todos os meses, haviam poucos assinantes. Rodrigues (2010) nos mostra que, durante toda a história do *Lampião*, poucos foram os anunciantes. Estes não chegavam a ocupar 1/3 das páginas do jornal, sendo os anúncios mais recorrentes, o de filmes nacionais e internacionais e de lançamentos de livros. Essa ausência de patrocinadores nas publicações voltadas para o público *gay* nos faz perceber que os empresários não queriam ver sua marca ou produtos associados aos periódicos para *entendidos*.

Com um país ainda recuperando o fôlego política e socioeconomicamente depois de 21 anos amordaçado pelo regime militar e pela censura imposta por ele, o mercado de revistas eróticas não conseguia mais atrair o desejo dos consumidores. Ruy Castro, na matéria “A pornografia, um mercado decadente⁶⁶” publicada na *Folha de São Paulo*, em 27 de setembro de 1984 mostrava o quanto o mercado de publicações eróticas estava em declínio, possivelmente por conta da produção nacional de filmes pornô e sua presença nos cinemas. Os cinemas que exibiam as películas pornográficas serão um dos espaços que o público *gay*, em especial, os *gays* velhos transitam, como vimos no capítulo anterior, principalmente pela grande possibilidade de se conseguir um parceiro para uma relação sexual fugaz ou até mesmo para assistir outras pessoas mantendo relações sexuais. De acordo com Castro (1984, p. 29), “a pornografia foi servida aos brasileiros em doses tão mamutes que, pelo visto, até os mais sedentos *voyeurs* desta praça passaram a regurgitar diante do fenômeno”. Tal assertiva se deve ao fato de que o mercado de revistas eróticas e pornográficas que no ano de 1981 era estimado em torno de três milhões

⁶⁶ <http://acervo.folha.com.br/fsp/1984/07/27/21/>

de consumidores, em 1984 tinha caído pela metade. “Quando as fotonovelas eróticas entraram em cena, em 1982, as poses de calendário perderam o pouco interesse que já tinham e foram confinadas às paredes das borracharias. Agora é a vez dessas fotonovelas sofrerem com o fato de que seus leitores se exauriram”. A crise no mercado de publicações eróticas também afetaria revistas como *Playboy*, *Ele & Ela* e *Status* que, com muito esforço, chegavam a vender 200 mil exemplares por mês, apesar de que, nem todas as publicações voltadas para os *gays* seriam eróticas ou pornográficas; havia a associação de que, se é uma publicação voltada para *entendidos* então é pornográfica, como se não fosse possível se fazer jornalismo nessas publicações.

Possivelmente, por essas questões é que, após o fim do *Lampião da Esquina* e até os primeiros anos da década de 1990, encontramos uma enorme lacuna de periódicos nacionais direcionadas para o público *gay*⁶⁷. É possível identificar boletins produzidos por grupos de apoio a portadores de HIV/Aids e uma publicação voltada para lésbicas, o *Chana com Chana*, produzido pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf). O jornal circulou de 1981 a 1987. O mercado editorial para o público *gay* masculino só passa a ser mais expressivo na década de 1990 com o surgimento da revista *Sui Generis* (1995). Em abril de 1999, é lançada a revista *Íntima e Pessoal* que exibia o homem nu e sem ereção, geralmente artistas famosos, a exemplo dos atores Humberto Martins e Raul Gazolla e os cantores Waguinho (vocalista do grupo de pagode Os Morenos) e Silvinho (cantor conhecido pela música “Ursinho blau-blau”). Voltada para o público feminino, a revista da Salles Editora não obteve êxito e encerrou as atividades em menos de um ano após o lançamento da primeira edição.

Sem mencionar o assunto Aids, outra forma que fez os *gays* aparecerem na mídia oficial foi a caricaturada, em programas de auditório, como Capitão Gay (Jô Soares) personagem que entrou em cena em 1982 no programa *Viva o Gordo* exibido na Rede Globo, ou em novelas, como o personagem Bob Bacall/Robertinho, interpretado por Jorge Lafond em *Sassaricando*, novela de Silvio de Abreu exibida na mesma emissora entre os anos de 1987 e 1988.

Quando apareciam na televisão, eram personagens secundários, ligados ao núcleo cômico, quase sempre ocupando posições subalternas. Havia uma urgência,

⁶⁷ Uma lista de periódicos produzidos no Brasil e voltados para o público *gay* pode ser encontrada no sítio: <http://www-sul.stanford.edu/depts/hasrg/latinam/sergay.htm>

para muitos que não concordavam com essas imagens representadas pelos *medias*, em dar uma nova visibilidade e dizibilidade ao ser *gay* no Brasil. Algo precisava ser feito. Microrrevoluções estavam sendo ensaiadas. O cantor Caetano Veloso no LP *Circuladô ao vivo* lançado em 1992, já demonstrava essa urgência na canção “Americanos”. “[...] Pode fingir que não vê que os veados/ - Tendo sido o grupo-vítima preferencial -/ Estão na situação de liderar o movimento para deter/ A disseminação do HIV.”

A mídia voltada para o público *gay* que havia “saído do armário” na época da Ditadura Militar passou a resistir para não ser colocada em uma “gaveta” e os primeiros sinais dessa resistência ocorreram em 1991, com a publicação do *Nós por exemplo* e em 1994, com a revista *Sui Generis*. Além de uma forma de resistência, era também uma maneira de desconstruir a imagem associada aos homossexuais. É importante informar que, existe um grande silenciamento entre os historiadores quanto ao estudo das homossexualidades entre as décadas de 1980 e 1990. Como lembra Swain (2013, p. 54), a história é sexuada sendo construída por uma “comunidade discursiva, o ‘nós’ patriarcal que comanda a visão única dos incontáveis arranjos sociais a partir da dominância representacional do sexo e da heterossexualidade reprodutiva”.

Neste capítulo, analisaremos como a revista *Sui Generis* falará sobre a velhice e o espaço que dará aos velhos em suas páginas. Discorreremos, inicialmente, sobre o modo que o *Nós por exemplo* e a *Sui Generis* vão se contrapor à forma e imagem como a grande mídia impressa⁶⁸ nacional construirá a Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) no Brasil. Não cabe aqui uma comparação entre o que a grande mídia publicou sobre Aids e homossexualidade e o que os periódicos voltados para o público *gay* trouxeram sobre o assunto, pois sairíamos do foco central do nosso trabalho. Deteremo-nos, entretanto, sobre como os dois principais periódicos voltados para o público *gay*, emergidos na última década do século XX, apresentaram tal discussão.

⁶⁸ Muitos pesquisadores no Brasil produziram trabalhos sobre a dizibilidade da Aids pela mídia no país a exemplo de Fortes et al (1992), Galvão (1992), Cortes et al (1994), Biancarelli (1997), Simões (1997), Ruon (2001), Spink et al (2001), França (2001) e Soares (2001) que trabalharão especificamente com os jornais impressos, Castro (2005) que analisa as revistas e Barata (2006) que analisa a construção e a dizibilidade sobre a Aids na televisão, especificamente no telejornal *Fantástico* exibido aos domingos na Rede Globo.

De forma geral, a mídia fará as campanhas com o tema HIV/Aids tendo como principal público alvo pessoas mais jovens, com destaque para os adolescentes. No Brasil, durante a década de 80 e nos primeiros anos da década de 90, o maior índice de pessoas infectadas pelo vírus tinham entre 20 e 39 anos de idade. Mas, segundo dados do Ministério da Saúde divulgado em 2007, a partir de 1996, o número de idosos soropositivos aumentou. Na década de 80, por exemplo, o número de homens idosos com HIV era de 240, enquanto que 47 eram mulheres. Mas, de acordo com o relatório do mesmo Ministério, na década de 90 o número de homens idosos infectados era de 2.681 e 945 mulheres. Como as campanhas produzidas não levavam em consideração tal grupo, o número de infectados acabava aumentando. A própria *Sui Generis* exibirá algumas campanhas informativas sobre a Aids, mas serão poucos idosos soropositivos que aparecerão na revista.

É importante lembrar que, nas sociedades pós-industriais em um estágio desenvolvido do processo de midiaticização, o campo midiático cumpre, de acordo com Esteves (2004, p.168), a “função da mediação simbólica das relações sociais. Assim, é possível afirmar que boa parte das experiências das pessoas com os fatos sociais que acontecem no mundo ocorrem através da mídia”. O jornalismo vai contribuir para a percepção do mundo, sendo parte do cotidiano na construção das ideias e opiniões sobre determinados temas e assuntos. A visibilidade midiática que o fazer jornalístico possibilita aos fatos implica considerar essa prática como parte desse fenômeno midiático em conferir uma existência social. Por isso, a produção jornalística, logo, noticiosa pode ser percebida como um lugar de disputa em que querem se fazer presentes as vozes públicas, por existir o reconhecimento social de que a mídia é a esfera da visibilidade pública no mundo contemporâneo, é o lugar “onde a realidade se estrutura como referência (FAUSTO NETO, 1999, p. 9). O espaço público é um lugar mediador de sentidos e é nele que a sociedade civil enfrenta as tensões de variados olhares sobre os problemas públicos, olhares que pleiteiam a definição de sentidos.

3.1 Outras formas de falar sobre a Aids e a construção de novas subjetividades

A mídia, mediadora entre as fontes de informação e o leitor, também pode ser percebida como um dispositivo⁶⁹ de enunciação, ao noticiar os casos de Aids no país e no mundo, fazendo com que a sexualidade abandone os espaços íntimos e privados tornando-se cada vez mais pública, deixando de ser algo estritamente sexual se tornando uma questão da biopolítica, de interesse dos médicos, dos epidemiologistas, dos sanitaristas, dos psicólogos, etc., que a pensarão de forma discursiva e esses discursos serão explicitados pelo dispositivo midiático que fará a doença existir para a sociedade, como dizia um antigo slogan de uma revista nacional: “Aconteceu virou manchete”.

Ao denominar a mídia de dispositivo, estamos coadunando com a ideia de Agamben (2014) que, ao dialogar com um conceito foucaultiano, nomeará dispositivo qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, controlar os gestos, condutas, discursos e opiniões das pessoas. Assim, não será apenas o manicômio, a escola, a prisão, a fábrica, a confissão cuja conexão com o poder é evidente, mas também “a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares [...] teve a inconsciência de se deixar capturar” (pp. 39 – 40). Então, a mídia que dará visibilidade à nova doença será também a responsável em transformá-la em uma peste sendo necessária uma “guerra” para poder derrotá-la.

Sontag (1988) enfatiza o quanto as metáforas são utilizadas em campanhas de saúde que, na maioria das vezes, tratará a doença como algo que invade a sociedade, sendo necessário travar lutas ou iniciar uma guerra na tentativa de reduzir a mortalidade causada na batalha.

Ao contrário de outras doenças que causam vergonha, o paciente soropositivo geralmente não expõe para a família que está doente. Mas a Aids fará o corpo do portador do vírus falar, mesmo sem o soropositivo desejar, vai expor a identidade sexual do sujeito que, até então, estava oculta da família, dos amigos, dos vizinhos, dos colegas de trabalho. Quando a doença surgiu e passou a ser diagnosticada pelos

⁶⁹ Como afirma Foucault (2009), o dispositivo é um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados (p.300).

médicos e noticiada pela mídia, ela trazia à tona essa identidade, até então trancada dentro de armários, e classificava o indivíduo como pertencente a um grupo de risco.

No imaginário social, inicialmente, foi denominada de “doença gay”, fazendo surgir expressões carregadas de preconceito como “câncer gay” ou “peste gay”, só muito lentamente foi sendo reconhecida como uma doença capaz de atingir todo e qualquer grupo social. No início da descoberta da síndrome, todavia, os homossexuais serão considerados os principais “culpados” pela existência da mesma e a mídia será uma das principais responsáveis em propagar essa ideia.

Conforme Pereira (2004, pp. 56-57),

O que estas formulações discursivas não pareciam levar em consideração era o intenso processo de transformação por que categorias como “promiscuidade” e tantas outras haviam passado em função da revolução cultural dos anos 60/70. O caráter problemático da troca maior ou menor de parceiros sexuais já havia há muito superado e parecia um verdadeiro pesadelo que questões como essa pudessem voltar à tona. De alguma forma, fazia-se tábula rasa de boa parte das ideias da ‘revolução sexual’ que havia animado o debate cultural e as práticas comportamentais de boa parte do mundo ocidental desde os anos 60.

A culpabilização dos gays pelos saberes médicos, religiosos e pela própria sociedade, por não seguirem os padrões heteronormativos, será uma constante nas notícias sobre o assunto. Mas o mais interessante é que, de acordo com os jornalistas que escrevem as matérias, bem como boa parte dos médicos que terão a legitimidade para falar sobre a doença, a promiscuidade é uma característica apenas dos gays. Antes da doença, aqueles que se diziam *entendidos*, homossexual ou *gay*, muitas vezes não eram bem vistos por assim o serem. Agora se associa à infame ideia de que, se é *gay* é ser *aidético*, pois se acreditava que o HIV era passado apenas na relação sexual entre homossexuais, e não uma doença que poderia acometer qualquer ser humano, independente do gênero ou orientação sexual. A mídia no Brasil só traria mais notícias sobre a doença em 1983, quando da morte do estilista Marcos Vinicius Resende Gonçalves, o Markito⁷⁰, a primeira vítima famosa que morreria em decorrência da Aids no país.

⁷⁰ http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&PagFis=0&Pesq=

Consideraremos as publicações voltadas para o público *gay* e que surgiram após o *Lampião da Esquina* e o período da Ditadura Militar como forma de resistência, pois se tornaram uma maneira de combate particular de um grupo, não afrontaram a grande mídia para um embate, mas que aprenderam a existir na adversidade. Não havia uma busca pela vitória, mas com o uso da mesma maquinaria da grande mídia, passaram a desorganizar as imagens por ela construída e imposta, principalmente no que diz respeito à questão de associar homossexualidade ao HIV/Aids.

Assim, dentre as ações produzidas para atender pessoas infectadas pelo vírus da Aids um grupo de profissionais das áreas de saúde e de Direitos Humanos, com ênfase em ações de combate as doenças sexualmente transmissíveis e a Aids, criaram no Rio de Janeiro, em 1991, o Núcleo de Ação em Saúde Social (NOSS), coordenado por Sylvio de Oliveira e presidido pelo psicólogo Paulo Henrique Largo. Por perceberem que era preciso a criação de um informativo para que as pessoas pudessem ter orientação para não se tornarem mais um número na estatística de infecção do vírus, resolveram criar o periódico *Nós Por Exemplo* que passou a ser publicado em dezembro daquele mesmo ano. Outras subjetividades sobre a Aids e sobre os homossexuais começavam a ser construídas. Como nos lembra Guattari e Rolnik (2013), talvez a produção de subjetividades seja mais importante do que o petróleo e as energias, pois não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no coração dos indivíduos e na forma de perceber o mundo e as formas de articulações com este.

Roberto Pereira (1991), um dos organizadores do jornal, mostra a proposta do informativo.

[...] a tônica fundamental do nosso trabalho é a criação de uma consciência de saúde junto à população atendida e, por extenso, à população em geral, incrementando a adoção de práticas preventivas e assumindo os interesses destas comunidades em suas lutas reivindicatórias, entendendo saúde como um conceito amplo e abrangente (NÓS POR EXEMPLO, ed. 1, p. 9)

O jornal será importante não apenas por preencher a lacuna referente às publicações voltadas para o público *gay* no Brasil, mas por ter construído uma outra subjetividade sobre tal grupo, visto que nas matérias publicadas nas páginas desse periódico, eles não eram chamados de culpados pelo surgimento da Aids, tampouco que estavam sendo castigados por não se enquadrarem nos padrões heteronormativos, como geralmente acontecia em publicações da grande mídia. Os

textos não tinham cunho moralista nem preconceituoso. Isso fica claro no primeiro editorial, como podemos ver a seguir.

Já que normalmente o editorial do primeiro número de um jornal traz explícitas suas tendências, devemos dizer que não é pretensão ou desejo do Nós Por Exemplo fincar no preconceito de nosso tempo a bandeira da homossexualidade nem tentar iniciar um movimento de organização de grupos homossexuais. Muito menos guetificar a imprensa escrita. Acontece que os outros meios de comunicação habituaram-se a discriminar o homossexual. Faz-se necessário, então, um jornal que teve neste público informação digna, reais e de seu interesse. Para Nós, por exemplo, é vital que o homossexual brasileiro seja respeitado. E para que isso aconteça, a busca do conhecimento é indispensável. Refletir sobre a própria condição é iniciar o processo de autoestima que é único caminho para se respeitar. Para este número, convidamos pessoas significativas em suas áreas para escreverem artigos que abordassem a homossexualidade de uma forma abrangente. Notamos que, de uma forma ou de outra, a AIDS sempre veio em seus artigos, o que demonstrou ser uma preocupação geral. Abrimos então uma seção exclusiva sobre a doença e suas formas de prevenção (NÓS POR EXEMPLO, ed 01, p.1).

Era necessário trabalhar na desconstrução dos estereótipos e preconceitos difundidos sobre a homossexualidade que a grande mídia insistia em apresentar. Instruir os homossexuais para que esses combatessem o preconceito e entendessem o seu lugar no mundo e o que caberia a um homossexual ou lésbica, fazer em tempos de Aids.

Segundo Rodrigues (2010), o jornal teve poucas mudanças e contava com as seguintes editorias: *Lá Fora* (divulgava locais de sociabilidade *gay* em várias cidades do Brasil), *Nós Homens* e *Nós Mulheres* (voltados para o público *gay* e lésbicas), *Aids* (informações e alertas sobre a doença), *Entre nós* (publicava entrevistas com personalidades famosas da época), *Informes* (notícias), *Opinião* (apresentava a opinião dos que faziam o jornal sobre temas diversos), e *Rumos* (indicação de endereços de discotecas, bares e shows, além de dar dicas de livros, vídeos e peças de teatro relacionados ao “mundo *gay*”).

A partir da oitava edição, a seção *Aids* ganha destaque passando a ser um encarte intitulado *Agaivê hoje* que vinha como encarte dentro do jornal.

Com tiragem inicial de 500 exemplares, até a décima primeira edição, o jornal tinha poucos anunciantes, era vendido em várias bancas do país ou por assinatura. A partir da décima segunda edição, por conta de um financiamento particular que a

equipe conseguiu, o periódico passa a ser distribuído gratuitamente e contribui para o aumento de número de público e de exemplares. Na edição 18, foram publicados dois mil exemplares.

Além de informações sobre Aids, a proposta do *Nós Por Exemplo* era possibilitar aos *gays* uma reflexão sobre a própria condição, naquele momento, e trabalhar a autoestima para que se respeitassem e buscassem ser respeitados pela sociedade. A ideia era conscientizar os homossexuais da necessidade de buscar, lutar e manter os seus direitos sem, necessariamente, deixar de ter prazer, pois este deverá sempre existir, independente de doenças ou leis.

Enquanto o *Nós Por Exemplo* circulava em algumas cidades do país informando os leitores e construindo outras subjetividades sobre as homossexualidades e a Aids, pesquisadores procuravam elementos para compreender o aumento do número de pessoas idosas infectadas pelo HIV, sendo constatado que, na década de 1980, como os métodos para seleção de doadores e controle de sangue não era tão rigoroso, muitos idosos podem ter recebido sangue contaminado, mas também não se nega o contágio por práticas sexuais (PRILIP, 2004). Entretanto não se pode omitir os avanços na biotecnologia que contribuíram no tratamento hormonal de muitos idosos bem como os medicamentos que ajudaram muitos *coroas* a terem novamente uma vida sexual ativa, muitas vezes, mantendo relações sexuais sem uso de preservativo. Como não é este o foco da nossa pesquisa, voltemos ao *Nós Por Exemplo*.

O jornal deixou de circular no segundo semestre de 1995, no mesmo ano em que a *Sui Generis*⁷¹ chegou às bancas de revistas do país, dando prosseguimento à proposta de resistência em mostrar outras imagens dos *gays*, diferente daquelas mostradas pela grande mídia. A resistência, muito mais do que uma obrigação, era um fato que ganhou força na década de 1990 após a diminuição do pânico da Aids. Desse modo, a imagem do sujeito *gay* considerada nas décadas anteriores como símbolo de libertação sexual e cultural vai se modificando para um comportamento mais estilizado, com grande inserção no mercado, existindo ainda a valorização do consumo, mesmo indo de encontro às regras da sociedade de consumo e diminuição da dimensão erótico-sexual da vida cotidiana. Surge, a partir da década de 1990, o

⁷¹ O número zero da *Sui Generis* foi publicado em dezembro de 1994. Em janeiro de 1995 com a publicação da primeira edição a revista passa a ser distribuída nacionalmente, como veremos a seguir.

que passou a ser chamada de “cultura gay” e, aos poucos, o “*gay way of life*” ganha legitimidade, espaço e simpatizantes, independente da orientação sexual (PEREIRA, 2004).

Assim, entre as urgentes e variadas discussões sobre a Aids os gays ganharam (mais) visibilidade. O que antes era “terrível” e “escandaloso” saía da marginalidade dos becos e entrava nas casas, pois a enfermidade poderia atingir toda e qualquer pessoa, independente da orientação sexual. Além de vítimas, os gays também eram guerreiros e lutavam contra uma doença que não era exclusivamente deles. Os vários grupos gays que surgem durante essa década terão como foco de ação trabalhar na conscientização dos homossexuais, no intuito de fortalecer as identidades e buscar formas de proteção. Um dos grupos formados foi o Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual (GAI), criado em 1993, no Rio de Janeiro, por rapazes da classe média carioca que perceberam a necessidade de uma mobilização organizada no que diz respeito à conscientização das formas de contato do vírus da Aids. No ano de 1995, é criada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABLGT) composta por vários grupos gays. Essa associação era voltada exclusivamente para as causas dos gays brasileiros. Em junho, do mesmo ano, acontece no Rio de Janeiro a XVII Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas. Essas foram algumas das formas utilizadas para dar visibilidade aos homossexuais. Além de eventos e criação de associações, a mídia voltada para tal grupo ganha força com a criação de revistas e periódicos, como o já mencionado *Nós Por Exemplo* e a *Sui Generis*. Mesmo não trabalhando aqui com a questão da recepção, é importante questionar, todavia, para quais gays esses periódicos falaram e para quem foram produzidos. O jornal *Nós Por Exemplo*, que a partir de um determinado momento passou a ser distribuído gratuitamente, possivelmente atingirá homossexuais de diferentes classes econômicas, sociais e étnicas. Mas as revistas vendidas nas bancas vão falar para um grupo de maior poder aquisitivo, gays da classe média ou alta. E foi pensando nesse grupo que se constituiu o chamado “mercado gay”.

A última década do século XX trouxe consigo novos significados à noção de identidade e outras formas de expressão e vivência das homossexualidades. A imprensa passa a noticiar o surgimento do mercado direcionado ao público gay a

exemplo de revistas, sites⁷², agências de viagens, casas noturnas, eventos culturais, cartões de crédito, planos de saúde etc. A TV trouxe em uma novela⁷³ personagens gays em que sua orientação sexual era mostrada com razoável naturalidade. O grupo que, até então, foi marginalizado, passou a ser considerado como um novo nicho mercadológico surgindo um “mercado gay” – conceito que chegou ao Brasil bastante tempo depois de ser reconhecido nos Estados Unidos -, quando as agências publicitárias brasileiras perceberam que os homossexuais poderiam ser também ótimos consumidores (RODRIGUES, 2010).

Sobre a questão do mercado que passa a ser constituído na década de 90 para um público discriminado e rejeitado por parte da sociedade, mas que passa a ser vistos como consumidores em potencial pelos empresários, Pereira (2004, p. 57) nos mostra que

dos anos 90 até hoje temos presenciado a configuração e a consolidação do que vem sendo chamado, tanto aqui quanto em outros países, uma “cultura gay” ou um certo “*gay way of life*”. No conjunto de mídia (tanto da imprensa especializada – voltada para um público basicamente constituído de gays e lésbicas – quanto na grande imprensa), a expressão “cultura gay e as referências a um modo de vida gay vão se tornando cada vez mais presentes.

O conceito GLS lançado no mercado pelo publicitário André Fischer nada mais é do que a versão brasileira para o termo *gay friendly* utilizado pelos norte-americanos que reúnem tanto simpatizantes quanto empresas e instituições que respeitam a diversidade sexual, adotando ações e posturas inclusivas. Assim, no Brasil, uma simples sigla ampliaria os espaços e agregaria um público bem maior. Logo, um bar não era apenas para gays masculinos ou para lésbicas, as possibilidades estavam se ampliando. Aos poucos as agências de publicidade no país percebem que os homossexuais poderiam ser ótimos consumidores e o mercado começa, lentamente, a oferecer produtos e serviços para uma parcela considerável do público gay formada

⁷² Um dos sites mais representativos é o portal Mix Brasil criado pelo publicitário e DJ André Fischer. O portal nasceu como uma comunidade virtual para divulgar o Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual que teve a primeira edição no país em 1993. Quatro anos depois, a comunidade virtual torna-se um portal de informação e cultura. O publicitário e a jornalista Suzy Capó se inspiraram em festivais de cinema de cidades americanas e europeias que exibem filmes abordando várias formas de expressões sexuais e resolveram trazer essa experiência para o Brasil. Foi na segunda edição desse evento que foi lançado o conceito GLS (Gay, Lésbica e Simpatizante) pois, de acordo com Fischer, o público que frequentava o Festival não era apenas gays e lésbicas, existiam os “simpatizantes”.

⁷³ A *próxima vítima* (Sílvio de Abreu), em 1995, trouxe a história de dois adolescentes, Sandrinho (André Gonçalves) e Jeferson (Lui Mendes) que vivenciaram uma relação amorosa.

por pessoas de classe média com um maior poder aquisitivo e que consomem serviços e produtos de média e alta qualidade. Segundo Nunam (2003), será a partir da década de 90 que surgem agências de publicidade voltadas para o mercado *gay*, consumidores descritos pelos publicitários como exigentes, sofisticados, fiéis às marcas e com grande possibilidade de consumir artigos de luxo, serviços e bens culturais, além de cuidados pessoais. Mas, ao mesmo tempo, Rolnik (1996) nos lembra, com essa mudança das subjetividades, advindas da ideia de um mercado voltado para *gays*, lésbicas e simpatizantes, que não implica, necessariamente, numa abertura para o estranho, muito menos tolerância para o desassossego que viria com o diferente. Esse novo negócio estará dentro dos padrões esteticamente aceitáveis do mercado de consumo. As características específicas, diga-se de passagem, podem estar em consumidores independente da orientação sexual, mas o que foi percebido nesse momento era que os *gays* da classe média eram consumidores em potencial e que o mercado não apostava nesse público.

A proposta da *Sui Generis* foi inspirada na experiência de êxito das revistas *Attitude* e da *Out*, magazines que inauguravam o modelo, voltadas ao público *gay* que surgiu logo após, mostrando *gays* e lésbicas bem-sucedidos na vida. Essas revistas davam ênfase à beleza e à jovialidade que devem aparecer no corpo e no rosto⁷⁴. Os corpos excessivamente magros não serão bem-vindos, pois não eram mais sinônimo de saúde; indiretamente e implicitamente, esses corpos remetiam ou faziam lembrar os corpos magros e esqueléticos dos soropositivos. A *Out* se destacará por trazer, pela primeira vez em uma publicação voltada para o público *gay*, propagandas de marcas da Calvin Klein, Benetton, Giorgio Armani direcionadas ao público de maior poder aquisitivo.

Segundo o diretor-executivo da *Sui Generis*, Viterbo *apud* Péret (2012, p. 86),

Um dia saiu uma matéria bacana na coluna da Mara Caballero, do jornal O Globo, falando de uma revista *gay* que seria lançada nos Estados Unidos. De fato, essa revista nunca foi lançada, mas a notícia contava um pouco da história da revista *Out*. Nós nunca tínhamos escutado falar que essas coisas existiam. O Nelson leu aquilo e ficou fascinado. Ele falou: “poxa, podia fazer um negócio assim, podia fazer um negócio assim”.

⁷⁴ Sobre esse assunto falaremos mais adiante.

Após voltar de viagem dos Estados Unidos, Nelson Feitosa e seu companheiro José Viterbo trouxeram várias revistas voltadas para o público gay e, inspirados nelas, apresentou a ideia para amigos que se interessaram em ajudar na publicação da *Sui Generis*. Em dezembro de 1994, era publicada pela SG Press, editora pertencente a Feitosa, o número zero da revista *Sui Generis*. A proposta inicial dos criadores foi de produzir uma revista artesanalmente, sem pretensões ambiciosas, mas algo que pudesse circular pelo Rio de Janeiro. Porém, a contragosto dos editores, a Magazine acabou chegando em muitas bancas do país, sendo considerada o principal acontecimento da imprensa gay no Brasil pós *Lampião da Esquina*. O primeiro editorial deixava claro que era preciso romper o silêncio no tocante a publicações direcionadas para os gays. “[...] A revista tem um objetivo simples: falar da cultura gay de maneira vibrante, inteligente, bem-humorada, para cima, [...] para que não ouçam a gente apenas por esse silêncio já tão fora de moda” (SUI GENERIS, 1990, 1 ed).

O número experimental da revista foi lançado no Museu das Belas Artes do Rio de Janeiro, tendo como slogan “cultura, entretenimento, moda, política e comportamento”. Tinha 34 páginas e trazia matérias sobre Aids e visibilidade, além de uma entrevista com Lucinha Araújo, mãe do cantor e compositor Cazuza morto em decorrência da Aids. Havia ainda uma seção que falava sobre cinema, um ensaio de moda e quadrinhos com os personagens Rock e Hudson, dois caubóis gays, criação do cartunista Adão Iturrugarai, além de um artigo “A década de 90 é gay” da consultora de moda e jornalista Erika Palomino com objetivo de sintetizar a década de 90 destacando o videoclipe “*Justify my love*⁷⁵”, da cantora Madonna, os anúncios voltados para os gays da empresa Giorgio Armani, os gays dos EUA que ajudaram a eleger Bill Clinton como presidente, e alguns cantores e cantoras que “saíram do armário” sem sofrer “punições” das gravadoras.

Como afirma Feitosa *apud* Rodrigues (2010, pp. 138-139) sobre o nascimento da revista,

Surgiu muito despreziosamente. [...] Aí comecei a receber notícias de revistas dessa natureza. Desse tipo de revistas de conteúdo cultural e com jornalismo mais bem feito, mais profissional, sendo lançadas lá fora, né? Consegui comprar aqui no Brasil, numa livraria de revistas importadas, a *Atitude*, que foi uma das primeiras revistas inglesas a serem lançadas nessa linha. Tinha conseguido uma edição

⁷⁵ Quando lançado, o videoclipe teve a exibição proibida em várias emissoras de TV por trazer insinuações de sexo lésbico, homossexual e bissexual, dominação e imagens de sadomasoquismo.

da *Out*, que é uma revista norte-americana. E aí eu comecei a achar legal. (...) Fui falando com os amigos. Começando a organizar umas matérias até que um amigo meu me apresentou ao Renato Russo e eu falei para ele da idéia.

Indo de encontro às revistas publicadas naquele momento para tal público no Brasil, sempre com ênfase mais erótica do que jornalística, com nu masculino e contos eróticos, a *Sui Generis* foi lançada pelo grupo SG Press que ficava em uma casa alugada em Copacabana. Lá funcionava a redação da revista e a impressão era feita na gráfica Ediouro. A SG Press pertencia ao jornalista Nelson Feitosa e a revista foi lançada no mercado junto com o conceito mercadológico GLS, o qual viria renovar toda a concepção por trás do marketing de produtos voltados para os *gays* no país. Possivelmente por causa da proposta editorial baseada em temas sobre cultura, comportamento, entretenimento, moda e militância, a revista tenha conseguido romper com a ideia de “gueto” de publicações restritas ao mercado erótico que sofria preconceito generalizado da sociedade (MONTEIRO, 2002).

A primeira edição trouxe na capa Neil Tennat, um dos integrantes do grupo britânico Pet Shop Boys, com a manchete “Neil Tennat abre o jogo: I am gay”. Através de matérias e entrevistas com pessoas famosas, a revista mostrava a necessidade de *gays* não terem vergonha de “saírem do armário” e/ou assumirem a identidade sexual. A motivação era para sair do gueto e mostrar que ser gay não é ser menos humano, como é dito no editorial da primeira edição assinado pelo Nelson Feitosa, diretor da revista.

O ano já é novo e a estação, a nossa preferida. Não podia haver melhor ocasião para o lançamento da *Sui Generis*. Em clima de verão e de recomeço, a primeira edição quer ser um convite para você leitor entrar nesses novos tempos que os anos 90 tão bem anunciaram. E a gente entra com o pé direito, trazendo a entrevista de Neil Tennat que é a cara desta época. Ele que, como muitos de nós, se recusava a falar publicamente deste detalhe da sua vida, discutiu com Paul Burston aquilo que sempre cantou em suas músicas. Em outra reportagem, o escritor Caio Fernando Abreu revela outra atitude característica dessa virada de século. Afiado como sempre, ele ataca vigorosamente a vivência homossexual dentro de guetos, essa palavra antiga usada para os locais onde os judeus eram obrigados a morar, que carrega um conceito de segregação que nada mais tem a ver com a modernidade. Com simplicidade, Cássia Eller revela sua namorada para Renato Russo. E muito mais sobre cultura gay, moda, comportamento, diversão. Assim é *Sui Generis*, a primeira revista brasileira a trazer discernimentos sérios e futilidades chics dirigidas

para homens e mulheres gays. Mas sem exclusividade. Nossa intenção é levar cultura gay de forma vibrante, inteligente, alegre, para fora dos guetos. Dar nossa contribuição, oferecendo um jornalismo de qualidade, para que surja em breve uma consciência social mais generalizada de que nossas semelhanças são maiores que nossas diferenças. Por que a gente é gay e igual a todo mundo. Até fevereiro (SUI GENERIS, 1990, 1 ed).

Editorial é um texto opinativo de revista ou jornal que representa o pensamento consensual dos responsáveis por tal periódico que, além de discutir sobre determinado tema, informa aos leitores o que poderá ser encontrado naquele número da publicação. Os idealizadores da revista viam, não o novo século que estava para chegar, mas a última década do século XX como um momento de modernidade, onde aqueles tidos como diferentes poderiam deixar de se “esconder” em boates, saunas ou em cinemas e começar a viver à luz do dia. Era o momento de se permitir, não ter mais vergonha por ser gay ou lésbica, assim, possivelmente, começariam um novo século com menos medo por ser ou de vivenciar as homossexualidades.

Para Feitosa, a década de 90 era o recomeço não apenas para a imprensa voltada para o público GLS, mas também a oportunidade para que tal público pudesse também fortalecer o movimento gay no país. Foi nessa década, inclusive, que ocorreu o reflorescimento do movimento *gay* com a sua institucionalização e aproximação com instituições internacionais e com o próprio Estado. Ao final do editorial, é indicado que, no mês seguinte, a magazine estaria novamente nas mãos do leitor que estava disposto a viver e acompanhar as mudanças, as novidades que ocorriam em todos os âmbitos da vida social.

Os produtores da revista usavam pessoas famosas para legitimar essa ideia de que não era mais necessário viver “nas sombras”. Entretanto, sabemos que muitas vezes fica difícil para grupos estigmatizados pela sociedade assumirem a sua condição, devido à grande possibilidade de vivenciar violência física ou moral, além do próprio preconceito.

Em quase todas as edições da *Sui Generis*, a capa traz personalidades de destaque em diferentes áreas, mas não necessariamente gays nem lésbicas, os cantores Neil Tennat, Boy George, Ney Matogrosso, Marina Lima, Renato Russo, o escritor Caio Fernando Abreu, os atores Antônio Bandeiras, André Gonçalves e a deputada Marta Suplicy foram alguns dos que apareceram nas capas da revista. Eles foram capas por serem famosos, vitoriosos e vencedores de adversidades que, em

algum momento sugeriram nas suas histórias; conseguiram superar, triunfando em suas profissões e atuações, mostrando-se como apoiadores do respeito da diversidade sexual. O interessante é que esse desejo para que os *gays* se assumissem era apresentado de forma leve e não de forma obrigatória como ocorria em *Lampião da Esquina*.

Com 55 edições, a revista que era mensal e, perto do fim, passou a ser quinzenal, teve como foco principal os desejos e interesses da classe média alta, tendo como principais colaboradores o escritor Caio Fernando Abreu, a deputada Marta Suplicy, o escritor e ex-integrante do *Lampião da Esquina* João Silvério Trevisan, o escritor Sócrates Nolasco, o antropólogo e presidente do Grupo Gay da Bahia Luiz Mott, o jornalista Gilberto Scofield dentre outros.

Seguindo a proposta de dar outra dizibilidade aos *entendidos*, a revista foi a primeira voltada ao público homossexual no país a trabalhar com a fórmula “beleza, dinheiro e sucesso”, ao mostrar em suas páginas gays e lésbicas bem-sucedidos na vida. Assim como o *Lampião da Esquina*, mas de forma mais branda, ela também discutia o ser gay, o assumir-se ou “sair do armário” e a postura que os homossexuais e lésbicas deveriam ter diante do preconceito, além de trabalhar a autoestima destes, falando de festas, moda e boates.

A primeira edição da revista foi publicada em janeiro de 1995 com mais páginas do que a edição zero, ou seja com 74 páginas, e trazia a seguinte divisão: as seções *Cartas*, *Editorial*, *Contraponto*, *Cinema*, *Música*, *Ponto de vista*, *Livros*, *Classicards*, *Ponto final* e a *Seção especial* que trazia artigos. Havia também coluna social, matéria de capa, comentários sobre moda, entrevista e as tirinhas de Adão Iturrusgarai. A partir da nona edição, a revista passa por mudanças e algumas seções permanecem, outras dão lugar a novas. Assim, teremos as seções *Carta*, *Editorial*, *Contraponto*, *Cinema*, *Música*, *Mosaico*, *Vortex* e *Ponto final*, além das seções especiais *Entrevista*, *Capa*, *Moda* e *Humor*. A *Sui Generis* foi a primeira revista brasileira dirigida para o público GLS a ter grandes anunciantes como a grife Sete, Sete, Cinco, a gravadora EMI e a Columbia Tristar Film. E foi pensando nos anunciantes que, a partir da 30ª edição passou a ser publicada com duas possibilidades de capas. Na edição 41, por exemplo, o modelo Rogério Braga aparece em fotos saindo de um box de banheiro após um banho. Em uma das capas, Braga aparece cobrindo a genitália com a mão, mas é perceptível os pelos pubianos e parte do pênis.

Como já mencionado, boa parte dos assuntos trazidos pela revista, violência, ativismo, aliados políticos, etc., já haviam sido abordados pelo *Lampião da Esquina* no final da década de 70 e começo dos anos 80. O grande diferencial era que esses temas eram abordados na *Sui Generis* de forma mais branda, dando maior ênfase à liberdade individual. Na década de 90, o ativismo foi bem mais pela expansão dos direitos civis como parentabilidade, parceria civil e as possibilidades que isso traria, tais como, direito a adoção de crianças, compartilhamento dos benefícios de planos de saúde, etc. A luta pela discriminação e aceitação ampla da homossexualidade pela sociedade que deveria ver os homossexuais como normais e não como doentes já eram temas suplantados (RODRIGUES, 2010). Sobre a questão da Aids, assim como o *Nós Por Exemplo* a revista abordava o tema de forma diferente da que era noticiada pela grande mídia brasileira.

Quando trazia matérias, artigos ou depoimentos falando sobre a Aids, fazia com cunho informativo, esclarecendo os leitores sobre os perigos da doença. O discurso punitivo e associativo de homossexualidade e Aids é inexistente no magazine.

Na primeira edição da *Sui Generis*, lançada em janeiro de 1995, encontramos pequenas notícias e uma matéria com o escritor Caio Fernando Abreu falando sobre a Aids, dentre outros temas. Na seção *Contraponto* há vários informes que trazem como manchete “Calendário cheio”, Suzana Santos informa ao leitor, dentre outros assuntos, sobre a criação de três centros especializados em Aids que estão à disposição dos moradores do Rio de Janeiro. Informava que no centro da cidade são disponibilizados gratuitamente teste de HIV, camisinha, informações sobre a doença e atendimento clínico e psicológico, o informe deixa claro que o anonimato de quem for atendido nesses centros será preservado. Há ainda a informação de um estudo feito pela Universidade de Nova York o qual analisa a hipótese do sarcoma de Kaposi ser sexualmente transmissível, havendo a possibilidade de desvincular a doença do vírus da Aids. O texto informa ainda que no Brasil, o médico dermatologista Márcio Serra fez um convênio com a Universidade onde está sendo feita a pesquisa, havendo possibilidade de ela também ser realizada no Brasil, colocando o país na linha de frente no combate à doença.

A última notícia sobre a Aids publicada na seção é sobre a distribuição de 30 mil camisinhas no período de Carnaval no Rio de Janeiro. A campanha foi realizada pelo Programa de Doenças Transmissíveis da Secretaria Municipal de Saúde. Ao final

da nota informativa é feito um alerta para os foliões. “Sexo seguro é imprescindível nessa festa quando as pessoas imaginam que podem tudo” (p. 7). É perceptível que a forma de abordagem sobre a doença é bastante diferente da feita por jornais como *Folha de São Paulo*, *Estadão* ou revistas como *Veja* ou *Istoé*⁷⁶. Estar com Aids não é estar condenado à morte, como afirmará Caio Fernando Abreu, em matéria publicado na primeira edição da revista.

O escritor, considerado o primeiro a refletir sobre a questão da Aids em seus textos, fala sobre o quanto é urgente a dessacralização do vírus que “não é uma condenação à morte. Tenho amigos que estão com ele há 11 anos” e ainda afirma que “o vírus é uma coisa idiota. Precisa falar com ele de frente. (...) Não ter vergonha nenhuma disso” (p. 71). Soropositivo, o escritor sugere ao leitor, sendo este soropositivo ou não, a valorizar a vida, a viver sem precisar da piedade dos outros, cabendo aos soropositivos receberem aquilo que precisam receber dos poderes públicos, aquilo que é seu por direito, sem ter que se humilhar passando horas em postos de saúde ou enfrentando filas em hospitais para ouvir um “não temos AZT”. “Solidariedade, amor e tal é muito bonito, mas a gente quer remédio, que as coisas funcionem”, lamenta o escritor. Em nenhum momento Caio diz estar sendo punido por forças extramundanas por ser portador do vírus. Ao contrário, ele reforça a necessidade e a vontade que o vírus o deu para aproveitar a vida mais do que fazia antes.

Em quase todos os dez primeiros números da *Sui Generis* encontramos matérias, entrevistas ou notícias falando sobre a Aids, mas sempre de forma esclarecedora⁷⁷. Ao contrário do que era noticiado pela grande imprensa, a *Sui Generis* não tratava o assunto como uma armadilha na qual o doente não teria como escapar, pelo contrário, os textos indicavam sempre possibilidades de esperança para que o infectado pudesse continuar vivendo, desenvolvendo as atividades do cotidiano,

⁷⁶ Ver: SILVA, Fábio Ronaldo da.; ARAÚJO, Martinho Tota Rocha de. “*Meu prazer agora é risco de vida*” ou como a mídia transforma gays em monstros. 2016.

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/resumo.php?idtrabalho=55>

⁷⁷ Ver, por exemplo, matéria publicada na ed. 4 de junho de 1995, seção *Contraponto* que traz várias perguntas retiradas do livreto produzido pelo Grupo Pela Vidda sobre os direitos de portadores do vírus HIV junto às empresas privadas e públicas e sobre benefícios do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Ou a matéria “Uma luz na escuridão” de Alicia Ivanissevich publicada na 5ª edição e que traz matéria informativa sobre a descoberta de tecnologias e medicamentos de última geração que trouxeram resultados positivos no controle de infecções em portadores do vírus.

sem transformar os portadores do vírus em culpados. Tampouco é trabalhada a ideia de que a doença é uma punição para quem é gay.

Uma matéria que merece destaque aqui foi publicada na terceira edição da revista, a qual chegou às bancas em março de 1995. Foi produzida por Suzana Santos na coluna *Contraponto*, tem como manchete “Mensagem truncada” e traz os dados de pesquisa concluída pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), em convênio com as secretarias de Educação de Friburgo (RJ), Florianópolis (SC), Palmas (TO) e Itabira (MG) e mostra como pensam os estudantes de escolas públicas sobre gays, lésbicas e Aids. A pesquisa durou dois anos e entrevistou 602 estudantes: 35 % dos entrevistados disseram que gays e lésbicas são loucos e 46% desses alunos afirmaram que a existência da Aids deve-se aos homossexuais e à promiscuidade. A pesquisa contribuiu para mostrar que as informações trazidas pela grande mídia, sobre o assunto, e muitas vezes reproduzidas nas escolas e no próprio lar, serviram para distorcer a imagem dos homossexuais no tocante à doença. Como reforça Guatarri e Rolnik (2013, p. 35),

tudo que é produzido pela subjetividade capitalista – tudo que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. [...]. Trata-se de sistema de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.

Mais do que informar, os produtos jornalísticos, independente do suporte que utilizam, buscam convencer o receptor daquelas informações de que ali há uma verdade e o conhecimento transmitido é o correto. Desde a primeira matéria publicada nos jornais e revistas brasileiros, a mídia associou a Aids ao comportamento e às práticas sexuais dos homossexuais, usando vários saberes para reafirmar essa ideia como uma verdade. A morte de Markito foi utilizada pela a imprensa nacional para marcar e nomear outras formas de sexualidades como diferentes e nocivas para a sociedade e é uma forma de matar simbolicamente as homossexualidades consideradas promíscuas e divergentes do comportamento sexual predominante. É também uma violência, como nos chama atenção Farge (2011). Isso não se concretiza totalmente por conta do surgimento de periódicos como o *Nós por exemplo* e a *Sui Generis* que, com matérias, notícias e reportagem “abortam” tal iniciativa tornando do

conhecimento do leitor, não apenas informações sobre a Aids, mas tratando de fatos culturais, sociais e ações políticas de um grupo que continuava resistindo aos enunciados discursivos midiáticos, médicos e sociais transformando-os em sujeitos abjetos. Sobre a questão daqueles que serão tidos como abjetos, Kristeva (1982, p.4) nos mostra que, “não é por tanto a falta de assepsia ou saúde que causa a abjeção, mas sim aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem”.

Foucault (1998) já alertava sobre isso, mostrando que existe um maior interesse em conhecer e controlar os desvios sexuais do que a aceitação da diversidade, por não garantir uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora. Os homossexuais, sendo estes soropositivos ou não, serão catalogados e controlados.

Por mais ousada que fosse, a *Sui Generis* não trouxe em suas páginas ensaios com homens nus. Quando acontecia era de forma mais erótica e informativa. Aproveitando essa lacuna deixada pela revista, no ano de 1997 a Fractal editora lança no mercado a revista chamada *Bananaloca*⁷⁸ que apresentava, além de matérias jornalísticas, fotografias com o nu masculino, em que homens famosos posavam com o falo ereto, sendo a primeira publicação brasileira direcionada para o público gay com essa proposta. Os leitores da *Sui Generis* passaram a enviar cartas para a redação cobrando ensaios com homens nus. A saída da revista foi apresentar esses homens na seção *Vortex*, mesmo assim, eram fotos de peças, filmes ou livros em que apareciam homens nus, ou seja, a revista mantinha a proposta e continuava sendo a de um jornalismo informativo e não pornográfico.

Com a diminuição dos leitores, que passaram a consumir a revista que trazia ensaios com homens famosos e desnudos e a diminuição do número de anunciantes, a *Sui Generis* dá os primeiros sinais de que não duraria muito tempo no mercado. Mesmo tendo grandes empresas como anunciantes na revista, como a EMI e a Ellus, Feitosa afirmava ser difícil convencer os empresários a anunciar, pois muitos tinham receio ou não queriam associar a imagem da empresa ao público gay. E durante a história da revista, não existiu nenhum anunciante de contrato longo que a publicação pudesse seguir sem se preocupar com problemas financeiros.

De acordo Feitosa (*apud* RODRIGUES, 2010, p. 197),

⁷⁸ Sobre essa revista que, mais tarde passará a ser chamada de *G Magazine* falaremos no próximo capítulo.

De quanto a revista custou e de quanto a gente arrecadava, era um problema que se arrastava e que na verdade se arrastou durante toda existência dela, até a hora que a gente teve que fechar. [...] Porque a gente poderia continuar rolando os problemas financeiros. Porque a gente tinha nome, a gente tinha uma marca forte, a gente tinha prestígio. [...] Então, eu perdi um pouco a vontade de prosseguir, porque eu já... A revista já estava começando a se deteriorar. A dificuldade financeira vai se refletindo na qualidade, não tem como, né? [...]

Para tentar evitar o aumento da perda de leitores, ainda em 1997, a SG Press lança a revista *Homens*, publicação mais erótica do que jornalística e acabou sendo um sucesso de vendas. Enquanto a *Homens* conquistava o público, a *Sui Generis* perdia o fôlego e, a partir da edição 50 a revista torna-se quinzenal, sendo a forma que o diretor encontrou para honrar os contratos dos leitores que fizeram assinatura da revista.

No último editorial, da edição 55 publicada em março de 2000, os produtores mostraram ao leitor a felicidade pela história construída da *Sui Generis* que encerrou um silenciamento existente com relações a revistas voltadas para o público gay brasileiro e contribuiu para trabalhar a autoestima dessas pessoas, convidando-as a sair do gueto e buscar direitos, dizendo a Aids e os portadores do vírus de outra forma. “E a gente termina, podem acreditar, contente como a imagem escolhida para a derradeira capa” (*Sui Generis*, ed. 55, p. 4). A capa trazia o aviso “última edição! Exemplar histórico” e apresentava um modelo sem camisa e estampando um sorriso. Após o editorial, há uma página de agradecimento com o nome de todos e todas que contribuíram para a existência da revista. A magazine trouxe modelos, regras, comportamentos e uma gama de discursos subjetivados pelos leitores e que passaram a guiar suas vidas. Mas entre tantos discursos de afirmação, incentivo pela luta e garantia de direitos, as imagens de corpos bonitos e jovens, de que forma essa revista dirá os velhos gays e a velhice? De que forma essa visibilidade e dizibilidade se afasta ou se aproxima do que foi dito sobre esses sujeitos em o *Lampião da Esquina*?

3.2 *Sui Generis*: entre corpos jovens, os velhos

Enquanto a Ditadura Militar brasileira começava a desfalecer, as formas de pensar a velhice vão, assim como uma lagarta, se metamorfoseando, em busca de uma melhor forma de se abordar o assunto. Do final da década de 1930 até 1960, a velhice será associada às situações de pobreza e invalidez, médicos e legisladores pensavam a velhice como um problema semelhante à doença, à invalidez e à morte⁷⁹. Ser velho significava ser incapaz para qualquer tipo de trabalho - a aposentadoria por velhice tinha força recessiva de contrato, possibilidades de amor e sexo, cabendo a eles apenas o recolhimento.

Apenas na portaria de número 82 do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) de 4 de julho de 1974 é dada uma atenção especial ao idoso, sendo previsto o amparo previdenciário para as pessoas com mais de 70 anos, sendo ou não contribuinte regulamentar de tal sistema. Mesmo instituída a lei, a relação do governo militar com os idosos mantinha-se vinculada à noção de caridade estatal tendo como objetivo velar a situação de miséria em que muitos trabalhadores idosos viviam. Quanto mais o Estado autoritário mostrasse que os brasileiros idosos necessitavam desse tipo de governo, maior seria a extensão do seu poder, mais emaranhados eles estariam à sua tutela e, assim, surdos aos movimentos de contestação existentes no país.

Mas as sensibilidades mudam e elas serão percebidas, pelo menos, nas propostas de garantia de direito aos velhos na Constituição de 1988 na qual os idosos aparecem tanto como membro da família quanto alguém que pode ter saúde. Entretanto, necessita de atenção governamental para obtenção de pensão especial. Em consonância com o processo de redemocratização do Brasil passa a ser garantido ao idoso a participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida. De acordo com Debert (1999), apesar dessas mudanças, durante muito tempo a velhice ainda será pensada de forma homogênea pela Gerontologia. Pelo menos no Brasil, o envelhecimento é analisado em seus

⁷⁹ Na Constituição Brasileira de 1937, no art. 137, podemos encontrar na alínea M: (...) a instituição de seguros de velhice, invalidez, de vida e para os casos de acidente de trabalho". Já na Constituição Brasileira de 1946, no art. 157, inciso XVI nos diz que "(...) previdência, mediante contribuição da União, do empregador e do empregado, em favor da maternidade e contra as consequências da doença, da velhice e da invalidez e da morte". Por fim, na Constituição Brasileira de 1967, no art. 15, inciso XVI informa que "(...) previdência social, mediante contribuição (...), para seguro-desemprego, proteção da maternidade e nos casos de velhice, invalidez e morte".

aspectos deficitários e decadentes, pois na sociedade industrial não se admite alguém que não produza. Então, a velhice passa por um outro tipo de gestão, por um processo de reprivatização sendo transformada em uma responsabilidade individual. Assim, as subjetividades sobre a velhice vão se modificando e, aos poucos, não é mais vista como perda ou ausência de vitalidade, mas como um momento da vida que deve ser vivenciado de forma prazerosa e satisfatória.

A revista *Sui Generis* foi lançada no Brasil na mesma década em que as sensibilidades e subjetividades de se dizer a velhice estavam em processo de mudanças. Na década de 1990, a velhice passou a ter mais visibilidade e mais atenção do Governo Federal no tocante às políticas sociais mais abrangentes, sendo introduzida no país a chamada “década da terceira idade”.

A noção de “terceira idade” passava a substituir o conceito de velhice. A aposentadoria ativa vai se opor à aposentadoria corriqueira, o assistente social tornava-se animador social e os asilos passavam a ser centro residencial. Com a urgência de novo tipo de força coletiva de trabalho e com a delimitação de outro tipo de individuação da subjetividade tornou-se necessário criar novas coordenadas de produção de subjetividade. Assim, os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram outras designações, como “idade do lazer”, “nova juventude” “melhor idade”, dentre outros. O mesmo ocorre com a aposentadoria que ao invés de um momento de recolhimento, passa a ser um momento de atividade e de lazer. A preocupação não era apenas pensar e resolver os problemas econômicos dos idosos, mas proporcionar cuidados psicológicos e culturais, integrando socialmente um grupo que nas décadas anteriores fora marginalizado.

É na década de 1990, que são criados, em várias faculdades do país, cursos para pessoas idosas, desde pós-graduação em Geriatria e Gerontologia, residência em Geriatria, estágios de Geriatria e Gerontologia em hospitais públicos, atendimento domiciliar aos idosos com graves problemas de saúde, até a criação de um programa do Governo Federal que lhes oferece vacinação gratuita; começa também a autorização de consultas com geriatras, pelos Planos de Saúde. É ainda nesta década que se regulamenta o decreto da Política Nacional do Idoso, passando a velhice a ser questão pública.

Como atenta Moraes (2011), será com a entrada em cena do discurso gerontológico, as alterações demográficas no mercado de trabalho e as mudanças

promovidas pela Constituição Federal de 1988, com a adoção do Benefício de Prestação Continuada, que diz respeito ao recebimento de uma renda no valor de um salário-mínimo para todos os idosos e pessoas deficientes sem condições de se manter ou que não possam ser mantidos pela família. O aparecimento de novas demandas por parte dos velhos, dentre outras coisas, várias transformações no cenário do envelhecimento no Brasil serão percebidas, sendo uma das principais, a necessidade do consumir na “terceira idade”, categoria criada para os velhos das classes média e alta que possuíssem condições de praticar a velhice ativa e tivessem a possibilidade de vivenciar melhor a fase da vida após os sessenta anos.

Sabemos que não existe um tipo de velhice homogênea, haverá vários tipos de imagens do que é *ser velho* e da *velhice* no país. Teremos a velhice pobre e desamparada, a “terceira idade”, a velhice ativa e saudável, os velhos que não aparentam a idade, os que vão consumir os medicamentos e planos de saúde; há os que têm planos previdenciários, os que realizam atividades laborais e os que sustentam, ou não, os filhos e os netos. E serão esses velhos que aparecerão na *Sui Generis*. Da mesma forma que a revista falava para consumidores jovens das classes médias, nas vezes em que falará sobre velhice ou em que velhos aparecerão nas matérias, entrevistas ou reportagens, também serão dessas classes sociais.

Nas 55 edições da revista, encontramos 35 textos, distribuídos entre reportagens, entrevistas, notícias e artigos, nos quais aparecem velhos ou em que se fala sobre velhice. Mas serão poucos aqueles que falarão sobre o relacionamento amoroso intergeracional. Se pouco é falado ou não se diz, automaticamente, não existe ou é uma situação que poucos se lembrarão da possibilidade de existência. Um dos poucos textos que falará sobre a possibilidade amorosa de gays velhos estará no artigo “Amor intergeracional” do escritor João Silvério Trevisan publicado na 33ª edição. Mas, antes de falarmos sobre velhos e velhice na revista *Sui Generis*, é importante lembrar que essa revista surge quase que em paralelo a realização das primeiras Paradas Gay no Brasil.

As Paradas Gay⁸⁰ nascem no país nos primeiros anos da década de 1990, período em que o movimento GLS⁸¹ brasileiro estava focado, principalmente, no enfrentamento das questões relativas ao HIV/Aids. Devido à interação com agentes

⁸⁰ Depois passa a ser chamada de Parada do Orgulho LGBT.

⁸¹ Atualmente usa-se a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros).

estatais, atores privados e organismos multilaterais internacionais, que começaram a abranger grupos de ativistas e Organizações Não Governamentais nos processos de implementação de políticas públicas, o movimento homossexual assumiu uma configuração diferente sendo composto por organizações formais, nas quais havia militantes profissionalizados e abertos ao diálogo com o Estado e com o mercado. Ao mesmo tempo, passava a ganhar mais força nas grandes cidades brasileiras, um mercado direcionado ao público gay, constituído não somente por bares, saunas e boates, mas também por veículos de mídia, eventos culturais e agências de viagem, que contribuíam para dar visibilidade às diversas expressões de gênero e sexualidade que emergiam na cena *gay* nacional, bem como ampliar o alcance das produções culturais do movimento LGBT (FACCHINI, 2005; FACCHINI e SIMÕES, 2009).

Foi no ano de 1995, por ocasião da XVII Conferência da International Lesbian and Gay Association (ILGA) realizada no Rio de Janeiro, que ocorreu a primeira Parada de Orgulho LGBT do país. Ao final da Conferência, a Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis reuniu ativistas de vários países que juntos caminharam, em clima de festa, pela Avenida Atlântica, em Copacabana, com uma enorme bandeira do arco-íris. No ano seguinte, especificamente no dia 28 de junho de 1996, data que marcava o aniversário de vinte e sete anos da Revolta de Stonewall nos EUA, ocorreu a primeira tentativa de organização de uma manifestação de afirmação do orgulho de *gays*, lésbicas, transgêneros e transexuais em São Paulo, por meio de um ato que contou com a participação de aproximadamente 200 pessoas no centro da cidade. Mesmo que essa ação - que ficou conhecida como Parada Zero - tenha sido esvaziada e quase sem impacto na grande mídia e na rotina da cidade, sua realização ajudou a impulsionar a construção da Parada que aconteceria no ano seguinte. Em 1997, a primeira Parada Gay de São Paulo, que aconteceu na Avenida Paulista, contou com a participação de 2 mil pessoas, número que cresceu exponencialmente nos anos subsequentes, contribuindo para que tal grupo saísse da invisibilidade, sendo apresentado não como “transmissores de uma peste” – como tanto alardeou a grande mídia nacional – mas enquanto sujeito político. Nos anos subsequentes, muitas das principais avenidas de várias cidades do país, durante um dia, deixavam de ser apenas um lugar para a circulação de veículos e se tornavam plataformas de expressão política para assegurar e conquistar direitos, respeito e,

acima de tudo, a garantia de não ser assassinado por possuir uma orientação sexual distinta da heterossexual.

3.3 Velhice e intelectualidade

Escritores, teatrólogos e cineastas estarão sempre presentes nas edições da *Sui Generis*, sejam estes velhos ou não. Já na primeira edição da revista, vemos uma matéria que não vai falar sobre a velhice, mas apresenta uma pessoa velha emitindo opinião sobre assuntos que eram de interesse do público alvo da revista. O primeiro texto é uma matéria que tem como personagem principal, o escritor Caio Fernando Abreu falando sobre Aids, discriminação e sexualidade. A matéria “Conhecendo o Paraíso”, produzida por Maristela Barros com imagens do fotógrafo Marcos Mendes apresenta algumas impressões de Caio Fernando Abreu, 46 anos, sobre a “hipocrisia do Brasil-barbie”, o dom que é viver a vida e a necessidade de os *gays* saírem do gueto.

Partindo da ideia de trazer pessoas famosas que, mesmo com alguns percalços ao longo da vida conseguiram vencer, a matéria vai apresentando um breve perfil do escritor, informando ao leitor que ele já foi colaborador da revista *Veja* e de alguns jornais, dentre eles, o *Estado de São Paulo* periódico em que informou, em um artigo, ser soropositivo. Cita dois trabalhos, *Morangos mofados* e *Os dragões não conhecem o paraíso* e que teve obras traduzidas para o francês, italiano e holandês “e até para a coletânea americana *Now the Volcano*, publicada pela Gay Sunshine Press” (p. 21). Soropositivo e com quase 50 anos, o jornalista diz ser o escritor ativo, bonito e eternamente magro. Mesmo com tais características, é preciso lembrar ao leitor que o escritor não é um inválido, porém muito produtivo. Ele não se encaixa no modelo de imagem da velhice construído pela mídia e pelo discurso da Gerontologia. Para reafirmar a imagem do homem produtivo encontramos um pequeno depoimento de Caio na matéria.

Minha batalha, agora, tem sido esticar os dias, para terem 48 horas. Me levanto às seis e meia, faço um pouco de ioga, tomo café e vou cuidar do jardim até às oito. Sento para escrever, almoço, faço uma sesta, dou uma andada de bicicleta, de tardezinha vou para a beira do rio, de noite leio um pouco e às 11 durmo [...], (p.21).

Mesmo sendo um escritor famoso, era preciso legitimar o espaço cedido para ele na revista, mostrando-o como uma pessoa ativa, produtiva e com uma ótima habilidade cognitiva, contribuindo, assim, para a construção de outras subjetividades sobre os portadores do vírus da Aids e também dos velhos. Após uma breve apresentação do escritor, a matéria apresenta posicionamentos dele sobre alguns temas. Destacaremos aqui a reflexão feita sobre o perigo de se viver no gueto e produzir produtos voltados exclusivamente para os homossexuais.

Na matéria, o autor de *Morangos Mofados* faz uma crítica ao que chama de “luta e cultura gay”, afirmando que isso nada mais é do que uma forma de reforçar a discriminação. Para ele, o ideal seria lutar pelo direito de todos os grupos desfavorecidos, do contrário fica “(...) algo meio Xuxa, tipo vamos fazer a botinha, a camisetinha, a calcinha, e vender, vender, vender” (p.70). São criados produtos e personalidades para serem consumidos pelos que estão nos “mini, macro e médios guetos Nós devemos caminhar é para a união de tudo. Se não, é muito esquizofrênico” (p. 22). A fala de Caio estava em consonância com a proposta da revista de não produzir para o “gueto” de publicações eróticas produzindo produtos para um mercado seletivo e que sofria preconceito da sociedade. Todavia, será em cima dessa proposta que o “movimento gay” irá se apoiar na tentativa de conseguir uma visibilidade positiva e conquistar direitos.

Ao final da matéria, Caio diz que “somos todos Laikas”, fazendo referência à cadela enviada pelos russos para o espaço no satélite Sputnik no ano de 1957. Laika, um dos personagens *alterego* do escritor também servia para Caio nos lembrar que somos todos cobaias e, provavelmente, assim como os dragões, não conheceremos o paraíso. O interessante da comparação é que, Laika foi enviada para o espaço sozinha, sem nenhum outro animal ao lado dela para servir de companhia. Uma cadela solitária foi lançada para o espaço, o lugar da solidão, cheio de estrelas, planetas, galáxias, o próprio infinito. Mesmo com um discurso bastante crítico sobre o movimento gay e a (des)atenção do governo para com os portadores do vírus HIV, a matéria traz a imagem de um escritor, produtivo, desconstruindo a imagem da velhice inativa. Mas, ao mesmo tempo, reforça outra: a da velhice como o lugar da solidão e isso pode ser percebido nas duas fotos de página inteira publicadas junto à matéria, ambas em preto e branco, em que Abreu aparece. As imagens trazidas na matéria remetem o leitor ao que Deleuze (1987, pp. 36-7) chama de lugar comum.

A imagem não cessa de cair em estado de lugar-comum; porque se insere nos encadeamentos sensoriomotores, porque ela mesma organiza ou induz estes encadeamentos, porque nunca percebemos tudo o que há na imagem, por que ela está feita para isso. Civilização da imagem? De fato, se trata de civilização do lugar-comum, onde todos os poderes têm interesse em nos ocultar as imagens, não forçosamente em nos ocultar a mesma coisa e sim em nos ocultar algo na imagem.

O autor afirma existir um interesse geral em esconder algo na imagem, este algo poderíamos dizer que é o próprio caráter de persuasão. Essas imagens trazidas no texto não servirão apenas para ilustrá-lo. Ela também afirma algo que na maioria das vezes, será percebida pelos leitores de forma inconsciente. A imagem é um texto, também se lê e quando em preto e branco remete, na maioria das vezes, aquilo que está aprisionado no passado, rememorativo e que não será nada mais do que isso. A lembrança de uma pessoa que, na velhice, teve como companheira apenas os livros e as flores do jardim, mas que, em breve, vão perder a cor, murchar e morrer.

Ao tratar sobre Aids e, especificamente no caso do escritor, em nenhum momento a doença é relacionada à morte. A própria fala de Caio aparece no texto sem fazer tal relação ou ligação, sendo construída com essa matéria e em outras publicadas pela revista, sobre a doença, com esperança no viver e no aproveitar a vida. É importante perceber que o dispositivo midiático falará mais sobre a morte do que os teóricos dos Estudos Culturais; como afirma Eagleton (2005), são reticentes também em falar sobre o sofrimento. De acordo com o autor, muitas vezes esquecemos que a morte nada mais é senão uma das estruturas internas da própria existência social.

Tudo o que é natural, geralmente é bem aceito. Abre-se uma exceção para a morte. A morte é tão estranha quanto íntima para nós; nem totalmente estranha nem puramente pessoal. Nessa medida, nossa relação com ela assemelha-se à relação com as outras pessoas, que são, da mesma forma, tanto companheiras quanto estranhas [...]. Por estar assim entrelaçada com nossas vidas, a morte pode torna-se menos assustadora, menos uma força ameaçadora que simplesmente está em campo para acabar conosco (EAGLETON, 2005, p.284).

A questão da morte foi estudada pelo historiador Philippe Ariès (2003) que afirma ser a morte construída histórica e culturalmente devido às modificações que se operam com o passar do tempo, sendo ela um problema dos vivos. A dor da morte

ocorre por não se saber lidar com a perda daquilo que se tem em vida e a separação com quem se convive. Assim, a ideia da doença associada à morte não existirá na *Sui Generis*. E, mesmo ao falar da morte de Caio Fernando Abreu ou do cantor Renato Russo, por exemplo, será dado mais destaque ao legado deixado em vida do que a própria doença, pois esse magazine é especializado, tem um público específico que a consome. Desse modo, o que era publicado e a forma como são noticiadas as informações se diferenciavam do modelo das revistas semanais de informação como *Veja* e *Istoé*, por exemplo. A *Sui Generis*, sem os apresentar como moribundos, visa também afastar-se das angústias que a doença e a própria morte traz para quem está ao redor daqueles que são portadores do vírus, bem como dos leitores que consomem a revista. A morte será “recalcada” individual e socialmente (ELIAS, 2001).

Da mesma forma, a construção da imagem de Caio Fernando Abreu, mesmo velho, como um escritor de sucesso, estava ocupando as páginas da primeira edição da revista. O mesmo será feito na 2^o edição da *Sui Generis* em entrevista com o escritor e ex-colaborador do *Lampião da Esquina*, João Silvério Trevisan.

Com texto de Jorgemar Félix e fotos de Christian Gaul, a entrevista tem como título “Lições de exílio” e, logo abaixo do título há um texto no qual destacamos a seguinte frase “João Silvério Trevisan é um sucesso aos 50 anos” (p.11). Isso nos faz pensar que fazer sucesso aos 50 anos é um acontecimento que se torna necessário ser dito na matéria, como se não fosse possível isso acontecer, mas, mesmo com tal idade, o escritor conseguiu. Por isso, ele foi entrevistado pela equipe da revista, a qual busca mostrar pessoas vitoriosas e de sucesso. Antes da entrevista, é feito um pequeno perfil do entrevistado dando ênfase às modalidades profissionais praticadas por ele.

Jornalista, autor teatral, tradutor, roteirista de cinema e escritor, o paulista João Silvério Trevisan, 50 anos, depois de publicar quatro romances e o mais completo ensaio sobre a homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso*, conquistou a mídia com seu novo livro, *Ana em Veneza*, considerado o romance do ano de 1994 (p.11).

Trevisan fala sobre o livro *Ana em Veneza* que narra o encontro de três exilados, o músico cearense Alberto Nepomuceno, a mãe do escritor Thomas Mann, Júlia Bruhns e a escrava Ana, que seguiu com Júlia para a Alemanha quando aquela tinha sete anos de idade. O autor diz que os homossexuais também são exilados na própria sexualidade, tendo de ocupar sempre espaços marginalizados. Todavia, por

conta do medo, muitos vão optar por estar em “espaços marginalizados” garantindo assim o anonimato, evitando fazer vir à tona o segredo sobre a sexualidade, o que acarretaria mudanças, muitas vezes drásticas, na vida pessoal do indivíduo.

Ao longo da sua história, a *Sui Generis* sempre exibiu personalidades famosas na capa ou em matérias e Trevisan será mais um exemplo cuja reafirmação é importante. Como diz um trecho da matéria, “com 50 anos ele é um sucesso”. Mas não será pelo corpo que tem o sucesso, mas pelos escritos, assim como Caio Fernando Abreu, personagem principal em uma das matérias da primeira edição da revista. Dos velhos, só serão interessantes as palavras, as opiniões, o conhecimento sobre determinados assuntos, principalmente se esses velhos forem intelectuais. O corpo não é atrativo, não é desejante e não vende. Os corpos que aparecerão nos ensaios trazidos na *Sui Generis* são corpos malhados, torneados, de garotos jovens. Corpos reais, trabalhados em academias, ou irreais, produzidos pelo Photoshop⁸². Aos velhos caberá apenas as ideias, a sagacidade e, no caso dos dois escritores, a imaginação.

Como dito anteriormente, a mídia é uma forma de maquinaria que contribui na produção de subjetividades projetadas na realidade do mundo -, quando publica matérias apresentando textos e imagens tidas como verdades sobre determinados temas e assuntos -, e na realidade psíquica, que incide nas formas de conduta, de ação, de gestos, de sentimentos, de pensamento, etc., são modelos memorizados e aceitos tal qual são apresentados. Por isso, não causa estranhamento os velhos aparecerem sozinhos nas fotos trazidas pela *Sui Generis*, pois aos velhos cabe a solidão e a solidão cabe aos velhos.

Há na matéria três fotos de João Silvério Trevisan. Em duas ele aparece de perfil e apenas em uma ele está olhando para a câmera, usando o livro para apoiar as mãos e o queixo, o livro será o apoio dele na e para a vida, é o que sustenta a cabeça. As fotos aparecem em tom sépia, meio alaranjado, dando a ideia de fotos envelhecidas, remetendo-nos a mesma ideia das imagens trazidas na matéria com Caio Fernando Abreu. Mesmo conseguido chegar ao sucesso aos 50 anos, esse sucesso foi apenas profissional, não afetivo, tampouco amoroso. Talvez, isso seja possível nos livros escritos por eles. Para a revista, os textos escritos e imagéticos,

⁸² Programa de edição e manipulação de imagens que surgiu no ano de 1987 e que, dentre outras coisas, serve para corrigir as “imperfeições” da imagem, do corpo e das ações do tempo sobre o corpo.

são possibilidades quase inexistentes. Na edição 33, o próprio João Silvério Trevisan escreverá um artigo sobre a relação amorosa possível de existir entre pessoas mais jovens e mais velhas. Mas sobre esse artigo falaremos adiante.

Um ponto bastante recorrente no periódico e revistas que estamos analisando aponta para os velhos como depositários de memórias, os quais aparecerão em matérias, reportagens e entrevistas, lembrando determinadas épocas ou fatos vivenciados ao longo da vida e que servirão como exemplos dados aos leitores. Vimos isso em algumas matérias de o *Lampião da Esquina* e o mesmo acontece em *Sui Generis*, como pode ser visto na sétima edição da revista na matéria “Recordações de sexo e revoluções”, publicada na seção *Livros*. O texto fala sobre o lançamento do livro *A cerimônia da inocência* do ator, escritor, diretor e dramaturgo Sérgio Viotti. A obra narra as descobertas de um adolescente no período da Era Vargas. Ao ser perguntando se o livro é autobiográfico Viotti afirma que “é muito improvável qualquer história que recordar a infância e adolescência não possuir traços autobiográficos” (p.14). Como nos indaga Albuquerque Júnior (2010, p. 14),

quando viver é lembrar, quando se julga não se ter mais vida, escrever um texto que avalia, meio que a distância o que viveu, o significado que tiveram suas ações e ideias, este ser se coloca no lugar do morto, se coloca como já tendo encerrado a vida, como então continuar vivendo?

Desta feita, podemos dizer que a velhice é o momento no qual o corpo biológico já não possui a força e vitalidade dos corpos jovens, sendo este o momento para recordar o passado e, neste caso, a adolescência serviria de mote para compor uma história literária. Como geralmente ocorre, é feita uma apresentação profissional do escritor, mostrando que o primeiro romance, *E depois nosso exílio*, lançado em 1963, recebeu um dos mais importantes prêmios literários na época. Também é dito que o livro de poesia publicado em 1953, *Invenção triste*, foi lançado em Portugal e vários de seus textos para teatro foram encenados nas décadas de 1970 e 1980, que já morou em Londres e que trabalhou na BBC. Logo, toda essa história legitimaria a presença de Viotti na *Sui Generis*, por ser uma pessoa “capacitada” e que conseguiu sucesso e reconhecimento dentro das áreas em que atuava.

Na matéria, vemos uma foto de Sérgio Viotti, na arte da capa do livro que foi lançado, na qual ele aparece de frente, mas não olhando para a câmera e sim, com

um olhar que observa o que não se mostra na imagem. O espaço dado ao escritor nas páginas da revista, provavelmente, deve-se ao fato não apenas da publicação da nova obra, mas, por ele ser velho: detinha saber, experiência e capacidade de perceber e explicar sobre o mundo, mesmo que fosse através de uma obra literária. O mesmo acontecerá com o autor de telenovelas brasileiro, Gilberto Braga, também na sétima edição da revista.

Antes de ser publicada a entrevista feita pelo diretor da revista, Nelson Feitosa, é feita uma breve apresentação de Braga. O texto informa que, aos 51 anos, o autor escuta músicas de Cartola e lê Marcel Proust, escreve vinte páginas de um capítulo de novela em até vinte minutos, gosta de comida baiana e de frequentar restaurante francês. É um velho bem relacionado com a cultura, ágil e de fino trato. Na entrevista, o autor fala de algumas coisas que tem prazer em fazer, como por exemplo, ler e viajar para França a cada três anos para passar mais de um mês e do tímido aparecimento dos personagens gays nas novelas brasileiras, citando as personagens lésbicas Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin) da novela *Vale Tudo* e dos personagens gays da novela *A próxima vítima*, Jeferson (Lui Mendes) e Sandrinho (André Gonçalves).

Anteriormente falamos que a revista era voltada para o público das classes média e alta e que Gilberto Braga é um integrante desse grupo. Mesmo escrevendo novelas e minisséries as quais fizeram sucesso no país, o autor também teve novelas que não obtiveram bons índices de audiência. Mas, como afirma, “[...] o fracasso de um modo geral estimula. Dá vontade de fazer melhor. O sucesso, pelo contrário, dá um grande medo” (p. 19). Assim como alguns velhos e gays, Braga é entrevistado por ser uma pessoa mais velha e experiente, que soube vencer os problemas e manter a fama e o sucesso de suas novelas. É um vitorioso que não se limitou às dificuldades da profissão e possui um corpo enrugado, mas de aparência considerada politicamente aceitável por ainda não se apresentar como um “remendo de corpo”. Por isso, assim como as outras personalidades, as palavras e imagem dele estarão impressas nas revistas. O mais importante a destacar é que, em nenhum momento os entrevistados falam sobre velhice nem abordam o ser velho. A velhice está nos outros e, por se apresentarem dinâmicos, produtivos, com corpo e rosto que não aparentam ter determinada idade, possivelmente eles não se veem como velhos. A velhice estará em quem se comporta como velho, naqueles que perderam a autonomia e a lucidez.

Tais situações nunca estarão presentes nos entrevistados da *Sui Generis* que se mostram como pessoas ágeis, capazes e criativas, que consumiam e produziam cultura, imagens que se afastam totalmente das que foram mostradas pelo *Lampião da Esquina*.

Encontraremos ainda nessa sétima edição, a matéria “A jornada de poucos heróis” publicada na seção *Livros*, produzida por Carlos Heli de Almeida e aborda a autobiografia *Palimpsest* do romancista, ensaísta e dramaturgo americano Gore Vidal. De acordo com Almeida, o autor narra sem sentimentalismo suas memórias e pinta um retrato nada heroico de grandes ícones americanos. Ao final, há uma nota informando que a obra é inédita no Brasil e são indicadas formas para se comprar o livro direto de uma livraria americana. Preservando a estrutura usada nas matérias para, de certa forma, justificar a presença de um idoso de 70 anos nas páginas da revista, Heli fala sobre os espaços frequentados por Vidal e pessoas com as quais conviveu. “Ele desfrutou da intimidade de ricos, famosos e poderosos. Participou ou esteve próximo de alguns dos mais importantes acontecimentos culturais e políticos deste século. [...] e nunca escondeu sua homossexualidade” (p. 14).

Não foi por ser homossexual que Vidal frequentava os espaços de poder e estava com pessoas com poder, como dá a entender o texto de Almeida, mas por ser pertencente a uma família rica e que tinha contato com personalidades políticas, visto que o seu avô foi senador e o pai trabalhou para o governo Roosevelt e isso era o que legitimava o trânsito do escritor entre a alta classe americana.

Sobre a autobiografia, narrando apenas os primeiros 40 anos de Vidal, é tida por Almeida como uma das mais aguardadas dos últimos tempos. Dá-se destaque à complicada relação que tinha com a sua mãe, Nina, apresentada como alcoólatra e extremamente egocêntrica e que serviu de modelo para ele nunca querer se casar. Além disso, destaca a relação (amizade e sexual) que teve Vidal tinha com Jack Kerouac, Anaïs Nin, Greta Garbo, dentre outros artistas.

Produzir uma autobiografia é também relembrar memórias. Aos velhos, cabem a experiência e a capacidade de se lembrarem de um tempo vivido e que agora jaz nas lembranças, nas memórias. Como destaca Agra do Ó (2010, p. 213), “o passado que se encontra narrado na memória é uma imagem que resulta da negociação do olhar da própria memória para com as indicações oferecidas por outras práticas de significação do vivido, entre as quais a história”. Naquele momento em que estava

escrevendo, fazendo o registro memorialístico da sua autobiografia, Vidal faz o registro histórico das emoções, angústias e decepções vivenciadas.

A respeito da vida amorosa, é dito na matéria que Vidal vive há 45 anos com o companheiro Howard Austen em Ravello, Itália. Mas, segundo Almeida, a grande paixão de Vidal foi Jimmie Trimble, capitão da turma de beisebol da classe do escritor e que morreu aos 19 anos durante a Segunda Guerra Mundial. A matéria traz, inclusive, a imagem do atleta vestido com roupas de soldado com a seguinte legenda “Jimmie, o grande amor de Vidal, poucos meses antes da sua morte na II Guerra”. Há ainda outra foto, dessa vez a de Vidal jovem, em uma fotografia tirada para a revista *Life*, em 1947.

O que nos chama atenção na narrativa apresentada na matéria é que, quando jovem, Gore Vidal foi um homem de muito sucesso, relacionado com muitas personalidades famosas, escreveu livros que foram bem e malquistos pela crítica e pelos leitores. Mas, quando velho, restam as lembranças de um passado festivo, de alegrias e decepções e um amor que acabou sendo o possível, já que o desejado não sobreviveu. Talvez, por isso que o texto finaliza apresentando um intelectual que só se importa consigo mesmo.

Nos meus encontros anônimos eu nada fazia – pelo menos deliberadamente – para agradar ao outro. Quando fiquei velho demais para receber essas atenções dos jovens, passei a pagar com satisfação, liberando-me assim de qualquer obrigação de agradar de alguma maneira” (SUI GENERIS, ed. 08, p. 15).

Independentemente da idade, o escritor não se sente impedido de ter prazer, mesmo pago. O corpo dos jovens é uma mercadoria que passa a ser consumida pelos mais velhos não apenas pelos olhos, mas também sexualmente. Sendo um *corpo-produto*, passa a ser usado e, quando não mais satisfaz, é trocado por outro, que passará pelo mesmo processo e, assim sucessivamente. Então, mesmo tendo um corpo velho e enrugado, Gore Vidal sente-se detentor de um *corpo-potência* por conta do dinheiro que conseguiu adquirir ao longo da vida, podendo assim, comprar os *corpos-produtos* disponíveis no mercado. Ele tem o poder. O dinheiro é o poder e, mesmo após a relação sexual, quando a pessoa detentora do *corpo-produto* recebe o dinheiro, passando também a ter poder, este será momentâneo e não se iguala ao

poder de quem paga e que possui um montante bem maior do que aquele usado para pagar o prazer momentâneo e passageiro.

O próximo texto é um artigo de João Silvério Trevisan com título “Veredas do desejo II – infelizes os feios, os velhos e desmunhecados”, publicado na 13ª edição da revista. O autor inicia o texto falando da época em que morou em Berkeley, Califórnia. Década de 70, período da liberação sexual, havendo a possibilidade de manter relações sexuais com homens lindos, que correspondiam ao padrão de beleza introjetado desde a infância pelos filmes hollywoodianos. Trevisan fica com uma dessas beldades, mas, durante o ato sexual o seu parceiro acaba adormecendo, talvez pela *marijuana* consumida antes do ato. A sonolência do rapaz fê-lo acordar para o quanto os gays consomem os produtos que a indústria capitalista produz e nos oferece, sejam esses, roupas, acessórios, marcas ou corpos. “Orientadas para o consumo, nossas expectativas desejantes tornaram-se ainda mais tributárias das fantasias introjetadas” (p.17), afirma. Essa beldade hollywoodiana com quem Trevisan se deitou, é detentora do que Rolnik (1996, p. 3) denominará de identidade *prêt-à-porter*, figura que possui o glamour da beleza física e facial que está imune ao estremecimento das forças.

Mas quando estas são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa.

Há uma maquinaria de dimensão internacional que busca modelar, padronizar os corpos, gostos e pensamento e essa máquina de produção de subjetividade não é algo que nos toma de assalto, pelo contrário, desde a infância que ela é instaurada “com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 49).

Ao ver os anúncios publicados em classificados de jornais e revistas, ele percebe o quanto boa parte deles procuram o mesmo modelo de homem “dos sonhos”, homens jovens, bonitos e viris. Logo, velhos, feios e afeminados não são pessoas desejadas. Esses modelos desejados são mostrados pela mídia e essas imagens são subjetivamente degustadas diariamente. Ainda no artigo Trevisan afirma que

tendo crescido muito em poder e eficácia, a mídia controla e invade nossas vidas como um rolo compressor, por obra de uma enganosa publicidade que todos os dias desaba sobre nossas cabeças 'moderninhas'. E nossa sexualidade (que se queria tão atrevida) entregou-se à generalizada mentalidade do *fast food* sexual, onde conta a rapidez e o gosto forte mas efêmero, a partir de estímulos imediatos e encontros previsíveis (p.17).

É interessante tal assunto ser abordado na revista, pois também reproduz o discurso do jovem, bonito e viril tanto nas matérias quanto nas imagens publicadas e, mesmo que os velhos apareçam, serão em número bem menor se comparados aos jovens e, se [já] não são bonitos, tal ausência será substituída por informações de grandes conquistas feitas, fazendo-os vencedores. Outra forma de não deixar transparecer a velhice é mostrar o velho apenas em texto, caso apareçam imagens na matéria, elas serão de quando o entrevistado era jovem, como mencionado anteriormente. E pouco se fala sobre futuro, reforçando a ideia que existe no senso comum, que estar velho é não possuir futuro.

Ainda questionando o modo de ser e de desejar de muitos homossexuais, dirá Trevisan que

nós, os rebelados de ontem, estamos comendo das páginas de um manual social que caga regras estritas através de modismos e arrogância no lugar de libertação. Tudo inserido na mentalidade 'moderna' de alta rotatividade e baixa vivência. [...] E nossa montanha libertária pariu um rato conformista. Que pena, baby (p.17).

Assim como todos os outros veículos de comunicação, *A Sui Generis* é uma espécie de máquina produtora de linguagem que propõe de forma ininterrupta modelos de imagens, regras e comportamentos através dos quais o receptor possa se conformar e, subjetivamente, aderi-los e vivenciá-los no cotidiano.

Ainda na 13^o edição do magazine, encontraremos na seção *Mosaico* um texto de Celi Marcos Santos intitulado "Um não para os disfarces sociais", uma espécie de "homenagem" ao escritor Jean Genet, falecido há dez anos. Esse é o primeiro e único texto da revista que não apresenta um personagem que conseguiu uma redenção social pelas dificuldades enfrentadas ao longo da vida. Diz que a literatura, especialmente *Querelle de Brest* e *O balcão* que foram transformadas em filme e peça de teatro respectivamente, são uma espécie de recompensa para uma pessoa que foi

abandonada pela mãe, teve um pai desconhecido e vivia em situação de extrema pobreza, tendo que pedir esmolas e se prostituir. Sendo preso em 1948, condenado à prisão perpétua, Genet só foi liberado devido a uma petição assinada por intelectuais liderados pelo poeta Jean Cocteau, o filósofo e escritor Jean-Paul Sartre, o escritor André Gide e o diplomata e poeta Paul Claudel.

Falando sobre o trabalho do escritor, Celi dirá que sua obra ganha destaque mais pela face terrível do que pelo lirismo e seus livros são uma espécie de apologia a todas as inversões de valores morais e sociais, a tudo que é vil, obscuro, apocalíptico e escandaloso, uma forma de vingança contra o mundo que o excluiu. Genet aparece numa foto em preto e branco, sentado e fumando na frente de uma estante cheia de livros. Foto posada que contribui para reforçar a ideia de uma pessoa culta, mas um ser abjeto. É importante destacar, ainda, que o texto aparece “imprensado” em uma página entre duas propagandas de dois estabelecimentos comerciais, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, um salão de depilação masculina e uma sauna. Dois ambientes que iam totalmente de encontro aos ideais do escritor que se mostrará sempre contra aos ideais burgueses, preferindo sempre aqueles que estavam à margem. De modo geral, as propagandas desses estabelecimentos contribuem para fazer com que o leitor esqueça rapidamente a matéria do escritor “maldito” e da “feiura” dos seus escritos e passem a se preocupar com os prazeres para o corpo e do corpo.

A próxima matéria em que um velho homossexual será a “estrela principal” estará na 15ª edição da *Sui Generis* que publicou a matéria “Avoé” na qual o teatrólogo José Celso Martinez Correia fala da peça *Bacantes* e dos amores vivenciados com atores de teatro. A matéria foi produzida por André Hidalgo e as quatro fotos que ilustram o texto foram produzidas pelo fotógrafo Vicente de Paulo. Nas imagens, todas da peça, Zé Celso aparece apenas em uma. A primeira estará logo abaixo do título da matéria e mostra as línguas dos atores Marcelo Drummond e Fransérgio Araújo se tocando. Na segunda imagem, que ocupa uma página inteira, vemos o diretor caracterizado como um dos personagens da peça segurando uma taça de vinho e um preservativo como um balão, as duas últimas imagens são de Fransérgio e Marcelo, ambos caracterizados, também, como personagens da peça. Na matéria, vemos pela primeira vez um falo sendo exibido na revista, mas este não aparece ereto. Interpretando Dionísio, para compor o personagem, Drummond usa chifres, uma capa

preta e uma espécie de macacão cinza expondo a genitália. Como dito anteriormente, às vezes em que a genitália aparece nas matérias da *Sui Generis* não terá uma conotação pornográfica, como ocorrerá na *G Magazine*, revista que analisaremos no próximo capítulo.

Antes de narrar como foi o encontro com o teatrólogo, Hidalgo contextualiza o leitor informando que a ideia de Zé Celso produzir *Bacantes* surgiu em 1986, ano em que conheceu o ator Marcelo Drummond. Uma noite e três dias depois já estavam morando juntos. A partir daí, o texto mostra a luta dos dois para a reconstrução do Teatro Oficina⁸³ e a montagem da peça *Bacantes*. A matéria afirma que Zé Celso passou a ser chamado de maluco por brigar com o Estado, com a mídia e com empresários, vencendo todos, passou a “reinar” no Oficina.

No segundo momento, é narrado o encontro com o diretor da peça. Ao ser questionado por Celso se a entrevista era para uma revista “GLS”, Hidalgo diz que pensou “vou ter de conquistar a confiança desse povo, mostrando que nada mais me choca, que odeio os valores pequenos-burgueses e que não sou uma bichinha quá-quá-quá” (p.18). Percebemos a negação do discurso que a própria revista vendia, já que era produzida para os grandes pequenos-burgueses, além de um tom bastante preconceituoso de Hidalgo, dado que não quis parecer um *gay* efeminado e “sem conteúdo”, como se os gays afeminados fossem pessoas nada mais nada menos do que fúteis.

Zé Celso fala da importância de Marcelo Drummond em sua vida, tendo-o encorajado a levar adiante a proposta da montagem da peça. Os dois criaram o grupo teatral *Usyna Usona* que encenou três peças, *Mistérios gozosos*, *Ham-lete* e *As boas*. O diretor deixa claro que foi Drummond que deu fôlego para que tais projetos fossem levados adiante. Apesar de ter a sabedoria, faltava-lhe a estratégia de tempo, algo que conseguiu com o parceiro. A experiência é aquela que atravessa o sujeito, deixando marcas e vestígios. Ela terá relação direta com os deslocamentos, com as aventuras, com as viagens, mas também com a velhice, como apontava Benjamin (2012). Cabe a Zé Celso transmitir o conhecimento adquirido ao longo dos anos para o seu companheiro e este o fará trabalhar melhor com a questão do *timing* do momento, como diz o diretor.

⁸³ Local onde, dentre outras encenações e eventos, foi lançado o manifesto da cultura brasileira, o Tropicalismo.

Curioso sobre a vida afetiva dos dois, Hidalgo pergunta se eles são casados e acaba sabendo que, além de Drummond, Zé Celso também divide a cama com o ator Fransérgio e prefere chamá-los como companheiros, pois vê o casamento como uma “instituição falida”. “Casamento é para quem tem bens. Eu tô cagando para a lei. Vivo do jeito que eu quiser [...]” (p.21), afirma Drummond. É importante perceber que o teatrólogo nos passa a necessidade de vivenciar relações afetivas da forma “tradicional”, isto é, com apenas um parceiro, como culturalmente fomos instruídos a fazer. Outras formas de vivenciar os amores e os prazeres são inventadas e narradas pelos sujeitos homossexuais que se permitem fugir dos padrões heteronormativos, mas, sobre isso discorreremos adiante. A matéria é concluída reafirmando a importância de Zé Celso e o quanto foi importante a reconstrução do Teatro Oficina na história da dramaturgia brasileira. Mesmo fugindo às “normas”, o texto constrói a imagem de um teatrólogo que foi um herói e salvador.

Velhos intelectuais voltarão a aparecer apenas na edição 26 da revista na seção *Mosaico*, que tem como título “Fim da Estrada”. O texto foi produzido por Gilberto de Abreu e fala sobre a morte do escritor do movimento *beatnik* William Burroughs que, aos 83 anos, morreu vítima de enfarte fulminante. Na época, foi um dos poucos escritores americanos a assumir sua homossexualidade. O texto apresenta um escritor que nasceu em uma família rica e decidiu trocar os estudos na Universidade de Harvard pela liberdade das ruas vivendo entre Nova York, Londres, Paris e México. O escritor foi destaque na revista não por seu histórico no movimento sociocultural que surgiu em meados dos anos 50 nos Estados Unidos, mas por ter sido um escritor homossexual que “caiu na vida e nas drogas fazendo-se de cobaia de suas próprias experiências com todo o tipo de química” (p.17) e que só não caiu no esquecimento por conta de artistas como Laurie Anderson e o cineasta Gus Van Sant que o “redescobriram”. Além disso, a matéria apresenta um velho gay solitário, que tem os gatos como a sua única companhia.

O próximo texto que analisaremos tem como título “O indomado” e foi publicado na edição 27, trazendo como entrevistado o autor e um dos responsáveis pela criação do *Lampião da Esquina*, Aguinaldo Silva, 53 anos. A entrevista foi feita por Roni Filgueiras e as duas fotos em que o entrevistado aparece foram produzidas por Cabbé

Araújo. Ali, o autor relembra o período em que morou numa “birosca na Lapa⁸⁴”, retratada como um momento difícil da vida no qual o único lugar que tinha era a ‘birosca’. Como de praxe, o texto mostra um personagem que saiu de Pernambuco, venceu todas as dificuldades que o Rio de Janeiro pode oferecer e, após um período trabalhando em redações de jornais, tornou-se vitorioso sendo contratado como autor para escrever novelas para a rede Globo como *Roque Santeiro*, *Pedra sobre Pedra*, *Tieta* e *A indomada*. Por ser um homem bem-sucedido, com mais de 50 anos, Aguinaldo mora em uma cobertura na Lapa, um dos bairros nobres do Rio. “[...] Nem sei como isso aconteceu. Não era um dos meus projetos. Aconteceu, porque foi um bom negócio [...]”, afirma o autor.

Ao longo da entrevista, pergunta-se a Aguinaldo se ele é casado e ele diz que passou muito tempo solteiro, mas que já teve uma relação que durou 18 anos e acabou. Naquele momento estava vivenciando outra relação, já há seis anos. Então, mesmo que nas imagens, em preto e branco em que aparece sentado e sozinho, além de escrever novelas, o autor velho se permite amar. E será sobre amor e desejo o próximo texto que analisaremos.

Na edição 33, temos o artigo de João Silvério Trevisan mostrando gays mais velhos objetos de desejo dos mais jovens e o preconceito que estes sofrem por gostar dos *tiozinhos*. Em “Amor intergeracional”, destaca o relacionamento amoroso entre pessoas de diferentes gerações. O escritor fala sobre o rechaço que os gays de cabelos grisalhos e rostos marcados pelo tempo passam, por serem *bichas velhas*. Ele menciona os anúncios publicados em revistas e jornais referentes à procura de parceiros. De acordo com Trevisan, 90% deles buscam parceiros de até 40 anos. Aos velhos, restariam a solidão e a morte. Se envelhecer é um processo implacável que aponta para o caminho sem volta, entre os homossexuais o espectro da solidão, frequentemente, é mais acentuado porque se vive sozinho e até mesmo longe da família. Por isso, no chamado “mundo *gay*”, o olhar do outro pode ser um espelho feroz. Há a comprovação de que não se é mais desejado.

Mesmo nos últimos anos da década de 90, o discurso geriátrico explícito e bem aceso no *Lampião* dizia ser em casa o lugar de *bichas velhas*. Como podemos perceber nesse fragmento do texto. “Outro dia, numa boate gay, duas bichas riram na

⁸⁴ Sobre esse fato, também mencionado em matéria do *Lampião da Esquina*, analisamos no capítulo anterior.

minha cara, surpresas por encontrar no banheiro um velho que não se supunha estar ali” (p. 55), relembra. Por serem consideradas como solitárias, amarguradas, a própria representação do fracasso e do atraso, as risadas era uma forma de mostrar que aquele velho não tinha percepção de que estava “fora do lugar”, que ele não era bem-vindo nas baladas para jovens⁸⁵. O olhar que acusa, que reprova e que rejeita, fez com que Trevisan, e possivelmente outros gays velhos, fosse se afastando desses espaços de diversão para o público gay. O que nos faz entender também a existência de lugares como o ABC Bailão e outras boates mencionadas anteriormente. A atitude das *bichas* também pode ser percebida como uma forma de tentar afastar dali a certeza que, anos depois, também estariam velhas, solitárias, em busca de alguém em ambientes onde não serão bem-vindas passando, possivelmente, pela mesma situação vivenciada por Trevisan.

Mas o autor se mostra ciente das construções subjetivas veiculadas pelos discursos e afirma que esses olhares acusadores nada mais são do que fruto de “um ideário social de supremacia da juventude, tida como um dos valores básicos no mundo moderno e decantada como um bem inestimável” (p. 55). E lembra ainda que grande parte da indústria de consumo vai se apoiar no binômio casal heterossexual e jovem, sendo a juventude heterossexual um importante nicho do capitalismo. Inclusive a própria revista *Sui Generis* vende para os seus leitores um padrão de juventude como delata Trevisan. “Vejam-se as revistas gay (inclusive a *Sui Generis*): só trazem fotos de rapazinhos bonitinhos e/ou musculosos”. (p. 55)

Ora, se ser jovem é ser possuidor de um importante bem, cabe proteger o máximo possível esse bem para não o perder e passar a ser desprezado, ser visto como uma pessoa abjeta entre os pares. Perceber-se velho, muitas vezes, é um choque, incomoda, como relata Trevisan.

Mas o que na verdade me dói no envelhecer é o espelho da gente mesmo: notar seu corpo cansado, o rosto se enchendo de rugas e os cabelos embranquecendo pode provocar uma dolorosa baixa na autoestima. Confesso que vivi com dificuldade o processo de envelhecer (p.55).

⁸⁵ Em seu trabalho, Pochay (2011) fala sobre os senhores que, de forma corajosa, enfrentam “as moralidades que determinam hierarquias, vontades, desejos e percepções de si” (p. 118) indo para ambientes em que os gays jovens são frequentadores assíduos.

Apesar do choque que teve ao se perceber como velho e não mais possuidor de um dos bens mais cortejados e difícil de manter, que é a juventude, o escritor passou a perceber o quanto se tornou desejado por rapazes mais jovens. Aos poucos foi percebendo que o amor intergeracional é tão natural quanto se pensava. Mas, apesar de ser natural, os casais sofrem preconceito, principalmente o mais jovem da relação. Pois tem que se impor em um meio quase sempre hostil.

“Certa vez, presenciei uma árdua discussão entre dois amigos bichas, quando um deles confessou que gostava de velhos e o outro, revoltado, acusou-o de ser um ‘tarado e neurótico’, pois normal é gostar de ‘rapazes viris’”, comenta. As máquinas de produção de subjetividades, das quais falam Guatarri e Rolnik (2005) mostram que o correto é desejar pessoas jovens, bonitas, malhadas, pois, representam vitalidade, saúde, possuem um corpo viril, que pulsa desejo e que desejam. Logo, ir contra esses parâmetros é transgredir a norma, visto que o que está sendo desejado são os refugos, os “restos humanos”, os corpos sem potências. “Admiro particularmente esses caras que cultivam o amor intergeracional, nadando contra a corrente do padrão global e hollywoodiano de beleza. Claro que fico gratificado porque através deles descobri o charme dos meus 50 anos” (p. 56).

É interessante percebermos que não são apenas os gays velhos que sofrem preconceitos por continuarem na ativa, vivos, desejando e sendo desejados. Pessoas que namoram esses velhos também sofrem preconceito por tal prática, como se existisse uma idade limite para ser namorado, desejado e desejar. O grupo que sofre discriminação e preconceito também discriminará, dentro do próprio meio, aqueles que quebram as “regras” do que é permitido entre eles. Mesmo assim, e apesar do preconceito, casais intergeracionais se formavam mostrando que toda forma de amor é possível e que vale a pena ser vivenciada; os velhos *gays* que continuavam se relacionando e amando, resistiam em aceitar a imagem de pessoas assexuadas, passivas e sem interesses pessoais.

Encontramos na edição 47 da *Sui Generis* a entrevista com título “Autor de grandes sutilezas”, na qual Marcos Mazzarro entrevista o escritor Edmund White, 59 anos, o qual falará sobre as biografias que produziu e o desencanto para com o mundo gay. Já dando os últimos suspiros nas bancas de revistas, essa edição traria o último velho intelectual e gay falando sobre um literato e sobre as mudanças dos hábitos de homossexuais na contemporaneidade. Como de costume neste magazine, antes da

entrevista, Mazzaro apresenta aos leitores uma breve biografia de White, que estudou na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, depois estudou literatura em Yale, Columbia e na da Universidade de Nova York, escreveu os livros *Forgetting Elena* (1972), *Nocturnes for the King of Naples* (1978), dentre outros, sendo ainda responsável pela escrita das biografias *Genet: A biography* e *Proust*. Na página da entrevista há uma foto em preto e branco do escritor que aparece jovem e olhando para algo não mostrado na imagem.

Perguntado sobre como os *gays* veem as obras de Jean Genet as quais mostravam a homossexualidade com um enfoque marginal, diferente da imagem de uma homossexualidade positiva que estava sendo criada na década de 1990, o escritor diz que Genet falava sobre o tempo vivido, das experiências vivenciadas, poucos *gays* norte-americanos sabem quem foi Genet, pois “não existem mais tantos leitores homossexuais. *Gays* costumavam ser mais intelectualizados”. Diferentemente dos *gays* da década de 70 que iam para a ópera e para a academia, hoje vão apenas para as academias. “Agora a maior preocupação é com o corpo. Esta geração só se orienta pela academia” (p. 35).

No Brasil, Sant’Anna (2014) afirma que desde a década de 1970 o dispositivo midiático começava a trabalhar a subjetividade do sujeito para que ele começasse a praticar ginástica e esportes a fim de torneir a beleza física. Caminhar a pé, correr e subir escadas eram formas de abandonar o sedentarismo e encontrar a alegria e a disposição, era o que mostrava a campanha “Mexa-se” veiculada pela Rede Globo.

Na década de 1990, para refutar a imagem do corpo esquelético que acabou sendo a imagem mais estampada em capas de revistas e exibidas em matérias dos telejornais foi se percebendo a necessidade violenta da valorização do corpo que não deveria ser mostrado como magro, pois se associava à Aids, nem obeso, por seria indício de pessoas sedentárias, portadoras de obesidade uma “doença” que não era transmissível como a Aids, mas vergonhosa, pois o corpo obeso não traduz saúde, vigor, beleza. Então, para evitar esses corpos, uma das alternativas era malhar e construir um corpo rígido, forte, esculpido; um corpo potente para se sentir atraente e desejado. Mesmo apresentando a crítica de White sobre a questão do outro tipo de consumo dos *gays* que passará a ser o corpo e não mais o consumo intelectual, a revista apresenta, o tempo todo, o modelo de corpo belo, jovem e potente que deveria ser consumido por seus leitores.

A forma como a *Sui Generis* apresenta os gays velhos intelectuais é de pessoas bastante competentes na área de atuação que, ao longo da história de vida, experimentaram alguns sabores profissionais, todavia nem por isso se deixaram intimidar e continuaram lutando, tornando-se grandes vencedores e exemplo para os leitores da revista. A maior ênfase é na vida profissional do que pessoal. Pouco se fala sobre relacionamentos sexuais e afetivos, como se isso fosse algo que estivesse à parte da vida, em outro plano. Os poucos que falam sobre amor, quando falam, nos fazem perceber que é tão possível quanto se imagina, apesar dos preconceitos encontrados pelos próprios gays que se incomodam ao ver casais intergeracionais, principalmente quando estes estão em locais públicos. Esse preconceito encontrado entre os pares contribui para a repressão da sexualidade na velhice, como se o interesse sexual ou amoroso causasse horror, fosse aberrante, que não pode e não deve ser demonstrado, explicitado e muito menos aceito. Assim, para a revista, a velhice era nada mais do que uma interação com as lembranças e adequações do foi possível construir ao longo da vida.

Analisaremos agora, como a *Sui Generis* dirá e mostrará os velhos gays que atuam no mundo das artes. As imagens se aproximam ou se diferem das que foram construídas para os gays velhos e intelectualizados?

3.4 Velhos [gays] produtores das artes

Na segunda edição da revista, encontramos o artigo “O último dos clássicos”, da consultora de moda Iesa Rodrigues que fala sobre a chegada ao Brasil do livro “Yves Saint-Laurent, uma biografia”, produzido pelo jornalista Laurence Benam e lançado no país pela editora Siciliano. É feito um breve histórico da família Saint-Laurent e dos problemas enfrentados por Yves durante a infância e adolescência por ser “diferente” dos amigos. Nascido no ano de 1936, aos 13 anos de idade já desenhava os primeiros vestidos para a mãe e as irmãs, estes feitos por uma costureira. Dessa forma, foram dados os primeiros passos para a criação de uma das grifes mais famosas do mundo da moda. Ao contrário das outras matérias até aqui analisadas, em que os personagens tinham habilidades em diferentes áreas, em nenhum momento é falado do processo pelo qual ele passou até chegar ao “sucesso”. No artigo sobre o estilista, é dito que se casou com um costureiro, Pierre Bergé, e que os dois estavam juntos até o momento do lançamento do livro. No ano de publicação

da matéria Yves Saint-Laurent estava com 58 anos de idade. Nas entrelinhas do texto, é percebido que o amor entre eles é possível por conta da profissão, por ser a área da moda, não da literatura, do jornalismo, da advocacia, etc.. É preciso ser das áreas do entretenimento e da moda para vivenciar o amor?

O artigo informa ao leitor que o estilista foi viciado em cocaína e dependente de álcool durante alguns anos, mas após um processo de psicoterapia estava livre dos vícios. O envolvimento com as drogas foi o percalço enfrentado por Yves durante a sua história de vida e conseguiu dar a volta por cima, por isso mesmo estava sendo notícia na revista. A própria autora lança a pergunta para o leitor. “O que é importante na obra deste estilista? Sua visão criadora, inspirada em sonhos de teatro, filmes, a imagem da mãe elegante, das amigas Catherine Deneuve, Loulou de la Falaise [...]” (p. 24). Rodrigues apresenta essas e outras características para reafirmar o lugar do estilista nas páginas da *Sui Generis*. É interessante notar que, mesmo com um texto de 3 páginas, aparecem imagens do estilista e de vários trabalhos produzidos por ele, mas, nas fotos em que Yves aparece, está jovem, são fotos do passado, nenhuma mostra Saint-Laurent com 58 anos. Ou seja, em nenhum momento ele aparece como velho, a velhice é escondida, silenciada, não-dita.

Ainda nesta edição lemos a matéria “Ney”, produzida pelo jornalista João Ximenes e fotos de Vicente de Paulo. O texto apresenta o cantor e compositor Ney Matogrosso como artista revolucionário. A matéria informa que o primeiro disco homônimo dos *Secos e Molhados*, lançado no período da ditadura, em 1973, do qual Ney era vocalista, vendeu mais de um milhão de cópias e nas apresentações em programas de TV, ele aparecia com pesada maquiagem e com quadris feéricos. O cantor comenta que, durante a ditadura, dava entrevistas e falava abertamente sobre sexo. Quando as entrevistas eram publicadas a palavra sexo era trocada por amor. Aos poucos, a matéria vai construindo a imagem de um cantor, com 53 anos, que não se encaixa em estereótipos, mas que realizava microrrevoluções feitas nas apresentações televisivas ou nos shows. Essa questão trazida por João Ximenes da dificuldade de encaixar o cantor Ney Matogrosso em “etiquetas sexuais” ou em um modelo de identidade contribui para mostrar que uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades

possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. É preciso admitir que na contemporaneidade, o sujeito é, simultaneamente, “muitas coisas”. É constituído de muitas identidades transitórias e contingentes, inacabadas e históricas, vividas frequentemente com tensões e conflitos, envolvendo tanto interesses objetivos e políticos, quanto subjetivos concernentes a desejo, prazer, autoconhecimento e, por que não dizer, angústias existenciais.

“Ney Matogrosso não é um homem facilmente categorizável. Ele não gosta de termos como “homossexual”, “*gay*”, “heterossexual” e sequer é lá muito apegado a bissexual” (p. 41), afirma João Ximenes. E em seguida, há a resposta do cantor. “Minha ação sexual não é restrita. Não gosto de rótulos. Sou um ser humano sexuado, que manifesta sua sexualidade quando quer e com quem quer” (p. 41), afirma taxativo. Mesmo ao longo de sua história a revista apresentando a imagem dos gays velhos como sujeitos de corpos pouco elásticos, e detentores de uma identidade que já não tinha fluidez, Ney acaba desconstruindo tal imagem de velhos cristalizados no tempo.

Maffesoli (1998) nos mostra como temos não uma multiplicidade de identidades, mas identificações. Ele entende as identificações como temporárias, sem um compromisso contínuo bem como uma contiguidade geográfica e espacial. As identidades foram superadas por uma espécie de deriva, nomadismo, representado na instabilidade das filiações, no turismo, nas relações da internet, na religiosidade desinstitucionalizada. Argumenta que nas sociedades pluralistas, até mesmo o sexo, é uma construção pontual. Essas identificações se dão em torno de novos totens, objetos e imagens que se tornam vetores de agregação, legitimando o agrupamento em forma de novas tribos, exercendo o papel antes reservado à religião.

Não podemos esquecer o fato de que a identidade é também um princípio de coesão interiorizado por uma pessoa ou um grupo. Ela permite aos indivíduos reconhecerem-se e serem reconhecidos. Assim como as diferenças, a identidade depende de um conjunto de características partilhadas pelos membros do grupo, que permitem um processo de identificação das pessoas no interior desse e de diferenciação em relação aos outros. A identidade, entretanto, nunca está definida de uma vez por todas, sendo um processo de inclusão e exclusão tanto em relação ao exterior, quanto no interior do próprio grupo. Ora, é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que precisamos

compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional, uma “mesmidade” que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Assim como o teatrólogo Zé Celso, na matéria publicada na décima terceira edição da revista, nem Ney Matogrosso, nem Zé Celso e os seus companheiros querem ser enquadrados em uma definição, uma categoria. O cantor não se via em uma categorização de identidade sexual enquanto que o diretor e os atores contestavam a ideia e o sentido de casamento historicamente construído e preferem dizer que se relacionam sexual e amorosamente, mas que não são “casados”.

Ao longo da matéria, o cantor aparece em seis fotos, todas posadas para o fotógrafo Vicente de Paulo. Apenas em uma, aparece usando óculos escuros; em todas as outras está olhando para câmera. Em duas imagens, Ney mostra um pouco do que geralmente aparece coberto. Na primeira, desnuda um pouco da barriga e quadril, na outra mostra um ombro e uma parte do peito. No corpo que envelhece estão escritas histórias pessoais e singulares cuja textura sinaliza a forma que cada indivíduo conduziu as modificações trazidas pela velhice. As “histórias” autorizadas e mostradas por Ney Matogrosso pelos que faziam a *Sui Generis* foram apenas duas, a dos quadris requebrantes e dos ombros que acompanhavam o ritmo das danças feitas pelo cantor que não se definia em uma identidade sexual. Essas partes só estavam à mostra pelo fato de não se apresentarem flácidas ou enrugadas, situações físicas desprezadas pelo olhar contemporâneo. Mesmo velho, o cantor mantém uma “boa forma”, exibindo um corpo magro, jovem, bonito e sem as marcas da velhice pontos principais para que a revista permitisse a exibição dessas pequenas partes do corpo do artista “cinquentão”. Como reforça Sibilía (2012, p. 157), a moral da boa forma exige dos corpos “com direito a visibilidade que exibam contornos planos e relevos bem sarados, como os da pele plástica da boneca Barbie ou como os desenhos bidimensionais dos quadrinhos”.

O próximo texto, publicado na sétima edição da revista, traz a matéria do crítico de arte Paulo Reis, intitulada “Segredos da história” e fala sobre a presença de

compositores homossexuais na música clássica. Essa matéria é mais um exemplo que mostra para qual público a revista era direcionada: os *gays* intelectualizados das classes média e alta, os quais tinham condições de consumir livros em inglês que não haviam sido publicados ainda no Brasil e/ou o público que consome CDs de música clássica, gênero pouco popular e divulgado no país. O tópico servia, ainda, para divulgar um CD que a gravadora estava lançando naquele ano. Na mesma edição encontramos um anúncio de meia página sobre o lançamento do CD *Out Classics*. O interessante é que, após a propaganda do disco, vemos um aviso com letras menores no qual se lê “este não é um disco de *dance music*”. É sobre esse CD que não apresenta um dos gêneros musicais preferidos por boa parte dos *gays* que a matéria de Paulo Reis irá falar.

O autor discorre sobre a ausência de determinados tipos de documentos que possam “provar” que compositores dos séculos passados como Georg Friedrich Handel, Piotr Ilich Tchaikovsky ou Frédéric Chopin eram homossexuais. De acordo com Reis, há indícios, mas nunca uma prova concreta que esses compositores eram, verdadeiramente, homossexuais. Entretanto, ele mostra que no século XX os compositores foram mais “transparentes” ao expor com quem se relacionavam emocionalmente e amorosamente. Entre os compositores do século XX que ainda estavam vivos e que foram destacados na matéria estão Michael Tippett, que na época estava com 90 anos, Pierre Boulez, 70 anos e ainda tem destaque o caso de Leonard Bernstein, falecido no início da década de 90, com 72 anos. Compositor e regente da Orquestra Filarmônica de Nova York, de acordo com a matéria, passou boa parte da vida negando sua homossexualidade. Com a liberação sexual nos Estados Unidos e com a idade avançada, Bernstein assumiu a orientação sexual e disse ainda que vivia com o companheiro. “Perguntado por que escondeu tanto tempo, respondeu: Quando se está velho, se tem mais certeza do que se é” (p. 21). O reconhecer-se como velho provém, como lembra Le Breton (2003, pp. 153-4), de “uma mistura indefinível de consciência de si (por meio da consciência aguda de um corpo que muda) e apreciação social e cultural” que faz, pelo olhar do outro, nascer o sentimento abstrato de envelhecer”. Para Bernstein, a velhice não era um lugar de renúncias, de solidão e de dúvidas. Ao contrário, era um momento em que se descobre, ou se tem certeza, sobre quem se é, os desejos e os querereres são reafirmados e, os que podem e tem condições de realizá-los, assim o farão.

A última matéria dessa edição na qual aparece um homossexual velho chama-se “Pasolini”, também assinada por Paulo Reis e que fala sobre o assassinato do cineasta e do livro e filme que foram resultado de pesquisa feita por Laura Betti e Nico Naldini, respectivamente, amiga e primo, do diretor de filmes como *Teorema* e *Mamma Roma*.

O texto descreve brevemente como foi a última noite do cineasta antes de ter a vida esfacelada com golpes de faca e, possivelmente, pauladas desferidas no corpo de Pier Paolo Pasolini que, como informa a notícia, foi filho de um oficial da artilharia e de uma mãe camponesa. Pasolini, além de cineasta foi poeta, escritor, dramaturgo e roteirista. Criticado muitas vezes, por posturas políticas consideradas incorretas, o cineasta era bastante criticado pelos artistas, por representantes da igreja e por intelectuais que lançavam mão da homossexualidade para criticá-lo.

Aos 53 anos, o corpo de Pasolini foi encontrado na praia de Óstia, subúrbio de Roma. O principal acusado da morte foi Giuseppe Pelosi, um rapaz de 17 anos que vivia praticando furtos em uma área ferroviária de Roma, local também onde era possível encontrar michês e prostitutas. De acordo com o acusado, Pasolini o encontrou em uma noite de sábado e o chamou para dar uma volta no seu Alfa Romeo em troca de um presente. Por não aceitar manter relações sexuais com o cineasta, Pelosi o matou. O corpo foi encontrado no dia dois de novembro de 1975 com várias fraturas e o coração dilacerado. Apenas em abril do ano seguinte o rapaz foi julgado por “homicídio voluntário” e condenado a nove anos de prisão. Apesar das investigações policiais terem sido encerradas, a atriz Laura Betti e o primo de Pasolini realizaram uma pesquisa independente que indicava mais de uma pessoa envolvida no assassinato do cineasta. Mesmo apresentando as evidências que demonstravam isso, o processo nunca foi reaberto e o material coletado tornou-se livro e depois filme, este exibido no Brasil no Festival de Cinema de São Paulo. Por essa razão, o diretor estava sendo notícia no magazine.

As investidas do intelectual Gore Vidal com o serviço de michetagem teve mais êxito do que a de Pasolini. O que é importante perceber e refletir é sobre a quantidade de pessoas que são assassinadas em encontros amorosos ou sexuais furtivos e acaba existindo, muitas vezes, um certo descaso para a apuração do crime. É como se fosse dito: “menos um”. O que nos leva também a pensar sobre a dificuldade de se conviver com o que é diferente, o nosso Outro, sendo este um dos motivos por que

muitos homossexuais e lésbicas decidam continuar mantendo a orientação sexual como segredo para não ser assassinado dentro de casa ou na próxima esquina.

Como dito no capítulo anterior, não podemos negar que tal prática de mercantilização dos corpos pelos jovens e velhos existe, mas nem todas as práticas eróticas ou amorosas entre pessoas jovens e mais velhas são geridas pelo dinheiro. Assim como as fantasias e os desejos de seduzir e de ser seduzido estarão presentes em quase todas as etapas da vida, inclusive quando se está mais velho. A diferença é que tais fatos se apresentarão de outras formas. Os mais velhos não deixam de amar, reinventam formas amorosas. A matéria que analisaremos é, também, sobre um cineasta italiano e foi publicada na 13^o edição da *Sui Generis*.

O texto foi publicado na seção *Mosaico* e tem como título “A nobre decadência”, a qual faz uma retrospectiva de obras fotográficas e fílmicas de Luchino Visconti que estaria acontecendo no Museu da República no Rio de Janeiro. O cineasta é tido, na matéria, como um homossexual ambíguo, refinado, culto e sensível por ter sido criado em um berço privilegiado, pois era filho do duque Giuseppe Visconti di Modrone e Carla Erba; era iniciado em músicas, línguas, etiqueta, equitação além de participar de “jantares suntuosos com personalidades extravagantes, luxo e arte” (p. 18). O texto menciona ainda alguns filmes e óperas produzidas pelo italiano.

Na matéria há uma foto não posada de Visconti que aparece velho. Há a seguinte legenda “homossexual, mas apaixonado pelas mulheres belas”. O texto da legenda deixa bem claro que, apesar de ser homossexual, o cineasta poderia se apaixonar por mulheres, mas apenas as que possuem beleza. “Quando eu era jovem e mais bonito a admiração das mulheres me impressionava e me lisonjeava. Confesso-o: sinto sempre prazer em estar com belas mulheres” (p. 18), afirma Visconti. De acordo com o texto, assinado por Paulo Reis, durante vários anos não se sentia muito à vontade por ser homossexual. Sempre tentando ser discreto para não ser notado. Mesmo assim, vivera romance com Franco Zeffirelli, e se apaixonou pelos atores Alain Delon e Helmut Berger.

É interessante percebermos que, para o cineasta, ele só será atraente, só despertará olhares e desejo, só tinha beleza quando jovem, por isso as pessoas se interessavam por ele. Das matérias analisadas, essa é a primeira em que uma pessoa mais velha diz que se é desejado quando jovem e juventude está ligada à beleza. Quando velho, não existe beleza, não se é desejado. Mesmo sendo uma frase curta,

ela ajuda na construção de subjetividades, sendo cada vez mais necessário criar formas de ações que contribuam no retardamento da velhice, no intuito de se manter jovem, bonito e desejável. Esse também é um dos discursos da revista, que se dava muito mais de forma imagética, apresentando sempre jovens, bonitos, com corpo trabalhado, aparecendo em situações que lembram movimento, dinamismo. Enquanto os mais velhos exporão ideias sobre o tempo presente ou para lembrar histórias do tempo passado que servirão de mote para construção de romances, biografias, etc. Aos jovens, o corpo; aos velhos, as lembranças, as memórias.

Após a décima quinta edição, haverá um breve hiato de matérias nas quais velhos gays aparecerão. Isso só será quebrado na edição 22, na seção *Mosaico* onde encontraremos o texto de Nayse Lopez intitulada “Com os olhos verdes de saudade”. A matéria traz uma análise do espetáculo *O Presbítero*, que estreava no Brasil, do coreógrafo Maurice Béjart, aos 70 anos, e faz uma homenagem ao grande amor, o bailarino Jorge Donn, e a um ídolo, o cantor Freddie Mercury, ambos vítimas da Aids. Através do espetáculo, Béjart buscou demonstrar o flagelo que a Aids tem sido para o mundo e, em especial, para a arte. Diz querer fazer uma nova montagem de um espetáculo encenado na década de 1970 e que precisou rever uma fita VHS, pois não lembrava completamente da coreografia – a memória é seletiva -, “nela descobri, estupefato, que dos 13 bailarinos da versão original, 11 estavam mortos. Todos de Aids” (p.17), relembra.

Através do espetáculo, o coreógrafo buscava, além de homenagear um amor e um ídolo, conscientizar o maior número de pessoas sobre os riscos de se tornar soropositivo, pois a doença poderia acometer qualquer um e não especificamente os homossexuais como era dito pelos médicos e pela mídia quando os primeiros casos foram detectados. A matéria fala muito discretamente sobre quem é Maurice Béjart, menciona o nome de alguns espetáculos e sua importância no mundo da dança, além de ter tido uma lista muito grande de namorados bailarinos. A discussão maior é feita sobre o espetáculo considerado pela crítica como mediano que fala sobre saudades de um amor que foi esfacelado por conta “da doença”, restando a saudade em quem fica, saudade de um amor vivido transformado em um espetáculo artístico que trazia como metáfora um lençol branco que representava a vida. “Neles, a pessoa nasce, se reproduz, adocece e morre” (p. 17), resume o coreógrafo. A mesma edição traz ainda uma matéria sobre os atores Ney Latorraca, 52 anos, e Edílson Botelho, 39 anos, que

encenavam a peça *Quartett*, de Gerald Thomas e fora dos palcos vivenciavam uma relação amorosa, tranquila e madura.

O texto de Cyntia Garcia tem como título “Além da cena” e traz 5 fotos de Andres Otero. A primeira imagem, de página inteira, Latorraca aparece de perfil, como se tivesse olhando para a primeira página do texto onde há, ao lado do título da matéria, uma pequena imagem de Botelho, também de perfil, olhando em direção ao companheiro. A terceira imagem, também de página inteira, aparecem Botelho, que está em pé, mas na página não aparece o rosto completo do ator, e Ney Latorraca que está de joelhos com a cabeça encostada no peito de Botelho. Na penúltima foto vemos os atores interpretando os personagens da peça; e na última imagem vemos os dois de frente, sorrindo e Latorraca sendo abraçado por trás pelo companheiro.

Como a entrevista começa com uma imagem, que também será texto, falaremos primeiro sobre as imagens, e depois sobre as falas dos atores entrevistados por Cyntia Garcia. A primeira imagem em que Latorraca aparece ganhará mais destaque do que a de Botelho por ser aquele a “estrela” principal da entrevista, por ter uma história de sucesso e ser conhecido nacionalmente tanto pelos trabalhos desenvolvidos para a televisão quanto para o cinema e teatro. Entretanto, na segunda imagem a “grande estrela”, está de joelhos, o que nos remete à fragilidade do corpo trazida pelas experiências adquiridas ao longo do tempo, mas, apesar de tudo, ele tem um homem que o conforta, oferecendo o ombro como apoio. É interessante perceber o rosto do velho Latorraca encostado no corpo do companheiro que, na imagem, não aparecerá o rosto completo. Seria tão grande que não caberia ali, servindo apenas como um suporte para um gay velho e cansado?

A última foto em que aparece o casal e que encerra a entrevista, os dois aparecem sorridentes. Botelho está sem camisa enquanto que Latorraca deixa aparecer o ombro, tal qual ocorreu com Ney Matogrosso em matéria analisada anteriormente. Fazendo uma breve análise da imagem do casal, vemos o personagem mais velho na frente, sendo o que conduz o mais novo, talvez pela experiência, pelo conhecimento adquirido, por ter ideia do que poderá encontrar na frente. Entretanto, o companheiro mais velho, que está envolvendo Ney Latorraca por trás, além do abraço, também o protege, está cuidando do mais velho. Então os personagens em uma foto não aparecem de determinada forma por um acaso. Há algo sendo dito, cabendo a quem vê, decifrar o que está sendo imagetivamente “escrito”.

No texto que antecede a entrevista Ney é apresentado como uma pessoa cansada de alegrar plateias com espetáculos de comédia, sentindo o desejo de encenar outros textos com outras temáticas. Foi por causa desse desejo de querer mudar que Gerald Thomas convidou Latorraca e Botelho para encenarem um texto de Heiner Müller. Os dois haviam trabalhado com Thomas em outro espetáculo, *Unglauber*, e foi nessa peça que a relação amorosa entre os atores teve início, especificamente, por conta de algo bastante comum entre pessoas mais velhas: dor no joelho.

De tanto queixar-se de fortes dores no joelho junto aos companheiros do elenco, Ney acabou sensibilizando Edílson, que no dia seguinte apareceria no teatro com um par de joelheiras para amenizar o problema. Ninguém poderia prever que aquele gesto selaria o amor dos dois (SUI GENERIS, ed. 22, p. 28).

Assim como Gore Vidal, Ney Latorraca também possui um corpo-potência, mas ao contrário do primeiro, não será por conta do dinheiro, a potência estará presente por conta da relação amorosa com Botelho. Dizendo-se maratonista do prazer, afirma que desde que começou o namoro com Botelho, em 1994, só ficou sem sexo durante 15 dias num único ano.

Botelho afirma que, em alguns momentos, fica constrangido por algumas carícias entre as personagens, mas, em tom bastante preconceituoso para com os gays efeminados, Latorraca afirma que tais ações não caem no ridículo porque eles não são “dois viadinhos, e sim dois homens, dois atores, dentro e fora do palco, conseguimos passar a seriedade que o texto exige” (p. 28). Em outras palavras, afeminados não sabem ser profissionais. Mesmo a entrevista sendo sobre o espetáculo, muitas perguntas serão sobre a vida pessoal e íntima do casal. E, ao responder sobre a vida amorosa e sexual, Latorraca fala sobre outras possibilidades de se vivenciar o prazer quando se está mais velho. “Vou descobrindo coisas novas todos os dias e me sinto rejuvenescido”, ressalta. Velhice não implica ausência dos prazeres que a vida possa proporcionar, tampouco renúncia ao corpo.

Sou um tourinho. Tenho umas pernas lindas. Uma bunda muito bonita. O peito está do tamanho da Lolô [Gina Lolobrigida]. Estou usando 42. O cabelo implantado pelo Munir Curi. Os pentelhos, de um lado brancos: Hermeto Pascoal. Do outro, escuros, tipo Ray Charles.... Os

pentelhos são maiores que o pinto.... Que bobagem! Faço 'pesete', 'orelhete', 'joelhete', 'dedete' [Gargalhadas].

Ciente das mudanças trazidas pela idade, o ator se vê como uma pessoa forte, além de elogiar algumas partes do corpo ri de outras que, passam a ficar estriadas, caídas, flácidas com o tempo. Uma das táticas encontradas para burlar um pouco a velhice foi fazer implante de cabelo, além das plásticas. Ao mesmo tempo em que o ator valoriza e mostra a experiência que foi conseguida ao longo dos anos, busca não deixar tão perceptível que o corpo está se deteriorando. É como se a velhice do corpo trouxesse uma descapitalização das virtudes, conhecimento e conquistas. Assim, uma das formas de continuar sendo valorizado no mercado, inclusive no profissional, é tentar não fazer perceptível a calvície, as adiposidades, as pelancas, encenando o dinamismo próprio das atitudes juvenis. Pois se o corpo será visto como um capital, em que seu valor atinge o ápice na adolescência, ao chegar à velhice, tornam-se necessárias algumas destrezas na gerência dos investimentos individuais para que a própria aparência não delate a descapitalização trazida pela idade. Como reforça Sant'Anna (2014, p. 173), "qualquer corpo, jovem ou velho, é sempre um rascunho à espera de ser passado a limpo pelo bisturi".

Na última década do século XX, os padrões da velhice são transformados em uma experiência prazerosa e também jovial e não mais como um momento de isolamento ou espera da morte. Aos poucos, o discurso dos gerontólogos passou a ser reformulado. Agora, o avanço da idade não traz mais consigo problemas para quem tem uma postura positiva perante a vida. Essa mudança de discurso da geriatria deve-se à mudança interna que ocorreu na Associação Brasileira de Geriatria e Gerontologia, no final da década de 1970, quando começou a aceitar profissionais com especialidades em diferentes áreas, passando a ser feita uma abordagem de cunho multidisciplinar sobre a velhice. Assim, mudavam os debates que antes eram sobre o determinismo biológico nos quais geriatras percebiam a vida como um contínuo de etapas naturais e universais do desenvolvimento. Os gerontólogos enfatizaram em seus discursos a dimensão cultural da velhice. Duas décadas depois, eram perceptíveis a mudança e a velhice, pelo menos no discurso dos médicos. Terão ênfase as imagens positivas da velhice e não mais a velhice como uma doença. A *Sui Generis* também trará esse novo discurso sobre a velhice em suas páginas. Aos

velhos gays, muitas vezes caberá a produção seja de livros, discos, peças, filmes, em outras eles poderão vivenciar o amor, como veremos na matéria abaixo.

Na edição 22, na seção *Mosaico* encontramos o texto de Maurício Mellone, “Corações agonizantes”, sobre a peça *Para sempre* de Maria Adelaide Amaral em exibição em São Paulo. O espetáculo conta a história do fim da duradoura relação entre Max (Paulo Autran) e Tony (Celso Frateschi) e a relação do personagem de Autran com a artista plástica Eva (Karin Rodrigues).

De acordo com a matéria, a peça mostra um pouco a relação conflitante em um casamento gay de um professor de teoria literária e um rapaz (vinte anos mais novo) e destaca que o distanciamento entre o casal vai acontecendo por conta das diferenças entre eles, sendo a questão da idade a maior ênfase, e os mundos opostos que vivem culturalmente falando. “É uma relação agonizante. Apesar de todo o amor e atenção, Tony se sente extremamente frustrado com seu parceiro que, por sua vez, fala para o vazio e queixa-se de nunca obter respostas” (p. 14). A personagem de Autran é apresentada como a carente, a que cuida, dando toda assistência ao parceiro. O crescimento profissional dele é o resultado desse cuidado. A matéria, assim como a peça que foi pensada a partir de um caso vivenciado por um casal de amigos da autora, faz o leitor pensar ser impossível a relação amorosa entre uma pessoa mais jovem e outra mais velha. Entretanto, não será pelo quase “ex-casal” que isso será mostrado. A relação entre eles trabalha a questão do preconceito social. A solidão e a quase impossibilidade de uma relação amorosa entre pessoas de grande diferença de idade será mostrada na e pela personagem Eva. “Maria Adelaide discute através da figura de Eva o papel da mulher brasileira que, depois dos 50 anos, não tem mercado no mundo amoroso e sentimental” (p.14). Então a personagem verá no velho amigo Max, que estava se separando, a possibilidade de vivenciar um amor, não erótico, mas fraterno.

Em nenhum momento, a matéria fala sobre a possibilidade de acontecer uma relação amorosa entre uma pessoa jovem e outra mais velha. Pelo contrário, como o próprio título já prenuncia, é uma relação agonizante, é uma relação da impermanência, mesmo que encenada, não vingará. Aos velhos, caberá vivenciar relações fraternais com amigos. E só. Mas, se na ficção a vida amorosa entre um jovem e um velho não é possível, o cineasta Luís Carlos Lacerda mostrará que na vida real é algo totalmente viável. E, a partir dessa edição, percebemos uma mudança

da revista quando entrevista um *maricon*. A questão da vida amorosa e sexual começa a aparecer com mais evidência no conteúdo das entrevistas e não mais de forma esporádica como ocorria até então.

A entrevista foi feita por Mônica Rodrigues e publicada na edição 24 com o nome “Esteta da polêmica”, na entrevista Carlos Lacerda, 52 anos, fala um pouco sobre a vida pessoal e a produção de cinema no Brasil. Na matéria, aparecem quatro fotos, três de cenas de filmes dirigidos pelo cineasta também conhecido como Bigode. Este aparece de perfil em uma foto preto e branco, com uma flor pendurada na orelha. Antes de apresentar a entrevista, Mônica diz que no ano de 1987 o cineasta abandona a bissexualidade; na época, ele namorava a atriz Ângela Leal e se une a um comerciário de 24 anos. Somente após essa informação é dito sobre o lançamento do novo filme do diretor, *For All*, lançado no ano de 1997. A vida íntima e pessoal do diretor, na entrevista, torna-se mais importante do que falar sobre a película mais recente dirigida por ele.

Como um depositário de memória, Carlos Lacerda relembra alguns períodos da ditadura em que ele, comunicador e gay sofria preconceito dos amigos por gostar de outros homens. “Para a esquerda minha preferência sexual era colocada como se fosse um problema político” (p. 43), afirma. Como discorrido no capítulo anterior, durante o período ditatorial no Brasil, as homossexualidades eram vistas como uma manifestação da subversão. Logo, não era bem vista pelo Estado. Entretanto, entre os próprios integrantes da esquerda, como afirma o cineasta, ser homossexual era por si só um problema. Mas, mesmo alguns recriminando os *gays*, pois representavam a decadência da burguesia, acabavam tendo momentos lascivos com esses subversivos. “Dez anos depois, esse mesmo dirigente foi para a cama comigo. Fiz questão de perguntar se a decadência da burguesia tinha sido bom para ele (p. 43)”, conta Bigode, ao lembrar de um caso em que foi entregar, para um “dirigente da esquerda”, um livro de um autor homossexual e este teve receio em aceitar o presente por ser uma obra produzida por uma pessoa que estava em sintonia com a decadência burguesa.

Ao longo da entrevista, Lacerda fala sobre a questão de “sair do armário” e como foi o processo de mencionar ser gay para o pai; fala sobre o grande número de atores globais que são homossexuais, mas que contratam mulheres para aparecerem como namoradas. Fala sobre a Aids e da necessidade que todos têm em se proteger

para não ser contaminado. Um dos pontos que merece destaque na entrevista é a pergunta que Mônica faz sobre a predileção que o cineasta tem para “casar com rapazes de cultura mais simples”, como que, por ser produtor de cinema e pertencente a outra classe social isso não fosse possível, permitido. “O Caio Fernando Abreu dizia que era uma adoração pela *working class*’. Já casei com porteiro, feirante, lavador de carro, pescador...” (p. 44) afirma. A jornalista pergunta se ele sente um “tesão especial” e ele afirma que não dá para explicar e que já namorou pessoas da área em que trabalha. “Com pessoas mais simples, as coisas também são mais simples. Quer coisa mais horrível do que ter que chegar numa festa separado do seu namorado porque ele não quer ser visto com você? Passei por isso quando namorei um ator certa vez” (p. 44). A questão de uma relação amorosa com pessoas de diferentes classes sociais é abordada no texto sobre a peça de Maria Adelaide Amaral e também nessa entrevista. É como se fosse algo, de certa forma proibido para pessoas de uma classe superior namorar pessoas mais pobres, percebemos implicitamente o preconceito dos que faziam a revista para esse público.

Na edição 26, além do texto “Fim da Estrada”, sobre o escritor William Burroughs analisado no tópico anterior, encontramos ainda uma entrevista com o estilista Clodovil Hernandez, 60 anos. Com o título “Agulha em ponto de bala”, foi realizada por Roni Filgueiras e diz que, mesmo estando com 60 anos, Clodovil parece ter um pouco mais de 40 e a cada dia o estilista está cada vez mais espiritualizado, o que nos faz pensar que, ao envelhecer, os desejos vão sendo sublimados, e a espiritualidade é algo a se recorrer, possivelmente pela ideia que se tem de que, ser velho é estar cada vez mais próximo da morte. Sobre ser sexagenário aparentar ser mais jovem nos remete ao seleto grupo homens e mulheres que, por obra de um “milagre”, conseguem se sair mais ou menos airoso dessa difícil tarefa da camuflagem e, por isso, se tornam exemplares dos “bem conservados”. “Essas pessoas são espécies de fósseis viventes que se tornam dignos de admiração devido à sua mistura de sorte genética e trabalho árduo” (SIBILIA, 2012, p. 150).

Por estar velho e ser uma pessoa de vivência, durante a entrevista o repórter pergunta se já pensa em parar de trabalhar, obtendo como resposta “Não. [...] que bobagem”. Como se, por estar com 60 anos e estilista fosse detentor de um corpo fragilizado, que não aguenta mais trabalhar ou uma mente cansada, improdutiva. O “parar de trabalhar” é uma forma menos agressiva de se falar em aposentadoria, fase

que traz consigo vários tipos de mudanças que vão do público ao privado, além de outras formas potenciais de agir, ser e vivenciar as experiências.

Mais adiante, pede para que Clodovil ofereça alguns conselhos para os profissionais mais jovens ou para aqueles que querem ser costureiros. “Primeiro, não adianta dar conselhos porque não temos mercado [...]”. Entre as perguntas sobre moda e bom gosto, Filgueiras pergunta quais os ganhos e as perdas obtidas até então pela idade e para as duas perguntas, temos as seguintes respostas “a experiência, a vivência. A gente aprende a ter o famoso jogo de cintura depois dos 50, quando a gente não tem mais cintura” e sobre as perdas, ele afirma que “a gente perde o viço das células”. Clodovil está ciente do aprendizado, da “ginga” que se conquista com o passar dos anos, a experiência adquirida, como diz Benjamin, mas também percebe que o corpo vai perdendo o brilho, a pele fica mais opaca, mas isso não se torna um motivo para sair de cena, se “aposentar” da vida social.

O último gay velho que aparece na edição 26 é o médico e teatrólogo Sérgio Pedro Corrêa de Britto, 74 anos, entrevistado por Gilberto Scofield Júnior que fala sobre a visibilidade que o tema homossexualidade estava ganhando no Brasil, principalmente em peças de teatro e no cinema e do medo que muitos artistas têm de se assumirem gays. A entrevista tem como título “Contador de histórias” e é ilustrada por três fotos de Sérgio. Na primeira, que ocupa uma página inteira, o teatrólogo aparece sorridente, abotoando o terno e usando um tênis. Além de tirar todo o formalismo que a roupa representa, o calçado contribui para trazer uma certa jovialidade ao “velho médico” e a indicação que ele tem um certo “espírito esportivo”. A segunda imagem, no centro da primeira página da entrevista, mostra Sérgio junto a três atores que estão sentados em cima de uma cortina cor de rosa. Ele é o único velho a aparecer na foto e, ao contrário dos atores, ele aparece sentado em uma cadeira. A última apresenta Britto sentado de perfil, com o rosto virado para a câmera com o olhar que diz, dentre outras coisas “consegui, sou um vencedor”.

No texto que antecede a entrevista, o jornalista pede para que o leitor esqueça a imagem das velhas mariconas “travadas e eruditas, lenço no pescoço, coladas a uma bengala ou arquejantes depois de subir um lance mínimo de escadas” e apresenta uma *maricona* bronzeada, falante e de aspecto jovial. Percebemos, pelas palavras de Gilberto Scofield, a imagem que ele e outras pessoas têm dos velhos

gays. Lembram mais personagem de programa de humor da rede Globo ou de filmes pela forma caricata que é descrita.

Tanto Sérgio quanto os outros velhos *gays* entrevistados pela *Sui Generis* fazem parte do novo modo de ser velho que ganhava visibilidade naquele momento, o de velhos que, mesmo pela idade, se mostravam pessoas produtivas, ao utilizarem produtos produzidos pela indústria da beleza, como os implantes, para disfarçar a velhice e, alguns desses velhos *gays*, de tão subversivos que eram, namoravam e casavam com pessoas de uma classe social inferior. Essas novas subjetividades eram gestadas, pois a indústria capitalista precisava de novos consumidores. Como bem reforça Guatarri e Rolnik (2005, p. 39),

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante).

A criação do chamado “mercado GLS” estará no processo de oferecimento de produtos e serviços para um grupo que, até então, era desprezado o poder de consumo, assim como o aparecimento de personagens *gays* em novelas, peças e filmes. Isso não ocorre por um acaso ou por que os empresários se sentiram tocados pela invisibilidade de uma minoria. Toda mudança em nível macro, concerne à produção de subjetividades. Não podemos negar as mudanças sociais e políticas como a questão da visibilidade de pessoas *gays*, lésbicas ou trans, mas há também um grande interesse mercadológico agregado à construção de outra subjetividade. O surgimento de um mercado para velhos e idosos terá também o interesse do mercado em trazer para si uma grande parcela de pessoas, aposentadas ou não, mas consumidoras em potencial, por isso o surgimento de vários produtos e serviços voltados para os “velhos” e “velhas”. Então, na década de 90, vemos várias

publicidades de produtos para um público de diferentes idades com personagens mais velhos a ocupar um espaço de maior destaque. A imagem deles agrega valor aos produtos anunciados ao dar a ideia de confiabilidade e tradição àquilo que está sendo anunciado. Enquanto que nas novelas, filmes e peças teatrais eles serão retratados como pessoas com poder, que possuem riqueza acumulada e se envolvem em relações amorosas com outros personagens de faixas etárias mais jovens.

Vamos encontrar na edição 27 da *Sui Generis* a entrevista “Uma metralhadora em estado de graça”, com o diretor José Celso Martinez Corrêa, 60 anos, ao falar sobre a peça *Ela* (texto de Jean Genet) e sobre relacionamentos. O texto foi produzido por Roni Filgueiras e fotos de Bob Wolfenson. Zé Celso é apresentado em vestes do papa. A ideia teve como inspiração a visita do papa João Paulo II ao Brasil.

Ela foi a primeira peça na qual Zé Celso atua como ator principal. Ao longo da entrevista, alguns temas são tratados, como as peças em cartaz no Rio de Janeiro e as novas diretrizes da igreja que passaram a não mais considerar a homossexualidade como pecado desde que os gays se mantenham castos. Além desses temas, o jornalista pergunta ao dramaturgo como é vivenciar um casamento com mais de duas pessoas. “Vivo uma relação aberta, mas adoro orgia. Não tinha nada instituído. Vivo com Marcelo há dez anos; vivi com o Fransérgio também uns três, mas não vivo mais. Eu e Marcelo não nos consideramos casados, mas concubinos.” (p. 26), afirma Celso, que é a favor do projeto de lei da deputada Marta Suplicy sobre a legalização da união civil entre pessoas do mesmo gênero. Apesar da experiência de uma relação com mais de duas pessoas, afirma gostar da relação a dois. Sexagenário, sua maior preocupação, além de produzir peças, era aproveitar a vida e os amores, independente dos modelos estabelecidos de família e casamento. A vida íntima, publicizada por revistas e jornais era algo que ele e o companheiro viviam independente das normas. Eram rebeldes, transgressores e se permitiam vivenciar os amores da melhor forma possível e essas relações se eternizam até quando o amor e o desejo estiverem presentes.

Na edição 28, Roni Filgueiras entrevista Ney Matogrosso. O cantor já havia sido entrevistado na segunda edição da *Sui Generis* e volta para falar do show *Um brasileiro*, baseado em obra do cantor e compositor Chico Buarque e que foi apresentado em vários países da Europa. Na entrevista, intitulada “Rebelde sem filtro” Ney aborda, dentre outras coisas, o amor e a relação que teve com o cantor Cazuza,

das escolhas que fez na vida enquanto pessoa e artista. Matogrosso aparece em três fotografias de Vicente de Paulo. Em uma das imagens, seu o corpo aparece bem mais do que na primeira entrevista na qual mostrou o ombro e parte da cintura. Dessa vez, ele aparece em pé, com uma calça preta, tirando a camisa e apresentando um sorriso no rosto. São expostos a barriga e o peito peludo. O corpo apresentado não é obeso, não apresenta as marcas da velhice e não é flácido nem manchado, sendo assim um corpo bem-vindo para as páginas dessa revista. Nas duas outras fotos, uma de página inteira e um retrato 3x4, ele posa vestido e com olhar sério para a câmera.

O texto que segue antes da entrevista fala sobre o sucesso do novo show de Ney na Europa, com ingressos esgotados em algumas cidades, mesmo sendo um cantor, aos 56 anos, era um rebelde. Roni menciona ainda que a conversa entre eles aconteceu na cobertura tríplice do cantor, no Leblon, um dos bairros nobres do Rio de Janeiro. Ao longo da entrevista, o rebelde deixa claro que nunca foi encampado por nenhuma emissora de TV, muito menos a rede Globo, como insinuou o jornalista Maurício Kubrusly em 1974, ao falar do sucesso do grupo *Secos e Molhados*. Mesmo sendo “filtrado” muitas vezes em algumas emissoras, aparecia em determinados programas televisivos porque dava audiência. Deixa claro que é artista de sucesso e que faz sucesso, mais fora do país do que no próprio Brasil, por ter talento, estilo e competência, não por ter sido apadrinhado. Com 25 anos de carreira, o cantor mostra maturidade artística. “[...] estou com 56 anos, quer dizer, então, isso tem um significado. Hoje não tenho tanta ansiedade. Não tenho mesmo” (p.43), afirma percebendo que o envelhecimento não o transformou em uma pessoa incapaz ou dependente, pelo contrário, contribuiu como um aprendizado que passou a ser refletido na carreira profissional. Ressalta que os 50 anos “me trouxeram tranquilidade, maturidade e uma percepção mais panorâmica da vida” (p. 44).

Embora prefira viver sozinho, não porque é velho solitário, diz que a relação amorosa com o cantor Cazuza foi muito importante para ele, pois foi a primeira vez que decidiu vivenciar um amor e não apenas uma relação sexual como costumeiramente fazia. “A gente viveu uma coisa de verdade. O que aconteceu, aconteceu para nós dois, porque eu também não era uma pessoa que me relacionasse regularmente com ninguém. Eu não permitia” (p. 43), enfatiza. Quando percebia que a relação poderia ser mais do que sexual ele se afastava, pois acreditava que só poderia se relacionar com as pessoas sexualmente. Cazuza foi a pessoa com

quem Ney perdeu o medo e isso, mais tarde, fez com que se permitisse viver outras relações além de uma transa.

Então, o repórter pergunta se o amor pode dar certo. Ney acredita que sim, mas “não é fácil, exige muita concessão. Precisa que você queira mesmo. Aí você concede, concede, concede, até que você estabelece alguma coisa plena. Mas isso acontece poucas vezes na vida da gente” (p. 43). Ao expor isso na entrevista, o cantor mostrava que é possível, sim, pessoas mais velhas terem diferentes tipos de relações com outras, sejam essas relações sexuais ou amorosas, era importante vivenciar os diferentes tipos de desejo, era importante viver.

Na edição 42 na coluna *Vortex*, encontraremos a nota “Tio gay em alta” que fala sobre o ator *sir* Ian Mckellen “ator gay quase sessentão” saído do armário há alguns anos e destaca, “quando assumi, libertei minha vida emocional”. Muitos gays resolvem assumir a identidade sexual apenas quando mais velhos e já com uma carreira profissional concretizada, tendo a garantia de que não serão expulsos da casa da família ou demitidos do trabalho. Como de praxe, a revista legitima o espaço cedido a um velho gay e mostra que o ator é um homem de sucesso, pois foi indicado ao Globo de Ouro de melhor ator pelo filme *Deuses e monstros* (*Gods and monsters*), em que interpreta o diretor gay James Whale. O filme ganhará uma matéria na edição 45 na sessão de cinema.

A matéria “Lição de Deuses e monstros”, produzida por Marcelo Secron Bressa fala do filme do diretor Bill Condon que estava em cartaz nos cinemas brasileiros e apresenta a história do diretor inglês James Whale que dirigiu filmes como *Frankenstein* (1931) e *A noiva de Frankenstein* (1935) em seus últimos dias de vida. Na película, o velho diretor havia sido desprezado por Hollywood ao considerá-lo “careta” para os novos padrões estético-cinematográficos e encontrava-se debilitado após um derrame que o faz ser assaltado por memórias de seu passado, sobrando apenas as raras visitas de colegas ou as entrevistas a repórteres. Tudo muda quando Whale vê no novo jardineiro de sua casa, Clayton Boone interpretado pelo ator Brendam Fraser, a chance de reeditar a relação criador e criatura trabalhada nos filmes que dirigiu. A resenha não comenta em nenhum momento sobre a possibilidade do personagem mais velho sentir desejo pelo jovem jardineiro, tampouco que gays velhos possam amar e serem amados. Pelo contrário, o texto apresenta a história como um grande jogo, em que o criador acaba sendo dominado pela criatura.

“Quando o velho diretor, estimulado pela nudez do jardineiro, avança sobre seu corpo e desperta a fúria física de seu empregado hétero, angustiado e deprimido, ele pede ao jardineiro que o mate” (p. 21). A lição que o filme traz, é que todos os homossexuais também possuem um pouco de criador e de criatura no seu íntimo. Ser desafiador e contestador se dá quando jovem, ao sair do armário, não esconde mais a orientação sexual; tem certeza do desejo e vivencia amores. Mas, a criatura, o monstro, aparecerá, em algum momento e trará consigo a velhice, a inadequação, a diferença e a solidão. É algo que não se pode fugir e o conselho que Bessa oferece aos leitores é que “para contornar essa sensação, talvez seja bom reconhecer o monstro que, em maior ou menor grau, existe em todos nós” (p. 21). Para o autor do texto, a velhice, além de ser algo que não possui escapatória será também o estágio de encontro com a solidão, antes do último suspiro.

Já se aproximando do final de sua existência, a *Sui Generis* trará ainda matérias com gays velhos nas edições 51 e 55. Os textos, assim como quase todos analisados aqui, estão ligados à cultura. Na edição 51, encontramos um assunto já abordado pelo *Lampião* na primeira edição: o filme *Morte em Veneza*, cuja exibição voltou aos cinemas com cópia restaurada. Na resenha, fala-se apenas da paixão do compositor por um jovem. A questão da velhice desaparece, é apagada. Aparentemente, os produtores da revista não sentiam a necessidade de falar que gays velhos desejavam vivenciar amores, mesmo estes não sendo correspondidos. Para negar essa possibilidade de amar, no texto fala-se apenas da paixão de um compositor por um rapaz que não se efetiva; pelo contrário, ela morre, pois é algo impossível de se tornar real.

A última edição da *Sui Generis* chegava às bancas de várias cidades do país, em um dia chuvoso de março de 2000. Na capa, a imagem de um garoto sem camisa e com um belo sorriso estampado no rosto. Entre as matérias publicadas no último número que já dizia na capa ser uma edição histórica, vamos encontrar matéria sobre o ator Ruppert Everett; uma outra sobre o Morumbi Fashion, considerado o maior evento brasileiro do mundo da moda; uma notícia sobre o título de utilidade pública concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) ao Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual e a última matéria na qual aparece o cantor e compositor Ney Matogrosso. Por mais irônico que seja, a magazine, que encerrava com aquele número 55 a sua existência, trazia como título da matéria “Mais vivo que

nunca” sobre o CD *Ney Matogrosso – Vivo* gravado no Canecão, Rio de Janeiro, em novembro de 1999. O trabalho é um registro dos 30 anos de carreira do cantor. Mesmo vivo, Ney é um cantor velho e o texto já começa dizendo que “Aos 59 anos, Ney Matogrosso está em plena forma – física e musical”, nos dando a entender que, por estar com tal idade, o cantor deveria estar aposentado, já ter saído de cena e dos palcos vivenciando a velhice em casa. O texto de Heloíza Gomes fala que o novo CD é uma forma de matar as saudades dos sucessos do passado: é uma forma de relembrar do tempo vivido e que não volta mais.

E com uma edição de 66 páginas a *Sui Generis* saía do mercado. No último editorial, Nelson Feitosa diz que, se a revista fosse humana, estaria arrumando as malas e viajando para passar uma temporada na Itália e Grécia, mas como ela é apenas uma revista, as viagens se dão na bagagem de algum leitor que, como já mencionado, são aqueles de médio ou grande poder aquisitivo. O criador e editor se mostra bastante realizado por ter produzido a revista durante cinco anos no Brasil e em pleno final do século XX, “época de falências de ideais coletivos” (p. 4). E também tem dimensão da importância da *Sui Generis* na história das homossexualidades no país, “estão aí para somar à história da homossexualidade no Brasil. São revistas raras por traduzir um grande desejo coletivo e ser o fruto de grande sinceridade” (p. 4), afirma.

Durante a sua existência, a *Sui Generis* trouxe em suas páginas modos de ser e vivenciar as homossexualidades no Brasil e em outros países. Publicou notícias sobre importantes conquistas de direitos homossexuais no país, mas deixou explícito que os corpos aptos para serem consumidos eram aqueles magros, jovens ou rejuvenescidos, detentores de virilidade e de músculos esculpidos.

3.5 Sexualidade na velhice: o desejo de desejar

Deixamos para o fim, algumas matérias que falam sobre política, amor e violência que poderão ser encontradas na revista. Na 5ª edição da revista, veremos uma reportagem que foi produzida por Jorgemar Félix e tem como título “Entre a cruz e a espada”. Nela há reflexões sobre o posicionamento da igreja em épocas de Aids e sobre a grande quantidade de denúncias feitas contra padres pedófilos. Há depoimentos de religiosos idosos e gays que se mostravam preocupados com a postura do Catolicismo frente aos homossexuais.

O texto fala sobre o projeto de lei do deputado José de Castro Coimbra (PTB/SP) que fazia parte da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara que legalizava a operação plástica para mudança do sexo biológico. Dom Ivo Lorscheitter, ex-presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em entrevista à imprensa paulista, afirmava ser tal cirurgia algo contrário à natureza humana. Dois anos antes, em 1993, era publicada a encíclica papal *Veritatis Splendor* (O Esplendor da Verdade) que dizia ser a homossexualidade prática herege e uma aberração. Entre os anos de 93 e 95 foram noticiados em muitos países vários casos de padres e bispos envolvidos em casos de pedofilia. O cardeal-primaz da Áustria, Hanz-Herman Groer, de 75 anos, foi acusado por ex-alunos de molestar um rapaz de 17 anos de idade na década de 70. Mas, de acordo com a matéria, o cardeal nunca discorreu sobre a acusação. Outro caso relatado foi do abade de Olinda, dom Héber Vieira da Costa, 43 anos, que fugiu para Portugal com o professor Juvino Teixeira de Carvalho Filho, de 42 anos. Juvino era também ex-tesoureiro do mosteiro da Ordem de São Bento. De acordo com a esposa de Juvino, dom Héber molestou o marido. Jorgemar Félix fala ainda dos casos do bispo anglicano, David Hope, 53 anos, que assumiu a homossexualidade e foi “absolvido” pela cúpula anglicana e do bispo inglês Derek Rawcliffe, que assumiu ser homossexual durante uma entrevista ao vivo em uma emissora de televisão da Inglaterra, pedindo uma maior tolerância das pessoas, com relação aos homossexuais.

Como discutido no capítulo anterior, a postura da igreja frente à sexualidade foi sempre de repressão, principalmente quando as práticas sexuais fogem aos padrões heteronormativos. O poder pastoral, como bem mostrou Foucault, legitima a ideia de que os valores heterossexuais são um jogo de poder imposto pela maioria à minoria homossexual. Chama-nos a atenção que, após anos “escondendo” a orientação sexual, tais religiosos “confessam” tais práticas através do dispositivo midiático. Mas, mesmo contradizendo o que pede as normas religiosas eles, ao saírem do armário, usarão tal dispositivo de confissão para pedir respeito e “tolerância” aos homossexuais. Tal urgência se tornou necessária, possivelmente, pelo aumento do número de casos de padres diagnosticados com o vírus da Aids. Segundo a matéria, entre os anos de 1987 e 1993, 27 padres haviam morrido em decorrência da doença em São Paulo e outros casos de clérigos infectados já haviam sido notificados em Salvador e no Rio de Janeiro.

Algo que também deve ser levado em consideração é que tais personagens aparecem na reportagem não apenas por serem religiosos, mas porque eram velhos e estavam praticando sexo. Não vamos debater aqui as acusações de pedofilia, mas o fato é que, na matéria, após informar quem eram os religiosos, vinha o nome seguido da idade dos sujeitos, como uma forma de mostrar que eles eram velhos e estavam praticando sexo. Possivelmente, o “escândalo” maior não era só pelo fato de serem religiosos, mas por serem pessoas inseridas em um grupo denominado de velhos e por tal fato, sendo ainda religiosos, ainda pavoneavam os corpos e praticavam sexo com outros homens, mostrando que não tinham corpos sacros, pelo contrário, eram corpos carnis e desejosos de prazer e que proporcionavam prazer. Independentemente da idade, o prazer e o desejo podem ser negados, mas não se aposentam.

Algo comum ao *Lampião* são as cartas de pessoas mais jovens querendo manter relacionamento amoroso com pessoas mais velhas. Vemos na *Sui Generis*, a partir da sétima edição, na seção *Classletters*, entre vários recados, a mensagem de Hércules, residente em São Paulo e que estava procurando uma relação com homens “não complicados, 48 a 60 anos, não fumantes, alto astral. Dizia ter 38 completos, de bem com a vida, queria dedicação e estava cheio de amor para dar.” Mesmo nas matérias vistas até aqui, os “coroas” e os velhos, sendo mostrados como pessoas mais preocupadas com a vida profissional ou falando da vida profissional, como se não fosse possível pessoas mais velhas sentirem ou falarem de amor, a matéria “Entre a cruz e a espada” falava apenas de relações sexuais e não de amor. Mesmo havendo a suposta relação amorosa entre Héber e Juvino, ela será dita como uma “moléstia” e não como um amor. Esse assunto só será mencionado através de uma mensagem de um leitor, publicada em seção que recebia correspondências de homens e mulheres gays e trans que estavam procurando vivenciar desejos, encontros, amores com pessoas de diferentes idades, inclusive com velhos. É importante destacar que, a mensagem de Hércules vai se repetir em algumas edições e outros anúncios publicados em diferentes números seguiram a mesma proposta e estilo do que apresentamos aqui. Tomaremos para análise apenas essa única mensagem por ser a primeira e também para que possamos perceber que o amor não será permitido só e somente para e entre os mais jovens.

Independente da forma que o envelhecimento acontece com o corpo biológico do sujeito, os sentimentos e as sensações não sofrem deteriorações. Apesar de o desejo ser vivenciado de outras formas, ele ainda existe cabendo a sexualidade ser vivenciada até quando for possível. Embora estejamos inseridos em uma sociedade que, cada vez mais, vai valorizar o corpo jovem, novo, bonito há ainda os que valorizam os corpos velhos, cheios de histórias e experiências, ou seja, o corpo enrugado também é desejado.

De acordo com Auer (1997), o discurso religioso contribui para a desvalorização do erotismo e da sexualidade pelo idoso; sobre tais assuntos, deveriam se envergonhar ou silenciar. Mas o tempo contribui também na mudança das subjetividades, nas sensibilidades e muitos idosos romperam tais limitações e cultivaram um erotismo e sexualidade específicos da velhice, seja vivenciando-a como casal ou sozinho, havendo a disposição de começar ou recomeçar outros relacionamentos. Essas publicações vão mostrar, nas sessões de cartas, que há pessoas interessadas em relações amorosas ou sexuais com velhos. Essa e outras cartas demonstram que a vida afetiva dos velhos e das pessoas que gostam de pessoas mais velhas não é um horror, algo aberrante e que não pode ser revelado. Pelo contrário, a carta e alguns artigos publicados posteriormente na *Sui Generis* mostram que isso é totalmente possível, que é demonstrado e explicitado nas páginas do magazine.

Assim como ocorreu na edição 37 do *Lampião* lemos também na *Sui Generis* matéria falando sobre traição. No jornal, vimos uma enquete em que algumas pessoas respondiam sobre ver o *bofe* beijando outro homem. Na 33ª edição da revista não há enquetes sobre o assunto, mas relatos de alguns casos de homens heterossexuais que, mesmo com namoradas, mantém relações sexuais, de forma esporádica, com homens. A matéria cujo título é “Traídos pelo desejo” foi produzida por Marcos Mazzarro, há depoimentos de alguns *gays* velhos sobre o tema.

O texto narra a história de Gilson P, um mecânico de 24 anos que, quando sai do trabalho, algumas vezes, passa na casa de um homem de 40 anos residente no subúrbio carioca e é conhecido pelos moradores como o “*gay* do bairro”. Gilson vai à casa do homem “infame” em busca de realizar a fantasia que é de ser penetrado por outro homem. O mecânico estava noivo e casaria em breve. A matéria traz ainda

casos de homens, geralmente jovens casados com mulheres e que mantêm relações sexuais com outros homens.

Ao longo do texto, lemos o depoimento de Luiz Mott, 51 anos. A matéria faz questão de mencionar que ele é doutor em Antropologia. Mott afirma que tentou sublimar o desejo por outros homens casando-se com uma mulher. Ao longo de cinco anos de matrimônio teve duas filhas, mas, mesmo assim, o desejo de estar com outros homens ainda se fazia presente. “Eu acreditava que era uma tendência passageira. Após várias experiências clandestinas, inclusive um relacionamento que durou dois anos, encontrei alguém tranquilo e assumido. Ele me mostrou a possibilidade de ser *gay* e feliz” (p. 29), relata o criador do Grupo Gay da Bahia.

O segundo *gay* velho que apresenta depoimento é o diretor e ator Sérgio Britto, entrevistado na edição 26 da revista. Britto afirma que também já experimentou a situação de estar com um homem e uma mulher simultaneamente, mas só conseguiu vivenciar o caso por alguns meses por conta dos ciúmes da mulher. “Ela era muito ciumenta e não segurou este tipo de relação”. Sendo uma relação de afeto ou puramente sexual, esses e outros casos nos chamam à reflexão sobre a necessidade de seguir o modelo da tradição judaico-cristã que traz como ideal e correta a união heterossexual e monogâmica. E muitos homens *gays*, tentando negar o desejo e a atração por pessoas do mesmo gênero, casam-se com mulheres, mas, por não conseguir sublimar o desejo, têm vida dupla, mantendo relações sexuais e amorosas em paralelo ao casamento. Outros, todavia, quando atingem uma maturidade ou encontram um companheiro “porto seguro” tomam a coragem como um salto e resolvem vivenciar o desejo que tentavam matar. Mesmo velhos, alguns “homens infames” tiveram a coragem de reescrever a vida amorosa de outra forma.

Encontraremos também nesta edição dois textos sobre crimes ocorridos por homofobia. Os textos foram produzidos por Marcos Mazzaro. O primeiro, “Cerimônia de renascimento” traz uma breve entrevista com o teatrólogo José Celso Martinez Côrrea que fala sobre a reestrela da peça *Taniko* em São Paulo. A obra era uma homenagem ao irmão Luís Antônio Martinez Côrrea assassinado no ano de 1987 com 80 facadas, disferidas pelo michê Gláucio Garcia de Arruda. De acordo com o texto, o crime marcou o diretor transformando-o em um artista engajado na luta contra a discriminação aos homossexuais, sublimando o assassinato do irmão através do teatro. Pela primeira vez há registro do repórter chamando o entrevistado de senhor.

“O que mais o senhor está fazendo para homenagear a memória de Luís Antônio?” pergunta Mazzaro. Notamos o uso do pronome de tratamento não apenas como uma forma de respeito, mas é o momento que o entrevistador vê seu entrevistado como uma pessoa velha, porém, não incapacitada de produzir arte, tanto que as perguntas seguintes são sobre outros trabalhos que o diretor estava desenvolvendo.

Logo após, encontramos a matéria “Antropologia do preconceito” que fala sobre o livro *Homofobia*, do antropólogo Luiz Mott. O livro apresenta um relatório sobre a violência contra os direitos de gays, lésbicas e travestis no Brasil no período de 1963 a 1994. Há apenas uma fala do autor que explica como os dados são apresentados no livro.

No que se refere aos velhos e a velhice ao longo da sua história *Sui Generis* faz uma espécie de modelização dos gays velhos, os quais aparecerão em quase todas as matérias como vencedores, com uma memória não “destruída” pelo tempo e bastante opinativo sobre o presente, mas sem projeções para o futuro. São imagens de unidade, produzidas de forma racional e que são legitimadas pelos que produzem o magazine e muitos leitores se reconhecerão nela. Os meios de comunicação falam pelo e para os indivíduos. Assim, outros modelos de velhice não existirão na revista.

Entretanto, é possível perceber até aqui que a imagem dos velhos gays trazidas por essa revista difere radicalmente daquela mostrada no *Lampião da Esquina*. Enquanto este vê a velhice como demérito, cabendo aos velhos, independente da orientação sexual, sair das ruas, abandonar os espaços públicos e viver na reclusão, a *Sui Generis* mostrará aos leitores velhos produtivos, que estavam realizando as atividades referentes à área de atuação. Alguns de forma solitária, outros com o companheiro ao lado e ainda há aqueles que pagam para vivenciar o prazer. Existirão (para os que produziam tal magazine) outras formas de se vivenciar a velhice, não sendo esta uma fase dramática da vida, em que a *maricona* deveria ser relegada ao abandono, havendo aí sua morte social. Nessa revista, não haverá espaço para imagens de doenças causadas pela velhice, de decadência física ou dependência como destino para os que envelhecem. Pelo contrário, eram sugeridos estilos de vida e de consumo para não se sentir velhos. As cartografias de forças pedem uma nova maneira de viver e isso vai de encontro à imagem dos velhos produzidos pelos gerontólogos na década de 1990.

Debert (1999, p. 220) atenta sobre a dissonância entre os discursos médicos com o midiático, “a imagem de uma velhice gratificante surpreende os gerontólogos, que propõem ações para beneficiar os mais fragilizados. Mas não é esse o perfil dos velhos mobilizados, quer pelos programas para a terceira idade, quer pelos meios de comunicação”.

O que se percebe é que a *Sui Generis* deu uma nova roupagem às publicações voltadas para tal público para que elas fossem absorvidas pelo mercado. Ao invés de ficar mostrando gays desconhecidos e enfatizar assuntos ligados à violência ou questões mais ideológicas restritas ao público homo, passou a mostrar gays bem-sucedidos, bonitos e que cuidam do corpo. Era bastante corriqueiro nessa revista, matérias com personalidades gays que já estavam velhas falando como conseguiram vencer no mercado, opinando sobre a questão do preconceito ou falando sobre trabalhos pessoais.

É importante lembrar aqui, que a *Sui Generis* veio preencher uma lacuna que tomou forma em 1981 com o fim do *Lampião*, contribuindo para as subjetividades dos leitores no que se refere à Aids, ao empoderamento dos *gays* e na maneira que dizia os velhos, apresentados como pessoas capazes, que produziam artes, amavam e vivenciavam os desejos da forma que fosse possível. Por serem velhos, não são tratados de forma irônica, como podemos observar nos textos analisados do *Lampião da Esquina*. Os jornalistas e colaboradores da *Sui Generis* estavam atentos, conscientemente ou não, das mudanças nos discursos sobre o dizer a velhice. Mas, ao mesmo tempo em que é dada visibilidade à velhice ativa e positiva, era negada a existência de outros tipos de *gays* velhos, inclusive aqueles que não são escritores, cantores, atores, etc. Os *tiozinhos* não ocupavam apenas os espaços de *gays* que foram vitoriosos e conquistaram lugar de poder. Existiam outros e esses outros não interessavam, pois, a revista era feita para um público que, se não totalmente ricos, eram pessoas que tinham poder aquisitivo e não cabia à revista manchar as páginas com os que eram “diferentes” do modelo que eles publicavam.

Outra questão trabalhada nessa publicação foi a dos corpos jovens, belos e não enrugados visíveis a cada edição. Estar com o corpo malhado automaticamente se atribui força, virilidade, hombridade, potencialidade e saúde. Tais sinônimos, todavia, não são atribuídos aos homens que possuem o corpo gordo ou flácido, pelo contrário, a imagem atribuída a eles é a de pessoa sedentária, que toma espaço e,

quando muito, pessoa forte, não por ter força, mas por ser pesado. Ou seja, o peso torna-se uma forma de medir a saúde. Saudável é aquele que tem corpo sem excesso de peso e corpo malhado.

A produção midiática a qual envolve o cinema, a televisão, a propaganda, jornais e revistas estão produzindo subjetividades que nos mostram, dentre outras coisas, que beleza e juventude são o que deve ser desejado. Os rostos e os corpos jovens que serão consumidos, pois são os modelos padrão. Por isso que, entre 1995 e 2000, a revista *Sui Generis* foi bem recebida pelo público, pois trazia em suas páginas o modelo de juventude e de beleza. Rolnik (1996) aponta a necessidade do consumo de drogas produzidas pela indústria farmacológica para manter a ilusão de identidade. A mídia também é uma produtora de drogas que também contribuirá para a ilusão identitária e os viciados nessa droga midiática são capazes de mitificar e consumir todas as imagens produzidas pela mídia no intuito de se manter no mercado dos gostos. Assim, além do desejo de consumir corpos dentro do padrão de beleza oferecido pela mídia havia a necessidade de se mostrar, além de um corpo jovem e belo, um corpo que também ostentasse potência. Por isso que a revista *G Magazine* lançada dois anos após a primeira edição da *Sui Generis* fará tanto sucesso e terá uma vida longa no mercado editorial, pois apresentava, em suas páginas, pessoas jovens, bonitas, másculas, viris e bem-dotadas, como passaremos a discutir no próximo capítulo. Mesmo jovens, os corpos apresentados pela *Sui Generis* estavam obsoletos, pois não apresentavam a potência da virilidade e do falo. Ao mesmo tempo em que a *G Magazine* se tornará manchete em revistas e jornais por trazer personalidades famosas do meio televisivo, esportivo e artístico, de forma geral buscaremos perceber se os corpos velhos e, nem sempre, enrugados, estriados dos velhos gays também ganharão o mesmo destaque na revista que, das publicações que analisamos até o momento. Será a primeira revista a trazer matérias informando ao leitor como evitar se aproximar da morte, ou seja, “controlar” as marcas da velhice.

4 A REINVENÇÃO DA VELHICE

4.1 Velhice: um tema para debate

Um dia comum do ano de 2003. Como de costume, milhares de famílias, algumas antes e outras após o jantar, reuniam-se em frente à televisão e ficavam hipnotizadas com as imagens e notícias que o “circo eletrônico” apresentava. Naquele ano era exibida, logo após o noticiário, pela Rede Globo de Televisão, no horário das 21 horas, a novela *Mulheres Apaixonadas* de Manoel Carlos. Dentre várias histórias, a trama apresentava, em quase todos os capítulos, o drama vivido pelo casal de idosos Flora (Carmem Silva) e Leopoldo (Oswaldo Louzada) que moravam no mesmo apartamento com o filho Carlão (Marcos Caruso), a nora Irene (Marta Melinger) e os netos Carlinhos (Daniel Zettel) e Dóris (Regiane Alves). O casal, que ajudava na manutenção do apartamento do filho, vivia sendo maltratado pela neta. Dóris percebia a velhice como uma doença: como “uma situação repudiável”. Constantemente, ela chamava o avô de “velho caduco” e “esclerosado”. Na trama, entretanto, em nenhum momento o casal é apresentado como doente. Eram pessoas com algumas limitações por conta da idade, mas realizavam as tarefas do cotidiano como qualquer pessoa.

Ao mesmo tempo em que a ficção apresentava tal fato, tabloides de várias cidades do país publicavam notícias sobre idosos que eram maltratados. Um dos casos foi noticiado, em 3 de abril daquele mesmo ano, pelo *Correio Braziliense* que relatava a situação de um idoso que estava preso no quintal de uma casa na Ceilândia (DF). De acordo com a família, tal fato se deu porque o velhinho “sujava a casa demais”.

Não fosse a denúncia de vizinhos, é possível que esse senhor ainda estivesse trancado como um bicho nos fundos de casa. Talvez nem Manoel Carlos, autor da novela *Mulheres Apaixonadas*, que aborda o preconceito contra os mais velhos, bolasse um enredo com tamanho requinte de crueldade para atormentar na telinha o casal protagonizado por Oswaldo Louzada e Carmen Silva⁸⁶.

Além de serem marcados pelo símbolo da falta, os velhos também sofrem com situações de abandono, seja em casa ou em asilos e maus tratos, independente da

⁸⁶ Reféns dos maus tratos. *Correio Braziliense*. Brasília, 03/04/2003.

orientação sexual. Esses e outros casos trazidos pelos jornais brasileiros contribuíram para que a questão da velhice e dos cuidados com os idosos se tornassem tema de debate em espaços públicos e privados. Concomitantemente, no segundo semestre, em Brasília, o Estatuto do Idoso que tramitava no Congresso Nacional, desde o final da década de 1980, foi aprovado pelo Senado Federal em 23 de setembro de 2003. O documento estabelece uma linguagem para se tratar do tema velhice, elenca seus traços primordiais e separa para melhor definir quem é e quem não é idoso, bem como os termos de direitos e proteção para eles.

No Brasil, nas últimas décadas do século XX, as pessoas velhas tornam-se pertencentes à “terceira idade⁸⁷”, “deixando” de ser idosos. Como já mencionado no capítulo anterior, desde a década de 1980, os discursos sobre a velhice deixam de ser monopólio da Medicina, da Assistência Social ou da Enfermagem, passando também a ser debatida pela História, pela Antropologia, pela Sociologia, dentre outras áreas do saber. Algumas instituições no país passaram a criar Universidades Abertas para a Terceira Idade, oferecendo atividades para pessoas idosas⁸⁸. Mudanças também ocorreram na área de políticas públicas para pessoas mais velhas e estas começaram a ter mais direitos, o que implicava um movimento político e econômico de inserção deste grupo no mercado de trabalho e nas lutas sociais. Em dezembro de 1999, por exemplo, foi aprovada a Política Nacional de Saúde do Idoso que define as ações no setor da saúde, indicando as responsabilidades institucionais para o alcance da proposta. Na Constituição de 1988, a velhice passava a ser reconhecida como protagonista da sociedade e não somente no âmbito da seguridade social (previdência, saúde e assistência).

A invenção da categoria “terceira idade” torna evidente o quanto é difícil para o indivíduo na modernidade ver-se como velho e os jovens se negam a perceber que envelhecer faz parte da vida. Não conseguindo evitar essa temida degeneração do corpo que desencadeia a doença e, conseqüentemente, a proximidade com a morte,

⁸⁷ A invenção da terceira idade se deu na França na década de 1970. Foi neste país que os primeiros gerontólogos brasileiros se formaram sendo também nesta época que foram criadas as Universités du Troisième Age. A expressão “third age” foi incorporada no vocabulário anglo-saxão devido a criação, no verão de 1981, das Universities of the Third Age em Cambridge na Inglaterra sendo a expressão “terceira idade” um termo que vem sendo usado de forma recorrente entre os pesquisadores ingleses que estudam o tema velhice, Debert (2012).

⁸⁸ Nos primeiros anos da década de 1990, apenas na Grande São Paulo, mais de 70 programas destinados à população idosa estava em funcionamento ou em processo de implantação, (PRATA, 1990).

faz-se necessário enfrentá-la contextualizando suas possibilidades no espaço social (BEAUVOIR, 1990; MOTA, 2014).

Para que esta invenção fosse possível, havia a necessidade da existência de uma comunidade de aposentados que tivesse um peso suficiente na sociedade, dispondo de algumas qualidades essenciais e importantes, tais como independência financeira e uma saúde não muito debilitada para fazer real as expectativas de que essa etapa é propícia para própria realização e satisfação social.

Mas, mesmo existindo uma grande gama de saberes que pautavam a velhice diferenciando-a da juventude ou ligando-a à doença, aos poucos, outros foram sendo forjados, passando a ser falado também sobre os direitos dos idosos, das vivências socioculturais para o público mais velho. Isso nos faz perceber que o assunto passava a ser visto sob novas perspectivas no Brasil e que outras subjetividades sobre a velhice e os velhos foram construídas.

Fomos vendo assim, outras formas de falar sobre a velhice nas telenovelas, no cinema, nas revistas. Os corpos dos velhos não deveriam mais estar escondidos em casa ou nos asilos. Na virada do século XX para o século XXI surgiram programas no país que chamavam as pessoas idosas para praticar atividades físicas, agências de turismo passaram a oferecer pacotes de viagens para grupos de idosos, os supermercados apresentavam uma gama de produtos para pessoas mais velhas que se preocupam com a alimentação, as farmácias começaram a oferecer vários suplementos vitamínicos para revigorar a energia do corpo, além do Viagra⁸⁹, primeiro medicamento oral no âmbito da biomedicina que combate a disfunção erétil e que tem como público-alvo homens com mais de 40 anos de idade. Aos poucos, surgiu no Brasil um mercado voltado para tal grupo que deixava de ser considerado, pela maioria, como escória e um demérito para a sociedade. Com o discurso que trata o idoso não mais como velho, mas pertencente a “terceira idade”, a ideia de velhice ativa é mais enfatizada nos consultórios médicos, pela mídia e, lentamente, foi sendo absorvida pela sociedade.

Como nos lembra Debert (2012), os velhos foram apresentados na e pela mídia como indivíduos que, por conta da idade, encontraram uma nova carreira profissional ou começaram a realizar novas atividades, realizando sonhos construídos na

⁸⁹ No Brasil, o remédio que passou a ser vendido em 1998, apenas no primeiro ano vendeu mais de 5 milhões de unidades.

juventude e que foram adiados devido as obrigações que a vida impõe. Então veremos homens e mulheres velhos sendo mostrados como pessoas independentes dos filhos e parentes, ativos e com capacidade de encontrar diferentes atividades novas e interessantes para essa nova etapa da vida. Os velhos passaram a ser sujeitos políticos. A velhice começa a ser, de acordo com os *media*, o estágio para realizações pessoais; era forjado um novo ator, sendo apresentado um novo mercado de consumo no qual a promessa de manutenção da juventude será o subtexto em que um novo vestuário, outras formas de lazer, novas formas de relações com o corpo, amigos e família são oferecidos.

Surgem assim, no começo do século XXI, uma expansão na oferta de formas de manipulação da apresentação da idade e manipulação do próprio corpo, e isso se dará através do uso de diferentes tipos de tecnologias que se apresentarão na forma de cosméticos, dietas alimentares, medicamentos, cirurgias plásticas e exercícios físicos, além da adoção de gostos e estilos de vida caracterizados como próprios de determinados grupos etários (MORAES, 2011).

Na nova representação dos velhos e sobre a velhice, não há mais espaço para imagens de decadência física, doença ou dependência como únicas possibilidades para quem envelhecia.

Mais do que definir a última etapa da vida, trata-se de impor estilos de vida, criando uma série de regras de comportamento e de consumo de bens específicos, que indicam como aqueles que não se sentem velhos devem proceder (DEBERT, 2012, pp. 212-213).

A revista *G Magazine*, que analisaremos neste capítulo, trará em matérias, reportagens e em dois ensaios fotográficos esses novos modelos de velhice forjados pelos discursos dos saberes científicos e pela mídia. Encontraremos impresso nas páginas dessa revista, outros modelos de velhice, tecidos em décadas anteriores e que pudemos encontrar no *Lampião da Esquina* e na *Sui Generis*. Como veremos nas cartas enviadas por alguns leitores, a própria existência de *gays* velhos na *G* trará incômodo. A velhice deveria ter sua existência negada pelos que faziam o periódico, talvez por ser uma presença que lembrava os leitores que é a fase de vida que está mais próxima da morte: dois temas sobre os quais, quase sempre, evita-se falar.

4.2 *G Magazine* e a construção de corpos e prazeres

Em abril de 1997, as bancas de revistas de várias cidades do Brasil recebiam os 55 mil exemplares de uma publicação com nome cômico, *Bananaloca*, revista de circulação mensal, de conteúdo erótico, direcionada para o público gay, publicada pela Fractal Edições Ltda., que tinha como dirigentes, a jornalista Ana Maria Fadigas⁹⁰ e o apresentador Otávio Mesquita. A publicação era a versão impressa de um site que deu nome à magazine e tinha como conselho editorial, além dos diretores da Fractal, os jornalistas e idealizadores do site, Sérgio Lhamas e Paulo Negrão.

Antes do lançamento da revista, foi feita uma pesquisa com consumidores gays no intuito de saber o que eles gostariam de ver em uma publicação dirigida para eles. Assuntos como cultura, turismo, entretenimento e ensaios com nu masculino foram os que mais se destacaram na pesquisa. Lembrando que a questão dos ensaios de nudez era algo que os leitores da *Sui Generis* gostariam de ver nas páginas da revista, mas o editor Nelson Feitosa, não permitiu para não mudar a concepção inicial da publicação. Percebendo essa lacuna e o desejo dos que participaram da pesquisa, a *Bananaloca* chegou às bancas trazendo em suas páginas homens desnudos em diferentes ângulos, inclusive o frontal e isso aconteceu em todas as edições e a proposta continuou quando a revista passou a se chamar *G Magazine*.

Os leitores que compraram a primeira edição comercializada pelo preço de R\$ 9,70, também levaram para casa uma fita VHS de um filme pornográfico gay chamado “Tesão nas montanhas” e, ao ler o editorial, perceberam que a revista, ao contrário da *Sui Generis*, não possuía um compromisso militante com a causa gay, mas se propunha apenas a servir de fonte para diversão e prazer dos leitores. Isso fica evidente no fragmento do editorial a seguir:

Chega de meias verdades: não usar nem desocupar a moita... E aqui está a novíssima Bananaloca, sua revista de diversão G. afinal, nós achamos essa praia o máximo. A preferência do cardápio de cama é algo ainda bastante polêmico, assunto encarado com preconceito por boa parte do mundo. Mas o que se discute pouco (ou quase nada) é que ser gay implica algo mais do que o desejo por outro homem. É

⁹⁰ Começou a trabalhar na editora Abril no ano de 1977 como editora da revista *Recreio*. Foi também editora das revistas *Contigo!* e *Boa Forma*. Em 1995 sai da Abril e em associação com o jornalista, apresentador e empresário Otávio Mesquita compram a revista *Sexy*, criando a editora Fractal para publicá-la. Em 1997 a editora passa a publicar a *G Magazine*. Dez anos depois, cria uma agência de viagem chamada GTravel que tinha como público o segmento LGBT. No ano seguinte vende a Fractal, sendo a edição de fevereiro de 2008 a última em que esteve como editora da revista.

uma maneira especial de olhar o mundo. É um universo inteiro com estilos de vida tão diversos como os rostos humanos são capazes de ser. E mais ainda, *gay* é um público, um mercado representativo pelo seu número potencial de consumo [...] A *Bananaloca* surge com uma proposta de independência aos modelos preestabelecidos, procurando buscar a sintonia do público. Nossa intenção é divertir e dar muito prazer (BANANALOCA, abril, p. 3, 1997).

Para os responsáveis pela revista, visto que o editorial representa o pensamento dos editores, ser *gay* é um modo diverso de vida, que vai interferir na forma de perceber o mundo. Mesmo citando a questão do preconceito no tocante à homossexualidade, a *Bananaloca* se mostra estar mais interessada em lidar com a diversão e o entretenimento voltados para os gays, lembrando que o público a que se destina a revista é um consumidor em potencial. A pauta da publicação estará montada na tríade *gay-diversão-consumo*.

A primeira edição trouxe, além da imagem da capa do vídeo que estava vindo com a revista, as seguintes manchetes: “SexphotoClub: um espaço para sua tara”; “Foi assim: sua primeira vez vale uma história” e “Saiba: o pau pode quebrar mesmo!”. Sendo anunciado também, o modelo que aparece nu na primeira edição “Dânder⁹¹ – Garoto da Lama, nosso bofescândalo!”.

A nudez anunciada na capa, da primeira e das próximas edições, pode ser encontrada na seção “Gato da capa” que, a cada mês apresentava em um ensaio fotográfico a nudez de um homem “gato”, isto é, belo, forte e viril. Esse modelo de masculinidade será uma constante durante a história desta revista e da *G Magazine*.

No geral, os assuntos trazidos pela *Bananaloca* estavam relacionados ao entretenimento para o público *gay*, isto é, humor, eventos, moda, indicações de sites e vídeos, além de falar sobre sexo e ensaios eróticos.

A revista esteve em circulação nas bancas do Brasil até a quarta edição, publicada em agosto de 1997. Devido desentendimentos internos dos que faziam o conselho editorial, os responsáveis pelo site e os donos da Fractal acabaram com a divisão da equipe e o nome da revista. Em sua última edição, os leitores da *Bananaloca* receberam um encarte com a capa do número zero da *G Magazine* que informava a mudança do nome.

⁹¹ O nome do modelo é Anderson Di Rizzi.

A Fractal Edições Ltda. comunica que não publicará mais o título *Bananaloca* por motivos de força maior. A partir do próximo mês procure nas bancas a 1ª edição da sua revista *G Magazine*. O que muda é só o nome. Mas o nosso projeto é o mesmo.

Assim, a quinta edição publicada em setembro do mesmo ano, sai com o título *Bananaloca* apresenta *G Magazine*. Com a primeira edição da *G*, é reiniciada a contagem das edições, sendo a primeira edição da revista datada de outubro de 1997. Apesar da mudança de nome, a publicação não sofreu alterações em relação a direção e ao projeto editorial.

O lançamento oficial do primeiro número do magazine ocorreu em São Paulo em uma boate chamada *Mad Queen*, na noite de 23 de outubro. Menos de um ano depois, a revista já se firmava no mercado editorial como a revista voltada para o público gay e que desnudava artistas, esportistas, cantores, modelos e apresentava-os em nu frontal e com o falo ereto. De acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), a *G Magazine*, que começou a ser vendida por R\$ 4,90, chegou a alcançar tiragem de 180 mil exemplares por mês, fato até então inédito para as publicações do gênero no Brasil.

Desde a sua primeira capa, tanto a *Bananaloca* quanto a *G* já começavam a construir, no imaginário dos seus leitores, uma dada representação da masculinidade e da virilidade, o que faz supor que apenas os homens viris e másculos são desejados pelos homossexuais. As diversas capas da revista acabam por estigmatizar a imagem do homossexual afeminado. Sobre a proposta de mostrar o falo ereto era uma ideia que vinha desde a primeira edição, mas que não obteve êxito como podemos observar nas informações existentes no site da revista e que aqui transcrevemos:

Não tínhamos plena certeza de que deveríamos publicar fotos de homens com o pênis ereto. Já apareciam, mas timidamente. Uma espécie de tabu interno a ser resolvido... Entretanto, diante dos inúmeros pedidos de leitores (que a partir de então pautariam todo o caminho da *G*), finalmente nos rendemos à ode ao falo "erectus". A ordem era que as fotos do modelo de capa da edição nº 1 da *G Magazine* já contemplassem a anatomia do pênis em todos os estágios... Mas, na última hora, Vitor Xavier acabou dando pra trás e não se deixou fotografar assim... Os primeiros a aparecerem com

pênis eretos mesmo foram os modelos Johnny e Luciano Muller, que saíram na seção *Desejo* da primeira edição da G⁹².

É importante lembrar que a imprensa é um espaço bastante evidente de produção, circulação e recepção de discursos sejam estes visuais ou verbais. Mais ainda, a imprensa especializada é um modo de circulação por meio do qual certo grupo se constitui e se reconhece como uma comunidade discursiva. Não só no Brasil, mas em vários outros países, temos revistas voltadas para negros, homossexuais, mulheres, etc. Ao veicular diversas práticas discursivas, a imprensa proclama e dita normas de ser, de dizer e, portanto, de se apresentar no mundo e de pertencer a uma comunidade que partilha de interesses comuns. No discurso apresentado pela revista G, ser jovem e manter o corpo malhado e não enrugado é uma forma de se manter desejado. Logo, aqueles que estão se aproximando da velhice ou os que já estão velhos, precisam consumir uma infinidade de cosméticos para fazer sumir, ou deixar pouco perceptível as marcas que o tempo deixa no corpo. Faz-se necessário ainda o abandono da vida sedentária, pois é preciso apresentar um corpo esculpido e potente para não se tornar uma mercadoria obsoleta no mercado do desejo. O corpo é a moeda nesse mercado e o que faz o sujeito nele permanecer.

O “culto ao corpo” é um mecanismo altamente eficiente de individualização, ao responsabilizar cada indivíduo por sua aparência, isto é, instaurando uma nova moralidade, a da “boa forma”, referida à juventude, beleza e saúde e, conseqüentemente, acentuando particularismos ao fazer de cada indivíduo uma espécie de escrutinador de cada detalhe de seu corpo e aparência, mas não deixa de existir, ao lado desses movimentos que promovem ou acirram uma espécie de individualização, alguns outros imperativos, igualmente eficazes, porém opostos e contraditórios. Como nos mostra Bourdieu (1987, p.9),

Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente.

⁹² Informações retiradas do sítio: <http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/memorias.htm> no dia 20 de março de 2016.

Não sendo, por acaso, por exemplo, que o ator David Cardoso será capa e aparecerá nu na revista. Não foi somente pela sua trajetória que a *G* desejou desnudá-lo, mas por ele possuir um corpo que se apresentava consumível para o padrão da revista, ou seja, malhado e não estriado, mesmo já sendo um homem idoso.

Mesmo trabalhando com uma revista que trazia em suas páginas homens famosos que muitos desejavam ver nu, e possuindo uma boa receptividade entre os leitores, Ana Fadigas, editora da publicação, afirma que no início foi bastante difícil e que sofreu preconceito em ser responsável por uma revista voltada para o público gay.

O início foi muito difícil. A mídia foi sempre muito delicada comigo. Contudo, à exceção da família, as críticas foram inúmeras. Alguns chegavam a dizer, 'você vai mexer com esse mundo! Esse baixo mundo! Isso é um submundo'. E olha que eu possuía a credibilidade de 21 anos de trabalho na Editora Abril. Em vários momentos isso doeu bastante, mas existia o sonho e a vontade de fazer (FADIGAS apud SILVA, p. 55, 2003).

No relato da editora, percebemos que, mesmo com toda a mudança no mercado brasileiro que, desde a metade dos anos 90, começava a oferecer produtos, a princípio, para gays, lésbicas e simpatizantes, o preconceito no mercado editorial ainda era muito forte e intimidador. E, da mesma forma que ocorreu com o *Lampião da Esquina*, a *G Magazine* também teve problemas de distribuição no primeiro ano.

Em vários momentos nenhuma distribuidora queria fazer a distribuição da revista. A mesma empresa que distribuía a *Sexy*, na época editada por mim, se recusava a distribuir a *G*. Essa situação se reverteu num desafio que depois se transformou na ligação humana com o leitor. Aliados a isso, os próprios jornalheiros se recusavam, também, a vender a revista e até o próprio universo On Line, de início mostrou resistência (FADIGAS apud SILVA, pp. 55-56, 2003).

No total, a revista que tinha como slogan “a revista do homem com G maiúsculo”, circulou nas bancas de 1997 até junho de 2013, somando ao todo 176 edições. Nos primeiros anos foi sendo considerada por muitos como a “Playboy gay” por usar a mesma proposta da revista voltada para o público heterossexual, isto é, convidar pessoas famosas para se desnudar. Mensalmente, a *G Magazine* vendia entre 65 a 90 mil exemplares, mas quando uma personalidade muito famosa aparecia nua, a venda subia para 120 mil, como ocorreu na primeira vez que o ator Alexandre

Frota⁹³ se desnudou para o magazine, na edição 49 publicada em outubro de 2001. Percebe-se então que o que move a vontade dos leitores em consumir a revista está no grau de fama da personalidade que será apresentada nua. Como lembra Trevisan (1999), a revista se tornou um sucesso de vendas quando começa a apresentar em suas páginas fotos de artistas, cantores, roqueiros e jogadores de futebol “não apenas nus, mas expondo suas medidas íntimas muito rígidas” (p. 375).

Fadigas aponta como marco da história da revista, a décima edição, publicada em agosto de 1998, que trouxe o ator Matheus Carrieri como garoto da capa, por ser uma personalidade nacionalmente conhecida. Ainda de acordo com a editora, nas edições em que o ensaio principal era com negros ou com velhos, as vendas caíram vertiginosamente e os leitores enviavam cartas reclamando, como veremos mais adiante quando analisaremos o ensaio do ator David Cardoso, único idoso que apareceu desnudo no ensaio principal da revista. Vemos assim, que há no grupo sofrido o preconceito, por parte da sociedade, por ser gay, o preconceito contra gays que são negros e velhos, isso sem falar naqueles que são gordos ou aqueles que apresentam alguma deficiência física.

Além dos ensaios de nu, a revista que tinha uma boa qualidade gráfica, trazia também informações sobre política, cultura, lazer, saúde e turismo. Percebendo o sucesso que a *G* fazia entre o público gay, a Fractal lançou no ano de 2001 a revista *Lolitos* que apresentava fotos de rapazes com idade entre 18 e 25 anos, deixando clara a importância que a identidade etária tem para o público homossexual, como há um fetiche em torno dos corpos adolescentes e jovens entre o público gay. A revista teve apenas 13 edições, sendo, mais tarde, incorporada como uma seção da *G Magazine* a partir da edição 58. Ainda no ano de 2001, a Fractal lança a *Go-Go Boys* desnudando homens que trabalham fazendo *strip-tease* em boates, também todos muito jovens e com corpos malhados e viris. O projeto, todavia, não durou muito e, em 2002 era lançada a nona e última edição da publicação. Além dos ensaios fotográficos de nu masculino, matérias sobre cultura, política, moda, lazer, saúde, beleza, contos e entrevistas poderiam ser encontradas na revista.

Serão encontrados uma média de 45 anunciantes por edição distribuídos aleatoriamente nas páginas do magazine. Saunas, boates, filmes e produtos eróticos, tele sexo, agências de turismo para o público gay e lésbico e livrarias especializadas

⁹³ No total, o ator fez posou quatro vezes na *G Magazine*.

em obras homoeróticas eram os principais anunciantes. Mesmo tendo um grande sucesso no número de vendas, a *G Magazine* durante muitos anos não teve grandes anunciantes em suas páginas, como ocorreu com a *Sui Generis*. Como mostrado anteriormente, o preconceito não era apenas dos distribuidores e jornalheiros, mas também dos anunciantes que não queriam ver sua marca ligada a produtos gays, mesmo sendo os gays o público consumidor de grandes marcas famosas. Esse incômodo com a falta de grandes anunciantes em alguns momentos aparecia em editoriais da revista, como podemos ver neste trecho de uma carta enviada por um leitor e que foi publicada na 31ª edição.

Assunto: Boicote. A *G Magazine* é um verdadeiro “tapa” na cara dessa sociedade hipócrita que sempre tentou nos ignorar. Pois bem, estamos mostrando a nossa cara e estamos indo muito bem. Mas onde estão os anunciantes que nos entopem de marcas e etiquetas e não têm coragem de anunciar na nossa *G*? Estão esperando o quê? Um boicote? Pois é minha gente, aí está o sentimento em relação a alguns anunciantes que poderiam estar por aqui e em outras revistas do gênero, pois os leitores sabem que para fazer uma boa revista precisamos muito deles. Sabe, há até alguns que declinam estar na *G* por ela ser uma revista de nus (...) (G MAGAZINE, p, 03, 2000).

É possível perceber que, quanto mais a revista apresentar conteúdo sexual menos anunciantes de grande marca estarão presentes nessas publicações. Mas isso acontece apenas se a revista for voltada para o público *gay*, pois a *Playboy*, que tem como público alvo homens heterossexuais, possui grandes marcas como anunciantes. Percebemos, então, que o problema não é anunciar em uma publicação de conteúdo erótico ou sexual, mas de anunciar em um veículo de conteúdo erótico ou sexual para homossexuais.

Todavia, após muitos anos buscando grandes anunciantes, em 2004, época em que completava sete anos de circulação, encontraremos publicidade da Paris Elysees, marca de perfume francês e do Banco do Brasil, que divulgava a campanha “os seus valores são nossos valores”. Segundo o publicitário Ronald Assumpção, “o banco recebeu muitos e-mails e cartas de pessoas elogiando o fato de estarem presentes numa revista como a *G*, que dava ao banco o peso que merece como uma das instituições mais sérias do país”, (G MAGAZINE, 2008, p. 75).

Apesar da ausência de grandes anunciantes, a revista esteve em circulação no Brasil durante 15 anos. E, ao longo dessa trajetória, vários colaboradores e colunistas

fizeram parte da história da publicação. Alguns, inclusive, participaram do *Lampião da Esquina* e *Sui Generis*, a exemplo de João Silvério Trevisan e Adão Iturrugarai, respectivamente. Também escreveram para a *G Magazine* o jornalista André Fisher, a cantora Vange Leonel, a transformista Nany People, o promotor paraibano que residia no Rio de Janeiro, David Brazil, o antropólogo Luiz Mott, o poeta Glauco Mattoso, dentre outros.

A primeira edição da *G*, de 50 páginas, trouxe como capa Vitor Xavier, vencedor do concurso Garoto Stripper, realizado no *Programa Raul Gil*, na época exibido na Rede Record, além das seguintes manchetes: “Videoteca G: Hungary for Men, mais um Bjorn inédito”; “Entrevista – Clodovil abre o jogo”; “e-mail – santa Rita Lee, protetora das bibas”; “Garoto Stripper do Raul Gil, Vitor Xavier segura o laço pra você” e uma pequena foto no final da página em que aparecem dois homens de cueca *jock strap* encenando uma luta e a seguinte legenda “Luta de espadas – confira o vencedor”.

Das seções da *Bananaloca* que permaneceram na *G Magazine* estão *Recado* funcionando como editorial da revista; *Gato da capa*, ensaio fotográfico em que o modelo da capa aparece nu; *Videoteca* com informações sobre o vídeo que vinha junto com a revista; *Sexphoto Club*, que mostrava fotos sensuais de leitores e *Foi assim*, que publicava o relato de leitores sobre a primeira experiência sexual com outro homem. As novas seções da primeira edição da revista foram: *Do babado* assinada pela transformista Nany People, com informações culturais e turísticas; *Vídeo G* que apresentava algumas indicações de filmes pornográficos e de outros gêneros; *Pra ferver*, com dicas de festas em diferentes cidades do país; *Web gay* que passava informações de sites; *Tábata*, com pequenas notas humorísticas; *Globe Trotter*, informações sobre roteiros de turismo internacional; *E-mail*, publicando entrevistas feitas por e-mail com alguma personalidade famosa; *Conto*, com textos eróticos; *Comportamento*, trazendo dicas sobre bem-estar e saúde; *Moda*; *Entrevista*; *Desejo*, mostrando um segundo ensaio de nu, *Teste*; *Procurados*, com mensagens de leitores que buscavam parceiros para relacionamentos amorosos, sexuais ou de amizade; *Plantão Médico*, com dicas sobre saúde e *Cartas*, mostrando opiniões dos leitores sobre a revista. A cada nova edição, novas seções foram surgindo e outras mudando de nome.

Mesmo sendo um sucesso entre os leitores, com o passar dos anos, houve uma queda considerável no número de vendas da revista e, na edição 106, lançada em julho de 2006, no editorial há o aviso que, durante 3 meses, a revista seria comercializada no valor de R\$ 9,90⁹⁴. Ana Fadigas pede para que os leitores comprem mais de um exemplar para dar de presente a parentes e aos amigos. Entretanto, tal estratégia para aumentar as vendas não durou muito tempo e, dois anos depois, foi vendida pois, havia uma grande dificuldade para encontrar quem quisesse investir na revista além de que, os homens que posavam pediam um cachê muito alto.

De acordo com a editora da G,

eu investia muito e, enquanto na Sexy a gente conseguia algumas modelos que posavam por muito pouco na época, na G não. Eu fiquei sozinha, sem sócios, chutando com a direita, com a esquerda, pegando no gol e eu acho que não tinha muito alternativa. Eu jamais queria que a G diminuísse página, mudasse a qualidade do papel, pois não aguentaria, queria que ela fosse respeitada até o último dia em que eu estivesse nela. Muita gente dizia: “Ana, você não está aguentando mais”, porque eu ficava 24h enlouquecida com dívidas, pagamentos... Então, eu vendi a G por uma questão de grana, eu tinha dívidas, tinha um faturamento bom, mas eu não dava conta, não arranjava parceiros para investir e trabalhar comigo. Foi uma decisão muito dura, pois era a minha alma que estava sendo vendida⁹⁵.

Quando foi comprada, em 2008, pelo grupo norte-americano Ultra Friends, a revista passou por um reposicionamento de mercado, tornando-se mais sexualizada, trazendo duplicado o número de ensaios eróticos e algumas colunas deixaram de ser publicadas. Matérias com um teor mais reflexivo sobre direitos políticos de gays, lésbicas, transgêneros e transexuais aos poucos foram dando espaço para reportagens sobre moda, beleza e entretenimento. As seções encontradas na nova versão da revista eram as seguintes: *Recado do editor*, *Cartas*, *Mundo G*, as colunas *Olho no olho*, *Voz ABGLT*, *David Brazil*, seções *Estilo*, *Beleza*, *Arrasa!*, *G travel*, *Dicas G travel*, *G recomenda*, *Ensaio de capa*, os ensaios fotográficos *Lolitos G*, *Desejo* e *O melhor do G online*, *Entrevista* e as colunas *SOS* e *Fecharão*.

Provavelmente essa mudança na G ocorreu devido ao aparecimento de outras publicações voltadas para o público LGBT que foram surgindo, como as revistas *Dom*, *Júnior*, *Aimée* que, mesmo com propostas editoriais diferentes, eram novos

⁹⁴ Na época, a revista estava sendo vendida por R\$ 10,90.

⁹⁵ <http://www.nlucon.com/2014/03/ana-fadigas-gmagazine-entrevista.html>

concorrentes no mercado, todavia, elas não publicavam em suas páginas ensaios de nu.

A partir do ano de 2010, a publicação da *G* tornou-se irregular, passando a chegar às bancas a cada dois meses, sendo que no mês de dezembro foram lançadas as edições 154 e 155. Em 2011, a circulação mensal voltava a dar o ar da graça, mas nos meses de março e setembro não foram publicados nenhum número da revista. No ano de 2012, na edição 166, os leitores puderam perceber uma grande mudança na revista que deixa de mostrar o nu frontal e o pênis ereto dos modelos que posavam na capa. Estes apareciam em ensaios sensuais sem mostrar a genitália. Os ensaios eróticos, a partir desta edição, ficava no encarte da BelAmi Entertainment, empresa da Eslováquia produtora e distribuidora de filmes pornográficos, livros e revistas voltadas para gays. Nos ensaios, que eram publicados na seção *G especial*, posavam os jovens atores dos filmes da BelAmi, que apareciam nus em diferentes posições, mostrando o corpo de todas formas possíveis e com pênis ereto.

A *G Magazine* muda a proposta editorial, passando a ser uma revista sobre entretenimento, com matérias sobre diversão, artes e voltada para o público jovem. Todavia, a irregularidade nas publicações continuou, até que no mês de junho de 2013, os leitores recebiam a edição 176 que trazia o modelo russo Sergey Henir na capa, o último exemplar publicado. Ao se tornar debutante, a *G Magazine* deixava de circular nas bancas de revista. A última edição, que foi comercializada por R\$ 14,90 veio com as seguintes manchetes na capa: “Sergey Henir – ES Collection”, “Banda Uó – sucesso de norte a sul do país”, “Maceió – uma maravilha encantada no Nordeste brasileiro” e “Direitos humanos x LGBT – O Brasil no olho do furacão”. No rodapé da capa havia o aviso de que naquela edição havia um encarte exclusivo com ensaio com atores da produtora BelAmi Entertainment.

Mesmo na última edição não tendo matérias que tratem da velhice, ao longo dos seus 15 anos de publicação, encontramos 110 textos em que velhos aparecem ou que a questão da velhice é mencionada. Esse material pode ser dividido da seguinte forma: dois ensaios eróticos de nu masculino; 19 entrevistas com gays velhos; oito cartas de leitores opinando ou pedindo ensaios eróticos com homens com mais de 50 anos; 14 cartas publicadas na seção “Procurados”, que trazia mensagens e pequenas fotos de leitores que estavam em busca de amigados ou de um homem para chamar de seu; dois contos eróticos em que gays velhos são mencionados; três

artigos em que a vida de homossexuais que chegaram à “terceira idade” é trazida para reflexão além de 63 matérias que abordam temas como saúde, beleza, religião e espiritualidade, política, arte e comportamento. É importante informar que, devido ao grande montante de material, optamos por analisar 15 documentos produzidos em anos distintos, que se apresentarão como matérias, entrevistas e cartas, além de dois textos imagéticos, totalizando 17 textos analisados. As edições da *Bananaloca* não serão analisadas, pois não encontramos matérias que tratam do assunto desta pesquisa, o mesmo ocorre nas edições da *G*, publicadas nos anos de 2011 e 2013.

4.3 A velhice segundo *G Magazine*

No século XX, mesmo a imagem da velhice reclusa construída em décadas passadas, ainda fazendo parte do imaginário social no Brasil, explicitamente concorre com a nova imagem gestada no país da velhice ativa advinda com o discurso da “terceira idade”. Nos consultórios médicos, mas, sobretudo, através dos *media* as fórmulas do bem-viver, quando se chega aos 60 anos, foram se popularizando e sendo ratificadas pelos geriatras, gerontólogos, terapeutas, além dos próprios idosos “bem-sucedidos” que davam depoimentos falando sobre as possibilidades que a nova fase da vida trazia para eles. Essas duas imagens aparecerão em diferentes momentos na *G* como observaremos a partir de agora.

A primeira edição da revista lançada em outubro de 1997, que trouxe na capa o modelo Vitor Xavier, eleito o “homem mais bonito” no *Programa Raul Gil*, apresenta na seção “Comportamento” a matéria de Aroldo Bris intitulada “Você tem medo de envelhecer?”, apresentando depoimentos de gays com mais de 60 anos, buscando fazer perceber que a vida nessa idade não é só de tristezas e limitações como muitos pensam. Segundo o texto, as “tias”, nova nomenclatura dada aos *gays* mais velhos, provavelmente estavam superando a “síndrome de Dorian Gray⁹⁶” e perdendo o medo de envelhecer.

Mesmo que momentos da reportagem reafirmem ideias como a de que o envelhecer é o mesmo que estar próximo do cemitério, é esperar a morte chegar, em outros depoimentos tais ideias são contestadas. A velhice para os *gays* apresentaria

⁹⁶ Referência ao personagem da obra *Retrato de Dorian Gray* do escritor Oscar Wilde. Na trama, Dorian é um bonito rapaz inglês que envelhece apenas no seu autorretrato pendurado na parede, mantendo-se sempre jovem.

algumas singularidades que poderiam torná-la ainda mais dolorosa: por causa da orientação sexual muitos não chegam a construir famílias ou estão afastados da família, restando apenas os amigos, o que os tornariam mais solitários e vulneráveis.

Para o artista Clóvis Bornay, 81 anos, quando se chega à velhice não se pode perder o amor próprio, pois ele é o que dará forças para continuar em frente, buscando vivenciar novas experiências e aventuras. Mas, antes de qualquer coisa, torna-se importante buscar uma qualidade de vida melhor do que se tinha quando jovem. “Ser vaidoso, saudável, não beber, não se drogar, manter a forma com esportes ou com caminhadas diárias” (GMAGAZINE, 1997, p. 32) seriam ações essenciais para se pôr em prática nesta nova fase da vida. Podemos perceber no que fala Bornay, a questão de que o sujeito é o único responsável por cuidar e gerenciar a qualidade da vida e do corpo, pois são prevenções e cuidados do indivíduo para consigo mesmo que atestariam o caráter reflexivo da modernidade (GIDDENS, 2002). Envelhecer é visto como um processo manuseado pelo sujeito, suscitando discursos que aumentam o autocontrole individual sobre o corpo e as ações feitas com o mesmo.

Outra *tia* que corrobora com a importância de cuidar do corpo é o ator Luís Afonso que, aos 68 anos, relembra as vivências do passado e diz que se tivesse a oportunidade, faria tudo novamente. Afirmando ser um gay discreto que nunca levantou bandeira por nenhuma causa, estava namorando há dois anos um rapaz de 29 anos. Para o ator, chegar aos 60 anos é um charme. Quando se tem consciência disso, a vida revigora. É interessante essa afirmação, pois nos faz lembrar o que João Silvério Trevisan afirmou em um dos artigos publicados na *Sui Generis*⁹⁷ e que foi analisado no capítulo anterior sobre o choque de se perceber velho e a importância que o reconhecimento e aceitação desse estado é importante para a autoestima. Como não se envelhece de uma vez, torna-se mais fácil afirmar que a velhice está nos outros, pois é mais fácil perceber o envelhecimento em quem está do nosso lado ou a nossa frente. É como se existisse uma miopia para com o sujeito e a sua própria imagem.

O jornalista e cronista que é o personagem principal da obra *Memórias de minhas putas tristes*, de Gabriel Garcia Márquez, ao completar 90 anos nos dá a ideia de como é esse processo, quando afirma que “a verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, a gente continua se vendo por dentro como sempre

⁹⁷ Artigo “Amor intergeracional” publicado na edição 33.

foi, mas de fora os outros reparam” (MÁRQUEZ, 2008, p.13). Entretanto, quando se percebe também que se está velho, mais importante do que perceber que a vitalidade está se esvaindo, é ter a certeza que o corpo não é eterno; é apenas um “corpo de passagem” que deve ser usufruído em todos os estágios da vida.

Algo importante que a matéria traz e que deve ser destacado aqui é sobre a possibilidade de amar que não deixa de existir na velhice. Além de Luís Afonso, que vive um relacionamento com um rapaz 39 anos mais jovem que ele, há ainda o depoimento de duas outras pessoas. Gastão, representante comercial aposentado, e Sérgio, advogado, ambos com 63 anos e que falam sobre as experiências amorosas.

Gastão morava no interior de Minas Gerais e diz que no passado a repressão que os gays sofriam era muito mais forte, com a maior aceitação percebida nos anos 90 ele se sente mais feliz, apesar do “fantasma da Aids” que, inclusive levou o grande amor da vida dele. “Foi horrível. Amei como nunca e hoje não penso muito em ser amado novamente” (G MAGAZINE, 1997, p. 33). O amor, para ele, é algo que agora só vivencia na memória, nas lembranças de um tempo que se foi. Hoje as experiências amorosas que se permite viver tem a mesma duração da fumaça produzida no vapor das saunas que frequenta e onde se relaciona com garotos de programa. Uma outra opção de diversão para Gastão é visitar os amigos e jogar baralho ou ouvir música. “Somos da mesma geração, unidos. Isso levanta a vida de qualquer um”, afirma. Mesmo sozinho, ele não é um homem solitário.

Já a solidão de Sérgio acabou em um clube onde estava com alguns amigos heterossexuais. Ao perceber um rapaz que sempre olhava para ele, se aproximou e, pouco tempo depois estavam namorando. Mesmo com uma relação de alguns anos, eles não pensam em morar juntos pois, para Sérgio, a convivência entre quatro paredes acaba desgastando a relação. Essas duas histórias contribuem para mostrar que, mesmo ao chegar a “idade da aposentadoria” o desejo e o amor não se aposentam, são menos urgentes, mas ainda existem.

Ainda na mesma matéria há a história de Daniel, 32 anos, que afirma ter o biótipo sexagenário como preferência para amores e relações sexuais. Mesmo achando pessoas de sua idade bonitas, não existe o desejo para experienciar esses corpos. Fora que, de acordo com ele, pessoas mais jovens não possuem estrutura emocional. Dizem que amam até aparecer alguém mais interessante. Mas a traição não é uma marca apenas de pessoas mais jovens.

Daniel fala sobre uma relação que teve aos 17 anos de idade com um homem de 54 anos. O relacionamento durou cerca de 14 anos. “Mas ele tem filhos e quando descobriram nosso romance, o mundo começou a desmoronar (...). Por fim, pintou a traição. Por parte dele (...). (G MAGAZINE, 1997, p. 33). Mesmo estando na categoria velhice ou “terceira idade” e, apesar do final da relação, o *tiozinho* continuou buscando uma nova relação amorosa, mesmo os filhos não concordando com os desejos do pai e, principalmente, por esses desejos serem por outro homem. Daniel permaneceu à procura de outro homem mais velho para vivenciar uma relação amorosa e muitas horas de cama, como diz no final do seu relato.

A questão de vivenciar a velhice voltará a ser tratada na edição 33 publicada em junho de 2000. No texto *O tempo não para...* Denerval Ferraro Filho, autor da matéria, já deixa claro que passar dos 50 anos de idade é uma situação difícil para todas as pessoas e traz depoimentos de alguns gays que falam sobre as diversas maneiras que utilizam para encarar a velhice.

A reportagem, com cinco páginas, já começa perguntando ao leitor se ele gostaria de ser mais novo e diz que “a maioria das pessoas, homens ou mulheres, gays ou héteros, travestis ou noviças rebeldes, responderia que sim” (G MAGAZINE, 2000, p. 83). E continua afirmando que envelhecer é uma das maiores angústias da humanidade e que, o maior inimigo dos gays é a idade cronológica. “Termos pejorativos como ‘tia’, ‘museu’ e ‘maricona’ costumam ser associado a homens mais velhos, cuja maturidade se acentua em sinais físicos e modos menos frenéticos.” (G MAGAZINE, 2000, p. 83), e, por causa disso, de acordo com o autor, gays idosos só sentem atração por homens mais jovens. O desejo por homens mais jovens pode simbolizar o que se perdeu com o tempo, a exemplo do tônus muscular, a vitalidade ou a sexualidade espontânea. Para o Denerval, essas relações existiam pela falta de algo e não pela existência do desejo ou prazer.

Será realmente que chegar aos 50 anos é um fardo para todos, sem exceção? Por que sempre a velhice será dita e tida como um demérito? Afinal de contas, as doenças e limitações físicas podem ocorrer em qualquer fase da vida, independente da idade. Sobre a atração por pessoas mais jovens, isso acontece independente da orientação sexual. Não é uma regra. Mesmo apresentando o relato de Joaquim, 77 anos, que afirma nunca ter gostado de velhos, sendo a “juventude muito divertida, me dá prazer conviver com gente mais nova” (G MAGAZINE, 2000, p. 84), há na própria

reportagem o depoimento do David, jornalista de 57 anos, que vive com o companheiro há mais de 30 anos e que afirma não trocar Francisco, 54 anos, por nenhum jovem mais taludo.

Enquanto na matéria da primeira edição da *G* em que encontramos Daniel à busca de relacionamento com gays mais velhos, nesta vemos o relato de Marcelo, 28 anos, professor de inglês, que diz nunca ter sentido atração por homens com mais de 35 anos de idade. “Pode parecer até preconceito meu, mas não tenho nada a ver com coroas. O que atrai é a pele jovem, o jeitão de moleque, os músculos no lugar. Cabelo grisalho me broxa a 10 quilômetros de distância” (GMAGAZINE, 2000, p. 85), assume. Para o professor, o corpo que não dá tesão é o da pele enrugada, corpo flácido e que traz experiências nas marcas que carrega deixadas pelo tempo. Como menciona Debert (2011), a repulsa ao corpo envelhecido organiza o uso das tecnologias do rejuvenescimento e a forma como esse uso se reproduz. Será a materialidade do corpo envelhecido que se transforma em norma pela qual o corpo vivido é julgado e suas possibilidades são restringidas. E será esse desejo de manter o corpo com a aparência jovem ou apagar nele as marcas do tempo que potencializará a “indústria do rejuvenescimento”, mas, sobre esse assunto discutiremos mais adiante.

Esse corpo velho, não desejado, descapitalizado, que para muitos não serve como moeda no mercado do desejo, é percebido por Marcelo como algo desencantado de potência. Mas, nem por isso, os donos desses corpos deixam de namorar e se divertir. A existência e permanência em lugares públicos, que tanto era questionada pelos que escreviam no *Lampião da Esquina*, tornou-se uma realidade frequente nos bares e boates das grandes cidades. A vida social não acaba depois dos 40 anos, muito menos os romances e o sexo, como relata a matéria de Denerval Júnior. Ele afirma que muitos bares em São Paulo se tornaram reduto de *gays* mais velhos. “Jamais deixo de encontrar meus amigos nesse bar. Aqui me sinto em casa, todos falam a mesma linguagem, ninguém se mede pela marca do jeans ou pela barriga tanquinho” (G MAGAZINE, 2000, p. 85), afirma o empresário João Ricardo, 59 anos.

E serão essas amizades, muitas construídas em épocas que vivenciar a homossexualidade era bastante difícil, devido à repressão muito mais incisiva, que funcionarão como novos arranjos familiares para muitos gays idosos, pois muitos não têm companheiro fixo ou filhos que possam dar um suporte. E serão com essas

amizades que, mesmo sozinhos, eles não se sentirão solitários. Como aponta Foucault (2004), os gays precisam muito mais de uma arte de viver a partir da vivência da sexualidade e dos prazeres e assim transformariam a cultura heterossexista predominante. Mas, sobre a questão da amizade entre homossexuais, discorreremos mais adiante.

Sobre a questão da solidão, comenta o dentista Renato, 57 anos, “às vezes a solidão bate sim, mas quem nunca sentiu isso? Tenho amigos maravilhosos, sei que posso contar com eles. E ainda estou muito a fim de arrumar um namorado, oras! (...)” (G MAGAZINE, 2000, p. 86). É preciso lembrar que a solidão não é um fenômeno exclusivo dos idosos, muito menos dos idosos gays, e a probabilidade desta vai depender das possibilidades sociais oferecidas pelo meio ao qual possa ser acolhido como homossexual e velho. Em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo é possível encontrar espaços de homossociabilidade para essas pessoas e em cidades do interior, quais os ambientes públicos que os *tiozinhos* terão para encontrar os amigos e se divertir? Fica aqui o questionamento para reflexões futuras.

Sobre locais de diversão para *gays* mais velhos, encontraremos uma matéria na edição 88, publicada em janeiro de 2005, tendo como título “Vida gay depois dos 50, 60, 70 ...” A reportagem foi produzida por Rodrigo de Araújo e Guto Werneck e fala sobre bares, boates e outros locais que possuem como público-alvo os gays “mais maduros”, como se refere o texto. Em três páginas, apresenta as imagens de Cícero Oliveira, sócio do bar paulistano Caneca de Prata, Milson Ferreira, proprietário do *pub* Lord Byron e a foto de Rogério Nascimento, um dos sócios do ABC Bailão. Os dois estabelecimentos também ficam em São Paulo. Há ainda a imagem de uma pessoa com cabelos grisalhos, de costas, olhando para o Caneca de Prata. A forma como essa pessoa aparece serve para indicar a necessidade do anonimato de alguns entrevistados que participaram da matéria.

Não, não diz a cidade em que moro, porque lá vende a revista e vão descobrir que sou eu. Lá sou casado, tenho família, ninguém sabe de mim, sou outra pessoa. Venho a cada quinze dias para São Paulo, aqui tenho amigos gays, frequento o Caneca de Prata e o Bailão e tenho encontro sexuais com homens (G MAGAZINE, 2005, p. 58).

O texto inicia falando sobre a necessidade que existia, em décadas passadas, de muitos homossexuais disfarçarem a homossexualidade e da vida dupla que muitos

viveram e ainda vivenciam, sendo estes fatores para muitos não desejarem ter o nome divulgado.

É importante lembrar que essa geração de gays idosos vivenciou importantes momentos históricos no Brasil, como o período da Ditadura Militar, a abertura política, o impacto do HIV/Aids, a mudança da perspectiva patologizante sobre a homossexualidade, o surgimento de um circuito cultural gay, principalmente nas grandes cidades brasileiras, além da criação da Parada Gay. Mas, antes disso tudo acontecer, muitos tiveram o impulso de tentar negar o desejo que, por um período não se dizia o nome. Casaram com mulheres e constituíram famílias. Entretanto, o desejo por sentir o corpo de outro homem continuava existindo, sendo necessário assumir uma vida dupla, mostrando para a sociedade que era uma pessoa realizada, com uma família parecida com a de comercial de margarina. Mas existia dentro de si um desejo que não conseguia ser negado e, em alguma viagem para resolver “problemas de trabalho” na verdade o que se resolvia era a ausência da vontade de tocar e ser tocado, acariciado, penetrar e ser penetrado por outro homem.

A reportagem cita como locais de homossociabilidade em São Paulo os bares Caneca de Prata, Lord Byron e a danceteria ABC Bailão. Um dos frequentadores do Caneca informa qual o motivo de muitos não quererem dar entrevista ou informar o nome. “...você está falando com uma geração que já sofreu muito. Não só sexual, mas política e socialmente.” (GMAGAZINE, 2005, p. 59). Sendo destacado ainda o preconceito da sociedade e dos próprios gays que desprezam aqueles que são velhos.

No Rio de Janeiro, os locais citados são, além das saunas que recebem “cavalheiros da terceira idade, muitos deles casados e com filhos, pertencentes à classe média” (GMAGAZINE, 2005, p. 60), a boate La Cueva, inaugurada nos anos 60, em Copacabana, e todas as sextas-feiras oferecia a “noite dos maduros”, e, na Lapa, o Cabaré Casanova que abrigou os primeiros shows de travestis na década de 1970. Todos os locais citados têm como *target* os gays mais velhos, mas também eram frequentados por um público mais jovem que se interessavam pelos mais velhos, sejam estes interesses sexuais ou financeiros.

Independente do ambiente e o que se busca neles, seja um sexo rápido ou uma relação mais duradoura, esses espaços servem para reafirmar, legitimar o local de existência desse público que reafirmam as identidades de *gay* e velhos, pois nesses

locais é feito o exercício da socialização que traz consigo a satisfação por estar sendo aceito e socializando-se com um grupo que acolhe e não exclui, sendo edificada entre esses gays idosos, outras subjetividades que se concretizam por atravessamentos coletivos que colocam em jogo multiplicidades e acontecimentos, produzindo outros modos de viver e existir. E será sobre existir, enquanto velho, que discorreremos a partir de agora.

4.4 Corpo, envelhecimento e as felicidades possíveis

No verão de 2004, os assinantes e as bancas de revistas recebiam a edição 76 da G. Na capa, além da imagem de um belo rapaz de olhos azuis, com corpo bronzeado e que escondia a genitália com um lençol, encontraremos, entre as manchetes uma que nos interessa: “Como envelhecer sem perder a sua identidade”. Como as chamadas de capa ajudam a atrair o público e a vender a revista, é perceptível que para os que faziam a G, a questão da velhice era um tema que deveria ganhar destaque sendo manchete de capa, cabendo aos interessados comprar a revista, degustar os corpos nela exibidos e aprender a envelhecer sem dessujeitar Foucault (2015), isto é, deixar de ser um sujeito, de “perder” a identidade.

Produzida por Júlio Wiziack, a matéria “Quem tem medo de Dorian Gray?” foi publicada na seção *Comportamento*. Fazendo, novamente, referência ao personagem de Wilde, o autor do texto diz que esse personagem assombra e fascina muitos gays e que, para esses, envelhecer “significa lutar contra o espelho para adiar ao máximo as marcas do tempo, a chegada da solidão e do abandono” (G MAGAZINE, 2004, p.28). Percebemos aqui que, para Wiziack, aqueles que envelhecem serão seres solitários e desamparados, sendo a única forma de se livrar dessas angústias cultivar o corpo, deixando de lado a vida sedentária e utilizar das benesses produzidas pela indústria farmacêutica para continuar sendo desejado por apresentar jovialidade.

Para ele, Dorian Gray não é um personagem ficcional, mas uma persona do nosso cotidiano, que pode ser encontrado pavoneando nas saunas, boates, bares, nos shoppings. São gays velhos que continuam reproduzindo os padrões de comportamento de quando jovens. O interessante é que, para o autor da matéria, estar em locais de diversão seria um grande sacrifício para esses senhores.

Suportam, por exemplo, o som alto das casas noturnas quando, na verdade, gostariam de estar em casa curtindo bossa-nova; ultrapassam o limite de sua resistência até altas horas da madrugada nas ruas em lugar de irem para casa antes da meia-noite. Gastam fortunas com as promessas mais mirabolantes de tonificantes musculares e estimulantes para a libido quando, na verdade, não sentem tanta vontade de desarrumar os lençóis (GMAGAZINE, 2004, p. 29).

É um pensamento bem próximo daqueles que faziam o *Lampião da Esquina* que diziam ser os velhos indivíduos que deveriam permanecer em casa para a existência não causar constrangimento para si nem para os outros. Não podemos negar a existência daqueles que, quando chegam à “terceira idade”, desejam uma vida mais pacata, mas isso não é uma regra. Nem só de bossa-nova e calmaria vivem os homossexuais idosos. Envelhecer ou estar velho é não se anular para a vida, para as diversões, para os prazeres. Wiziack não percebe que o envelhecimento pode ser experimentado, não apenas como um momento importante de perdas da força do corpo, da diminuição do apetite sexual, dentre outras coisas, mas essa fase também pode ser vista como uma etapa da vida de libertação das pressões sociais e de descoberta dos próprios anseios e das vontades. Um corpo comprimido às necessidades básicas torna-se sem lugar para o desejo.

Para reforçar a ideia do Dorian Gray moderno, a *G* traz uma curta fala de um veterinário que se diz “refém da beleza”. No texto não é citado o nome dele, pois foi pedido o anonimato. Sabe-se apenas que ele estava com 49 anos e que faz de tudo para se manter na “crista da onda”, para tanto, já fez plástica, lipoescultura, aplicou *botox* no rosto, vai a academia quatro vezes por semana, toma suplementos alimentares, dentre outras coisas. Essa maratona e reescrita do corpo deve-se ao medo de “virar uma bicha velha que só se garante em *dark rooms*” (GMAGAZINE, 2004, p. 29), afirma o veterinário. Provavelmente, não é apenas o medo de que os outros deixem de desejá-lo que motiva esse sujeito a tais práticas. Mais do que nunca, na contemporaneidade o corpo desejado será aquele que se demonstra esculpido, sarado, não-flácido e sem as marcas do tempo. Será o modelo de corpo produzido pela subjetividade capitalista que chega até nós através da mídia, da família e de tudo o que nos rodeia (ROLNIK, 2013). Então, além de querer apresentar um corpo não enrugado, ele também deseja estar circunscrito nos modos de identificação da subjetividade dominante e se sentir desejado entre os pares. Pois, como diz a matéria,

“aprende-se que um rosto bonito e um corpo malhado são patrimônio a preservar” (G MAGAZINE, 2004, p. 29).

Sabemos que os sinais do corpo são ordenados e apropriados simbolicamente de distintas formas de uma cultura para outra, desta feita, as fronteiras etárias são relativizadas de maneira diferenciada em cada sociedade. Mas foi no decorrer do século XX, que se exacerbou na sociedade ocidental o ideal de juventude e seus efeitos simbólicos sobre o desejo de eterna vitalidade, beleza e sentido de felicidade.

Além de apresentar o discurso de um terapeuta que falará sobre a Síndrome de Dorian Gray, sintoma daqueles que têm medo de envelhecer e, por conta disso, deixar de ser desejado, a reportagem traz ainda alguns dados de estudos feitos por institutos de pesquisa nos Estados Unidos e no Brasil, demonstrando que os homens, independente da orientação sexual, estão mais vaidosos e se cuidando mais para retardar o aparecimento de marcas da velhice no corpo. Encontraremos um infográfico com algumas ações que podem acelerar o envelhecimento, como dieta desequilibrada e excesso de sol, e quantos anos cada prática pode tirar da vida das pessoas.

Ao final da matéria, temos o depoimento de Paulo Machado, 43 anos, dono de uma clínica de estética, que afirma ter percebido que não poderia driblar as inscrições do tempo no corpo. Ao perceber que estava ficando velho, “as baladas ficaram para trás. Ele buscou cuidar da saúde, ir à academia, dormir bem e zelar da dieta. Sim, fazia isso para esticar seu prazo de validade...” (G MAGAZINE, 2004, p. 30). Para Wiziack, quando se está velho, é importante não se entregar ao sedentarismo, cuidar da saúde e se resguardar, isto é, abandonar os ambientes de diversão e lazer. Mesmo sabendo que não poderia mais competir com um jovem de 18 anos, apesar da idade, Paulo Machado vivenciava um relacionamento há cinco anos. Percebe-se na matéria que a velhice é tida como uma fase na qual o sujeito deve se preocupar com os cuidados de si, para que os outros não percebam esse demérito presente.

A questão de uma vida mais regrada quando se chega à velhice é novamente debatida na edição 98, publicada em novembro de 2005 na matéria “O privilégio de saber envelhecer”, de Cássia Fragata e Paulo Ricchetti. O texto busca informar aos leitores que estão envelhecendo ou que já encontraram a velhice o segredo de como envelhecer com classe e com alegria.

Para tanto, os produtores da reportagem utilizam-se dos saberes médicos, do biopoder, para mostrarem que, a qualidade de vida que o indivíduo pode ter ao chegar

aos 50, 60 ou 70 anos é o reflexo dos hábitos, da “prática do governo de si”, que teve quando jovem. Fragata e Ricchetti avisam ao leitor que ainda não chegou a essa fase para “não fumar, beber moderadamente, alimentar-se com uma dieta leve e equilibrada, fazer exercícios, dormir bem e manter o peso” (G MAGAZINE, 2005, p. 24). Esses são os “passos mágicos” para retardar a velhice e para que esta seja um momento com menos debilidade. Isto também se dá pelo fato de que, no mundo contemporâneo ocidental, a juventude vem deixando de ser uma fase da vida e passa a ser um valor, um bem que deve ser conquistado e mantido, independentemente da idade que se tenha. E isso só se torna possível através da adoção de estilos de vida e formas de consumo apropriados.

Os saberes dos geriatras Omar Jaluul, Maria do Carmo Sitta, Lilian Morilo e da endocrinologista Valéria Goulart, que aparecem na matéria funcionando como uma receita para atingir a longevidade, servirão para que o sujeito possa disciplinar-se e ter uma maior expectativa de vida. Ou seja, viver mais ou viver menos é uma responsabilidade única e exclusiva de cada pessoa, para tanto, deve-se exercer o cuidado e o controle do corpo para que ele não se torne lugar da doença. Como nos lembra Giddens (1992), a definição do eu, de quem sou são próprios da experiência contemporânea. Adotam-se estilos de vida feitos em meio a uma abundância de recursos como terapias, manuais de autoajuda, programas televisivos ou artigos em revistas. A boa aparência, o bom relacionamento afetivo ou sexual não dependem mais das qualidades fixas que as pessoas possam ter ou não ter, mas se transformam em algo que deve ser conquistado a partir do próprio esforço.

“Coma diariamente um prato de verdura (verdes), legumes, um cereal em grão, preferência integral (arroz, aveia, cevada ou trigo), e uma proteína” (G MAGAZINE, 2005, p. 25) são recomendações da clínica geral Dina Kaufman. Esses conselhos serviriam para a vida toda, para que se possa chegar e manter-se com saúde física e emocional quando chegar à “meia-idade”. Em nenhum momento nessa matéria, tampouco nas próximas que serão analisadas ao longo deste capítulo, o envelhecimento será percebido como algo que deve ser combatido, não é visto como sinal de amadurecimento, não é tido como uma boa experiência nem sinônimo de sabedoria. Pelo contrário, é algo próximo de uma doença que pode ser retardada e aqueles que já estão “doentes” podem camuflar tal enfermidade, utilizando as técnicas que estiverem ao alcance para continuar sendo útil para o mercado de trabalho, como

companhia para um passeio ou para se viver uma experiência amorosa, em síntese, não ser considerado um ser humano de segunda, terceira ou de última categoria.

É indicado na matéria, além de uma mudança na alimentação, a prática de exercícios físicos, um tipo de “controle-estimulação” como diria Foucault (2003), pois vida sedentária na contemporaneidade não é algo bem visto. E fazer exames preventivos com médicos especialistas no intuito de evitar a chegada de qualquer tipo de doença que possa diminuir a expectativa de vida do sujeito. O consultório médico passa a ser uma espécie de confessionário onde os “pecados”, as faltas e os excessos cometidos pelo paciente ficam anotados, sendo os medicamentos uma espécie de rosário que deve ser feito quando acorda, ou quando vai dormir, podendo essa penitência durar por alguns meses ou até os últimos dias de vida.

Essa grande necessidade que vem sendo trabalhada nas subjetividades cotidianamente, de um envelhecimento positivo, que possibilita uma gama de oportunidades para modelar o corpo, a imagem e a identidade pode contribuir também para ocultar problemas oportunos de uma idade mais avançada. Como reforça Debert (2012, p. 22), “o corpo ingovernável, as traições que o corpo faz às vontades individuais são, antes, percebidas como frutos de transgressões conscientemente impetradas, abominações da natureza humana”.

Existe ainda a ideia de que apenas aqueles que se apresentam joviais e jovialidade no corpo são as pessoas desejadas, que não ficarão sozinhas, pelo menos em uma noite terá companhia. Mesmo nos primeiros anos do século XXI em que a velhice passa por um processo de reinvenção, vemos resquícios de discursos do século passado que dizia ser a velhice o lugar do recolhimento e da solidão.

Mas a velhice não é apenas solidão. A própria novela, citada no início deste capítulo, apresentava um casal de idosos heterossexuais que vivenciavam o amor, dentro das possibilidades possíveis, e eram felizes. Além de tais relacionamentos existirem fora da ficção, isso não ocorre apenas entre os *héteros*, por mais improvável que possa parecer entre aqueles que não acreditam na existência de um relacionamento afetivo entre dois homens, a *G Magazine* apresentou vários casos e histórias de casais gays, geralmente jovens, mas, é possível também encontrar reportagem que fala de amores entre homossexuais velhos como veremos a seguir.

Assinada por Carlos Hee, a matéria intitulada “Amor de mais, sexo de menos” publicada na edição 70 que chegou às bancas de revistas e casa de assinantes em

julho de 2003, mostra um pouco da experiência de quatro casais gays e as práticas e táticas que utilizavam para vivenciar e manter a relação por mais de uma década. Fato que, para o autor da matéria, é uma proeza das mais desafiadoras ou quase utópicas.

Como nos mostra Albuquerque Júnior (2010), os amores homossexuais entre homens são vivenciados em outro tempo, no tempo da urgência, da pressa, dos que não têm tempo a perder devido a não aceitação social de tal tipo de relacionamento. “Por muito tempo, proibidos de dizerem o nome, não haveria nesses amores muito tempo para as falas, para a discussão da relação, para a elaboração discursiva, para a invenção narrativa da relação afetiva” (p. 45). Dentre outras questões, isso se deve ao fato dos amores heterossexuais, que são legitimados e valorizados socialmente, por contarem com todo um suporte que usam como auxílio, são pensados para terem uma longa duração. Enquanto os amores homossexuais, que possuem uma rotatividade maior, sendo o corpo, a atração física, a “mola propulsora” para qualquer contato físico, muitas vezes, será apenas na troca de fluídos corpóreos o tempo suficiente para aquela relação existir. Por isso, entre os gays, relações longevas, muitas vezes tornam-se exceções. Mas, mesmo assim, elas existem.

A matéria apresenta as histórias do arquiteto Cláudio, 54 anos, que vive com o advogado Fernando, 50 anos, desde as manifestações estudantis ocorridas no ano de 1979; de Marcelo, publicitário com 46 anos de idade, que mora com o artista plástico Sílvio, 40 anos. Os dois se conheceram em um dia do carnaval carioca no ano de 1988 e, pouco tempo depois, passaram a dividir o mesmo teto; os engenheiros Jaime e Pedro, com 45 e 43 anos, respectivamente, que se conheceram no trabalho e, por fim, o tradutor João, 32 anos, e o sociólogo Sérgio, com 42 anos de idade, e que passaram a morar juntos após se conhecerem em uma boate. É interessante perceber que nenhum dos participantes da matéria possuem sobrenome, a profissão que exercem passa a ser o segundo nome de cada um, como se apenas a pessoas qualificadas profissionalmente fossem possíveis amar. Mas, como a própria matéria indica em seu título, são narrativas cheias de amor e minguidas de sexo.

Hee diz que a manutenção de um relacionamento amoroso de longa data entre gays é algo muito difícil e cheio de problemas, é mais confortável permanecer caçando corpos para degustar em bares, boates e saunas. Ou seja, nem o próprio autor da matéria acreditava na existência de relacionamentos duradouros entre homens gays. Todavia, os casais mostram que o tempo nem sempre é o da pressa, algumas vezes

ele se dilata, possibilitando a escrita de uma história a dois. Mas, assim como as histórias construídas por casais heterossexuais vão se esgarçando com o tempo, o mesmo ocorre com os casamentos entre homossexuais, principalmente no que se refere à maratona sexual e outras possibilidades são construídas, inventadas, para que a relação, na maioria das vezes monogâmica, continue sendo escrita, mas de outra maneira.

De acordo com Cláudio, o que vai desgastando a vontade de cartografar o corpo do companheiro é a convivência que traz o excesso de intimidade o que torna difícil até excitar aquele a quem se prometeu “amor eterno”. “Você conhece nos mínimos detalhes o corpo do seu companheiro, os pontos erógenos mais fortes e todas suas preferências. [...]” (G MAGAZINE, 2003, p. 65). A rotina da vida a dois contribui para que o sexo vá rareando, o prazer torna-se apenas o cumprimento de uma ação mecânica entre o casal.

Sílvio, companheiro do publicitário Marcelo afirma que “chega um momento em que dá vontade de experimentar outras pessoas, sentir de novo aquele frio na barriga, mas como somos pessoas comprometidas, acabamos sufocando essas vontades, ou pinta a traição” (G MAGAZINE, 2003, p. 65).

Porém, como aponta Foucault (2004), desde os anos 1960 percebem-se mudanças no que se refere ao indivíduo e à questão da sexualidade, bem como os locais em que estes não são respeitados. Para o autor, esse processo de libertação foi muito importante para as mentalidades sendo possível a criação de novas formas de amizade, de relações e de vida. Essa invenção na arte de viver pode ser percebida no depoimento dos casais do texto de Hee que, para “esquentar” ou “salvar” o casamento, eles resolveram permitir a entrada de outras pessoas na relação. Como afirmam, o que faz com que o casamento ainda exista está além do sexo, mas não sobrevive sem ele. João e Sérgio, mesmo casados, não escondem um do outro que sentem vontade de transar com outros homens. Então, “depois de uma conversa, quando estávamos tendo problemas na cama, resolvemos partir para a caça juntos” (G MAGAZINE, 2003, p. 65). De acordo com Albuquerque Júnior (2010, p. 49), essa é uma das formas que muitos casais gays inventam para poder vivenciar as possíveis relações amorosas e afetivas.

Impossibilitados, na maioria das vezes, de reproduzirem o modelo do amor romântico, ainda idealizado nas sociedades ocidentais, muitas

vezes recusando o modelo do casamento heterossexual, modelo em crise entre os próprios heterossexuais, os homossexuais vêm inventando diferentes tipos de relações afetivas e amorosas, aquelas possíveis na condição de recusados pela cultura hegemônica em que ainda vivem.

Assim, para “esquentar” a relação, semanalmente o casal torna-se caçador e, na selva cibernética, busca a melhor presa para saciar os dois em um *ménage à trois*. Na contemporaneidade, o meio virtual ou online possibilita vários tipos de relacionamentos e “proximidades”, pois o outro não é percebido pelo o que realmente é, mas pelo que mostra ser. O interesse pela presa pode durar por algumas horas ou acabar com um clique. Vai depender de quem está controlando a situação e quem ou que é mais exibido.

Como nos lembra Bauman (2004), quando se refere à fluidez dos relacionamentos amorosos na sociedade contemporânea ocidental, essas afinidades são marcadas pela insegurança e a incerteza. Ao mesmo tempo em que buscam relações mais íntimas, as pessoas buscam também se desvencilhar dos laços que, por ventura, essas relações podem trazer, certo “afrouxamento” das relações amorosas entre casais homossexuais.

Jaime e Pedro também resolveram abrir a relação e, sempre aos sábados, vão juntos sentir o vapor da sauna e o calor de outros corpos, mas nem tudo é possível fazer. “Até entramos em *dark rooms* e fazemos algumas pegações no vapor, mas nada de sexo oral nem de beijo na boca” (G MAGAZINE, 2003, p. 65), afirma Pedro. Mesmo sabendo que são casados, os dois sujeitos, quando na sauna, ao tirarem a roupa, também tiram a identidade, deixam de ser sujeitos. Eles se dessubjetivam, como diz Foucault (2015), pois vivem a experiência do sexo anônimo; apesar das restrições, eles deixam de ser casados por algumas horas e degustam os corpos, as fricções, os volumes e os amontoamentos possíveis. Ao vestir novamente as roupas e identidades, esses sujeitos saem, além de exaustos, dessexualizados “no sentido em que esse momento constitui uma espécie de mergulho submarino suficientemente intenso para que se saia dele sem desejo” (p. 21). Assim, pelo menos por algum tempo, ou até o próximo final de semana, o casal estará saciado e satisfeitos um com o outro.

Independente dos arranjos feitos para manter a chama da relação acesa, percebe-se que a conversa e a transparência entre o casal são algo necessário,

podendo afastar o fantasma da infidelidade tornando-a uma aventura vivenciada pelos envolvidos na relação. Mesmo o tesão e a paixão diminuindo, o interesse no parceiro continua existindo. Por isso que os entrevistados estão juntos há mais de uma década. Se não existisse o amor, muitas vezes multifacetado, eles poderiam se separar, pois nem a família tampouco a sociedade os obrigam a continuarem juntos.

Até aqui percebemos que, para os que faziam a *G Magazine*, os gays velhos poderiam, sim, vivenciar relacionamentos sexuais e amorosos, apesar do preconceito dos próprios gays. Essa ideia difere da trazida pelo *Lampião da Esquina* que dizia que os “gueis” velhos eram pessoas que não deveriam vivenciar os espaços públicos, quiçá amar. Os que ousaram subverter essa ordem, ou foram assassinados⁹⁸ ou ridicularizados⁹⁹. O amor, bem como a solidão, são invenções humanas e será sobre as relações intergeracionais, solidão e a possibilidade de existir em espaços públicos, alguns dos temas que o escritor João Silvério Trevisan discorrerá em edições da revista e que passaremos a refletir agora.

4.5 João Silvério Trevisan e as narrativas sobre a velhice

Como já mencionado em capítulos anteriores, o jornalista, romancista e ensaísta João Silvério Trevisan é ativista da causa LGBT e autor de obras como *Devassos no Paraíso* e *Ana em Veneza*. Foi um dos responsáveis pela criação do grupo Somos Pelo Direito dos Homossexuais, em 1978 e um dos fundadores do *Lampião da Esquina*. Desde o fim do *Lampião*, escreveu para algumas das principais publicações voltadas para o público gay.

Na *G Magazine* era responsável pela coluna *Olho no Olho*, onde opinava sobre temas referentes a questões políticas, as diversas formas de preconceito e sobre a velhice. Será sobre esse último assunto que ele chamará os leitores para uma reflexão com o artigo “Velhice: o espelho que assusta”. O texto se parece um pouco com o publicado na edição 33 da *Sui Generis*. Nele, o autor discute o desejo pelos corpos lisos e musculosos, padrão vendidos “pela Globo e por Hollywood” (*G MAGAZINE*, 2001, p. 21) e também sobre o quanto “dói” se perceber como velho e a crueldade dos homossexuais jovens para com os gays idosos. É importante perceber

⁹⁸ Edição 25 na matéria “A morte da Luísa Felpuda”.

⁹⁹ Edição 32, matéria “Memórias de guerra”.

o espelho não apenas como o objeto em si, mas também a identificação pela qual o sujeito se constitui em relação aos outros.

Na época, com 56 anos de idade, Trevisan relembra que por muito tempo se comportava com a falsa naturalidade de quem não sente o tempo passar, só passou a perceber que estava envelhecendo quando, no meio homossexual, foi percebendo os olhares que se desviavam dele, o desprezo e escárnio de muitos gays para com ele. Mas a “gota” que faltava foi quando, aos 40 e poucos anos, no ápice de uma relação sexual com um rapaz mais jovem, ouviu a frase “êta, véio gostoso”.

A “simples” frase dita, possivelmente, sussurrada no pé do ouvido do escritor, serviu para ele ter noção de algo não percebido até então: estava velho. Possuía um corpo esgarçado pelo tempo e a verdade, um produto da linguagem, uma invenção da história que se torna realidade em um período. A partir daquele momento de prazer, Trevisan passou a carregar consigo uma verdade que até então não percebia: a de que a velhice havia chegado e que se fazia presente em seu corpo. Ao ter certeza da verdade dita entre lençóis, foi em busca de saberes médicos para ajudá-lo a aceitar aquilo que, até então não era visível aos seus olhos ou ele não queria enxergar. “Rolou muita água debaixo da ponte. Terapias, rejeições, novas constatações” (G MAGAZINE, 2001, p. 21), afirma o escritor que só passou a acolher melhor aquela nova situação quando percebeu que, entre os gays, há aqueles que se interessam e desejam pessoas mais velhas. Contudo, para ele foi como ter que se assumir novamente, a primeira vez que se percebeu como homossexual e agora como se via como um homossexual velho.

Aqui lembramos o que aponta Beauvoir (1990, p. 15) sobre a questão da velhice, quando nos lembra que, “como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história”.

O artigo ainda fala sobre o preconceito que os gays sofrem por ser velho e também o preconceito que sofrem aqueles que namoram com pessoas mais velhas, sendo considerado por alguns como algo típico de pessoa com conflito psíquico e que não sabe vivenciar a vida de maneira prazerosa. Ao longo do texto, são narradas algumas experiências de preconceito que Trevisan e o namorado passaram. Destacaremos aqui aquela que ocorreu no Allegro, tradicional restaurante de São Paulo, quando no ambiente, o jovem namorado do escritor comentou que estava

sendo paquerado insistentemente por um rapaz que estava em outra mesa perto do casal. Mesmo mudando de lugar, a tentativa de paquera continuava. “Expliquei-lhe o subtexto: para um cara desses, é fácil roubar meu namorado, que no seu entender, só está com uma bicha velha por causa das vantagens monetárias recebidas” (G MAGAZINE, 2001, p. 21). Para o jovem paquerador, ali a relação que existia era de interesse, não amoroso ou sexual, mas financeira, o que reforça a ideia de que, para muitos, a única forma de um gay velho, especificamente, se relacionar com alguém é pagando.

Antes de sair do restaurante, o casal se beijou e as pessoas que estavam na mesa com o rapaz paquerador tiveram uma crise de riso. A demonstração de afeto tornou-se para eles algo risível, cômico, pois aparentemente, era algo impossível de acontecer. Quando se vê no cotidiano, no cinema ou telenovelas pessoas jovens, demonstrando carinho ou aparecendo em fotos sensuais ou eróticas não causa nenhuma estranheza. Mas quando os sujeitos dessas ações são pessoas da “terceira idade”, na maioria das vezes, há o preconceito dos mais jovens e isso tende a reprimir as expressões amorosas ou de sexualidade na velhice. Quem nunca ouviu ou falou expressões como “que velhinho saliente” ou “ali não existe amor, eles estão juntos apenas por interesse financeiro (do mais jovem)”? Como se a capacidade de ter uma vida afetiva ou sexual fosse algo aberrante, um horror, algo para não se tornar público e não ser aceito. Aparentemente, muitos gays não conseguiram assimilar ainda a existência de uma grande quantidade de homens idosos desejando sociabilidade junto àqueles com os quais se identificam e não serem segregados por causa da idade ou aparência (MOTA, 2014).

Mas, naquela noite aqueles rapazes que estavam na outra mesa puderam perceber que o desejo não é uniformizado. Não são apenas os detentores de jovialidade, corpo magro e liso e com músculos rígidos que são amados e desejados, os que não se encaixam nesse padrão também são cobiçados. Ao final do artigo, Trevisan faz um alerta para os leitores da *G Magazine*. “Quem não consegue mirar-se na velhice dos outros, prepare-se: vai sofrer muito para enfrentar sua própria velhice” (G MAGAZINE, 2001, p. 21).

Para o autor, a velhice é um espelho que assusta pois é como se o sujeito perdesse o seu lugar, o presente torna-se superdimensionado pelo desprazer e pela perda, como se, para quem envelhece, tivesse sido trapaceado pelo tempo e a vida

não tivesse sido vivida, estando a morte à espreita, esperando o momento certo para fazer aquela pessoa dar o último suspiro. Enquanto isso não acontece, torna-se necessário exercer o direito à existência, estar nos lugares públicos, vivenciar o amor e enfrentar a hostilidade dos que são jovens e esquecem que, um dia, também se tornarão velhos caso não ocorra nenhuma fatalidade.

Dois meses após a publicação do artigo de João Silvério Trevisan, encontraremos na edição 45 a carta de um leitor na seção *Recado*, que funciona como editorial da revista, expondo as impressões sobre o texto do escritor. Intitulada “Ode à maturidade”, a missiva publicada não informa o nome do remetente, ficamos sabendo apenas que ele tem 34 anos e afirma ter a sorte de vivenciar um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida, vivendo com um homem com 50 anos de idade. O responsável pela carta afirma que a diferença do tempo cronológico, até aquele momento, não era nenhum problema para ele.

A relação não se constituiu por interesses financeiros, mas pela vontade de estar com uma pessoa que tivesse uma vivência, um corpo com história que resultaria “prazer na cama... prazer no papo sério... prazer no papo sacana e na conversa jogada fora... prazer no corpo experiente, prazer na ruga, prazer na flacidez da pele, prazer de ter o homem...” (G MAGAZINE, 2001, p. 4). Em uma relação entre pessoas com idades nitidamente diferentes, a narração da relação afetiva é descrita em outro ritmo, outros códigos de prazer são inventados e elas vão além do sexo convencional entre dois homens. Estarão presentes na amizade e também no companheirismo.

Podemos perceber então que, a vontade e o desejo de vivenciar relacionamentos amorosos com gays mais velhos, para o leitor e autor da carta, residia em estar com alguém com acúmulo de experiências, competência e estabilidade emocional para lidar com relações menos efêmeras e mais significativas, indo além da experimentação de sensações relativas às atividades sexuais. Além de amante, era também um companheiro. Para o casal, sonhar, desejar e viver um amor não há limite de idade.

Poder pensar em fazer projeto com um companheiro.... Um caralho entre as pernas existe, e continuará a existir tantos e para todos os gostos. Precisamos de um homem (...) para encostar a cabeça no ombro e dormir. É difícil!!! Sou privilegiado.... Encontrei o meu...me encontrei. E espero que seja apenas meu.... Sem sentimento de posse. Mas de comunhão sem abrir mão!!! (G MAGAZINE, 2001, p. 4).

Sabe-se que o que cada um devolve ao próximo e, neste caso, ao companheiro, é um reflexo daquilo que nutre em si mesmo. Permitir-se ao amor que suporta a falta, liga-se à forma como cada um pode aguentar e gerir em si mesmo a ausência e a solidão inerentes à existência. Todo amor à completude pode encontrar pelo caminho as frustrações e o fracasso.

Mesmo afirmando ter encontrado o homem que o completava e se sentir privilegiado por tal fato, ele tem consciência sobre o preconceito dos outros. Mas, para o expedidor da missiva, “o preconceito surge da inveja... de quem não conhece o sabor de um beijo maduro... A saliva com história molhada e terna” (G MAGAZINE, 2001, p. 4). Mesmo vivenciando uma relação marginalizada entre os *gays*, em específico, os casais intergeracionais reinventam possibilidades diante da ordem social que os afligem. Não é negado assim que quem namora uma pessoa velha, e o próprio velho, sofre preconceito, existe a rejeição muitas vezes das famílias, dos amigos e de grande parte da sociedade de quem foge da norma subjetiva de que as relações amorosas e sexuais ocorrem entre pessoas jovens. Aos que não pertencem mais a esse grupo os prazeres permitidos são outros e a única companheira amorosa é a solidão. Esquecem eles que o que alimenta a vida de um ser humano é a afeição, a ternura, o sonho, a presença de alguém que o escute, com quem partilhe a vida. Como já mencionado, a capacidade de amar não possui um limite cronológico, esse limite encontra-se no psicológico, no preconceito, seja este em qual instância for e na intolerância social. Em síntese, os entraves não estão no real do corpo ou na capacidade de sonhar, de simbolizar, de viver a vida.

No final da carta, que se tornou editorial da edição, o leitor diz que a velhice (espelho) assusta, mas, assim como ele, João Silvério deve quebrar esse espelho, pois não traz azar. Mesmo na contemporaneidade na qual as subjetividades apontam o belo e a juventude eterna como referências para se seguir e mesmo sendo pego de assalto pela velhice, o mais importante e necessário é que o velho não se veja como uma pessoa para ser cuidada. Pelo contrário, é importante se perceber como um sujeito que, mesmo com algumas limitações advindas com o tempo, não se torna um inválido, um ser abjeto, mas alguém que pode vivenciar as possibilidades da vida, independente de uma possível proximidade da morte. A imagem envelhecida, na medida em que apresentam diferentes modificações, perdas e desvalorizações

sociais, pode se tornar uma imagem abominada pelo sujeito, cabendo ao velho o uso de estratégias e burlas para retardar o envelhecimento ou fazê-lo menos perceptível aos olhos dos outros.

Mesmo ao longo de sua história, publicando matérias sobre relacionamento entre gays mais jovens que se relacionam afetivamente com mais velhos, a solidão também será discutida por João Silvério Trevisan como veremos no exemplar 67, publicado em abril de 2003, na mesma edição em que há a crítica sobre a ausência de grandes marcas anunciando na *G Magazine*, como dito no início deste capítulo.

No Brasil, em específico, a solidão é um sentimento que ganhou maior ênfase nas discussões acadêmicas na segunda metade do século XX. Considerada por muitos como o “mal do século” e também uma forma de desespero por estar no mundo, o mais paradoxal é que a história do tempo presente é marcada por um *boom* populacional, científico e tecnológico, sendo produzidos uma gama de objetos para a satisfação e o conforto do indivíduo. Mas, é justamente nesse período que se fala mais sobre solidão e depressão. Como pensar em solidão no mundo moderno com grande índice populacional e centenas de possibilidades e facilidades tecnológicas para se exprimir? Por mais que existam facilidades para nos comunicarmos, estamos cada vez mais nos tornando náufragos solitários, pessimistas e sem esperanças.

No artigo “Homossexual algum é uma ilha” o escritor menciona a ajuda a um amigo com mais de 80 anos de idade que havia quebrado o fêmur e encontrava-se imobilizado dentro de casa. Além da dificuldade de locomoção, ele também estava com problemas de visão e dificuldades financeiras. Todas essas intempéries contribuíram para que a depressão fizesse morada em seu lar, tornando-se, a contragosto, a sua companheira. O colega de Trevisan estava só, mas não desamparado. “Tenho tentado juntar uma pequena equipe que possa visitá-lo, ler-lhe livros e levar para passear. Está difícil.” (G MAGAZINE, 2003, p. 16).

Ao mesmo tempo em que fala sobre a solidão que o amigo estava passando, o escritor faz um grande desabafo acerca da não inserção de grande parte da comunidade LGBT em questões de políticas públicas para o próprio grupo. “[...] os grupos de direitos homossexuais estão esvaziados, com uns quatro gatos-pingados lutando em nome de todos, enquanto boates e bares estão abarrotados de homossexuais fazendo de conta que são felizes”, (G MAGAZINE, 2000, p. 17). O modo de vida hedonista escolhido por muitos gays seria uma forma egoísta de pensar

“nos pares” ou a escolha por um estilo de vida e de existência? Ser soberano de si e não “útil” aos outros seria uma outra forma de soberania? Fica aqui o questionamento.

De acordo com o autor, havia mais vitimismo do que empenho em questões políticas e para diminuição do preconceito. A solidariedade que marcou os homossexuais no país, nas décadas de 1980 e 1990, épocas em que o maior número de infectados com HIV/Aids eram gays e a união de muitos deles para conscientizar os pares no tocante à prevenção, perdeu a força com a virada do século. E essa ausência de empenho e solidariedade contribui para a solidão entre muitos gays, como lastima Trevisan.

É lamentável que, com tantas possibilidades abertas, ainda existam tantos homossexuais depauperados de tudo, como se a História não tivesse caminhado. Socialmente, somos vãos comunicantes. Ninguém ama ou desama sozinho. Se tantos fazem tão pouco por seu amor, não é de admirar que sejamos uma multidão de solitários (G MAGAZINE, 2003, p. 17).

Ao final do artigo, o autor mostra que cada um é senhor do próprio destino, viver o tempo todo cultivando o sofrimento, repetindo estereótipos para ser aceito na família ou pela própria sociedade não mudará nada, são reclamações estéreis. A luta por mudanças e a solidariedade são instrumentos importantes para a coesão do grupo. “Quem sabe assim, quando vocês forem idosos/as, haverá homossexuais amorosamente disponíveis para lhes amparar” (G MAGAZINE, 2003, p. 17).

Sabemos que em muitas cidades do país, há pouca demanda de espaços e opções de entretenimento em que público que o gay idoso possa ter aceitação social ocasionando melhora na autoestima, o que faz aumentar o número de viagens, atividades culturais sendo muitas vezes as possibilidades para se fazer novos amigos. Essas amizades, sejam curtas ou duradouras, em várias situações acabam se constituindo, de acordo com Eribon (2008), como “famílias de substituição”. Através dos laços de afeições, esses sujeitos se percebem reconhecidos em sua própria categoria e encontram espaço afetivo para a sua realização pessoal como homossexual, o que muitas vezes não acontece com a família sanguínea e os laços com essa, muitas vezes, vão se desfazendo ou até se rompendo ao longo do tempo, quase sempre por causa do preconceito.

Esses laços de amizades que se formam entre os homossexuais fazem parte do que Foucault (2004) nomeou de “estética da existência”, uma forma de viver

esteticamente elaborada, um estilo de vivência particular em que se inventa uma nova forma de vivenciar as afinidades, sejam estas relacionais, afetivas e sexuais. O autor coloca entre o estilo de vida dos gays a questão da amizade, preconceituosamente banida pela sociedade ao longo da história no Ocidente por estar associada de forma negativa à homossexualidade, prática que ia de encontro à ordem de produção social. Essa estética da existência diz respeito ao desenvolvimento de outras relações consigo mesmo e com os outros. O autor afirma ainda sobre os gays não apenas se defenderem, mas também se afirmarem no tocante à questão da identidade, enquanto força criativa. A (re)valorização da amizade masculina, o companheirismo e a solidariedade entre pessoas de classes econômicas, idade e etnias diferentes seria uma forma de construir novas relações sociais.

Por isso que Trevisan chama atenção para a questão da solidariedade entre os próprios gays, pois através dela, poderia surgir amizades que no futuro, quando a velhice chegasse, esse tecido afetivo ajudaria a enfrentar o isolamento¹⁰⁰ e, talvez, a solidão, algo difícil de carregar, como atenta Rilke (1994, p. 48).

Há uma solidão só: é grande e difícil de carregar. Quase todos, em certas horas, gostariam de trocá-la por uma comunhão qualquer, por mais banal e barata que fosse; por uma aparência de acordo insignificante com quem quer que seja; com a pessoa mais indigna.[...].

Apesar de trazer consigo, de certa forma, a angústia, a solidão é uma das condições fundamentais de toda vida humana (ARENDDT, 1989). Assim como a impotência e o temor, que são princípios antipolíticos e levam o homem a uma ação contrária à ação política, a solidão também representa uma situação antissocial e possui um princípio que pode destruir toda forma de vida humana em comum. É também um momento no qual reencontramos um mundo e memórias que se acreditavam esquecidas. Esse é um momento no qual o sujeito usa as “técnicas de si” para perceber como se relaciona consigo mesmo. Por isso, solidão, esse exílio que nos faz sentir estrangeiros em nós mesmo, não pode ser vista apenas como uma experiência negativa. É um período de criação, de recordar várias vezes os

¹⁰⁰ Mesmo muitas vezes usados como sinônimos, solidão e isolamento não são a mesma coisa. O isolamento se refere ao terreno político da vida, enquanto que a solidão diz respeito a vida humana como um todo. Mais sobre o assunto ver: ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

acontecimentos que são inesquecíveis e isso contribuirá para que o sujeito possa se redesenhar (FOUCAULT, 1992), reencontrando, assim, o amor próprio e a autoestima que muitas vezes são solapados pela sociedade heteronormativa.

O tempo de solidão corrobora para lembrar os relatos de amores fragmentados, do que poderia ter sido dito, mas, por medo de perder aquele amor que se dizia para sempre, foi silenciado. O tempo de solidão recorda calúnias e difamações ditas e ouvidas em brigas, mas que, no final, as pazes eram feitas entre os lençóis da cama em momentos de prazer.

Será nesse momento que o sujeito solitário poderá revisitar o passado lembrando do que foi deixado para trás, dos amores clandestinos experimentados em quartos de motéis, as pressas em um banheiro público ou dentro de um carro, enquanto não havia ninguém por perto. Relembrar dos corpos desejados secretamente e daqueles que pensou que tocaria e nunca foi possível. Não fisicamente, mas que em pensamento foi lambido, mordido, penetrado de várias formas e diversas vezes, tornando presente uma ausência.

Serão memórias que se tem à mão e é neste momento em que se sente sozinho, ilhado, que o sujeito poderá perceber o próprio corpo como um lugar de prazer imediato. Ao se compreender e se ver como uma pessoa potente poderá ser o passo inicial para deixar de ser um naufrago, abandonar a ilha e reatar os laços de amizade e solidariedade que foram guardados no armário quando a solidão e depressão passaram a ser as principais companheiras. Aprender a estar só e bem consigo não é uma tarefa fácil, essas sensações ou sentimentos não são algo que se tomam ou se deixam quando se quer. Poderão ser engavetados por algum tempo e continuarão ali, como um relógio silencioso e, mais cedo ou mais tarde, soará o alarme, fazendo-se presentes novamente.

O último artigo que analisaremos de Trevisan foi publicado no começo do ano de 2008 e encontra-se na edição 128, tendo como título “Construir uma velhice guei”. No texto, o escritor fala sobre a necessidade de inventar uma maneira de envelhecer com qualidade, aproveitando as peculiaridades da experiência homossexual e, a partir disso, construir uma terceira idade sem vergonha de assumir a experiência de vida.

Com uma fotografia que mostra homens velhos nus, com barriga saliente à mostra, totalmente fora dos padrões de beleza vendidos pela mídia e subjetivados todos os dias por todos nós, o escritor fala que além de saber viver exilado da família,

que muitas vezes não aceita a orientação sexual do filho ou filha, outra missão cabe aos homossexuais: descobrir como ser e sobreviver homossexualmente na terceira idade. Nessa redescoberta ou reinvenção de si quando velho, torna-se necessário desconstruir alguns estereótipos quanto à velhice. Para o autor, o primeiro preconceito que deve ser desconstruído é o de que, se é velho, é “brocha”, ou seja, não é mais detentor de virilidade.

Pensem no estereótipo idiota de que todo homossexual deve desmunhecar. Algo semelhante acontece no caso dos coroa¹⁰¹. Um amigo guei me contou que nunca tivera interesse especial por homens da terceira idade. Até que um dia transou com um, numa sauna. Na saída, ele deu carona ao coroa, que parecia ter uns 60 anos, mas com um vigor sexual de alguém muito mais jovem. Para sua surpresa, o homem contou que tinha 75 anos (G MAGAZINE, 2008, p. 14).

Não é interessante apenas perceber que gays idosos continuam com vontade de manter práticas sexuais, mas também observar que a sauna, além de ser um lugar para se relaxar, é também um espaço de sociabilidade para muitos gays, tenham estes vida dupla ou não, mas local em que diferentes tipos de aproximações físicas e sexuais acontecem. Não fosse esse ambiente, provavelmente o amigo de Trevisan nunca teria se aproximado de um *tiozinho* para manter relações sexuais.

O vigor sexual também foi algo que causou espanto, visto que, há a ideia de que quando se é velho, o desejo se aposenta ou desaparece. Ledo engano, pois a realidade mostra-se muito mais imprevisível do que se parece. A vida do idoso aposentado ou não, estabelece outros modos potenciais de agir, ser e vivenciar as experiências. Não se pode negar aqui que, ao chegar aos 40 anos, por exemplo, a potência sexual sofre uma diminuição, mas não acaba. Fora que, na contemporaneidade, existe a indústria do prazer, que faz o falo ser mais potente, não sendo também a potência sexual o único motor do quadro libidinal, há outras formas de sentir e dar prazer como já mostrado neste trabalho.

Outra questão que o autor sugere ser desconstruída, é o projeto da “eterna juventude”. A proposta deve ser outra, afirma. Deve-se inaugurar um modo de ser gay na velhice, não esquecendo as experiências adquiridas quando jovem, os amores

¹⁰¹ Sabemos que a perspectiva sobre a velhice, além de mutável, é complexa. Normalmente, quando alguém é chamado ou se denomina “coroa” está se referindo, ou se vendo, como um sujeito maduro e de boa aparência, isto é, sente-se atraente e sensual. Simões (2004) enfatiza que denominar-se coroa é uma forma de se distanciar do ser velho ou do que a velhice representa.

vivenciados ou frustrados, as alegrias e decepções, as aventuras e desventuras e, a partir dessas experiências não se infantilizar, mas agir de forma consciente, madura.

É importante frisar que não são apenas as modificações no corpo os sinais, os indícios de envelhecimento, pois este não é um acontecimento puramente físico. O que será revelado no e pelo corpo é toda uma linguagem em que está imbricada o vigor simbólico dos princípios de força e ação. Nele estarão incorporadas a forma de falar, andar, raciocinar, sentir aos quais exibirão posições de gênero bem como as suas incoerências dentro de uma sociedade machista e heteronormativa. Ser um homossexual velho não implica voltar ao armário. Pelo contrário, é perceber-se como uma pessoa totalmente capaz e, ciente das limitações inscritas no corpo pelo tempo, questionar-se: “quais são os elementos de sedução exercidos por um coroa homossexual como eu?”, sugere Trevisan (G MAGAZINE, 2008, p. 15).

Para muitos gays velhos, em específico, esse pode ser o maior desafio, perceber-se ainda capaz de se sentir desejado, visto que, e possivelmente, mais do que nunca, ser bonito e belo é sinônimo de jovialidade, virilidade, força, poder. Ser ou sentir-se velho é ter a cara da feiura, logo, é uma pessoa que não se deseja. Uma “carta fora do baralho”.

O escritor volta a destacar que, além de namorar entre si, existem *tiozinhos* que namoram pessoas mais jovens e cita que, em alguns casos, esses amores intergeracionais são secretos pelo fato de um deles ser casado, sendo a pessoa mais velha, na maioria das vezes. Um deles tinha 14 anos quando seu amante de 51 anos morreu do coração (G MAGAZINE, 2008, p.15). Trevisan informa que, não apenas a relação entre esse casal era secreta, mas também a dor do mais jovem pois, como a família do morto não sabia da vida extraconjugal que ele tinha com outro homem, o jovem viúvo não pode sequer comparecer ao enterro para dar adeus ao homem que amava. Provavelmente, se a liberdade, como diz Foucault (2005) “da escolha sexual” dos homossexuais, algo que se difere do ato sexual, fosse tida como algo tão natural quanto a dos heterossexuais, ou como o hábito de dormir ou fazer as necessidades fisiológicas, o jovem homossexual poderia chorar o morto e receber as condolências da família, pois a relação amorosa que o casal vivenciou não seria tida como um escândalo ou uma vergonha para a família. A busca pela liberdade da escolha sexual seria, de acordo com o filósofo, uma das maiores contribuições políticas que os homossexuais poderiam dar para a sociedade e sobre o respeito a essa liberdade de

escolha ele afirma que “precisamos ser absolutamente intransigentes. Essa liberdade inclui a liberdade de expressão de escolha, quer dizer, torná-la pública ou não torná-la pública” (p. 16).

Trevisan encerra o artigo reforçando que chegar à velhice não significa encerrar os ciclos de amor e erotismo, pois desejo não fecha para balanço, modificam-se apenas as qualidades e os parâmetros.

Apesar do que Debert (2012) chamará de reinvenção da velhice, que acontece no Brasil, no início do novo século, passando a ser gestada a imagem de idosos ativos, que devem viver de forma prazerosa e satisfatória, é perceptível nos artigos analisados aqui, o posicionamento de Trevisan reafirmando essa nova imagem advinda dos discursos dos geriatras e gerontólogos, que também descontroem o discurso da velhice como sinônimos de perda, ausência de utilidade e como o lugar da solidão. Ao pensar esses artigos com as matérias analisadas anteriormente, é possível perceber, na maioria delas, que, aqueles que estão envelhecendo, que são coroas, devem cuidar do corpo e buscar ter uma vida saudável. Para aqueles que já passaram dessa fase, não há muito que se fazer, além de aproveitar o tempo que resta da forma que é possível.

Assim como nas publicações analisadas nos capítulos anteriores, na *G Magazine* também temos a seção *Entrevistas* onde apenas personalidades de destaque dentro da área de atuação discorrerão sobre o espaço ou as produções feitas naquela área, dentre outros temas. Analisaremos a partir de agora, três entrevistas de *tiozinhos* que falarão, dentre outras questões, sobre a velhice.

4.6 “Eu não sou velho, não me sinto assim”

Em junho de 2006, a *G* trouxe na capa, sendo este também o ensaio principal da publicação, Carlão, ex-participante de um *reality show*, programa de entretenimento transmitido pela Rede Globo. Após folhear várias páginas da revista com fofocas, reportagens, e, sobretudo, homens nus em várias posições e com o falo ereto, os leitores encontraram, quase no final da edição, a seção *Entrevista* que trazia uma compilação dos principais assuntos da conversa que ocorreu entre o publicitário cearense Ronald Assumpção, que na época estava com 57 anos e as entrevistadoras Ana Maria Fadigas, diretora da *G Magazine* e Maria Célia Furtado, diretora da Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER).

Com o título “Orgulhosamente apresentamos Ronald Assumpção – um assumido publicitário cinco estrelas” a entrevista é distribuída em cinco laudas. A primeira é dedicada apenas a imagens do publicitário, que aparece em quatro fotos. As páginas seguintes, além das memórias do entrevistado, veremos uma foto dele com o companheiro Reginato, na época com quatro anos de relação; uma imagem da Maria Célia, que aparece sentada olhando para o lado. Há ainda a fotografia de Assumpção com Ronald e a legenda informa ao leitor que eles são amigos há muito tempo.

Apresentado como um dos publicitários mais importantes do país, ficamos sabendo que, somente após muita insistência Assumpção resolveu abrir as portas de uma de suas casas para conceder a entrevista que é sobre as memórias da infância e de como se tornou um profissional reconhecido internacionalmente.

De acordo com o texto que apresenta o profissional, ele foi

presidente no Brasil e no México de uma das maiores agências do mundo, a *Ogilvy & Mather*. Depois, abriu em São Paulo sua própria agência, a *Calia & Assumpção*, que vendeu em 2004 com o intuito de se aposentar, já que estava há mais de 30 anos no mercado (G MAGAZINE, 2006, p. 73).

É interessante perceber o quanto a aposentadoria é apenas pensada como o momento de “sair de cena”, de abandonar o cargo que, competentemente, ocupou por muitos anos. A “idade da aposentadoria” também pode ser vista como o lugar das faltas: de iniciativa, de criatividade, de capacidade para continuar gerenciando as atividades. Com menos de dois anos como aposentado, Assumpção recebeu um convite para assumir a direção da Alazraki, uma agência publicitária da Cidade do México.

A ideia da velhice como o lugar da memória também será percebida na fala dos *tiozinhos* entrevistados para a *G Magazine*, como poderemos ver no trecho a seguir.

Nasci em Fortaleza, no dia 14 de fevereiro de 1949. Fui batizado com o nome Ronald, que era super incomum, em homenagem ao Ronald de Carvalho, poeta brasileiro que meu pai e meu padrinho gostavam muito. Fortaleza tinha um cinema que passava filmes de arte. Já nas turmas das faculdades, eu ia junto, embora com 14, 15 anos... Era antenado, passava Godard e essas coisas que eu nem entendia nem gostava (risos), mas todo mundo falava. Lembro de uma cena num desses filmes, acho que em *Cidadão Kane*, onde aparece uma sala enorme com uma mesa de reunião imensa e as janelas mostrando

aquele skyline de Nova York (...). Achei aquilo tão bonito e pensei: um dia vou estar num lugar desses (G MAGAZINE, 2006, p. 73).

Da mesma forma que acontecia na *Sui Generis*, é construída a imagem do entrevistado herói servindo como um exemplo, a referência para outros que desejam galgar um lugar igual ou parecido como o alcançado pelo publicitário. Foi por causa de uma prática que fazia para se sentir “antenado”, vendo filmes de arte, os quais não gostava, que um desejo passou a ser gestado. A partir dessa passagem, a entrevista vai sendo montada para que os leitores percebam como ocorreu a “jornada do herói” que, foi fazer intercâmbio para aprender inglês nos Estados Unidos, alguns anos depois fez faculdade na terra do Tio Sam e, em paralelo a isso, existia o desejo sexual que, mesmo sentindo atração por mulher, quando “via caras maravilhosos, me dava um negócio” (G MAGAZINE, 2006, p. 73).

Importante destacar a importância dos que fazem a revista em mostrar Assumpção como uma pessoa que obteve êxito na carreira profissional e que ele é gay, desde o título da entrevista, em que foi usada a palavra “assumido”. Podemos ver que a G, quis mostrar que não era apenas no mundo das artes que existiam gays, em outras áreas também eram possível encontrá-los. O sucesso profissional não era específico dos heterossexuais e que não se fazia mais necessário esconder, disfarçar a orientação sexual. Não era tão forte o discurso de “sair do armário” como fez o *Lampião da Esquina*, mas de aceitar-se.

O publicitário afirma que, em nenhum momento, falou para os pais que era gay. “Meu irmão também nunca tinha contado que era *hétero*. Por que eu teria que contar que era gay?” (G MAGAZINE, 2006, p. 76). Como não falava sobre a vida pessoal na empresa, também nunca precisou falar sobre sua orientação sexual, mas afirma que os companheiros de trabalho, mesmo assim, sabiam que ele era casado com outro homem, embora apresentasse o companheiro como um “amigo” que morava com ele.

É válido destacar que, além de ser um homem astucioso e que saiu da capital do Ceará para ganhar o mundo, em nenhum momento Assumpção é mostrado como uma pessoa frágil. Com 57 anos de idade, a imagem apresentada é a de um homem que soube vencer na vida, participando, inclusive, de uma reunião em Manhattan em uma sala parecida com a mostrada em *Cidadão Kane*, filme que ele viu e não entendeu nada, apenas teve certeza que um dia queria estar em uma sala parecida.

A imagem da velhice como o lugar de uma fase pacata e da reclusão é totalmente refutada na entrevista. O tempo todo é mostrada a imagem de um homem viajado, experiente, que vivenciou alguns relacionamentos e esteve como diretor de importantes agências publicitárias e contato com empresários de diferentes áreas de atuação. Essa imagem está em consonância com a ideia gestada de uma “terceira idade” ativa, positiva, de saberes, conhecimentos e vivências acumulados capazes de constituir relações vantajosas com o mundo dos mais jovens e o dos mais velhos.

Sabemos que Assumpção é um gay velho por causa da idade mencionada por ele no texto e também pelas imagens. Em nenhum momento, estas fotografias demonstram fragilidade. Mesmo aparecendo sentado em quase todas, aparece sorrindo, com olhar altivo, conversando, interagindo com outras pessoas que não aparecem na foto. Na que aparece com o companheiro, Assumpção também está sentado e Reginato o abraça por trás, passando a ideia que o publicitário é a base, o que o faz ficar em pé. Ao falar sobre o esposo, ficamos tendo uma ideia de como o publicitário percebe a velhice, sendo essa concepção o reflexo de como se pensava a velhice no século XX. “O Reginato é quase 30 anos mais novo do que eu, mas sempre brinco com ele que tenho mais idade, mas ele é mais velho, mais senhorial, mais careta” (G MAGAZINE, 2006, p. 76). Isto é, ser velho é ser retrógrado, sem graça, quase uma obra já finalizada e que não há mais nada a ser escrito. Ideia que não se distancia muito da que será mostrada pelo cantor Ney Matogrosso na entrevista feita por Marcos Mazzaro, publicada em outubro de 2004, e que analisaremos a seguir.

A conversa com Ney, que tem como manchete “Livre para buscar...” também vista na seção *Entrevista* é apresentada em três laudas e com duas fotos. Na primeira, que ocupa a metade da página, é uma foto posada e o cantor aparece sentado em um banco de madeira em formato de um animal com rosto de onça, mas com listra de zebra. Com o corpo um pouco inclinado para frente, passa-nos a ideia de que é uma pessoa forte, que domina as feras. A segunda imagem do show *Vagabundo*, com o grupo Pedro Luiz e a Parede.

O texto de apresentação, e as primeiras perguntas, fala um pouco sobre o espetáculo que será apresentado em algumas cidades do Brasil e em Portugal e da participação do cantor no filme *Cartas do novo mundo*, do diretor Paulo Nascimento. Após as breves questões sobre a vida profissional, será a vida pessoal do cantor que ganhará destaque. Da mesma forma como ocorreu na edição 28 da revista *Sui*

Generis, a questão da relação que o cantor teve com Cazuza é novamente citada, mas pelo fato de que, no filme de Sandra Werneck *Cazuza – o tempo não para*, adaptação do livro de Lucinha Lins *Cazuza, só as mães são felizes*, a relação amorosa entre os dois não é mencionada. Ney afirma que se sente mais incomodado pela questão profissional não ter sido referida, do que o namoro entre eles, pois o Barão Vermelho, grupo que Cazuza fazia parte, tinha pouca inserção na programação musical das rádios e foi somente após a gravação da música *Pro dia nascer feliz*¹⁰² (autoria de Cazuza e Frejat), que a banda passou a tocar mais. Ney lamenta ainda o silêncio no filme sobre a iluminação e direção de *O tempo não para*, último show de Cazuza.

Sobre o namoro, afirma que a relação que teve com o cantor de *Codinome Beija-flor* nunca acabou, porque eles não se afastaram. Decidiram que não eram mais namorados e continuaram como amigos. A relação, que antes era afetiva, se tornou fraternal.

Ao chegar aos 60 anos, afirma que pensou em fazer terapia, pois essa idade é algo bastante emblemática. E acreditava que a partir de então, teria que ser uma outra pessoa, ou seja, tinha que se comportar e se vestir com roupas próprias para pessoas idosas.

Mas parei para pensar e vi que não tinha porquê agir assim. Não vou me comportar como um ancião para as pessoas acharem que sou coerente. Sou coerente no que sinto. Eu não sou velho. Não me sinto assim (G MAGAZINE, 2004, pp. 77-78).

Quanto mais a velhice apavora, mas a juventude deixa o corpo com a vitalidade e energia de um adolescente. A tristeza e o desespero podem chegar juntos com a “terceira idade”, o que faz muitas vezes o sujeito buscar especialistas no intuito de ajuda para melhor aceitar tal condição. O que o cantor de *Telma eu não sou gay* menciona sobre o envelhecer nos remete a Olievenstein (2001) quando aponta que se entra na velhice refletindo sobre os problemas que essa idade traz e as possíveis formas de como resolvê-los e não perceber a velhice como a falta de si mesmo.

Quando afirma “eu não sou velho”, além de negar a própria ideia de velhice, Ney está buscando dizer que não quer ser visto como um corpo deteriorado, como se já estivesse perto do fim, mas que, com suas experiências seja no campo profissional

¹⁰² Lançada em 1983 no disco *Pois é...*

ou afetivo, está reinventando a relação com o mundo. Chegar aos 60 anos não significa a interrupção de projetos de vida. Para o cantor, e para muitos outros que chegam aos 50, 60, 70 anos, a alusão a idade é uma espécie de ofensa por identificá-los como idosos, algo monstruoso na contemporaneidade que cada vez mais cultua a beleza e a juventude. Negar a velhice é também negar todos os estereótipos sobre velhice ou “terceira idade” e a ideia das faltas calcadas na fragilidade do corpo.

A última entrevista que analisaremos aqui foi publicada na seção *Perfil* da edição 150 publicada em maio de 2010 e que trouxe na capa os modelos gêmeos Diego e Dirceu Duarte que aparecem na capa junto com Dicésar, ex-participante do programa Big Brother Brasil.

Desta vez, o entrevistado não é uma pessoa nacionalmente conhecida. Elói Iglesias, 55 anos, é o responsável por um evento bastante conhecido na região Norte do Brasil, a Festa da Chiquita, e que acontece na mesma época da procissão do Círio de Nazaré, ou seja, no segundo domingo do mês de outubro em Belém do Pará. A entrevista foi feita por Rodrigo de Araújo e a única imagem, que ocupa uma página, Elói aparece em uma fotografia montada trajando um figurino dourado que lembra ouro.

Na entrevista, em nenhum momento fala sobre a questão da velhice, mas a idade do produtor cultural, que também é cantor, ator e performer é mencionada logo no início do texto, deixando os leitores cientes que é um *gay* velho que organiza a festa profana que foi criada no período da Ditadura Militar e que acontece logo após a procissão em um dos espaços públicos mais importantes da cidade: a Praça da República, atraindo um público de várias idades, orientações sexuais e localidades.

Durante a década de 1970, possivelmente por influência do que estava acontecendo nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, onde as minorias lutavam pela conquista e manutenção dos direitos, um grupo de homossexuais criaram um bloco de carnaval chamado “As filhas da Chiquita” referência explícita a música *A filha da Chiquita Bacana* de Caetano Veloso, fazendo, de forma transgressora e cômica, uma crítica pela forma que a sociedade trata os gays e lésbicas.

“Éramos um grupo pequeno de dez gays que saíam da frente do presídio de São José. As bichas iam jogando purpurina até a Praça da República” (G MAGAZINE, 2010, p. 67), relembra Elói que, de participante do grupo fundador do bloco, passou a

ser coordenador do evento em 1996. Nos primeiros anos, “As filhas da Chiquita” eram apenas gays, lésbicas e os boêmios, mas com o passar dos anos a sociedade acabou incorporando a festa. O lado profano de uma festa atrai milhares de pessoas de várias partes do país.

O turista quer ver as coisas que estão em torno do Círio, e a Chiquita é o grande lance. Ela vem como parada obrigatória para as pessoas relaxarem. Tem gay que acompanha a procissão da santa de dia e, à noite, se monta e fica na Chiquita; quando são quatro horas da manhã, pega a corda e volta para o Círio de Nazaré (G MAGAZINE, 2010, P. 67).

Para muitos, esse evento profano é uma espécie de lugar de descanso da festa da igreja, mas, possivelmente, é o momento em que muitos homens casados encontram para poder conhecer e sentir outro homem, para que encontros aconteçam, podendo se transformar em um relacionamento amoroso, mas serve também para que, em breves momentos, fluídos sejam trocados e depois pede-se perdão aos céus.

Considerada por muitos como uma festa profana, o que é importante perceber é que tal manifestação se torna uma microrrevolução que, mesmo ocorrendo apenas uma vez no ano, serve para incomodar os micropoderes. As revoluções são sutis e estão operando em quase todos os lugares, mas, geralmente não nos damos conta.

Esses gays velhos que apareceram nas entrevistas analisadas aqui são apenas três dos vários modelos de velhice que poderemos encontrar no nosso cotidiano. Envelhecer tornou-se uma experiência e uma plasticidade distinta e plural. São pessoas ativas, produtivas, que amam, sofrem, viajam, se divertem e trabalham. São modelos que não se encaixam no padrão dos discursos produzidos na segunda metade do século XX pelos geriatras e gerontólogos, mas são modelos quase perfeitos para a denominada “terceira idade” no começo deste novo século no país. Corpos e rostos que não apresentam a idade cronológica, pessoas bem-sucedidas nas suas respectivas áreas, e que se apresentam saudáveis. Logo, são corpos consumíveis e que tiveram lugar nas páginas da revista.

Csordas (1999) afirma que o corpo é construído ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do “estar-no-mundo”. Isso implica manter em mente a possibilidade de que a representação pode ser vista como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. Sendo assim, o corpo não deve apenas

ser percebido visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”. E será sobre dois ensaios com corpos velhos publicados pela *G Magazine* que falaremos agora.

4.7 Bonito, gostoso e...velho?!

Mesmo possuindo um menu variado com notícias, entrevistas, artigos, o prato principal da *G Magazine* eram os ensaios eróticos, que na maioria das vezes oferecia um cardápio de personalidades famosas ou em ascensão que apareciam peladas, mostrando um corpo peludo ou depilado, quase sempre, modelado, esculpido em centenas de horas nas academias.

Esses corpos obedecem a um modelo que está no imaginário dos homens no geral, sejam estes *hétero* ou *gay*. Devem ser musculosos e bem-dotados sendo esse, um padrão de corporalidade encontrada, a princípio, em quase todas as revistas voltadas para o público gay as quais exibem ou insinua o nu masculino.

Esse modelo de corpo trazido nos ensaios da revista está dentro dos padrões físicos produzidos nas subjetividades do mundo capitalista contemporâneo. Guatarri e Rolnik (2013) afirmam que de produção das subjetividades tem uma natureza industrial. Essa maquinaria não só incide sobre os corpos individuais e sociais, mas também nos desejos, com o objetivo de padronizar tudo, produzindo subjetividades modelizadas e serializadas. São padrões de subjetividades hegemônicas já que são regidas pela padronização.

Ao mesmo tempo em que desnuda modelos que se apresentam viris e com corpos definidos, a *G Magazine* contribuiu para influenciar no que tange ao desejo do corpo desejado e o desejoso, pois, como afirma Oliveira (2004), a mídia, assim como a publicidade, exploram características tidas como típicas da masculinidade, reafirmando as prescrições comportamentais contribuindo para reproduzir e representar a masculinidade junto aos processos de subjetivação do sujeito, neste caso, dos consumidores da revista. Assim, ao mesmo tempo em que se quer “possuir” aquele corpo exibido nos ensaios trazidos pela revista, há também o desejo de se construir, moldar o próprio corpo para que seja semelhante ao corpo exibido.

Como aponta Mira (2003), os produtores de revistas eróticas e pornográficas, muitas vezes, compartilham do mesmo universo cultural dos consumidores, sabendo como “agradá-los”, isso implica que, possivelmente, os leitores da *G* não encontrarão

nas capas dessa publicação, por exemplo, mulheres como atração principal nem tampouco um modelo representando um mendigo, pois isso não faz parte do imaginário desejante de quem consome essa revista. Ainda segundo a autora, os produtores sabem a quem se dirigem, sabem quem e qual é o seu público e falam a mesma linguagem “proibida”, pois conhecem os seus códigos de deciframento. Como é um jogo compartilhado, existe um processo de cumplicidade, de comunicação entre o leitor e os produtores.

É importante perceber que o erotismo desses corpos estará ligado a alguns elementos, tais como: o corpo musculoso – uma musculatura definida - o famoso “bombado” ou “barbies”, mas que não chegam aos limites extremos dos *boudbuilds*¹⁰³ norte-americanos – e o pênis grande. Símbolos de virilidade e força, o corpo musculoso e o pênis grande vão ser postulados como características imprescindíveis para representar a virilidade masculina, na *G Magazine*. Ao corpo malhado se atribui força, virilidade, hombridade, potencialidade e saúde. Tais sinônimos, todavia, não são atribuídos aos homens que possuem o corpo gordo ou flácido, pelo contrário, a imagem sempre atribuída a eles é a de pessoa sedentária, que toma espaço e, quando muito, pessoa forte, não por ter força, mas por ser pesado. Ou seja, o peso e a flacidez do corpo tornam-se uma forma de medir a saúde. Na contemporaneidade, gordura não é mais formosura. Saudável é aquele que possui corpo malhado, sem rugas, marcas do tempo ou excesso de peso.

Pode-se dizer que, sob a moral da “boa forma”, um corpo trabalhado bem cuidado, sem marcas indesejáveis, isto é, rugas, estrias, celulites, manchas e sem gorduras e flacidez, é o único que, mesmo sem roupas, estará decentemente vestido. Como lembra Courtine (1995, p. 68), ao tratar do desvelamento do corpo masculino nos Estados Unidos do final do século XIX, “um corpo de homem, se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu”.

A masculinidade dos modelos que aparecem na *G Magazine* está, em primeiro plano, apresentada e representada no corpo e, em segundo plano, nas roupas e cenários onde eles aparecerão. Como já mencionado anteriormente, quase todos os que posaram para a revista apresentavam jovialidade. Como existem sempre exceções, será possível encontrar três edições que, possivelmente, causaram um

¹⁰³ Aqueles que trabalham no corpo como um “artesão”, moldando-os de acordo com o desejo de se sentir mais musculoso e viril.

estranhamento nos leitores da *G* tão acostumados com a jovialidade dos que se desnudavam para a revista. A primeira foi a edição 19, publicada em abril de 1999 que anunciava na capa o ator David Cardoso como ensaio principal daquela edição¹⁰⁴. A segunda surpresa foi na edição 46, que trouxe na capa Luís Adriano Barra, campeão paulista na categoria caratê de contato, existia entre as notícias anunciadas na capa, a seguinte manchete: “Especial – fotografamos um urso americano” se referendo a Charles Bearden (Chucky), 63 anos, e que aparece em um dos ensaios daquela edição. A terceira e última exceção foi a edição 91, publicada em abril de 2005 que trazia na capa o modelo Júlio Capeletti ao lado do estilista e, ex-apresentador de TV, Clodovil Hernandez que não apareceu nu, foi apenas entrevistado. Nos deteremos aqui, apenas na análise dos ensaios dos dois *tiozinhos* pois, dentro dos padrões de subjetividades contemporâneos, eles já se encontram “obsoletos” para o modelo de beleza serializada trazido pela revista.

Não foi apenas por ser um “coroa enxuto” que Cardoso, na época do ensaio ele estava com 63 anos, posou na *G Magazine*, mas, e talvez por ter participado de filmes meio pornôns, meio comédias nos quais, geralmente, a genitália masculina não era mostrada, o que despertaria o interesse das pessoas que vivenciaram aquela época ou acompanharam as películas de ver o que sempre foi omitido nos filmes nos quais Cardoso participou¹⁰⁵. É importante lembrar que as pornochanchadas não “vendiam” o sexo explícito, nesses filmes, geralmente, o máximo que poderia se ver de um homem, era o nu frontal (até a cintura) e a bunda, enquanto que as mulheres apareciam em nu frontal e as nádegas.

Como poderá ser visto em algumas imagens a seguir, o ensaio, realizado no Pantanal, é composto por 17 fotos do ator que em algumas aparece seminu e, em outras, nu. Há ainda duas outras imagens de dois trabalhos que ele participou. Paralelo ao ensaio, há uma entrevista em que Cardoso fala sobre algumas experiências sexuais meio que “por acaso” que acabou vivenciando com homens e das investidas amorosas feitas pelo ator Amâncio Mazzaropi. A entrevista foi feita por Marcos Brandão e João Andrade, com fotos de Moises Pazianotto.

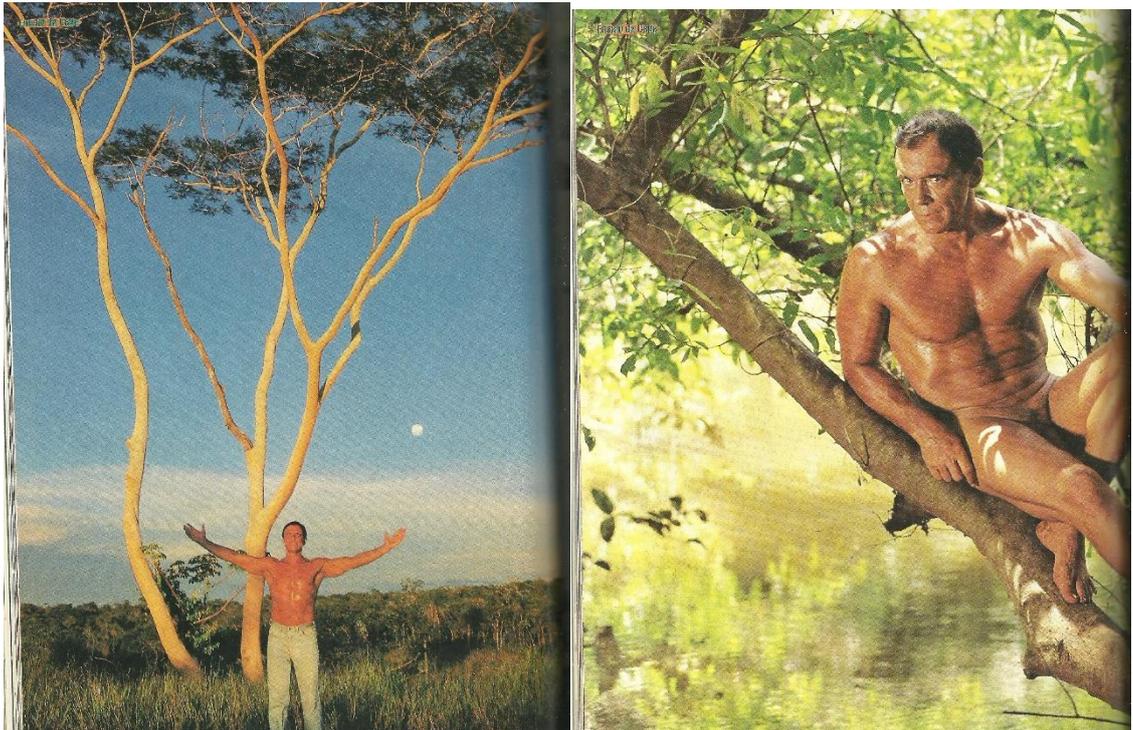
Como já informado, a revista *G Magazine* se destacará das outras publicações voltadas para o público gay por mostrar artistas conhecidos pelados e com o falo ereto.

¹⁰⁴ Algumas fotos deste ensaio foram republicadas em abril de 2001 (edição 31) na seção Replay.

¹⁰⁵ Apenas no filme *Seis mulheres de Adão* (1982) há cenas em que a genitália de David Cardoso aparece ereta.

Entretanto, no ensaio de Cardoso, apenas em duas fotos ele aparece com o pênis ereto. Mesmo mostrando a potência do falo, o ator aparece em posições que não representam movimento, isto é, aparece sentado e deitado em um chão de terra seca, corroído pela ausência de água, sendo ele a última espécie que ainda sobrevive. As marcas e ranhuras do tempo ainda não aparecem no corpo, mas estão simbolizadas no espaço não-fértil em que se encontra.

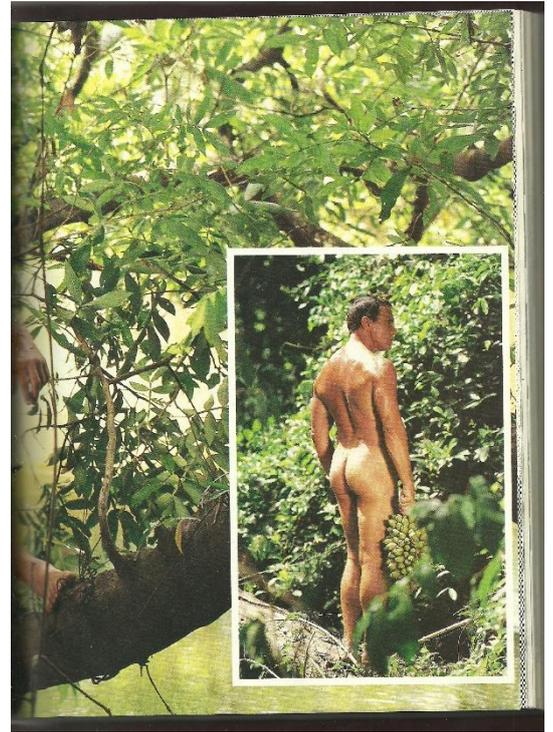
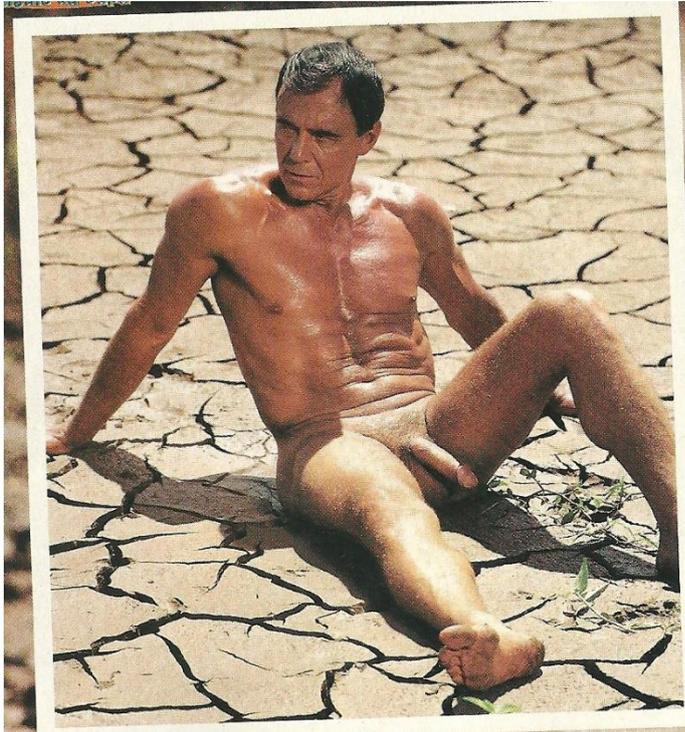
Ensaio de David Cardoso para a *G Magazine*



Fonte: Revista G Magazine, ed. 19, abril de 1999.

Na maioria das outras fotos ele estará utilizando objetos que simbolizam o pênis, a exemplo de um revólver, um cacho de bananas e uma vara de pescar. A potência, a virilidade e o poder não está na genitália do velho ator, mais nos instrumentos que ele carrega consigo.

Mas por qual motivo um ensaio de uma pessoa mais velha em uma revista de nu masculino voltada para o público *gay*? Como diz um depoente para Perlongher (1987, p. 106), “(...) o movimento *gay* não liberou esse preconceito de idade (...) estamos no meio da cultura da juventude: importa a masculinidade, mas também importa a idade”. O caso de um sessentão, idoso ou “tiozinho” posar para a *G Magazine* tornou-se um caso único, um “acontecimento” na história da referida revista.

Ensaio de David Cardoso para a *G Magazine*

Fonte: Revista *G Magazine*, ed. 19, abril de 1999.

Há artistas mais velhos que posaram para a *G*, como Roger (*Ultraje a Rigor*) que na época tinha 43 anos, o ator Victor Wagner que se desnudou para a revista aos 37 e depois com 46 anos e Matheus Carrieri que, na primeira vez que posou para a *G* tinha mais de trinta anos de idade. Mas alguém com mais de 60 anos foi a primeira e única vez que apareceu no ensaio principal deste magazine.

Percebemos o quanto o corpo de uma pessoa com mais idade é desvalorizado pelos que fazem as capas da *G magazine*. Mesmo anunciando que o modelo será exibido “sem cortes”, o corte já acontece na capa, negando o que é anunciado, fazendo não transparecer o corpo que, de certa forma, está em “decomposição”. É um mérito da revista trazer em sua capa uma pessoa mais velha, mas é importante perceber que essa pessoa só foi capa da revista devido algumas questões, tais quais, seu nome está ligado a pornochanchada brasileira e ainda para saciar o desejo daqueles que acompanharam esse movimento do cinema nacional e tiveram a oportunidade de ver David Cardoso de uma forma que, até então, nenhuma outra revista havia mostrado, como relata Fernando C. Oliveira, leitor da revista na sessão *Cartas* da edição 22 publicada em julho daquele mesmo ano.

Homens maduros – Vocês são o máximo. Sempre quis ver o David Cardoso pelado, mas na época da pornochanchada não existia nenhum tipo de veículo como a *G Magazine*. Gosto de ver homens maduros, com cara e corpo de homem. Obrigado por tornarem o meu sonho realidade (G MAGAZINE, 1999, p. 80).

Encontramos também nas edições 60 e 67, publicadas, em setembro de 2002 e abril de 2003, respectivamente, cartas de leitores elogiando a revista por ter desnudado um dos ícones masculinos da pornochanchada e sugerindo que outros pertencentes a “terceira idade” também apareçam despídos na revista.

O que mostra que Cardoso está no imaginário de muitos brasileiros como ator bonito e que já fez filmes que tinham uma eroticidade. Todavia, o mais importante é que, mesmo velho, o ator busca manter a juventude e a “boa forma”, exibindo um corpo que aparenta ser magro, jovem, bonito e sem as marcas da velhice e esses serão outros pontos para que a revista queira desnudar e mostrar o corpo desse ator, pois estava dentro dos padrões “aceitáveis”.

Se percebemos o enfoque dado ao corpo, aí podemos perceber que há um enorme preconceito dos que fazem a *G*, mas isso possivelmente se deve pelo fato de que, como nos mostra Simões (2004, p. 2),

envelhecimento e sexualidade são temas que remetem à confluência e ao confronto entre o corpo e a cultura. Pensar sobre ambos leva-nos invariavelmente a considerar as tensões entre a facticidade material do corpo e sua construção social. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana à maneira ocidental dominante – isto é, como o movimento do ser corpóreo através do tempo concebido como progressão cronológica rumo à finitude –, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que se excluem mutuamente. O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude.

Cuidadosamente, os que produziam a *G Magazine* escolheram uma pessoa com mais de 60 anos para ser ensaio principal da capa por ainda apresentar no corpo a dureza de um corpo juvenil. A imagem dessas pessoas “sortudas”, que conseguem manter dóceis seus corpos que parecem ser conservados em formol, quase sempre,

é “vampirizada pela indústria dos cosméticos, que as capitaliza para vender esperanças a todos aqueles que, fracassaram no difícil mercado dos milagres antienvelhecimento” (SIBILIA, 2013, pp. 150-151).

Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar que o corpo envelhecendo é um dos principais desafios na contemporaneidade, para tanto basta percebermos a “obsessão” com as formas corporais e a apresentação juvenil que aparecem em todas as edições da *G* e que atravessa todo o complexo da moda, das academias de ginástica, dos anabolizantes, dos cosméticos, da cirurgia plástica e das demais tecnologias de manutenção corporal.

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice é comum na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento e também constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea, ao trazer corpos lisos, esculturais e “sem história”, isto é, jovens, a *G Magazine* reforça ainda mais as subjetividades trazidas pela mídia, homoerótica ou não, de que os corpos bonitos e desejados são jovens, lisos e não enrugados.

eles parecem atingir o seu ápice quando se considera a chamada “cultura gay masculina” dos centros urbanos e das metrópoles. Nesse cenário, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis [...] (SIMÕES, 2004, p. 5)

Na sociedade contemporânea, a idade ainda é um elemento-chave para a participação dos indivíduos na vida social. Ao mesmo tempo, essa sociedade produziu uma forte impressão de sobreposição das fronteiras etárias e uma ambiguidade na maneira como a idade pode ser usada ora para desqualificar, ora para promover. No caso específico de Cardoso, apesar da idade, ele estará aparecendo nu na revista por toda história que fora construída por ele anteriormente, possuindo ainda um corpo esculpido e “potente”, não fosse por isso, ele estaria aparecendo como entrevistado, sendo um “exemplo de pessoa vitoriosa”, experiente e com um saber-fazer secular (MINOIS, 1999), que serve como exemplo para os mais jovens. Poderia aparecer também, em alguma outra matéria “ensinando” como evitar a velhice (que se tornará

visível pelas marcas no rosto ou pelos cabelos brancos) mantendo sempre um corpo “forte”, “rígido” e “potente”.

Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homo, para os gays idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar. Entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão “pinta”, isto é, que possuem traços femininos e entre aqueles que são “bichas mariconas”, gays velhos. No próprio grupo que já é estigmatizado por grande parte da sociedade heterossexual, existem outros grupos que sofrem preconceitos por não serem viris, por serem gordos, negros, velhos, etc.

O segundo e último ensaio que analisaremos, será o publicado na edição 46, como anteriormente mencionado e que chegava às bancas, em julho de 2001, trazendo na seção *Tributo à diversidade*, a matéria “Um urso americano no Brasil” que apresenta o ensaio erótico de Charles Bearden, também conhecido como Chucky.

Residente no estado da Louisiana (EUA), e contador aposentado, passou a visitar o Brasil um ano após a morte da sua esposa. Foi no “país tropical” aproveitando o carnaval no Rio de Janeiro que Chuck decidiu fazer uma revolução em sua vida e assumir para si mesmo o desejo que sentia por outros homens. Desejo antigo, diga-se de passagem, e que foi reprimido por dezenas de anos. “Nos meus tempos de escola aconteceram coisas, remotas, discretas. E a época não era como agora, não era possível assumir, era algo perigoso, precisava tomar cuidado” (G MAGAZINE, 2001, p. 83).

Assumir ser gay não apenas no Brasil, mas em uma gama de países foi e ainda é um risco pois, muitas vezes por questões de conceitos e preconceitos sejam estes em qual instância for, política, médica ou religiosa, a heterossexualidade é tida e percebida como a manifestação sexual possível e os que não se encaixam nessa configuração, muitas vezes acabam ficando para “titia”, sublimando o desejo, adotando uma vida monástica ou se casando, constituindo uma família “tradicional” como foi o caso de Chucky. Possivelmente, a família que servia como uma espécie de escudo para reprimir o desejo que ele sentia por outros homens deixou de ser uma proteção, se tornando um cárcere, pois os desejos acabam sendo reprimidos em função do bem-estar da família. “O difícil de ter duas vidas é que a parte menos alegre, é muito longa, dura mais” revela, afirmando não ter nenhuma vergonha por ser *gay*.

O contador, chamado de “urso¹⁰⁶” já no título da manchete pertence a uma categoria de “tipo homossexual” dentro de uma segmentação¹⁰⁷ maior. Ou seja, possui um corpo fora dos padrões dominantes e desejados por muitos homens, é gordo. Entre os gays, a palavra urso serve como uma metáfora para indicar um homem gay pesado ou corpulento, geralmente barbudo e peludo e que exala virilidade.

Fischler (1999), em uma classificação feita sobre os obesos afirma que há uma ambiguidade sobre o caráter que a gordura assume no imaginário social do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo em que as pessoas gordas serão associadas à simpatia e à amabilidade, cabendo-lhes agir como um palhaço, também inspira nos outros o desejo pela lipofobia, a obsessão pela magreza. O corpo *plus size* é criado, mas não tolerado pela própria sociedade que o criou, sendo forjada assim, uma série de técnicas para emagrecimento que darão origem à cultura *fitness*. É importante salientar que não estamos dizendo ser a obesidade um problema ou não, mas que os corpos sem curvas também são desejados.

Vigarello (2012) nos mostra que desde o final do século XVIII a figura do gordo foi se tornando alvo de reprovação moral e objeto de estudos médicos. Mas foi no século XIX que a obesidade passou a ser um problema estético e algo recusado socialmente. Ao longo da história, apresentar um corpo gordo era sinal de fartura, prosperidade e até mesmo de saúde, enquanto que o corpo magro era indicação de miséria. Mas as subjetividades mudam e os papéis se invertem.

O corpo gordo, como salienta Sant’Anna (2001), a partir da segunda década do século XX, tornou-se algo que as pessoas começaram a ter aversão. E década após década, ter um corpo rechonchudo, além de ser algo feio, passou também a indicar sedentarismo e doença. Muitos, para voltar a ter o corpo esguio e firme, acabam fazendo um esforço bem mais pesado do que o próprio peso, praticando atividades físicas e aderindo a rígidas dietas para melhorar a “qualidade de vida”. Na

¹⁰⁶ Tradução literal da palavra da língua inglesa bear.

¹⁰⁷ Não serão apenas os médicos e os cientistas das humanidades que vão nomear aqueles que estão a margem. Estes também farão isso, demarcando a diferença entre aqueles que não se encaixam nos padrões hegemônicos dentro do próprio grupo. Então, além do urso (que se dividem em várias categorias, dependendo do porte físico e etnicidade), existirão outros, como o “barbie” (referência direta a boneca Barbie e, entre os gays, indica aqueles que possuem um corpo malhado), o “cafuçu” (gays com perfil mais “rústico”, geralmente trabalhador braçal, com baixa escolaridade e com forte apetite sexual), o “fofolete” (gays muito obesos, apresentando uma gordura flácida, geralmente são mais efeminados) dentre outros.

contemporaneidade, ser gordo também é sinônimo de feiura e uma indicação de que não há tempo para cuidar de si mesmo. O sujeito é incapaz de empenhar-se no projeto social para ter uma boa aparência. Aos poucos, o excesso de gordura vai sendo associado à preguiça, à falta de vontade. Mas, o “urso americano” não tem nenhuma vontade de “puxar ferro” para se tornar uma Barbie.

Sei que meu corpo, minha figura e mesmo a minha idade não correspondem ao que o mundo gay mais valoriza, ou seja, a juventude bonita. Mas há quem goste. E muito mais do que eu penso, do que você pensa. Por isso, eu me gosto e estou em paz comigo (G MAGAZINE, 2001, p. 84).

Na categorização de Fischler (1999), existem alguns estereótipos referentes à obesidade. Os obesos benignos são aqueles que se enquadram no perfil “gordinho boa praça” cujo excesso de simpatia e brincadeiras funcionam quase como uma forma de se desculpar pelo volume do corpo, sempre agradável; os obesos malignos são aqueles que se negam a fazer qualquer tipo de transação simbólica para se enquadrar no primeiro perfil ou se tornar magro. Os “ursos”, sendo ou não simpáticos, estarão nessa categoria.

Assim, aceitando-se com o corpo que possui, Chucky faz o ensaio para a *G Magazine* distribuído em onze imagens. Na primeira, ele aparece totalmente vestido, calça e blusa pretas, uma blusa de botão xadrez de cor vermelha e botas marrons, lembrando a imagem de um lenhador. Nas imagens seguintes ele vai tirando a roupa e caminhando para a floresta, habitat natural de várias espécies de ursos. Mostrando um corpo liso e volumoso, o “urso americano” passeia pela floresta realizando ações que representam a força de um corpo potente que uma pessoa velha pode ter. Ele aparece segurando um grande pote de barro como se estivesse procurando algo para beber, segurando madeira (um símbolo fálico) para acender uma fogueira e, após todas essas atividades, aparece se refrescando em uma piscina. Das sete imagens em que aparece totalmente despido, apenas em duas o falo está ereto. Mas, ao contrário do que ocorreu com Cardoso, nas imagens em que apresenta a potência do pênis, Chucky se encontra em um local totalmente verde, com plantas e flores que demonstram que existe vida e fertilidade naquele solo. Apesar de ser *plus size* e abjeto para muitos, a ideia que fica ao ver o ensaio é que, mesmo estando às margens e às fronteiras, o corpo dele se distribui no mundo com certa suavidade.

Alguns leitores gostaram das fotos do ator da pornochanchada e do “urso americano”, e enviaram cartas parabenizando a revista por ter publicado um ensaio com um homem “velho e gordo” pedindo para que outros como estes fossem mostrados. Como não é possível agradar gregos e troianos ao mesmo tempo, outros consumidores da *G* ficaram bastante incomodados, como podemos ver no e-mail assinado por Carlos e Wandinho.

Os leitores, assim como os apreciadores do nu masculino, esperam ver em uma revista como a *G* homens de corpo sarados, aquilo que se pode dizer do inatingível, como um artista que povoa nossas fantasias sexuais. Nós leitores da *G* em Belém manifestamos nossa indignação com o ensaio do urso americano. Coisas desse tipo nós vemos nas ruas, próximos das nossas casas. Todas as pessoas deverão ter um lugar ao sol, mas convenhamos, não mais nas páginas da *G* (*G MAGAZINE*, 2001, p. 9).

O e-mail dos rapazes contribui para mostrar o quanto a intolerância para com os gordos é forte na nossa sociedade. Não se tolera os corpos que escapam aos padrões da estética, pois é considerado feio, aversivo. É algo que se suporta no cotidiano, mas não em uma revista que desnuda homens que fazem parte do desejo de muitos outros e outras; publicação esta que, ao longo de sua existência, não apenas através do texto imagético, mas também do texto escrito, reforçava a necessidade dos “cuidados de si”, consumindo produtos para retardar ou camuflar a velhice no corpo, indicando a prática de exercícios físicos para manter o corpo rígido. A maquinaria produtora das subjetividades que, um corpo magro, bonito e “perfeito” pode ser adquirido a partir do esforço pessoal, também motiva sujeitos gordos, que possuem um corpo indesejável dentro dos padrões estéticos contemporâneos, a fazerem dietas, consumirem produtos *light* e *diet* e fazerem exercícios para alcançar o corpo dito “perfeito”. A estes não cabem apenas o prazer, a dor, seja através de plásticas corretivas ou fazendo exercícios para queimar as calorias, também é necessária para obtenção de uma imagem aceitável e comestível, literalmente.

No mundo contemporâneo, os saberes sobre o corpo não tentam mais discipliná-los como uma forma de punição, mas como uma forma de controle da população que deve sempre buscar o bem-estar físico e mental. Quanto mais atenção for dada ao corpo, maior o controle sobre ele. “Encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: fique nu..., mas seja magro, bonito, bronzeado” (FOUCAULT, 2008, p. 147).

O corpo se torna uma mercadoria que deve ser apresentada em boas condições, isto é, em boa forma, bem delineada e com uma aparência perfeita para que possa ser consumida. Isso significa o controle do sujeito do seu próprio corpo e a vitória contra a força da natureza. O sedentarismo, a gordura e a flacidez demonstram a indisciplina e a ausência de cuidados para consigo mesmo. Os que fracassarem, serão vigiados e punidos.

Em uma revista em que os ensaios, sejam estes de capa ou secundários, os modelos que aparecem são a corporificação da saúde, magreza, jovialidade e virilidade. O nu do ator David Cardoso e Charles Bearden contribuíram para lembrar aos leitores que existem outros padrões de corpos e de beleza e que não apenas os jovens são desejados. É também uma maneira de (re)lembrar que, por mais que se deseje, a boa forma e a jovialidade que podem se apresentar no corpo são efêmeras e não eternas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma tarde, terrivelmente quente, do mês de março de 2017 me encontro no Terminal Integração de Campina Grande à espera de um ônibus para voltar para casa e começo a prestar atenção nas conversas dos que estão ao redor. Algumas pessoas falavam sobre a carestia nos supermercados, outras mencionavam as articulações políticas que possibilitou o golpe que fez Michel Temer se tornar Presidente do Brasil, mas, um bate-papo entre alguns rapazes, que aparentavam uns 20 e poucos anos, foi o que me chamou a atenção. Animados, falavam sobre uma festa que aconteceria no final de semana e tentavam convencer um dos amigos a participar da “balada”, pois teria muitas “gatinhas” para “pegar”. Mesmo alegando ter que estudar para uma prova, a insistência dos rapazes continuava. A conversa mudou de rumo quando o rapaz usou a seguinte justificativa: “estou velho demais para esse tipo de festa”.

Quantas vezes ouvimos e falamos essa “simples” frase para nos esquivar de situações que não queremos participar? Mesmo não sendo ou não se sentindo velhos, a velhice serve como um pretexto, uma desculpa para fugir daquilo que não temos vontade de fazer. Mesmo na contemporaneidade, vemos se repetindo no cotidiano os discursos da gerontologia, do segundo quartel do século XX, e que também estavam estampados nas páginas de diferentes dispositivos midiáticos como as do jornal *Lampião da Esquina* e outras publicações que o sucederam. A ideia de que estar na velhice é o momento de se recolher, abandonar os espaços de sociabilidade, festas e outros tipos de comemorações não ficou no século passado. A frase dita pelo jovem rapaz, “eu não tenho mais idade para isso”, dentre outras, só serve para reforçar preconceitos e demarcar lugares de pertencimento ou de não-pertencimento, pois muitos ainda percebem a velhice como um demérito e o corpo velho como um saco de ossos que, em breve, voltará a ser carbono. Por ser abjeto, o melhor a ser feito é se recolher e vivenciar o tempo que resta com a família ou com os amigos. Os velhos e as velhas que se recusam a assumir tal prática, serão vistos de forma enviesada quando em locais de diversão e lazer ou se permitindo amar e ser amado.

Por mais que muitos jovens não queiram se sentir velhos, se disserem velhos, tornam-se úteis quando servem para evitar situações consideradas como “armadilhas” e somente para isso. Velhice não é mais percebida como o lugar do reconhecimento de vivências, da experiência, mas como algo ultrapassado, vergonhoso. Estar velho ou apresentar marcas da velhice no corpo é quase um insulto para os mais jovens ou

aqueles que se acham jovens. As indústrias midiáticas, farmacêuticas e clínicas estarão reforçando o tempo todo esse discurso e apresentando possibilidades “milagrosas” para rejuvenescer o rosto, disfarçando as marcas do tempo com um pouco de *botox*, levantando as pálpebras ou diminuindo a “papada” com uma cirurgia plástica; além de uma alimentação saudável e *detox* para desacelerar o processo de envelhecimento da pele. A rapidez precisa estar no corpo que deverá manter a potência através de caminhadas e horas na academia, pois o que se torna necessário é mostrar que não se é velho. Essas indústrias contribuem para que se acredite que a “indecência” da velhice é algo passageiro. Essa “doença” pode ser corrigida, eliminada, revertida através de plásticas e atividades físicas. A velhice está nos outros, nas “*bichas velhas*” que não se cuidam, deixando transparecer as porosidades do tempo no corpo como foi percebido em algumas matérias analisadas. As técnicas para rejuvenescer ou de não ser percebido como velho são também estratégias para continuar sendo desejado pelo cônjuge ou futuros namorados, manter o emprego, mostrando-se uma pessoa “antenada” e produtiva e também continuar sendo aceito socialmente e, principalmente, nos espaços de homossociabilidade, entre os “pares”.

Foi nosso objetivo nesse trabalho, perceber e problematizar a visibilidade e dizibilidade sobre a velhice e os *gays* velhos em três das principais publicações direcionadas para o público *gay*. Mesmo tendo sido analisados mais de 50 textos que falavam sobre o nosso tema escolhido, a visibilidade sobre esse assunto ainda é muito pequena se formos comparar com a grande variedade de outros trazidos nessas publicações. Quanto à dizibilidade, os ditos sobre a velhice e os velhos *gays* não foi possível encontrar uma grande ruptura no que se refere aos discursos dos saberes médicos das décadas de 1970 e 1980, por exemplo. Dizer e mostrar a velhice ainda foi um grande incômodo para o periódico *Lampião da Esquina* e as revistas *Sui Generis* e *G Magazine*, pois mesmo com atitudes de resistência frequentando locais públicos, mantendo relações afetivas e sexuais, mostrando-se desejosos e desejados, ser um *gay* velho é vergonhoso e muitas vezes não são bem-vindos tampouco bem-vistos na “comunidade *gay*” brasileira.

Na cartografia dos impressos analisados, que poderiam ter rompido com a ideia generalista dos saberes médicos no que se refere à velhice, mostrando a pluralidade de vivenciá-la, encontraremos dois tipos de discursos sobre a mesma. A velhice negativa, que apresenta os idosos homossexuais desvalorizados tanto eroticamente

quanto socialmente, não sendo exibida nas matérias, principalmente nas do *Lampião da Esquina*, nenhuma alternativa para reverter isso. Esses gays velhos se tornam figuras abjetas, não desejadas, pois nada mais são do que refugos, culpados por não terem a astúcia dos cuidados de si quando jovens para, ao atingir a velhice, ou quando as marcas da mesma aparecessem no corpo, fossem apagadas. No segundo, vemos uma velhice positiva com gays das classes média e alta que obtiveram uma velhice “bem-sucedida”, sabendo ainda utilizá-la para produzir artes autobiográficas ou não. Essa maneira de dizer a velhice também está ligada aos discursos gerontólogos forjados no final do século XX no Brasil, que dizia a velhice como “melhor idade”, “feliz idade” ou “terceira idade”. Todavia, nenhum dos dois discursos mostraram a multiplicidade de formas ou imagens da velhice. Ela sempre foi tratada de maneira singular, homogênea, universal e heterossexista, não levando em consideração as possíveis sensibilidades geracionais elaboradas para continuar aproveitando as possibilidades ainda oferecidas pela vida.

Muitas vezes em um tom bastante desesperançoso, os textos analisados apontavam um futuro não mais como um lugar de esperança e progresso, mas um lugar de apreensão e solidão. Aos jovens gays, o mais importante é buscar todas as alternativas possíveis para não envelhecerem, ou seja, devem cristalizar-se no presente, onde se apresentam jovens, ágeis e com eroticidade a todo vapor, evitando chegar no futuro, onde encontrariam a velhice e ela se faria visível no corpo, sendo possível apenas vivenciar a ausência de amores e de desejo. Além dos desafios trazidos pela idade e que são sentidos de maneira heterogênea, os gays velhos também sofrem com os estigmas produzidos entre uma grande parte da “comunidade gay”, que vai optar, na maioria das vezes, por modelos de corpos que são subjetivamente indicados como ideais, ou seja, fortes, torneados, sem gordura, sem estrias, apetitosos e prontos para consumo. Àqueles que não mais se encontram dentro desse modelo resta apenas as migalhas das lembranças de um passado recente e alguns amigos para, juntos, vivenciarem o desassossego que é a velhice.

Levando em consideração o que foi discutido nos capítulos deste trabalho, espero ter contribuído para diminuir a lacuna existente na historiografia brasileira acerca do tema aqui apresentado, possibilitando discussões futuras sobre o assunto, expansão e questionamentos sobre as imagens muitas vezes cristalizadas sobre a velhice e os gays velhos. Que, nas futuras pesquisas em publicações homoeróticas,

possamos encontrar outras imagens e discursos que não atrelem esses sujeitos apenas à solidão, aos amores de passagem ou as chacotas. Que a velhice não seja dita e vista apenas como o lugar das incertezas, das efemeridades e de sujeitos abjetos, mas que possam ser dadas condições de empoderamento e soberania a esses indivíduos. Se os velhos LGBTs, ou não, seguirem sendo tratados como pessoas decrépitas, não haverá sentido nas pesquisas desenvolvidas pela biopolítica que prometem aumentar a expectativa de vida das pessoas, sendo possível chegar aos 100 anos de idade com energia e saúde. Continuaremos vendo esses velhos e velhas sendo maltratados pela família e a sociedade que, mesmo com todo o discurso de inclusão, não sabe realmente conviver com aqueles que são diferentes. É urgente e também necessário aprendermos a dialogar e conviver com as diferenças, sejam estas de idade, gênero, social, econômica, e etc., ou caminharemos juntos no cortejo fúnebre do nosso próprio enterro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno César. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo*. Chapecó, SC: Argós, 2014.

AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices imaginadas – Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande, EDUFCG, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. In: AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices Imaginadas - Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande: EDUFCG, 2010.

_____. Amores que não tem tempo: Michael Foucault e as reflexões acerca da existência estética homossexual. In: RAGO, Margareth. *Foucault e as estéticas da existência*. Revistas Aulas. Unicamp, 2010.

_____; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, Rick *et al.* *A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lesbic@s no Brasil*. São Paulo, Xamã: NCC/SUNY, 2002.

ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. *Identidades fragmentadas: cultura e sociabilidades homoeróticas em Campina Grande*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFCG em 2006.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUTLER, Judith. *Repensar la vulnerabilidad y la resistencia*. Conferencia em La Universidad de Alcalá. Disponível no sítio: <https://pt.scribd.com/document/231310994/Judith-Butler-Repensar-La-Vulnerabilidad-y-La-Resistencia-Conferencia-en-La-Universidad-de-Alcala>. 2014

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Baukje Prins, Irene Costera Meijer. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 10, n. 1, 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009

BORILLO, Daniel. *Homofobia – História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Vol.1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2000.

COHEN, Lawrence. Não há velhice na Índia. DEBERT, Guita Grin. *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos, n.13. Campinas: IFCH/Unicamp. 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. Os staknovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilorde (orgs). *O triunfo do corpo – Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

_____. Velhices e tecnologias do rejuvenescimento. In. GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Antropologia e Velhice*, Textos Didáticos, n.19, IFCH, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica*. São Paulo: Forense Universitário, 1995.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria – Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos - Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. *Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

_____. *Entre umas e outras, diferenças e (homos)sexualidades na cidade de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado) Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH, Unicamp.

_____. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro, Garamond, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a aids*. São Paulo: Hacker, 1999.

FERREIRA JUNIOR, Nelson. *Caio Fernando Abreu: a identidade (re)construída para além do arco-íris*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

FISCHLER, C. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de.(org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

FOUCAULT, Michel. Entrevista a James O'Higgins (1982). In: *Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx*. Theatrum Philosophicum. São Paulo: Landy Editora, 2005.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve – Revista autogestionária do Nu-Sol*. Nº 5, 2004.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *A ordem do discurso. A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. A Escrita de Si. In: *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992.

FRY, Peter. *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2002.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1992.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: EdUFSCAR, 2014.

_____; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.

_____. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, 2014.

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1921-1998): Pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. In. *Cadernos AEL*, v. 10, nº 18/19, 2003.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: an essay on abjection*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira*. São Paulo: Escrita Editorial, 1991.

LAQUER, T. *Inventando o sexo-corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume-Dumará, 2001.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologia contemporâneas. In. *O triunfo do corpo – Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, São Paulo, 2000.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACRAE, E. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

MANN, Jonathan, TARANTOLA, Daniel J. M. NETTER, Thomas W. (orgs).

A Aids no mundo. Rio de Janeiro. Relume-Dumará/Abia/IMS –UERJ, 1993.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Memórias de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MINOIS, George. *História da velhice no Ocidente*. 1º edição. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de Revista: A segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'água, 2003.

MONTEIRO, Marko. O homoerotismo nas revistas *Sui Generis* e *Homens*. In: SANTOS, Rick et al. *A escrita de até: perspectivas teóricas dos estudos gays e lesbic@s no Brasil*. São Paulo, Xamã: NCC/SUNY, 2002.

MOARES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. Sai Paulo: Unesp, 2011.

MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso de vida*. Rio de Janeiro, Mobile, 2014.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). IN, *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

NUNAN, A. *Homossexualidade. Do Preconceito aos Padrões de Consumo*. Rio de Janeiro. Editora Caravansarai, 2003.

OLIEVENSTEIN. Claude. *O nascimento da clínica*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PAIVA, Cristian. Protagonismo erótico, classificações e formas e formas de sociabilidade de gays idosos. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, jan/jun, 2013, p. 74-108.

PARKER, Richard. *A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará/ ABIA: IMS, UERJ, 1994.

_____. *Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Best-Seller, 1991.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil – Entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2012.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *O que é Aids*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, Fernando Altair. *Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS. Porto Alegre, RS, 2011.

_____. *Envelhecer nas tramas da hétero e da homonormatividade: marcas do poder, travessias e (re)invenções de si*. Projeto de tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2008.

PRILIP, N.B.A. *Aids atinge idosos*. Portal do envelhecimento.2004. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/aids2.htm>.

RAMOS, Keila Queiroz Silva e. Os corpos enrugados cuidam, os corpos viçosos gozam? Modelos de feminilidade e relações de gênero e gerações no universo dos populares na Paraíba. *Revista Ártemis*. Vol. 10, jun 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/11834/6888>

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: Globo, 1994.

RODRIGUES, Nara da Costa. *Política Nacional do Idoso – retrospectiva histórica*. Estudos interdisciplinar sobre envelhecimento, Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2001.

RODIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade – Um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói. EdUFF, 2010.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade – Subjetividade em tempo de globalização. In. LINS, Daniel (org). *Cultura e subjetividade - Saberes Nômades*. Campinas: Papyrus, 1997.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *As infinitas descobertas do corpo*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 14, p. 235-249, 2002.

_____. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1985.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos – A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In. COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilorde (orgs). *O triunfo do corpo – Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *Transgressão e felicidade: uma abordagem da temática homossexual a partir das cartas dos leitores enviadas à revista G Magazine*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, 2003.

SILVA, Fábio Ronaldo da.; ARAÚJO, Martinho Tota Rocha de. “*Meu prazer agora é risco de vida*” ou como a mídia transforma gays em monstros. 2016.

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/resumo.php?idtrabalho=55>

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. In. *Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamod, 2004.

SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: *A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1999.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In *Teoria e prática da Homossexualidade*. HART, John & RICHARDSON, Diane. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

VEYNE, Paul. *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar, o século XX*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

APÊNDICE A – LISTA DE PERIÓDICOS

Periódicos e revistas

Bananaloca, ed.1, 1997.

Bananaloca, ed.4, 1997.

Correio Braziliense, 03 de abril de 2003.

Estado de São Paulo, 29 de julho de 1977.

Folha de São Paulo, 27 de setembro de 1984.

G Magazine, ed.1, 1997.

G Magazine, ed.19, 1999.

G Magazine, ed.22, 1999.

G Magazine, ed.31, 2000.

G Magazine, ed.33, 2000.

G Magazine, ed.43, 2001.

G Magazine, ed.45, 2001.

G Magazine, ed.46, 2001.

G Magazine, ed.49, 2001.

G Magazine, ed.60, 2002.

G Magazine, ed.67, 2003.

G Magazine, ed.70, 2003.

G Magazine, ed.76, 2004.

G Magazine, ed.85, 2004.

G Magazine, ed.88, 2005.

G Magazine, ed.98, 2005.

G Magazine, ed.105, 2006.

G Magazine, ed.106, 2006.

G Magazine, ed.128, 2008.

G Magazine, ed.150, 2010.

G Magazine, ed.166, 2012.

G Magazine, ed.176, 2013.

Júnior, ed. 29, 2011.

Jornal do Brasil, 18 de junho de 1978.

Lampião da esquina, Ed. 01, 1978.

Lampião da Esquina, ed. 03, 1978.

Lampião da esquina, Ed. 05, 1978.

Lampião da esquina, ed. 19, 1979.

Lampião da esquina, ed. 20, 1980.

Lampião da esquina, ed. 21, 1980.

Lampião da esquina, ed. 22, 1980.

Lampião da esquina, ed. 23, 1980.

Lampião da esquina, ed. 24, 1980.

Lampião da esquina, ed. 25, 1980.

Lampião da esquina, ed. 26, 1980.

Lampião da esquina, ed. 28, 1980.

Lampião da esquina, ed. 29, 1980.

Lampião da esquina, ed. 30, 1980.

Lampião da esquina, ed. 31, 1981.

Lampião da esquina, ed. 37, 1981.

Nós Por Exemplo, ed. 1, 1991.

O Snob. ed. 12, 1969.

Realidade, ed. 26, 1968.

Rio Nu, vol. 12, 1914.

Sui Generis, ed 01, 1995.

Sui Generis, ed 02, 1995.

Sui Generis, ed 03, 1995.

Sui Generis, ed 05, 1995.

Sui Generis, ed 07, 1995.

Sui Generis, ed 13, 1996.

Sui Generis, ed 15, 1996.

Sui Generis, ed 22, 1997.

Sui Generis, ed 24, 1997.

Sui Generis, ed 26, 1997.

Sui Generis, ed 27, 1997.

Sui Generis, ed 28, 1998.

Sui Generis, ed 33, 1998.

Sui Generis, ed 42, 1999.

Sui Generis, ed 47, 1999.

Sui Generis, ed 51, 1999.

Sui Generis, ed 55, 2000.